UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

WILSON DE SOUSA GOMES

FERNANDO DE AZEVEDO E A HISTÓRIA A PARTIR D' *A CULTURA BRASILEIRA*

GOIÂNIA-GO
2021

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[ ] Dissertação [x] Tese

2. Nome completo do autor

WILSON DE SOUSA GOMES

3. Título do trabalho

FERNANDO DE AZEVEDO E A HISTÓRIA A PARTIR D'A CULTURA BRASILEIRA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **WILSON DE SOUSA GOMES, Discente**, em 27/01/2022, às 16:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Pereira Alencar Arrais, Professor do Magistério Superior**, em 08/02/2022, às 17:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2651941 e o código CRC 807D98DF.

WILSON DE SOUSA GOMES

FERNANDO DE AZEVEDO E A HISTÓRIA A PARTIR D' *A CULTURA BRASILEIRA*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de doutor em História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades

Linha de Pesquisa: 4 Ideias, Saberes e Escrita da (e na) História.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Pereira Alencar Arrais.

GOIÂNIA-GO

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gomes, Wilson de Sousa
FERNANDO DE AZEVEDO E A HISTÓRIA A PARTIR D' A CULTURA BRASILEIRA [manuscrito] / Wilson de Sousa Gomes. - 2021.
271 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Cristiano Pereira Alencar Arrais.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2021.
Bibliografia.

1. Fernando de Azevedo. 2. Cultura Brasileira. 3. História. 4. Filosofia da História. I. Arrais, Cristiano Pereira Alencar, orient. II. Título.

CDU 94

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº **091/2021** da sessão de Defesa de Tese de **WILSON DE SOUSA GOMES**, que confere o título de Doutor(a) em **História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **vinte e dois dias de dezembro do ano de dois mil e vinte e um**, a partir da(s) **08h30**, via **videoconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"FERNANDO DE AZEVEDO E A HISTÓRIA A PARTIR D'A CULTURA BRASILEIRA"**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Cristiano Pereira Alencar Arrais (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Diogo da Silva Roiz (UEMS)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Luiz Carlos Bento (UFMS)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Cristina Helou Gomide (FE/UFG)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Breno Mendes (PPGH/UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Cristiano Pereira Alencar Arrais**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e dois dias de dezembro do ano de dois mil e vinte e um**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Pereira Alencar Arrais, Professor do Magistério Superior**, em 21/01/2022, às 14:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Breno Mendes, Professor do Magistério Superior**, em 24/01/2022, às 08:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Elias Nazareno, Coordenador de Pós-graduação**, em 27/01/2022, às 10:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cristina Helou Gomide, Professor do Magistério Superior**, em 31/01/2022, às 15:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2570372** e o código CRC **2092E7DF**.

DEDICATÓRIA

Aos familiares, amigos e professores.

AGRADECIMENTOS

A lista de agradecimentos é extensa e, se porventura esqueci-me de alguém, peço que me perdoe. Não posso deixar de mencionar e agradecer a meus pais, José Tadeu Gomes das Neves e Maria Aparecida de Sousa Gomes. Em nome deles, agradeço a meus irmãos, Analice e William de Sousa Gomes, e meus sobrinhos, que nunca deixaram de acreditar que um filho de pessoas simples e trabalhadoras, estudante de escola pública, poderia, um dia, chegar ao doutoramento. A todos, do fundo do coração, meu muitíssimo obrigado!!!

De igual forma, tenho muito a agradecer a Marciêne das Dôres Caetano, Miguel Gomes Caetano e Helena Gomes Caetano. Esposa e filhos que, junto comigo sofreram conquistas e amarguras. Muito obrigado pelo incentivo, paciência, atenção, afeto, carinho e amor. Mais uma vez, a todos, do fundo do coração, meu muitíssimo obrigado!

Agradeço na pessoa do Prof. Me. Miguel Antônio de Camargo, a Universidade Estadual de Goiás, ao Câmpus Cora Coralina, a Unidade Universitária de Jussara, pela licença parcial, concedida para a capacitação docente, a qual foi de fundamental importância para o processo de doutoramento. Fica aqui meu muito obrigado!

Não posso deixar de agradecer aos professores que participaram da minha formação na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Jussara. Em nome de alguns que cito aqui, como os professores Mário Arruda da Costa, Dr. Luiz Carlos Bento, Me. Rodolfo Belchior F. de Paula e Prof. Dr. Rodrigo Tavares Godói, agradeço pela amizade, ensinamentos e trocas de experiências. Agradeço aos professores do Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, a partir dos professores Dr. Eduardo José Reinato, Dr. Eduardo Gusmão de Quadros, Dr. Eduardo Sugizaki, Dra. Renata Cristina Sousa Nascimento e Dra. Albertina Vicentini Assumpção.

Agradeço aos professores do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, especialmente, Dr. Carlos Oiti Berbet Júnior, Dr. Luiz Sérgio Duarte Silva e Dr. Marlon Jeison Salomon. Agradeço

aos professores da Banca de Qualificação: Dr. Ulisses do Valle (UFG) e Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS).

Agradeço em especial ao orientador deste trabalho, Dr. Cristiano Pereira Alencar Arrais. Registro meus agradecimentos, minha admiração e respeito. Além de professor, uma pessoa muito humana que, de forma fraterna, não mede esforços para se oferecer a ajudar na árdua caminhada do conhecimento. De forma muito responsável e consciente, me trouxe indicações teóricas e metodológicas; leituras de grande importância e valor, para a interpretação do objeto e estruturação da escrita da tese. Suas orientações, críticas – quase sempre duras, mas de forma respeitosa – foram de fundamental importância para encontrar um caminho correto. Agradeço pela confiança, pela liberdade e por acreditar em minha capacidade de desenvolvimento, aprendizagem, escrita e interpretação. Ao professor Arrais, meu muito obrigado!

Aos meus queridos amigos e amigas não posso deixar de expressar meu carinho: Luiz Carlos Bento, Rodolfo Belchior F. de Paulo, Rodrigo Tavares Godói, Deuzair José da Silva, Aruanã Antônio dos Passos, Jean Isídio dos Santos, Cláudio Tavares Pinheiro, Miguel Antônio de Camargo , Valtuir Moreira da Silva, Damiana Antonia Coelho, Aulo Plácio Gontijo Neiva, Lucas Pires Ribeiro, Maurineide Alves da Silva, José Elias Pinheiro Neto, José de Arimathéa, Michelplatini Basílio Borges (*in memória*), Hélio Barbosa F. Alves, Vitoclécio Rodrigues, Renato Batista de Menezes Junior, Luciano Paulo de Araújo Maia, Adenísia Alves de Freitas, Renata Herwing de Moraes Souza, Cleonice Maria Cruz de Oliveira, Kelen Cristina de Lima e seu esposa Alex G. Oliveira, Felipe Augusto de Sousa Gomes (sobrinho), Marciel e Maquisuel Henrique Caetano e suas respectivas esposas Suiany Santos e Ana Beatriz, João Henrique Caetano (João Branco), Aparecida Eternes Rodrigues Caetano, Sadrak Alves Oliveira, Odávia Valeriana Amorin, Leonardo de Jesus Silva, Simone Borges Camargo de Oliveira, o Mestre Miúdo, Mestre Suíno (ambos Grupo Candeias de Capoeira), Mestre Guerreiro (Capoeira Luanda), o professor Katendê, professor Foquinha, instrutora Izaura e todos da Capoeira que de forma direta ou indireta, participaram da minha formação na educação e cultura popular. Em nome de Marlon Teixeira de Faria que, de ex-aluno, tornou-se amigo e parceiro para os diálogos acadêmicos e historiográficos, expresso a

todos, meus sinceros agradecimentos. Obrigado pela ajuda, apoio, parceria e confiança!!

Por fim, deixo meus agradecimentos à Universidade de São Paulo – USP, ao Instituto de Estudos Brasileiros – IEB e às pessoas que me atenderam com muita atenção e dedicação para disponibilizar o Arquivo Fernando de Azevedo. Agradeço a professora Dra. Maria Rita de Almeida Toledo pela presteza e atenção quando solicitei seu trabalho de mestrado para leitura. Agradeço a professora Dra. Helda Núbia Rosa, pela correção e revisão linguística e gramatical. A todos, meu muito obrigado!

RESUMO

Nessa pesquisa, tomo como fonte/documento principal, embora não exclusiva, a obra intitulada *A cultura brasileira* (2010), publicada em 1943. O objeto é a concepção de história do autor e sua representação do processo temporal. Lidar com essa problematização possibilita uma leitura de como um intelectual organiza e dá sentido histórico ao mundo e às coisas da vida. Adotando uma metodologia que tem a interpretação bibliográfica como base, as questões centram na compreensão do uso das experiências temporais para entender a cultura brasileira. Logo, o objetivo é apresentar Fernando Azevedo com o seu modo de historiar e interpretar o Brasil. Com isso, privilegiamos problemas inerentes às formas de representação do passado em que a história é o suporte de percepção da experiência temporal para as proposições explicativas, descritivas e interpretativas do tempo do sociólogo e educador.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando de Azevedo. Cultura brasileira. História.

ABSTRACT

In this research, I take as the main source/document, although not exclusive, the work: A Cultura Brasileira (2010) published in 1943, the object is the author's conception of history and his representation of the temporal process. Dealing with this problematization enables a reading of how an intellectual organizes and gives historical meaning to the world and the things of life. Adopting a methodology based on bibliographic interpretation, the questions center on understanding the use of temporal experiences to understand Brazilian culture. Therefore, the objective is to present Fernando Azevedo with his way of reporting and interpreting Brazil. Thus, we privilege problems inherent in the forms of representation of the past in which history supports the perception of temporal experience for the explanatory, descriptive and interpretive propositions of the sociologist-educator's time.

KEYWORDS*: Fernando de Azevedo. Brazilian culture. History*

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURAS

Figura 1 – Quadro analítico das obras de Fernando de Azevedo 169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

Do recorte e da proposição de abordagem 17

Da Interpretação do objeto 24

CAPÍTULO 1 FERNANDO DE AZEVEDO: A TRAJETÓRIA E OS ELEMENTOS EXTERNOS À OBRA 38

1.1 Fernando de Azevedo em sua trajetória intelectual 38

1.2 A trajetória profissional e a aventura nos estudos brasileiros 49

1.3 Fernando de Azevedo através das cartas 60

1.4 As cartas como correspondências: uma ideia estabelecida 74

1.5 Da elaboração à recepção da obra 84

CAPÍTULO 2 O PROJETO DE ESCRITA E A SÍNTESE DA CULTURA BRASILEIRA 96

2.1 A concepção de História em Fernando de Azevedo 96

2.2 A autonomia do texto 110

2.3 Uma sociologia histórica do Brasil 121

2.4 A abordagem sintética da cultura brasileira 131

2.5 A relação entre o todo e as partes 142

2.6 Em A cultura brasileira: os fatores gerais 154

CAPÍTULO 3 UM QUADRO ANALÍTICO: AS OBRAS DE FERNANDO DE AZEVEDO E A CIRCULARIDADE DE IDEIAS 164

3.1 A filosofia da história de Fernando de Azevedo 164

3.1.1 Da cultura física ao homem 170

3.1.2 Na antiguidade latina 172

3.1.3 Estudos literários 175

3.1.4 Os livros, a vida e a filosofia da história de Fernando de Azevedo 178

3.1.5 Em páginas latinas 182

3.1.6 O estudo da evolução social 186

3.1.7 Sociologia educacional e os fenômenos sociais 193

3.1.8 Ao retomar canaviais e engenho no Brasil 197
3.2 Componentes da formação da cultura brasileira 201
3.2.1 O (d)efeito da escravidão 206
3.2.2 O papel da cidade, do povo e do Brasil 211
3.2.3 A formação brasileira e a experiência humana 220
3.2.4 A cultura brasileira e a história 225
CONSIDERAÇÕES FINAIS 232
REFERÊNCIAS 245
CARTAS E ENTREVISTAS 263
JORNAIS / PERIÓDICOS 266

INTRODUÇÃO

Na busca por construir uma história dos “homens no tempo”, como sugere Marc Bloch (1972), essa pesquisa propõe interpretar um objeto de caráter historiográfico. Essa é uma experiência desafiadora, pois, lida com uma produção que é passível de várias análises, focos epistemológicos, tratamentos metodológicos e concepções teóricas como explicarei ao longo do texto. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido é um esforço de reflexão que quer cooperar com as discussões de cunho multidisciplinar. Contribuindo com o conhecimento e promovendo o debate aberto entre a história e as ciências humanas. Para percorrer esse caminho, historicizei a fonte e os direcionamentos temporais possuidores de qualidade histórica orientativa, destacando as passagens em que é evidente a proposição historiadora de Fernando de Azevedo (1894-1974), problematizei sua *Síntese da Cultura Brasileira* no esforço de compreender sua concepção de história.

A obra de Fernando de Azevedo atraiu diversos olhares, seja no campo da Educação, da Sociologia, da Psicologia, Letras, Antropologia, Culturas e Identidades Brasileiras e outras[1]. Trazendo-o para o campo da História, observo que as reconstruções do passado apresentadas, possuíam por “finalidade primordial”, a “melhor compreensão do presente” (PILETTE, 1994, p. 181-184). Preocupado em entender o seu tempo, foi estabelecida uma larga investigação sobre a cultura nacional, valendo-se do conhecimento histórico para identificar o que compreendia como os aspectos significativos e representativos da realidade nacional.

Fernando de Azevedo entendeu e defendeu que os fatores condicionantes, quando reunidos em uma síntese, são capazes de não se perder nas individualidades e particularidades. Logo, a partir do ponto de vista dele, a pesquisa partiria do geral e não o particular, para tanto, julgou que ao construir uma ideia geral captaria o essencial e com essa, definiria a cultura

[1] Para maiores aprofundamentos das áreas de conhecimento que tomam Fernando de Azevedo e suas obras como objeto, indico: SILVA, José Cláudio Sooma. *Produção de e sobre Fernando de Azevedo*. In: *Fernando de Azevedo em releituras*: sobre lutas travadas, investigações realizadas e documentos guardados. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2020.

brasileira. Dizia que os estudos de detalhe sobre o Brasil, seja por seu excesso ou falta, perdiam de vista um fator fundamental: a possibilidade de unidade cultural. Segundo o autor, ao se concentrar nos fatores constituintes do modo de vida presente, seria possível perceber e fornecer um ponto comum entre os pensadores. Ele via que a vontade de mudança era algo de comunhão entre os intérpretes do Brasil. Nesse ponto, a concordância como forma que se expressa na vontade de transformação da história nacional, revela o desejo e o interesse em orientações que produzam sentido temporal para as formas de pensar e agir no mundo (AZEVEDO, 2010).

Sendo assim, Reale (1984, p. 69-70) observa que as "'constantes'" que através das mutações históricas, revelam a unidade essencial da fonte da qual os acontecimentos promanam". O intérprete entende que a cultura brasileira tem na cultura ocidental a sua unidade e consistência. Considerando que "tais problemas não são postos explicitamente por Fernando de Azevedo, mas latejam, implícitos, em toda a sua obra" (IBDEM), investigar essa relação de unidade, coloca-nos em contato direto com sua visão de história e de mundo. Para Rüsen (2001, p. 31), "as carências de orientação no tempo são dirigidas ao pensamento sobre o passado", para então serem "requeridas [como] critérios de sentido", e regularem o "trato reflexivo dos homens com seu mundo e consigo mesmo". Nesta pesquisa lidamos com significados e intenções formuladas em uma obra que traduz o agir e o sofrer carregada de intenções e modo de concepção da história.

Em linhas gerais, Fernando de Azevedo em sua interpretação, reduz a realidade temporal a uma representação escrita. Construindo um discurso sobre o processo histórico, dá significado à vontade da história nacional em forma de ação. Como a interpretação precede a ação, torna-se atribuidora de sentido com capacidade de transformar as carências de orientação temporal em conscientização. Tendo por base um artigo de 1964, nosso intelectual sintetiza a obra *A cultura brasileira* como sendo uma "análise em profundidade dos fundamentos e das principais direções da cultura brasileira, no processo de evolução, com suas novas tendências". Segundo Azevedo (1964, p. 369), a obra seria a sua colaboração, "à inteligência da cultura no Brasil".

Do recorte e da proposição de abordagem

Segundo Michel de Certeau (2015, p. 64-67), “fazer história é uma prática”. A partir desse ângulo, a pesquisa tenta aplicar uma operação que seja capaz de desvelar a relação que uma sociedade tem consigo mesma, mas também, a relação entre o indivíduo e a sociedade e, sobretudo, com a história, a partir de sua escrita. Como um campo aberto, produzir história, ainda de acordo com o autor, é considerar seu próprio discurso e as “técnicas que o produzem”. Encarando a obra como uma fonte, trato de transformar sua escrita em uma representação que seja possível fazer história. O historiador “trabalha sobre um material para transformá-lo em história. Empreende uma manipulação que, como as outras, obedece a regras” (IBDEM).

Em história “tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Essa nova distribuição cultural é o primeiro trabalho”. Logo, no trabalho de “produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever”, fotografar, consultar, baixar, ler e interpretar, esses objetos mudam de estatuto pelo fato de o historiador “‘desfigurar’ as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto proposto” (CERTEAU, 2015, p. 64-67). No recorte que propusemos, busca-se nas fontes o tipo de história produzida e, especificamente, a concepção de história construída e afirmada por Fernando de Azevedo.

Eleger algo como fonte documental, não é uma ação aleatória, e sim, heuristicamente, uma ação que define uma materialidade como carregada de forças dos processos temporais. Fernando de Azevedo volta sua atenção para os fatores que condicionaram a evolução da cultura brasileira, por isso, entendo que o autor delineia uma escrita que pode ser aproximada a um discurso histórico. Afinal, com sua capacidade comunicativa avaliou o presente e projetou o futuro, pois, estava “sob o signo do novo” e no “anseio de rompimento com as práticas sociais, políticas”, educacionais e culturais, “instaladas até então na República”. O autor se ancora “em um desejo disseminado de mudança. A “metáfora do velho e novo impregnavam o

imaginário” dos intérpretes do Brasil e de sua cultura nacional, de acordo com Vidal (2020, p. 51).

Se o conhecimento histórico tem a função orientadora, por ser uma forma de reescrita das condições de vida dos homens, quando essas sofrem transformações, a tese problematiza a concepção de história em um intelectual que concebia a relação do presente com o passado tendo como chave de entendimento a orientação do agir no e sobre o tempo, conforme explana Rüsen (2001, p. 34-37). Dando ênfase a obra, *A cultura brasileira*[2], privilegiamos passagens que evidenciem a forma de representação do passado em que a história, enquanto conhecimento, é o suporte de percepção da experiência temporal, mas também, o modo de agir do autor sobre o tempo. O livro, enquanto interpretação, não deixa de ser uma forma de atuação, delimitação, nomeação e destaque de protagonistas e passagens que deveriam ter seus lugares assentados na história para que o tempo viesse apagar.

Mesmo não sendo obra de um historiador, como síntese histórica, carrega um “discurso [que] não é somente [reflexão] intern[a] da geração de ideias, mas também comunicação, e como tal possui uma forma externa. Não é somente [da] manifestação imediata da ideia, mas” uma reflexão sobre o modo de pensar e o que pensar sobre o passado. Como essa “há de valer naturalmente tanto mais para o que está fixado por escrito, portanto, para todos os textos”, eles são “sempre representação” com transcorrer histórico e, portanto, “[d]o compreender” a produção no tempo. Se “todos os textos estão referidos fundamentalmente à arte de compreender”, possuem aparentemente “unidade de sentido”, embora “movediços, na medida em que o que se expressa é sempre uma individualidade”. Ao entender que “cada individualidade é uma manifestação do viver total e que, por isso, “cada qual traz em si um mínimo de cada um dos demais” (GADAMER, 1999, p. 294 e

[2] Ao longo do texto estou trabalhando com três edições: AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1944. (Versão Online do IBGE disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=255807&view=detalhes. Acesso em: janeiro de 2015). AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4ª ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/UNB, 1963. AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP).

295). Percebo em Fernando de Azevedo um modo de historiar com o tempo e sobre o tempo.

Como será discutido ao longo da tese, Fernando de Azevedo ao descrever e explicar sobre a evolução social e política da sociedade brasileira, toma sua própria experiência para construir as representações temporais. Ressignificando o tempo, busca um espaço nas formas de interpretar o Brasil. Oferecendo uma ressignificação sobre o passado, tem n' *A cultura brasileira*, o meio de concretizar elementos e estratégias que legitimam suas ações e possibilitam-lhe de modo 'invisível', dar visibilidade a diretrizes, atores, protagonistas e outros. De certa forma, a representação temporal construída na obra, lança o seu olhar sobre o processo histórico.

Como o sociólogo, estava envolvido na arena política e intelectual, desse modo, lançar seu olhar sobre a história, significava eleger períodos, eventos e acontecimentos que em sua perspectiva era importante. De outro lado, lhe possibilitava manter no tempo proposições, atos e personalidade que teriam contribuído para a cultura e desenvolvimento da cultura brasileira. Não estou questionando o mérito ou demérito, a proposta é discutir a forma de construir uma história que, pautada na própria experiência, acaba por destacar grandes feitos. Ao concentrar sua atenção numa história realizada por "grandes homens", nas personalidades criadoras que 'realmente' fazem ou conduzem a história, evidencia uma concepção de história marcada por ideias–forças que determinam o desenvolvimento, o caminhar da humanidade, da sociedade, da própria história[3].

Logo, desvendar a concepção de história de Fernando de Azevedo não é tarefa simples. Exige do estudioso uma análise que considere os fatores que envolveram a construção da obra; a obra em si, no seu conteúdo e estruturação; o modo de historiar do intelectual em questão. É preciso lidar com uma descrição sobre a cultura brasileira, em que o autor traz explicações que tocam questões de várias ordens. Sua 'história' produz um efeito de agrupamento de temas e fatores que, na sua proposição, tem características comuns.

[3] Essa concepção de história foi fartamente criticada pela historiografia do século XX, embora tenha tido grande influência entre historiadores. Acerca dessa concepção de história no panorama internacional e no Brasil ver Arrais (2013) e Roiz (2020).

O efeito é que elementos de formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, no seu processo histórico, carrega traços principais e/ou comuns de alcance geral. Seu modo esquemático afirma a ideia de um sentido da história que liga passado e presente, em uma noção de tempo estático, em que a natureza humana é sempre a mesma, embora considere a fluidez do tempo. É preocupado com as constantes, que acaba por atribuir a história um valor de 'instruidora da vida'. Um conhecimento, mas sobretudo, uma lição necessária para entender a condição humana e o processo sucessório das sociedades.

Em uma ação de preservação e explicação dos fatos que o autor entende como importante na cultura brasileira, preocupa-se com o espírito e o caráter nacionais. Elege esse assunto como modo de entender o passado e aproximar a cultura brasileira da cultura ocidental. Em outras palavras, entende que esse assunto refere-se à condição humana dos nacionais em relação a cultura ocidental. Desse modo, acaba por aparecer uma concepção de história como reveladora da condição humana que pode ser usada para proveito na vida social.

Lidando com as questões de formação, desenvolvimento e estado presente da sociedade brasileira, Fernando de Azevedo não estava fazendo outra coisa senão estabelecendo um modo de leitura esquemática da história da cultura brasileira. Desenvolvendo traços principais de uma história de alcance universal, liga a história da cultura brasileira a do mundo ocidental, cujo sentido está relacionado com a história da Europa, em virtude dos portugueses e do próprio ocidente. Não considerando as temáticas específicas, sua filosofia da história está preocupada com a questão do sentido da história, com a possibilidade de pensar a evolução, o progresso humano, a partir da cultura brasileira e do desenvolvimento histórico.

Apesar do determinismo educacional, o texto de Fernando de Azevedo pela sua erudição, amplitude temática e abordagem sociológica dos fenômenos temporais, também desenvolve uma história, eventualmente sua própria filosofia da história. Ao se aventurar nos assuntos brasileiros e introduzir um traço comum, um pretenso padrão, o sociólogo não está fazendo outra coisa senão apresentar uma concepção que afetaria todas as sociedades, ou seja, sob a forma de um ciclo, determina os elementos de formação, de desenvolvimento e transmissão da cultura. Tal perspectiva corresponde ao

nascimento, apogeu e maturidade. Não avançando na questão da velhice ou decadência na sua escrita, o autor ocupa-se dos dois primeiros ciclos entendendo que o seu presente já é, ou inicia um período de maturidade. Por outro lado, no que refere ao desenvolvimento, entende que ‘certas’ ações e ‘protagonistas’ poderiam acelerar as ações de cultura para atingir o progresso, conforme será posto ao longo da tese.

Fernando de Azevedo emprega estratégias de representação da realidade histórica com o objetivo de sintetizar mais de quatro séculos de história. Assinalando “as características, tendências e impulsos, que já aparecem desde a sua origem”, exprime, comunica a “unidade fundamental de formação do povo” que, impregnada através dos séculos pelos aspectos materiais e espirituais da cultura portuguesa, indígena e africana, compuseram o que ele chama de unidade nacional, a qual é fixada desde a origem até a composição do povo brasileiro. Logo, partindo da “colonização no Brasil, suas formas e seus rumos”, chega “à evolução da sociedade contemporânea”, segundo Azevedo (2010, p. 07-17).

> [...] mais conhecido pelas suas iniciativas no campo da educação e por seus estudos de sociologia e pedagogia. Seu nome está ligado à reforma da educação pública no antigo Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, e no Estado de São Paulo, bom como à nova orientação sociológica no Brasil, a partir da década de 30 (LEITE, 1976, p. 293).

Poucos se lembram que, na década de 1920, Fernando de Azevedo “já se notabilizara por seus estudos de literatura clássica e de crítica literária”. Tais estudos influenciaram em sua produção, uma vez que, “mesmo os seus trabalhos de sociologia e educação revelam a influência dessa formação inicial, seja no estilo em que são apresentados, seja na peculiar amplitude” que o autor lhe dá na abordagem (LEITE, 1976, p. 293-294). Desconsiderando o fator vocacional e analítico, os quais interesso-me, pois mostra a compreensão dele sobre o passado e a visão sobre o processo histórico. A intenção é compreender o modo de historiar do sociólogo, para definir prioritariamente a tipologia histórica e, especificamente, o ordenamento concreto da história afirmada como experiência influente no presente. É sem perder de vista todo o conjunto da obra, que a abordagem tem um recorte temático específico.

Logo, na interpretação que desenvolvo sobre a concepção de história de Fernando de Azevedo, tomo-a como parte geral, senão, estruturante do estudo panorâmico que o autor empreende da cultura brasileira. Quando o autor assinala os seus aspectos, evolução e formação da vida nacional em mais de quatro séculos de história, defende que há tendências e impulsos, que desde a origem dão um caráter comum "entre regiões extremamente diferenciadas, mas próximas umas das outras pela unidade fundamental". Como uma síntese viva, a sociedade brasileira seria composta de "três culturas, em que defrontam tantos Brasis diferentes atropelados num só Brasil" que, marcado pelo cristianismo e a civilização ocidental pode ser entendida a partir de um sentido amplo e restrito, de acordo com Azevedo (2010, p. 17-19).

> Entendendo-a tanto no *sentido amplo* – [a cultura brasileira] inclui a descrição do meio geográfico, das formas de trabalho, organização das cidades, evolução social e política, religião – como no *sentido mais restrito* de análise [direciona-se o foco para a descrição] da vida artística, literária, científica e educacional (LEITE, 1976, p. 293).

Com base nessas proposições, quero abordar a dimensão da obra de Fernando de Azevedo. Evidenciar as descrições iniciais, a proposição narrativa, a estruturação e organização da sua concepção de história, nos aproxima da forma como ele entendia a mutação, a evolução social e política da sociedade brasileira. Sua narração não tem outra intenção ou sentido, senão o de explicar a origem da formação nacional o que isso tem de influência no seu presente. É por isso que estabelece uma sucessão lógica, que liga o homem às instituições e à cultura, à terra, ao clima; enfim, às instituições ao passado e deixa a ideia da necessidade de transformação, de reconstrução do país que supere os males de origem.

Ao revisitar o transcorrer temporal tenta mapear e definir os processos de permanência e mudança. Reflete sobre a influência de ambos no caráter nacional. Argumenta que a influência do meio físico, o cruzamento das três raças e as imigrações resulta no que ele entende por brasileiro[4], por cultura brasileira. Embora dê ênfase ao português pela sua plasticidade e pioneirismo.

[4] Ao longo da tese essas passagens serão exploradas, mas, a título de localização da fonte, esses elementos podem ser identificados no Sumário, no Prefácio, na Introdução e na Primeira

Reservando essa discussão para outro momento do texto, volto ao recorte e à proposição de abordagem, em que no capítulo IV d' *A cultura brasileira*, Fernando de Azevedo se ocupa da descrição e explicação da evolução social e política. Partindo da colonização chega à sociedade contemporânea conforme esquema feito por ele e que está elencado abaixo.

> *Colonização no Brasil*, suas formas e seus rumos - a) A fixação do homem à terra - A experiência feudal - O choque das três raças e culturas - A sociedade colonial - O reino do açúcar - O esplendor da vida rural - b) A penetração e conquista da terra - As migrações internas e as entradas ao sertão - As bandeiras - Fenômenos de massa - Deslocação de fronteira - O reino dos metais - A formação do espírito e da unidade nacional - c) A independência da terra - Regime patriarcal de economia - A nobreza e a aristocracia rurais - A burguesia das cidades - O individualismo e os precursores da ideologia democrática - O 2º Império e a unificação política - A política e o romantismo - A abolição da escravatura - d) A democratização pela terra - Persistência da estrutura social e econômica - A República - O espírito particularista - O sistema federativo e os partidos políticos - O profissionalismo político - A imigração e a monocultura do café - A pequena propriedade retalhando os latifúndios - O surto das indústrias - *A evolução da sociedade contemporânea* (AZEVEDO, 2010, p. 7 – Capítulo IV) [*grifo meu*].

Como visto, o estudo apresentado por Fernando de Azevedo não será contrário a estratégia da prática histórica. O autor estabelece um recorte que representa na operação histórica a possibilidade de uma interpretação. Se o "historiador se instala na fronteira onde a lei de uma inteligibilidade encontra seu limite", a "operação histórica consiste em recortar o dado segundo uma lei" que lhe permita distanciamento com "relação a uma situação adquirida". Demarcar o discurso distinguindo "seu 'outro' (passado)", permite distanciar-se do outro como uma representação que refere ao lugar social e explicitação de suas perspectivas, conforme aponta Certeau (2015, p. 87-89).

Em outras palavras, o que se propõe como recorte temático é identificar os traços marcantes da concepção de história de Fernando de Azevedo na obra *A cultura brasileira*. Ao tomar suas referências explicativas e localizá-la na tipologia narrativa, acredito poder caracterizar sua concepção de história e definir o tipo de história que marca o panorama de tempo histórico estruturante

---

Parte, como nos propomos a estudar. AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP).

do pensamento do autor. Penso que essa proposta não perde de vista o estudo global proposto pelo intelectual e não falseia a noção de história apresentada pelo educador.

Da Interpretação do objeto

Ao se ocupar desses aspectos, investigar o significado histórico das experiências passadas para Fernando Azevedo, identifica-se o tipo e a concepção de história que possivelmente fazia-se recorrente no conjunto social da época. Embora o conhecimento histórico fosse tido como auxiliar, a interpretação do seu sentido revela o modo de ver as experiências e a expectativa em relação ao passado, ao presente e ao futuro. Ao entender que a história tem papel "relevante na vida cultural de qualquer sociedade, na medida em que é a via pela qual todo agente humano, em seu tempo presente, se conscientiza do seu tempo"; tomar posse do passado, passa a "haver-se com seu [próprio] tempo e o futuro". É na ação de historicização que o indivíduo transforma a "experiência vivida, em experiência histórica". Esses fatores dão ao conhecimento histórico "relevância cultural e social incontestável" do agir e pensar humano, como afirma Martins (2017, p. 07-10).

Como a discussão sobre a cultura brasileira de Fernando de Azevedo produziu uma síntese da história nacional, sua obra dever ser interpretada como uma forma de produzir sentido para si e para os outros. Enquanto sociólogo, n' *A cultura brasileira*, propôs uma abordagem historicizante. Enquanto homem e pensador do seu tempo, queria se inscrever na tradição dos intérpretes do Brasil. Ao consultar a obra fonte dessa análise, encontramos a passagem em que o autor versa que em sua obra, entre as décadas de 1920 e 1940, "de agitação e efervescência intelectual, muitas vezes e minha elucubrações, como em meus projetos de reforma da educação, meu pensamento se havia fixado em estudos brasileiros, [que] foi-me menos difícil do que a princípio cuidara", conforme "plano que esbocei de A Cultura Brasileira", segundo Azevedo (2010, p. 20).

Logo, ao se ocupar em investigar problemas concretos do país, conhecer suas peculiaridades e possibilidades de integrar-se ao concerto das

nações possuidoras do progresso da cultura ocidental, percebe a história como forma de entender o processo temporal. Vê na mudança da cultura, uma forma de o país tomar conta da sua capacidade. Para tal feito, entende ser preciso alcançar, demarcar e estabelecer o desenvolvimento cultural, em consonância com Villas Bôas (2006, p. 70-73). Nesse processo, o autor entende que os fatos não estão isolados, fazem parte do todo em um contexto temporal. Nisso, sua estratégia é estabelecer um ponto de equilíbrio em que a explicação, reflexão e juízo, exijam a atenção do leitor.

Na tentativa equilibrar antagonismos, acaba por dar um testemunho sobre as formas de significação histórica que representam pontos convergentes da cultura brasileira, o que ele chama de constantes. Segundo os argumentos de Fernando de Azevedo, *A cultura brasileira* é uma obra apresentada como produção que completa a discussão sobre o Brasil[5] e assume responsabilidade histórica para traçar o sentido cultural da nação. Isto significa, em Fernando de Azevedo, que a cultura, além de expressar as "realizações materiais e imateriais" da ação humana, também determina o "corte transversal no tempo". Ao olhar a história da cultura brasileira, em suas palavras, o autor compreende a direção da "sistematização e harmonização de todos os conhecimentos e habilidades, do equipamento civilizador e da qualidade tradicional de um povo, sua constituição social e mental em um determinado corte transversal do tempo" (AZEVEDO, 1944. p. 04-05). Definindo-o no tempo e espaço, mas sobretudo, com o tempo através dos espaços.

Certamente, ao produzir sua obra, Fernando de Azevedo está levando em conta que o caráter, o espírito de um povo, não possui uma essência eterna, ela está sujeita às transformações, como disseram Leite (1976) e Toledo (1995). Em nossa concepção, a via de captar essa alteração é a história. Logo, defender que obra e o autor usam da história como mecanismo de justificação e explicação de seus propósitos, a saber, tornar o Brasil conhecido dos brasileiros para que possa haver mudanças na mentalidade, dá

[5] AZEVEDO, Fernando. *Da cultura brasileira:* fundamentos, evolução, direções e perspectivas. In: Revista de História. Vol. 29, Nº 60. São Paulo: USP, 1964. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123250. Acesso em: 18/12/2018. AZEVEDO, Fernando de. A Cultura Brasileira. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP).

ao texto um caráter constituidor de interesses, orientação e sentido. Com essa asserção, não estamos afirmando que o autor faz um trabalho no campo da História, porque, seguramente, *A cultura brasileira* é um ensaio sociológico. Mas existe no livro uma concepção de história que está estruturada em seu texto.

Relevante levar em conta que o autor, no plano/esquema que esboçou, e por fim estabeleceu n' *A cultura brasileira*, já previne o leitor, num discurso preliminar de que seu livro "[...] não traz documentos inéditos, de origem direta". E que nem mesmo o "autor se havia proposto a vasculhar arquivos, para exumar do esquecimento velhas peças documentais". E que sua produção, se não fosse nova, em vários aspectos, seria "[...] um trabalho original, quer pela concepção e unidade de plano, quer na sua construção", com "base sólida de dados e informações, colhidas" nas mais largas investigações e "fontes da literatura histórica, como em toda a espécie de monografias e trabalho de detalhes" sobre a história e cultura brasileiras, segundo Azevedo (2010, p. 20).

Sua originalidade se assenta na forma de "apresentação, coordenação e explicação dos fatos, [que] examinados à luz de observações pessoais e de leituras longamente meditadas", constrói a verdade em um diálogo em que os pontos de vistas "foram confrontados e analisados", para depois "da recusa preliminar, mais refletida" produzisse considerações isentas de interesses e paixões que pudessem deformar as conclusões (AZEVEDO, 2010, p. 20). A princípio pode-se considerar que Fernando de Azevedo concentra suas reflexões na forma como a 'literatura histórica' lê o passado nacional. Seria um modo de concentrar sua atenção na forma específica de produzir história para reuni-las em uma síntese. Porém, é perceptível que o autor desloca suas reflexões para a história, enquanto processo vivido pelos homens em geral. Tem-se, portanto, uma filosofia da história, na medida em que a operação intelectual executada em seu trabalho propõe um sentido para a história.

Nesse contexto, o emprego do passado por parte do "criador" da obra, nos permite compreender o sentido da história nas estratégias de legitimação da narrativa comunicativa e as formas de representação do tempo. O sentido temporal atribuído às experiências históricas por Fernando de Azevedo, nos evidencia e permite compreender sua visão estrutural e histórica, ou seja, a

forma como reconstrói o passado nacional para entender o presente. Afinal, num texto que em se propõe abarcar mais de quatro séculos de história, articula-se por via da descrição e explicação um esquema interpretativo que quer experimentar a "mudança de si e de seu mundo ao longo do tempo", como está em Arrais (2019, p. 53).

Soa como uma tentativa de produzir e, ao mesmo tempo, dar sentido ao tempo. Se o espírito humano ao apreender os fenômenos sociais e lhe prestar organização, tem por objetivo compreender o mundo, a história enquanto conhecimento do passado humano, ganha características de probidade com apoderamento sobre a experiência temporal. É interessante o critério de regulação do mundo para a orientação existencial no autor. Mesmo após vinte anos da escrita da obra, Fernando de Azevedo não contraía as direções dadas à publicação de *A cultura brasileira*, ainda no ano de 1943 e 1944.

Há um texto em que ele defende que sua síntese ganhava "certamente em vigor e precisão à medida" em que descia no tempo, o "mais profundamente na sondagem dos acontecimentos, remontando até as suas causas e descendo até as suas consequências". Aqui se refere o processo histórico de formação da cultura brasileira e é claro, da sociedade. Segundo o intelectual, sua publicação constituía uma "visão de conjunto" que, por "imperfeita" que fosse, teria "a vantagem" de agrupar, "numa exposição metódica [...] fina indicações e observações seguras que, dispersas por um grande número de monografias" sobre o Brasil, e a cultura brasileira, perdiam a "força explicativa e ficam necessariamente incompletas", de acordo com Azevedo (1944, p. 13-15). Captar o essencial da cultura brasileira, o caráter nacional, era um propósito fundamental para entender continuidades e permanências. Ao ter consciência dessas, a proposta de reconstrução, seria um dos fatores importantes para pensar e futuro idealizado.

Se a história dá suporte para tomar consciência crítica das mudanças temporais, devido ao efeito interpretativo, ela fornece sentido ao tempo. Não como um dado físico-matemático, mas como fenômeno social em que o homem está ligado ao mundo e à cultura, a qual "[...] consiste na interpretação" do tempo, em virtude de ela carregar o sentido de como as coisas são constituídas. Como os "seres humanos têm de produzir" interpretações para "efetuação de sua vida [...] para conseguir entender o mundo", conforme Rüsen

(2014, p. 267) e se orientar temporalmente, interpretar o Brasil como fez Fernando de Azevedo que primou por entender e se orientar no tempo.

> O sentido histórico se constitui pela integração da experiência da mudança temporal do homem e de seu mundo em um modelo interpretativo. Esse modelo permite inserir a vida humana nos contextos de sua determinação temporal. Com ele é possível objetivos do agir e do controlar o sofrimento. O sentido articula, pois, na representação de um determinado processo temporal (RÜSEN, 2015, p. 43).

Em suma, o pensamento histórico é o "manejo interpretativo da experiência temporal, que de início é contingência carente de intepretação", mas que integra os "acontecimentos contingentes de modo que sua contingência, sua particularidade adquira significado para compreensão do mundo humano em sua extensão temporal", consoante Rüsen (2015, p. 43). Como essa compreensão não vem em um sentimento espontâneo e transcendente, pronto a revelar-se aos brasileiros, é preciso estudá-lo. Entender a forma, o modelo interpretativo proposto por um autor, é examinar o "estatuto de acontecimentos ou evento no processo temporal do mundo humano" (IBDEM), estabelecidos para a compreensão e orientação do homem e do mundo.

Logo, a tentativa de definir a cultura brasileira, o caráter nacional e o "espírito da nacionalidade era um construto, ao mesmo tempo buscado e criado por nossa intelectualidade", que tinha a difícil tarefa de produção da 'consciência nacional'. Por medo de enfrentar o passado, marcado pela herança do atraso econômico, da escravidão, da mortandade dos povos originários, do analfabetismo e falta de cultura no sentido formal, fazia saltar a "ideia de que o Brasil era um país que condenava "seu passado" porque o temia", como afirma Gomes (1996, p. 140-141). Daí alguns intelectuais como Fernando de Azevedo e outros, se ocuparem de enfrentar "uma espécie de fantasma", buscando um sentido de interpretação da "realidade social" , para as causas do presente.

Como um homem que tinha o espírito do seu tempo muito vivo em seu pensamento e nas suas palavras, Azevedo (2010, p. 13) diz que tem "[...] muito vivo, o espírito de meu tempo, a devoção para com o passado e a sensibilidade ao encanto que se aspira de idades antigas [...]". Lidar com as intenções de Fernando de Azevedo, no que refere a sua concepção de história, significa

olhar para a fonte e mapear as interdependências estabelecidas entre representação da experiência temporal e o uso do passado como substância que alimenta e justifica a escrita da história sobre a cultura brasileira que, apresentada em síntese, traz uma visão do Brasil, ou a visão de Fernando de Azevedo sobre o Brasil e a cultura brasileira.

Dito de outra forma, vistoriar as mobilizações que o autor faz em sua síntese, para sustentar a sua argumentação, consiste em compreender as carências de orientação temporal de um homem frente a seu tempo. Ao traçar um retrato do Brasil de corpo inteiro, da sua formação às primeiras décadas do século passado, o autor dá uma direção, uma intenção a sua produção. Assenhorar-se cognitivamente da evolução social do Brasil, descrevendo e explicando, interpretando e conhecendo os fenômenos históricos e sociais, isso pode ser traduzida na forma como os homens buscam “dominar culturalmente o mundo” enquanto possibilidade e realização de conhecimento e autocompreensão, consoante Martins (2017).

Para conduzir essa interpretação sobre a concepção de história de Fernando de Azevedo, tem-se algumas indicações de Jörn Rüsen (2001) sobre a função da matriz disciplinar da história que se torna útil. O historiador alemão sustenta que há uma interdependência de alguns fatores do pensamento histórico, que seriam *interesses*, *ideias*, *métodos*, *formas* e *funções*. O *interesse* articula o “ponto de partida que o pensamento histórico” toma na vida prática, sem ainda se “constitua como ciência”. As *ideias*, “critérios segundo os quais os significados se produzem”, como base para que os homens possam agir, seriam as perspectivas orientadoras da experiência sobre o passado no presente. Os *métodos*, “como regras da pesquisa empírica”, que caracterizam e regulam o pensamento histórico. As *formas de apresentação* constituem o “produto da pesquisa histórica cientifica”. E as funções, tão fundamental quanto os outros fatores, seriam as “funções de orientação existencial que têm de ser consideradas” como fator de decisões tomadas pelos homens no tempo, como se lê em Rüsen (2001, p. 30-35).

O quadro interpretativo permite compreender como os homens experimentam o tempo como mudança de si e do mundo. Caracterizar o decurso do assenhoreamento do tempo de forma tal, que possa desvelar as intenções do agir, em que há igualmente um fator de tempo que transparece a

afirmação do “tempo como algo que não lhe é dado na experiência” (RÜSEN, 2001, p. 58). Sendo necessário a distinção entre experiência temporal e *intenções*, esta permite aproximarmos da concepção de história que comanda a leitura do passado segundo a ótica de Fernando de Azevedo.

Embora haja uma “interdependência dos cinco fatores do pensamento histórico”. Eles constituem “um sistema dinâmico, no qual um fator leva ao outro, até que, do quinto, volta-se ao primeiro” e, assim, como em etapas, ocorre o “processo da orientação do homem no tempo”. Ao considerar que os fatores “articulados na matriz disciplinar da ciência da história” adquirem “a especificidade que permite distinguir o pensamento histórico constituído cientificamente do pensamento histórico comum”, queremos dizer que o tipo de história produzido por Fernando de Azevedo talvez contemple os *interesses* e as *ideias*. Que sua concepção de história, originada dos interesses da vida prática, dê função relevante ao passado para a orientação existencial, assim, como a justificava do agir no tempo e sobre o tempo. No entanto, pode ser entendido que sua interpretação careça de um quadro interpretativo que estabeleça a “perspectiva orientadora com respeito ao passado” como “forma concreta de saber histórico”, conforme Rüsen (2001, p. 34-36).

É justamente no ponto em que os “interesses se transformam em ideias”, que se pode “fixar o limite de uma ciência especializada”. Só é história o conhecimento histórico em que as ideias estão “relacionadas às experiências do tempo, no passado” e que possam “ser investigadas metodicamente”, de acordo com Rüsen (2001, p. 35). Nesse sentido, a tese tem por premissa que os interesses e as ideias de Fernando de Azevedo, quando relacionadas ao conhecimento histórico, busquem fixar um tipo de história que, apresentando fragilidades, tornam evidentes suas observações pessoais, assim como sua leitura meditativa, de subjetividade não controlada.

Como Fernando de Azevedo (1894-1974) “procurou inquirir e compreender a historicidade de sua época, nos anos iniciais de 1930, e, ao fazer isso,” elaborou interpretação das “categorias: passado, presente e futuro, e, por conseguinte, do próprio processo histórico”, é possível compreender que seu projeto historiográfico esteve atrelado a sua subjetividade, seu lugar de fala, de atuação e domínio intelectual, conforme Roiz (2013, p. 38). Há no autor em questão, a vontade de demonstrar sua capacidade de velejar para além de

assuntos da educação, e na obra em questão, aparece sua visão sobre a história do Brasil e da cultura brasileira. No período de 1930, no Brasil, parece ter sido muito favorável para a coexistência de diferentes propostas de representação do passado.

> Porque além de vislumbrar uma alteração significativa das estruturas institucionais e dos grupos no poder, propiciou significativas reflexões entre os letrados do período, de modo a pensarem não apenas a cultura, a economia, a política e a sociedade, mas a própria configuração das categorias temporais (passado, presente e futuro) e o desdobramento dos processos históricos (ROIZ, 2013, p. 47).

Nesse sentido, a nossa hipótese é de que Fernando de Azevedo propõe um projeto historiográfico em que sua escrita sobre a cultura brasileira está centrada no presente, sobretudo, nas ações do presente. O autor toma seu engajamento político como o modo de ver o assunto e de obter o que desejava (*interesses*) e o relaciona com a interpretação e a caracterização da nação brasileira (*ideias*). Ideias aqui entendidas pelo autor como “referências supremas que emprestam significado à ação e à paixão”, como disse Rüsen (2001, p. 35-36). Considerando que o autor esteve vinculado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao Jornal O Estado de São Paulo (“O ESP”); aos pioneiros da Educação Nova e à Universidade de São Paulo (USP), entendo que a obra representava a atuação do pensador no processo histórico e conduzia a rumos precisos a história.

A “escrita da história”, desde Heródoto pode ser uma ferramenta tanto para o registro e preservação dos grandes feitos, quanto para a proposição de caminhos futuros. Embora pareça estar ausente, o texto faz presente uma ideia sociopolítica (ROIZ, 2020, p. 26-27). Ora, como Fernando de Azevedo atuava em várias frentes, sua obra demarca no tempo, ‘o dever’ e o sentido dos grupos e das instituições os quais esteve ligado, de modo a tornar apto, educar o Brasil para a cultura. Como numa espécie de revolução reformista, a reorganização da cultura, faria os brasileiros se libertarem.

Para isso, em sua visão, a organização das reformas de ensino e as preocupações políticas relativas a elas estiveram na esteira dos seus trabalhos e ações que não podiam se perder com o tempo, era preciso o registro e a preservação. Por outro lado, significavam as aspirações que pensavam meios

de impulsionar a cultura brasileira, o próprio Brasil, para caminhos direcionados ao futuro (AZEVEDO, 2010, p. 707-711)[6].

Seus interesses históricos estavam direcionados intencionalmente a uma representação que conformava ação e reflexão sobre o tempo e atores históricos. Em outras palavras, a hipótese parte da perspectiva que o autor desenvolve uma concepção de história próxima a uma filosofia da história. A afirmativa considera que a proposta de Fernando de Azevedo (2010, p. 40-41; 173-174) era "discernir no conjunto dos acontecimentos históricos fatos gerais e dominantes, que lhe formam como que armadura ou ossatura" na evolução e formação do brasileiro e de sua cultura. Perseguir e capitar a grande marcha das "ideias de acaso ou irracional, de ordem ou razão", constitui uma proposta constante em sua explicação. Para Azevedo (IDEM), o passado histórico e as tendencias gerais", já indicavam os "caracteres gerais" da "estrutura social e política que assumiu a sociedade brasileira", do primeiro século até o início do século XX.

De forma sintética, é possível compreender que o autor persegue as grandes ideias mestres que conduzem o movimento das civilizações, das culturas, das formas de pensamento, do agir e sofrer no tempo. Embora não assuma sua proposição especulativa de onde caminha, para onde caminha e como continuará a caminhar o mundo, as civilizações, sociedades e culturas, ao flanar sobre a história da cultura brasileira e processos históricos, acaba por "encetar suas reflexões gerais sobre o gênero humano e assuntos diversos, ou mesmo encaminhar uma crítica social em relação à sua própria época" propondo novos caminhos e ações para a efetivação do desenvolvimento histórico. Ao ter consciência do processo histórico haveria possibilidade de um agir mais lúcido.

Nesse sentido, o tipo de história produzida pelo autor, nos remete a um tipo de história *tradicional* e *exemplar*[7], pautado em "restaurar a imagem

[6] Embora a tese não se ocupe dos vínculos políticos, é preciso não deixar de ver a realidade. Assim, refiro-me ao vínculo estabelecido entre Azevedo e o Movimento da Escola Nova; O Jornal O Estado de São Paulo, definido com o grupo d'O Estado; a USP, onde foi docente e, por fim, como Consultor Técnico do IBGE.

[7] Nesse apontamento, toma-se como referência a "matriz tipológica", a qual "ajuda a categorizar e caracterizar as peculiaridades culturais", os "valores morais e os modos de raciocínio moral em diferentes épocas e cenários". As quatro tipologias narrativas, a tradicional, a exemplar, a crítica e a genética, "estão operativamente mesclados no processo que dá à vida

verdadeira, a imagem profunda da história da cultura nacional, na sua evolução e em todos os seus aspectos", afirma a permanência dos padrões culturais constituídos da origem aos presentes modos de vida. Estabelecendo regra geral para casos específicos e aplicando a outros casos, quer ver a cultura brasileira por meio de uma grande unidade. Para tais feitos se eleva na condição de conduzir a história a partir de sua intenção/interesse, uma "imagem verdadeira" que resulte de um "esforço no sentido de pôr clareza e ordem nas particularidades e de estabelecer linhas muito distintas de demarcação entre as diversas fases de nossa evolução", em consonância com Azevedo (2010, p. 41).

Construindo uma imagem esquemática da história humana, ou melhor dizendo, da história humana e cultural do Brasil, o autor pensava descrever, assim como explicar, o curso da história nacional. A obra é um misto de enciclopédia, erudição, síntese e filosofia da história, dirigindo seu olhar ao todo, queria tornar inelegível as partes compreendidas em si mesmas sendo reveladoras da cultura brasileira. Como não é possível entender as coisas nestes termos, reside algumas nuanças que envolve tanto a obra, quanto a escrita e refletem a ideia de história estabelecida como conjunto ou síntese, seria capaz de revelar a natureza, a mentalidade e o caráter nacional.

Os ensinamentos de Jörn Rüsen (2010), sobre o tipo tradicional e exemplar de história, constroem formas de significação. Se tomado que a tradição é uma forma de coesão social, logo, de controle das representações, nela está inscrito uma forma de orientação "que se move dentro de um marco referência empírica bastante estreito". Por sua vez, no tipo exemplar, se há a "referência a regularidades e princípios", as significações históricas se firmam em "regras atemporais" que tem a "função de legitimar" atividades por meio do raciocínio ou a 'representação criada e oferecida' "culturalmente materializados na vida social e pessoal, através da demonstração de sua generalidade", a

---

prática uma orientação histórica no tempo". Assim, reconstruindo "as complexas relações" entre os elementos determinantes da representação histórica de Fernando de Azevedo, torna-se possível "determinar com precisão e definir a especificidade" do que denomina de quadro de origem e evolução assumida na sociedade brasileira. Ver: BARCA, Izabel. MARTINS, Estevão de Rezende. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. (Org). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba – PR: UFPR, 2010.

representação oferecida tem validade e se estende a uma gama de situações, conforme Rüsen (2010, p. 64-66).

Em outras palavras, como as “tradições são elementos indispensáveis de orientação dentro da vida prática, e sua negação total conduz a um sentimento de desorientação mássica”, não se trabalha na perspectiva de negação da história em Fernando de Azevedo, pelo contrário, compreende-se que ele se esforça em ‘descrever’ e ‘explicar’ a evolução da sociedade. Entendendo que sua história é carregada de proposições, decifrá-las, torna-se elemento fundamental para aproximarmo-nos da sua concepção de história. Tornar inteligível sua representação histórica possibilita interpretar as significações estabelecidas.

Nesses aspectos, ao refletir sobre o tipo de história construída pelo autor, uma primeira impressão é de conformação, um efeito conformador. Se a construção e afirmação de uma ordem histórica estabelecida “ao redor de um modelo”, emite um sentido de “validade para todos”, nota-se um conjunto de valores históricos supostamente efetivos “que permite consenso sobre questões morais”. De outro modo, uma relação substancial de controle sobre as formas de representação histórica que transmite a ideia de uma disposição geral dos elementos estruturadores da sociedade (RÜSEN, 2010, p. 63).

Na tentativa de ser mais claro, o que quero dizer é que, ao abarcar tamanho recorte temporal e espacial, Fernando de Azevedo (2010, p. 5) sugere ao leitor que sua obra, um “retrato de corpo inteiro”, é a única de “uma visão de conjunto, tão perfeita quanto possível”. As interpretações de detalhes se perdem, ora por falta ora excesso, e a dele é próxima da perfeição, ou seja, uma síntese de conjunto trabalha com o essencial de mais de quatrocentos anos de história. Esses fatores são interessantes, pois, como uma representação histórica necessita de uma estrutura de uma história (um modelo), materialidade (fontes) e a experiência do passado concretizada (a escrita), para que tenha funcionalidade na orientação da “vida humana prática mediante representação do passar do tempo”, conforme Rüsen (2001, p. 160-161). Sendo assim, qual é o ponto de vista histórico de Fernando de Azevedo quanto ao estudo da cultura brasileira?

Essa questão é importante, afinal, ao tomar a sua evolução social e política fica estabelecido a seguinte perspectiva histórica: as transformações

históricas em solo nacional ocorrem por ação da Coroa, da Igreja, do Bandeirante, do Estado Republicano e outros. Fernando de Azevedo não esqueceu os educadores e, sobretudo, o próprio educador, nesse caso, é quem escreve a obra. Ao tomar sua atuação e experiência, ou melhor dizendo, ao descrever sua atuação e vivência, o autor acaba dor estabelecer exposição não confrontada com a historiografia de registro. Como que ligado a uma tradição, sua concepção temporal valoriza indivíduos condutores da história em que grupos, “minorias criadoras” ou “personalidades criadoras”, conduzem acontecimentos. Responsáveis pelas transformações, esses são habilitados a oferecer interpretações assim como orientações do modo de pensar e agir.

Como não há um tipo puro de história, aproximando a repetição de um modelo cultural com casos representativos que estabelecem condutas, aquilo que é representado pode ter uma significação histórica atemporal. Em uma espécie de força que conduz as mudanças, essas se localizam ‘mais uma vez em personalidade’ que conduzem a história. É a “legitimação do papel” desempenhado por indivíduos, nações, governos, intelectuais e outros, que realmente fazem a história. É uma obrigação moral, “as personalidades criadoras continuam a surgir” e realizar sua antiga atribuição: conquistar e responder aos desafios “com uma resposta vitoriosa”, como está em Arrais (2013, p. 264-265). Logo, a primeira pista reverbera um tipo de história em que os grandes feitos devem ser registrados para que não se percam com o tempo. De outra forma, é um tipo exemplar que vence o tempo pela história.

Dessa forma, os capítulos desta tese estão organizados com o intuito de discutir os elementos externos e internos da obra para produzir um entendimento sobre a concepção e tipo de história de Fernando de Azevedo. O primeiro capítulo é dedicado a interpretar as cartas e as resenhas de recepção da obra. Antes, há uma descrição analítica da trajetória intelectual e profissional do pensador. Nela há pistas do contexto e das relações sociais em que o autor esteve inserido, bem como as ações e estratégias desenvolvidas nos bastidores da produção da obra, e da forma que enfrenta a definição de cultura brasileira, além da representação construída acerca da sua produção. É enfrentando as armadilhas de seu arquivo e discurso que buscou-se evidenciar as ideias estabelecidas sobre criador e criatura de *A cultura brasileira*.

Já no segundo capítulo, é estabelecido um diálogo com os elementos internos da obra. Narrando a constituição dos aspectos propositivos do livro, lida-se com sua escrita, com a ideia geral de Brasil e a tentativa de estabelecimento de consenso. Com um olhar mais específico, toma o recorte apontado acima, e apresenta uma primeira descrição interpretativa do capítulo IV da obra de Fernando de Azevedo. Por ser um recorte dedicado à história do Brasil, aflora a síntese da cultura brasileira reivindicada pelo autor. Por fim, o modo de historiar do sociólogo é posto em tela na intenção de nos aproximarmos do seu conceito de história.

No terceiro capítulo, procuro expor a composição da obra *A cultura brasileira*. À vista disto, é construído um quadro analítico em uma perspectiva heurística que sintetiza as interpretações de Fernando de Azevedo nos mais variados temas. Entendendo que as obras possuem aspectos constitutivos que refletem o modo de historiar do autor, procurei mapear, de forma seletiva, abordagem histórica dele. Não me propus a fazer uma exegese interna dos livros, ou uma leitura que abarque toda produção do autor. A seleção parte das obras que tratam da visão de homem, da natureza humana, da possibilidade de compreender as razões do autor propondo um modo de representação histórica que objetiva pensar a unidade cultural dos assuntos brasileiros e o lugar desse na história da cultura ocidental-europeia.

No quarto capítulo, retomo o recorte proposto acima, descrevendo e discutindo as hipóteses e afirmações sobre o autor e a obra acerca da sua concepção de história. Enquanto nos primeiros capítulos da tese há um diálogo com a historiografia para entender a obra, nos últimos são retomados diversos pontos, temas e questões que buscam responder às críticas feitas pela banca de qualificação. Desse modo, sempre que possível, teço uma interpretação direta com a obra e autor em questão.

Com isso, compreender a concepção de história que o autor constrói, é uma via para lidar com a experiência temporal dos homens no tempo e com o tempo. Sobre os axiomas e explicações que Fernando de Azevedo dá ao tecido histórico, social e formativo da cultura brasileira, é preciso retomar como o autor lida com temas específicos como a escravidão, o indígena e o europeu. A primeira descrição interpretativa apresentada lida com os fatores externos da fonte, na segunda, ela busca dar conta da materialidade da fonte e as últimas

partes, a interpretação trata sobre o que é o Brasil e a nação para Fernando de Azevedo. O esforço se concentra em demonstrar que a história construída pelo autor, queria dar conta do todo, ao final, se aproxima de uma descrição esquemática e uma explicação de afirmação das forças políticas, os grandes agentes ou as personalidades ‘criadoras’ e ‘condutoras’ da história.

CAPÍTULO 1 FERNANDO DE AZEVEDO: SUA TRAJETÓRIA E OS ELEMENTOS EXTERNOS À OBRA

Esse texto é dedicado aos elementos externos à obra e o objetivo é examinar a rede de relações pessoais e profissionais que cercavam Fernando de Azevedo no processo de escrita d' *A cultura brasileira*. Sendo uma parte eminentemente bibliográfica, procuro circunscrever o objeto de pesquisa junto à constelação de trabalhos e obras que lidam com a aventura intelectual do pensador sobre os assuntos brasileiros. Da produção à recepção, o sociólogo estabeleceu o modo como deveriam "lê-lo". Nesse sentido, analiso seu arquivo tentando desconstruir essa perspectiva e pontuando uma crítica sobre obra e autor, na afirmativa de que ambos podem ser lidos a partir de ideias, sentidos e direções correspondentes a perspectivas já estabelecidas. Não se questiona as contribuições do intelectual e de seus amigos para a educação brasileira. A proposta é desconstruir e reconstruir a obra para entender a problemática a qual me propus trabalhar, a saber: o tipo de história e a concepção de história de Fernando de Azevedo.

1.1 Fernando de Azevedo em sua trajetória intelectual

Quem adquire o livro de Fernando de Azevedo (2010) vai encontrar um apontamento feito por Pereira (2010) que o considera um "dos mais notáveis nomes do cenário intelectual brasileiro". Ao deixar uma expressiva produção educacional e sociológica, mostra-se preocupado com a realidade brasileira, com "a evolução política e econômica e a formação nacional", de acordo com Azevedo (1962, p. 131). Em uma de suas obras, ele faz afirmações sobre si mesmo e sobre suas obras.

> É Fernando de Azevedo que tendo iniciado por obras de análise e construções teóricas, como em "Princípios de Sociologia" (1934) e "Sociologia Educacional" (1940), - especialidade esta, a que se consagrou, envereda pelos assuntos brasileiros, analisados de pontos de vista sociológico, como em "A cultura brasileira", "Canaviais e engenho" e "Um trem corre para o Oeste" (AZEVEDO, 1962, p. 132).

A explícita falta de modéstia de autor em fazer essa descrição indica a concentração dos interesses do estudioso, que se ‘aventura’ nas “reflexões sobre os problemas da vida nacional”: os problemas da cultura, da educação e a formação nacional “para lhes dar solução racional, à luz e em face das condições de vida social, econômica e política”, que compelem “o reformador ao estudo científico da realidade social”, conforme Azevedo (1962, p. 128-129).

É no âmbito íntimo e pessoal, quando cursava os estudos secundários da “Companhia de Jesus”, onde inicia a “carreira religiosa, pedindo, todavia, dispensa antes dos votos maiores”[8], que enfrenta a dúvida de qual caminho seguir.

> Ingressa no noviciado mineiro da Companhia de Jesus, em Campanha, sul de Minas, onde chegou a fazer votos. [...] Estuda[va] com prazer filosofia, literatura grega e latina, análise matemática, poética e eloquência. Permanece lá dois anos. Indeciso quanto à sua verdadeira vocação, recolheu-se a Itaipi, perto de Itu (SP), a fim de chegar a uma resolução definitiva. É enviado ao Colégio São Luís, em Itu, para exercer o magistério e refletir sobre sua vocação. Encontra-se em uma encruzilhada difícil de sua existência. [Mas] decide renunciar à vida religiosa (PENNA, 2015, p. 17).

Em entrevista, Florestan Fernandes disse que foi devido a uma questão financeira que Fernando de Azevedo foi para a “Companhia de Jesus”. “Realmente, houve aquela crise econômica da família e talvez o caminho mais fácil para estudar”, seria o Colégio Jesuíta, “naquela época, não era uma má oportunidade. Agora, o sacerdócio não era compatível com o temperamento dele, a menos que” a carreira eclesiástica “tivesse um papel mundano, político, como teve até mais ou menos o fim do século XVIII”, em conformidade com Fernandes (1981, *apud* PENNA, 2015, p. 189). Na procura do seu caminho, deixa a vida religiosa e de dedica ao magistério lecionando latim e psicologia em Belo Horizonte-MG, na Faculdade de Direito onde deu continuidade ao curso iniciado no Rio de Janeiro.

> Continuou o curso iniciado na do Rio, terminando-o na de São Paulo, para onde se transferiu em 1917. Logo depois de formado, em 1918, foi Professor de Latim e Literatura na Escola Normal, depois Instituto de Educação Caetano de Campos. Como humanista, jornalista e crítico literário foi que

[8] CANDIDO, Antônio. *Fernando de Azevedo* (1894 – 1974). In: Revista da História. USP, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Wilson/Downloads/132685-Texto%20do%20artigo-253673-1-10-20170518.pdf. Acesso em: março de 2019.

> fez, ainda jovem, o seu nome e publicou a maioria dos livros iniciais, como: No tempo de Petrônio (1922), Jardins de Salústio (1924), O segredo da Renascença (1925), Ensaios (1929) (CANDIDO, [2019], p. 867).

Em São Paulo, “ingress[ou] no jornalismo, dedicando-se à crítica literária e à história literária, primeiro no *Correio Paulista* e depois em *O Estado de São Paulo*”. No último periódico, desenvolveu “a primeira pesquisa sobre a situação da educação no país. No seu “inquérito (1926), sobre a instrução pública” de São Paulo, discutiu a “necessidade da criação de universidades”. Como essa discussão teve enorme repercussão no país, publicou, em 1937, a sua sondagem sobre a educação pública, com o título “*A Educação na Encruzilhada*”, em consonância com Penna (1987, p. XXIX-XXXI) e participou do movimento pela reforma da educação.

> Entre os anos de 1927 e 1930, promoveu uma grande reforma educacional no Rio de Janeiro, antiga capital da República. Defendeu a extensão do ensino para todas as crianças em idade escolar e a articulação de todos os níveis e modalidades de ensino – primário, técnico profissional e normal. Funda a Biblioteca Pedagógica Brasileira em 1931. No ano de 1932, redigiu e lançou, junto com outros educadores e intelectuais, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Dono de uma vasta obra vive nos anos de 1920 e 1930, momentos marcantes de sua carreira. Período de grandes disputas políticas e econômicas (GOMES, 2016, p. 158-159).

Nesse contexto de disputas e transformações políticas, sociais e culturais do país, em São Paulo, Fernando de Azevedo participou ativamente da “fundação da Universidade de São Paulo”. Foi um dos planejadores, “redigindo seu anteprojeto, durante o governo de Armando de Salles Oliveira”, tornou-se catedrático do “departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo”. Fernando Azevedo foi considerado “a *alma mater* dessa universidade”[9], concorrendo para realização da educação superior, da cultura erudita de São Paulo e do Brasil, num projeto de grande importância para a cultura, ciência e formação” docente, como escreveu Penna (2015, p. 20-21).

---

[9] Diário de Notícias (RJ) - 1950 a 1959. Disponível: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&pesq=obra%20a%20cultura%20brasileira. Acesso em: 26/09/2018.

A partir do seu trabalho pedagógico e jornalístico, fundou e dirigiu “duas importantes iniciativas editoriais: a “Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB)” e a coleção “Brasiliana”” a qual, até 1956, sob sua gestão, publicou “286 volumes, obras de autores brasileiros e estrangeiros, inéditas ou completamente esgotadas, desconhecidas do grande público” nacional, demonstrando sua preocupação com a cultura[10] e a formação nacional. Se conhecer uma nação depende em parte “de sua produção editorial”, é difícil “imaginar uma atividade que envolva tantos aspectos da vida nacional quanto a publicação de livros”. Com isso, é possível entender que são os livros que dão “expressão literária aos valores culturais”, sociais e políticos. São eles que proporcionam “uma excelente medida do grau de dependência ou independência do país, tanto do ponto de vista espiritual como do material”, de acordo com Hallewell (2017, p. 31).

Tendo em vista os objetivos desta tese, esses dados biográficos iniciais indicam que Fernando de Azevedo tinha forte preocupação com o tema da formação da cultura brasileira, especialmente no que considerava o processo de aprimoramento cultural e espiritual da sociedade. Seria disponibilizando conhecimento que se poderia pensar na transformação da mentalidade e da forma de ver o mundo (HALLEWELL, 2017, p. 31-32). Como professor de Sociologia no curso de aperfeiçoamento da “antiga Escola Normal, depois Instituto Pedagógico Caetano Campos”, continuou seus estudos.

> Acrescenta ao seu permanente interesse por autores clássicos, gregos e latinos, as obras de Cervantes, Shakespeare, Milton, Dickens, Carlyle, Rabelais, Montaigne, Bossuet, Racine, Corneille, Goethe. Faz leitura cuidadosa de filósofos e pensadores: Descartes, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Ortega y Gasset, Unamuno. Dois autores terão influência decisiva no seu pensamento como educador e sociólogo: Durkheim e Dewey (PENNA, 2015, p. 19).

Como educador e sociólogo, Fernando de Azevedo se apoia na “concepção sociológica” de base durkheimiana que propiciou a ele um interesse pela educação e pela pesquisa sociológica no Brasil a partir da década de 1920, impulsionando sua carreira docente.

---

[10] NASCIMENTO, Alessandra Santos. *Fernando de Azevedo*: dilemas na institucionalização da Sociologia no Brasil. Araraquara-SP: Universidade Estadual Paulista, 2011, Capítulo II. (Tese de Doutorado em Sociologia).

> [...] o levou a aprofundar estudos especializados desde o decênio de 1920 e o transformou num sociólogo eminente, pioneiro de vários aspectos do ensino e da pesquisa de Sociologia no Brasil. Depois de 1930, foi nesta disciplina que continuou a sua carreira de professor, primeiro no Instituto de Educação, depois na Universidade de São Paulo, da qual foi um dos fundadores, tendo sido autor do Projeto inicial em 1933. De 1935 são os *Princípios de Sociologia*, seguidos em 1940 por Sociologia Educacional, obras com as quais iniciou uma produção notável neste setor (CANDIDO, [2019], p. 868).

Com notável destaque nesse setor, fundou a "Sociedade Brasileira de Sociologia, de que foi presidente" entre 1935 e 1960. Nesse período, foi eleito "vice-presidente da *International Sociological Association*; no Congresso Mundial de Zurich" junto com "Morris Ginsberg, da Inglaterra, e Georges Davy, da França". Além de ser eleito "presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE)". Já no final da década de 1950, redige o "Manifesto ao povo e ao governo: mais uma vez convocados, assinado por 180 educadores e intelectuais brasileiros que combatiam o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases por julgá-lo contrário ao princípio republicano" de uma escola "única, leiga, gratuita e universal", de acordo com Penna (2015, p. 20-22). Entre os anos de 1941 a 1943 dirigiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Em 1974, fundou o Departamento de Sociologia e Antropologia, chefiado por ele por anos.

> Organizou e dirigiu também a Sociedade Brasileira de Sociologia, presidindo em 1954 o seu I Congresso. Além de numerosos estudos [...] publicou no campo sociológico: Canaviais e engenhos na vida política do Brasil (1948), um trem corre para Oeste (1950) e a vasta síntese A Cultura Brasileira (1943). Síntese das atividades científicas, mais particularmente, é As Ciências no Brasil, [em] 2 vols., que organizou e coordenou (1956). Mais tarde, publicaria obras de cunho pessoal, como Figuras de meu convívio (1960) e História da minha vida (1971) (CANDIDO, [2019], p. 868).

Como visto, Fernando de Azevedo tem uma produção que conjuga a atividade técnica administrativa com a intelectual. Na década de 1960, tornou-se "membro correspondente da Comissão Internacional para uma História de desenvolvimento científico e cultual da humanidade" e exerceu a função de "Secretário da Educação e Cultura" na Prefeitura de São Paulo. No ano de 1961, foi "[...] feito professor emérito da Universidade de São Paulo". Nesse mesmo ano, elegeu-se para a "Academia Paulista de Letras", embora não

tomasse posse devido ao fato de o presidente reprovar o seu discurso que reclamava a presença de mulheres no espaço letrado, conforme se lê em Penna (2015, p. 20-21).

Ainda de acordo com Penna (IDEM), no ano de 1964, atuou ativamente na “defesa de professores cassados” pela Ditadura Militar, “acompanhando-os aos interrogatórios”. Nesse período, redigiu “o Manifesto dos intelectuais pela liberdade de opinião”. Em 1968, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

> [...] [foi] empossado em 24 de setembro como terceiro ocupante da cadeira n. 14, fundada por Clóvis Beviláqua, sendo patrono Franklin Távora. Foi recebido por Cassiano Ricardo. Eleito pela segunda vez para a Academia Paulista de Letras, é reconduzido em 24 de setembro [...] 1974 morre na cidade de São Paulo em 18 de setembro (PENNA, 2015, p. 22).

Conforme a descrição de sua trajetória, já há pista de uma “rica e diversificada experiência” de reflexão e abrangência. Confirmando sua verve poderosa, vive experiências “às vezes pioneira, afirmativa e ambígua”, às vezes, “otimista e amarga”. Porém, sem nunca desistir, conforme suas palavras e de amigos confidentes, Fernando de Azevedo vai até o limite “trágico de uma época de transição, marcada por ambiguidades, chegando a uma consciência possível de seus problemas, sem improvisações, demagogias ou antecipações arbitrarias”. Em sua autodescrição, para um homem que não estranhava nada do que era humano, ao olhar o passado, entendia o presente e pensava o futuro. Com isso, quase numa “utopia platônica”, tinha crença “no poder da razão humana” como renovadora social. O autor ideava transformar a mentalidade do presente por meio do resgate do passado em um sentido ético e socializante voltado para o aperfeiçoamento cultural, em conformidade com Mendes (1987, p. XVIII).

Com esse objetivo, ainda conforme disse Mendes (1987), é proposta uma solução que articula categorias de “racionalidade”, “cientificidade”, “modernização” e “eficiência”, para renovação da cultura brasileira. Essa seria possível pelo mecanismo de compensação na reconstrução de experiência que possibilitasse “a igualdade de oportunidades”. Se inscrevendo em uma chave “liberalista”, Fernando de Azevedo estabeleceu relações de semelhança com a reconstrução da experiência e a evolução das mudanças estruturais.

> Concatenar a reconstrução da experiência com o conceito de mentalidade" onde a revolução "das mentalidades e ideias" seriam o primeiro passo para a mudança das estruturas" (expressão do próprio educador), mistura a proeza kantiana (Azevedo qualifica-se, ele mesmo, de crítico-idealista) com o pragmatismo (MENDES, 1987, p. XV).

Importante mencionar toda essa trajetória para evidenciar que a capacidade de síntese, erudição e reflexão do autor também está associada a seu tempo histórico que explicita a tensão "entre o horizonte de expectativa de uma sociedade e o seu horizonte de experiência" em que a "ruptura entre o velho e o novo", configura-se em desejos de transformação com perspectivas nem sempre congruentes, como aponta Arrais (2008, p. 15). É nessa agitação que se percebe a "incongruência no pensamento de Fernando de Azevedo" (IBDEM). Em certo sentido ele está marcado pelo positivismo, pragmatismo e possibilidade de encontrar uma possível razão reguladora das ações humanas.

Em outras palavras, a interpretação da evolução social e política da cultura brasileira dada por Azevedo, embora se mostre consciente dos problemas sociais e históricos, enquanto intelectual, não conseguia articular a "consciência real" e a "consciência possível" de modo a estabelecer particularidades em sua descrição e explicação. No entanto, essa "contradição ainda não é a mais grave" (MENDES, 1987, p. XVI-XVIII). Quando se ocupa especificamente de *A cultura brasileira*, o autor em questão, a Sociologia de Azevedo oscila por extremos teóricos.

> Aceita teorias incompatíveis e isto provoca contradições realmente insuperáveis. De um lado, o autor admite que o caráter nacional evolui; de outro, pensa que existem tendências "essenciais" e imutáveis. É difícil imaginar quais recursos para distinguir entre os dois tipos de características e, de qualquer forma, Fernando de Azevedo não esclarece como pôde distingui-los. Na verdade, o autor pretendeu conciliar a tradição de uma ideologia do caráter nacional e as concepções mais recentes da Sociologia; por isso, sua descrição inevitavelmente oscila, sem definir-se por um dos extremos teóricos (LEITE, 1976, p. 297).

Aqui, não é uma questão de interpretar a 'agitação das mentes' como um processo de "desequilíbrio, frustação e farsa", mas, compreender "os homens no tempo", de acordo com Bloch (2001, p. 7). Como um homem do seu tempo, defendia que superar o passado conservador de práticas desiguais, no âmbito cultural e social, seria a chave para vencer os problemas sociais em

sua concretude. Ao problematizar a concepção de história de Fernando de Azevedo, nos deparamos com um pensador que não se recusa a tarefa de descrever e explicar a cultura brasileira. O autor assume o dever com dedicação, gosto pela divagação, reconhecimento da tradição e curiosidade pelas coisas novas. Talvez esses fatores não sejam determinantes da escrita da obra, mas ajuda a entender sua "aventura intelectual"[11] nos assuntos brasileiros.

O projeto explicativo e descritivo de Fernando de Azevedo, produziu segundo Antônio Candido, uma "teoria do Brasil"[12], mas, sobretudo, uma teoria sobre o Brasil e a cultura brasileira. A obra *A cultura brasileira* configura-se em uma forma de representação, que, segundo os jornais que resenhavam a obra, "surg[iu], com forte claridade, aos olhos dos estudiosos do Brasil e das coisas brasileiras" (Jornal do Comércio, 31/10/1943). Nesse sentido, seu livro traz uma representação histórica oferecida como uma "abordagem teórico-metodológica" que "interpreta a realidade social do país", em termos sociológicos e históricos conforme jornais, livros, resenhas e intérpretes da obra do autor.

> Da análise metódica que, a partir do específico, apanha o que é geral, o que traduz a essência da evolução de uma cultura. É o retrato possível de determinada sociedade, que mesmo sendo provisório, dada a possibilidade de novas descobertas, traduz sua realidade objetiva e sua evolução (TOLEDO, 1995, p. 126).

Como retrato possível, a representação retoma os "tempos de outrora" como forma de entender o presente. Ao tomar uma explicação de Fernando Nicolazzi (2001), como inspiração para tentar entender o objeto, compreende-

---

[11] A afirmação localiza-se no Prefácio da obra de AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP).

[12] Por volta da década de 1920/1930, havia uma grande vontade de autoconhecimento. "Naquele tempo estava em moda as "teorias do Brasil". Poucos "países teriam tanta sede de autoconhecimento quanto o Brasil". Com isso, o termo teoria do Brasil em Fernando de Azevedo ganhava o sentido de uma explicação total. Com a "quase certeza de que [era] possível conhecer o todo, conhecer a totalidade do Brasil e pensar o Brasil". Diversos intelectuais aventuraram-se em assuntos brasileiros para construir um retrato de corpo inteiro. Para maiores informações, CANDIDO, Antônio. [Fernando de Azevedo]. Transcrição de Entrevista. São Paulo – SP, 05 de maio de 1981. In: PENNA, Maria Luiza *et al*. *Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro: FGV, 2015, p. 101. SOUZA, Antônio Candido de Mello. Entrevista condida a Mônica Teixeira com o título: "*Na Íntegra - Antônio Cândido de Mello Souza - A importância de Fernando de Azevedo para educação Brasileira*". In: Entrevista com Antônio Cândido de Mello Souza, crítico literário, professor da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Programa complementar ao curso de Pedagogia Univesp / Unesp. Gravado em São Paulo no ano de 2008, publicado em 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wbFkMJM9sOs. Acesso em: 01/10/2016.

se que “escrever sobre o passado é” para Fernando de Azevedo, um exercício de síntese sobre o possível, de “ver o que foi visto e o que ainda se vê, mesmo que por olhos de outrem”, tornando-o “uma vez mais, algo presente e vivo, ressuscitado pelo texto que representa”, como um modo de mapear e compreender o que conduz o desenrolar da história da cultura do país, conforme Nicolazzi (2011, p. 322-323). Nesse caso, como o objeto é a cultura, a “*expressão cultura brasileira*” como síntese possível, concilia as contradições dos discursos sobre o Brasil, como um ‘diferente modo de ver o passado’ e de representação da história da cultura brasileira em “formas temporais” e estruturais congraçáveis no tempo e pelo tempo.

Ernani Silva Bruno[13], ao lidar com as reinvindicações da cultura brasileira, ou em outras palavras, com as proposições do autor de *A cultura brasileira*, escreveu justificando a importância da obra, que a história enquanto depositária da psicologia dos povos em estado latente, carregava os rumos dos acontecimentos e as instruções futuras. Sendo que só é possível dar sentido e definição à possibilidade de transformações e mudanças temporais, a partir de pressupostos temporais. Recorrer ao passado seria uma forma de perceber a ordem do tempo, e assim, construir uma argumentação que por “generalização, referência a regularidades e princípios”, compreende “uma imagem tão exata quanto possível” da cultura nacional; da origem ao estado atual. Nessa concepção, a história teria ou carregaria o sentido que conduzem os rumos e acontecimentos. A “função do historiador é sondar essas diretrizes”, e a partir dela, compreender o desenvolvimento da realidade e os elementos que compõem o estado atual, para, em certo sentido ‘dominar’, os fatos.

Quando nos reportamos à representação histórica proposta por Fernando de Azevedo, percebemos que o interesse de sua descrição reside em conciliar suas contradições e as várias visões sobre o Brasil. Ainda sobre as dele, o autor não está preocupado somente em sondar as diretrizes, sejam em seus aspectos de ascensão ou declínio, típicos de uma filosofia da história. Ele articula autores, conceitos e categorias em um processo de interpretação

[13] BRUNO, Ernani Silva. *As reivindicações da cultura brasileira.* In: Instituto de Estudos Brasileiros / Universidade de São Paulo. Artigo de Periódico. Materiais extraídos de Periódicos identificado ESB (48) 1-127. Localidade São Paulo, SP, BRA. Data [entre 1930 e 1950], p. 1 e 2. Documento consultado em julho de 2019.

do Brasil, estabelecendo e destacando o tipo de história que destaca ‘as diretrizes’ do tempo, os condutores do tempo. A “ordem do tempo é relativa[da] a determinada forma de representação do real”. O passado “em suas relações com o presente e com o futuro” transmitem uma imagem possível não pela via teórico metodológica, mas pelos vínculos sentimentais, institucionais e políticos (NICOLLAZI, 2011, p. 08-09).

> Reside nas suas contradições. Em primeiro lugar, o autor pretende fazer uma síntese das descrições anteriores e, embora recuse várias delas – por exemplo não aceita o esquema de Paulo Prado, nem Affonso Arinos de Mello Franco – continua a ter esquemas formalmente incompatíveis. Por exemplo, não tem muito sentido falar em individualismo e, ao mesmo tempo, falar de moral de senzala; ou falar em sobriedade e imprevidência, como se fossem características compatíveis (LEITE, 1976, p. 297).

O interesse da descrição de Fernando de Azevedo “parece aproximar-se, sob alguns aspectos, da concepção já encontrada em Euclides da Cunha”. O autor entende que não é possível estabelecer uma análise panorâmica em que a observação de indivíduos forneça uma visão do caráter nacional. Contudo, a forma que procura explicar e entender faz justamente o contrário.

> Fernando de Azevedo admite ser impossível uma generalização a partir da observação de indivíduos, de forma que procura, não a observação direta, mas a análise dos fatores que condicionam o caráter coletivo. Esses fatores seriam o meio físico, o clima e a raça; eles é que modelam “um povo no momento em que sua alma é virgem ainda” e são capazes, “através da modificação do meio humano, de perpetuar os traços hereditários que se imprimiram desde o princípio às primeiras gerações” (LEITE, 1976, p. 294).

No texto acima, fica perceptível a contradição. Concordando e buscando avançar um pouco, nota-se que Fernando de Azevedo, por mais que busque estabelecer o sentido de mudança e transformação, formaliza um passado “claramente mais rígido, uma vez que fixa padrão para o presente”. Se tomarmos como exemplo as explicações de Eric Hobsbawn (1998, p. 23-30), há no autor em questão, “a crença de que o presente” reproduz o passado. O que legitima o presente “e o explica [...] não é o passado como um conjunto de referências [...], mas o passado como um processo de tornar-se presente”. Em uma retrovisão, estabelece processos de persuasão e ajusta sua concepção a um padrão desejável.

> Portanto, é perfeito o símile entre indivíduo e nação: assim como às vezes se admitiu que o indivíduo seria uma tábula rasa na qual se imprimiram as influências de vários fatores, Fernando de Azevedo admitiria um momento histórico em que o povo ainda não teria caráter e em que este seria modelado pelo meio físico, clima e raça (LEITE, 1976, p. 294).

O símile e a comparação, daí em diante, é estacionada. A mobilização que Fernando de Azevedo faz do passado ou do processo de formação ganha uma outra perspectiva, uma vez que, nesse momento, o fator hereditário entra em cena. Primeiro foi a terra, a natureza e o clima. Agora são os fatores humanos biológicos, a Geografia e a Biologia. Ele movimenta a história dentro de uma descrição que se propõe realista, mas na verdade é imaginária, uma concepção naturalista.

> Mas a partir daí o símile é abandonado, pois o caráter é transmitido hereditariamente, através da sociedade. Em outras palavras, esta representa uma estabilidade do caráter inicial, formado pelos fatores naturais, isto é, o meio físico e a raça (LEITE, 1976, p. 294).

Não é um discurso aleatório, é uma construção carregada de sentido e intencionalidade. Suas concepções, convicções e princípios filosóficos e sociais estavam caracterizados por um pensamento que privilegiava as sondagens psicológicas das personalidades ou dos personagens que conduzem a história. Ora, isso aparece em um indivíduo, ora em uma sociedade ou civilização. Embora retratasse tempos e espaços variados, a atenção estava voltada a situações em que emergia o caráter, a alma nacional, a natureza do homem nacional. Para ele, esses elementos tinham sentido porque ele não estava à procura da lógica epistêmica, teórica e metodológica. Conforme as descrições feitas acima, o que aparece é o colorido, a imaginação e a pouca profundidade histórica e historiográfica no que se refere ao conhecimento histórico. O mais importante para o autor, era tecer uma rede de argumentos e explicações que chegassem até ele e ao grupo, o qual representava. De modo consciente ou inconsciente é uma produção biográfica, artística e particular[14].

[14] Esses elementos serão discutidos ao longo da tese. O status dado à obra tem relação direta com a figura de Fernando de Azevedo nas instituições e movimentos que se integraram. Ao tratarmos das cartas e das resenhas de recepção da obra, a proposição será mais bem evidenciada.

1.2 A trajetória profissional e a "aventura" nos estudos brasileiros

Na tentativa de oferecer uma melhor compreensão do objeto, buscamos, nesse momento, estabelecer um diálogo com o autor e a obra, a partir de alguns pensadores, e com isso, extrair um melhor entendimento da produção de Fernando de Azevedo. Esse autor defendia que seria "impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa", como consta na Revista HISTEDBR (2006, p. [01]). Esses fatores seriam de fundamental importância para a riqueza, desenvolvimento e evolução de uma nação. Então, examinar e compreender em Fernando de Azevedo, a proposta de "evolução histórica" e os "resultados das [suas] análises", que tem "sempre a evolução do passado como ponto de referência", possibilita a composição "do particular e do geral, do presente e do passado, num amplo painel em que se combinam os tons sociológicos e históricos". É uma análise horizontal em que "latejam implícitos, em toda a sua obra de historiador e sociólogo", uma "compreensão panorâmica da cultura brasileira", de acordo com Reale (1984, p. 68-69).

A cultura brasileira é uma recomendação de interpretação do Brasil, embora não perca de foco uma memória da educação brasileira, sobretudo na *Terceira Parte*. Já nas *Duas Primeiras Partes*, o autor caracteriza o homem – o ser brasileiro – em seu ambiente material, social, intelectual e político. Fernando de Azevedo produz o livro em uma perspectiva panorâmica, em que o conhecimento histórico serve de auxiliar e de justificação de ações dos homens no tempo em casos exemplares. Aqui, "vale enfatizar que, naquela época, [nas décadas de 1930 e 1940] tanto a sociologia quanto a antropologia eram muito próximas da história. Não havendo uma separação nítida entre os campos de conhecimento no Brasil, a temática da "re-descoberta do Brasil" fazia-se para muitos intelectuais da época, urgente e envolvia o diálogo ou mesmo a aproximação do intelectual com várias áreas de conhecimento, conforme citam Burker e Pallares-Burke (2009, p. 24-40).

A procura pela identidade brasileira era "um tema subjacente de uma série" de produções e escritos da época. Fernando de Azevedo afirmava ser o

seu livro uma contribuição, dentre as várias que lidavam com “uma discussão em andamento sobre a interpretação do Brasil”, ainda em conformidade com Burker e Pallares-Burke (IDEM). Ao tomar as explicações dos autores citados, interpretar *A cultura brasileira* é entender o retrato, a imagem procurada e oferecida por seu autor aos debates com relação à identidade que ocorriam no início do século XX.

> Era, pois, não a mim, mas a um historiador da cultura, altamente especializado em estudos brasileiros, tão fino nas suas análises como vigoroso nas suas visões de conjunto, que se deveria entregar um trabalho dessa ordem destinado a tornar o Brasil mais conhecido dos brasileiros e a descobri-lo aos homens de outros países. Mas um historiador de espírito crítico e dobrado de artista, que tivesse o segredo dos meios-tons e das tintas fortes, como convinha à grandeza e complexidade do objeto e à variedade de aspectos e planos por que se distribuem e em que se refletem as situações históricas e reais, irredutíveis a formas esquemáticas [simples] (AZEVEDO, 2010, p. 15).

Embora assumisse que não era o pensador ideal para cumprir tarefa de revelar o Brasil aos brasileiros, por não ter as qualidades de um ‘historiador da cultura especializado’, o autor estabelece um “mas”, uma condição para que o conhecimento sobre o país seja efetivado. É curioso e revelador o fato de que ele, apesar de modestamente afirmar não possuir certo perfil adequado para produzir essa visão de conjunto da cultura brasileira, acaba por qualificá-lo. Conhecedor da receita, dos critérios necessários, apresenta o “segredo dos meios-tons e das tintas fortes”, imperdíveis para que o espírito crítico e dobrado de artista, apresente as “situações históricas e reais” sem reduzir a grandeza da história e da cultura brasileira a “formas esquemáticas”. No texto, abaixo, marcadamente autoelogioso, Fernando Azevedo admite explicitamente são seus méritos de escritor.[15]

> Essas e outras razões que me ocorreram [a de não ser um historiador da cultura], para afastar das minhas para outras mãos a elaboração de uma obra que fosse a um tempo uma análise e interpretação social da cultura brasileira e um vigoroso trabalho de síntese [...] acabei por me render ao *cerco* que se apertava (AZEVEDO, 2010, p. 15) *grifo nosso*.

[15] No próximo subtópico, pelas cartas que envia, reclamando que ninguém resenhou seu trabalho, Fernando de Azevedo espera ou mesmo cobra o reconhecimento dos pares, pela sua monumental produção.

Quando menciona o “cerco que se apertava”, Fernando de Azevedo se refere ao convite inicial para presidir a Comissão Censitária Nacional. Para entender o processo de construção dessa obra, é preciso antes, entender a atuação pública do autor e as manobras utilizadas para a concretização d’ *A cultura brasileira* bem como a sua opção política de estudar a cultura brasileira. A trajetória profissional de Fernando de Azevedo, depois da Reforma do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, até a “artesania da obra A cultura brasileira” foi marcada por grandes feitos.

> Foi marcada por sua atuação enquanto Diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo, em 1933; por colaborar para a criação do Instituto de Educação (IEUSP), em 1933 – e da FFCL da USP, em 1934; por consolidar seu projeto editorial na Cia. Editora Nacional; e por fundar e presidir a instituição que deu origem a SBS [Sociedade Brasileira de Sociologia], dentre outras realizações; mas, também, pelo fortalecimento da presença dos intelectuais católicos no campo cultural, educacional e editorial brasileiro , e, neste sentido, por intensos embates de ideias, além de disputas em torno dos recursos financeiros e de reconhecimento para influenciar no direcionamento político das mudanças sociais no país (NASCIMENTO, 2011, p. 187-188).

Nesse cenário, Fernando de Azevedo teve seu nome vetado para o cargo de Diretor Geral da Educação, junto ao Ministro Gustavo Capanema, em 1935. Depois o fechamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo o qual foi colaborador e a “tentativa de sua aposentadoria compulsória – pelo Interventor de São Paulo, Ademar Pereira de Barros” em 1938 implicaram diretamente no trabalho desenvolvido pelo intelectual. Um ano antes, em 1937, em virtude da possível eleição de Armando de Salles de Oliveira para a presidência da República, o nome de Fernando de Azevedo era o mais cotado para O Ministério da Educação, porém, com o novo regime político e as eleições inviabilizadas, suas chances foram desacreditadas.

Por meio de correspondência confidencial, Fernando de Azevedo recebeu de M. A. Teixeira de Freitas, o convite para presidir a comissão censitária do primeiro recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, era o projeto do Censo de 1940. O sociólogo-educador se deslumbra com a ‘gentileza’ e a possibilidade de obter maior “trânsito político para suas propostas. Entretanto, constata que, para o empreendimento do censo, os recursos destinados pelo governo encontravam-se abaixo do que

seria necessário", que ao ocupar a direção, ficaria à mercê de Francisco Campos, no entanto hesita, abdica-se da função e do projeto. Para não causar problemas ao cordial companheiro e a si próprio, alega "incompatibilidade entre o seu estado de saúde e o esforço que tal empreendimento requereria", consoante Nascimento (2001, p. 188).

Nessa conjuntura, aproveitando-se da aproximação com o governo Vargas, apresentou uma contraproposta em relação ao censo. Propõe-se, conforme Nascimento (IDEM), a "escrever uma monografia na qual pudesse tomar como objeto o que o recenseamento não poderia alcançar pelos números e, simultaneamente, propiciar inteligibilidade aos dados censitários". Em outras palavras, alvitra redigir uma obra de Introdução ao Censo de 1940, como tinha feito Oliveira Viana em 1920. A escritura da obra tornou-se uma referência suprema que dava sentido à ação do autor. Como tinha "sido derrotado politicamente, pelo menos naquele momento, transformou a oportunidade de escrever o Censo e de poder fazer uma espécie de história "oficial" ou de análise "oficial" da evolução do Brasil, como já havia feito Oliveira Viana", conforme Toledo (1995, p. 88).

Nesse contexto a escolha do seu nome estava "apoiada na projeção intelectual", que, desde o "período em que dirigiu o Inquérito da Instrução pública de São Paulo", a "Reforma do Distrito Federal" e a "Reforma de São Paulo e pela sua atuação intelectual no campo da Sociologia e da Educação", tinha ganhado destaque/espaço. Porém, a diferença reside na escolha do tema e pela escolha dos recortes analíticos, com eles, Fernando de Azevedo "transforma o espaço da Introdução do Censo em uma ação política de ereção de um monumento para si [...], fazendo com que a derrota política se transformasse em vitória pela história". O indício de tal perspectiva inscreve-se no fato de não haver qualquer tipo de referência às derrotas sofridas na obra, ou quando aparecem, são relativizadas. O educador "suprime da história [ou seja, da obra,] a derrota" (TOLEDO, 1995, p. 89-92).

> A interpretação de [Fernando de] Azevedo é legitimada pelo lugar onde é produzida, [...] por sua própria participação e testemunho da "história mais recente". Essa "legitimidade" pode ter contribuído para que sua interpretação tenha se transformado em memória da História da Educação Brasileira (TOLEDO, 1995, p. 92).

Portanto, é possível afirmar que sua participação política, no cenário cultural brasileiro, “tenha funcionado como um diferencial que o qualificou como intérprete”. Dito de outra forma, a “análise deste intelectual parece ter se tornado” legítima não pelo mérito teórico, metodológico e epistêmico ou pela investigação histórica, mas “pelo lugar onde” foi produzida. Pelo compromisso público com parte da *intelligentsia brasileira*, sobretudo, na área educacional e por “sua própria participação e testemunho” na história, imagem e representação construída, como está em Nascimento (2001, p. 189-190). Essas passagens são importantes, pois, no *Prefácio* de *A cultura brasileira*, o autor afirma que o “livro que me obriguei a escrever, por vontade do Instituto” Brasileiro de Geografia e Estatística, era “um serviço que devia a meu país”. É possível acrescentar político educacional e afetivo, ou seja, moral com os amigos e apoiadores dos projetos educacionais.

Em outras palavras, defendo que, enquanto manobra política, a obra torna-se mais uma escrita da sua participação política na vida pública do que de fato uma pesquisa sobre a evolução cultural e histórica do país. “Com semelhante discurso, Fernando de Azevedo parece ter almejado criar sobre sua obra uma aura de prestígio, e para isto, procurou ofuscar seu interesse em realizá-la”, em concordância com Nascimento (2011, p. 188). Assim como o interesse das suas descrições residiam nas contradições, a origem e a história da obra residem nas mesmas características, isto é, o autor conta uma história diferente, aponta que a proposta de escrever a obra como Introdução ao Recenseamento não partiu dele, e sim, do Instituto e de seus amigos.

Nesse contexto, Fernando de Azevedo conta-nos que, n’ *A cultura brasileira*, “um dia, quando menos o cuidava, me foi reclamado esse trabalho, como um serviço que devia a meu país”. Assim, no ano de 1938, em “Assembleia Geral de Geografia e Estatística”, fora “indicado ao governo da República”, para presidir o Censo de 1940, segundo ele, foi “surpreendido”. Apesar dos apelos feitos por amigos, dentre outros, “M. A. Teixeira de Freitas”, em sua entrevista com o Presidente Getúlio Vargas, não foi possível que ele aceitasse o cargo, que declinou com pesar, mas o compromisso dos amigos para com o autor, no que refere a sua possível contribuição para o Brasil, o colocou em foco em outra lente, não na quantificação do Brasil, na qualificação, conforme Azevedo (2010, p. 13).

Em outra passagem, o autor afirma que diante da não aceitação para presidir a operação censitária, no ano de “1939, alguns de meus melhores amigos a solicitar-me colaboração de outra natureza”, isto significava que ele tomasse o “encargo de escrever a Introdução ao Recenseamento de 1940 [...] vez que declinara da incumbência de lhe dirigir os trabalhos” do Censo. Inclusive teria indicado os mais ilustres nomes para a penosa e difícil tarefa. Por mais que fosse, certamente, “uma empreitada tentadora que me acenava, essa de traçar, ainda que em esboço, um retrato de corpo inteiro do Brasil, uma síntese ou um quadro de conjunto de nossa cultura e civilização”, recusou mais uma vez. Segundo Azevedo (2010, p. 14), o “que podia apresentar de sedutor, tinha também de árduo e trabalhoso”, por isso a negativa.

Sigamos a descrição produzida pelo próprio autor sobre a construção de *A Cultura Brasileira*. Inicialmente, ao declinar do convite o havia feito porque a sua execução “encrespava-se, de fato, de tantas e tão ásperas dificuldades que aceitá-las sem madura reflexão implicaria ou em desconhecê-las ou em considerar-me em condições de superá-las. De resto, o prazo de dois anos” era “exíguo demais para não encarar a empresa como uma aventura”. Logo, segundo o autor, “não me faltavam, pois, razões para relutar ainda uma vez em atender ao convite que, pela generosa insistência, era quase uma intimação”, no entanto, acabou por se render ao cerco que ser apertava e pela insistência de amigos.

> Lancei-me à aventura intelectual, que o era, realmente, naquela ocasião. Essa, a pequena e verdadeira história deste livro. Não a revelo agora para me justificar de defeitos da obra, em que entram por igual as minhas deficiências pessoais e brevidade se não a angústia do tempo que me foi dado para concebê-la e levá-la a termo (AZEVEDO, 2010, p. 15).

Interessante que Fernando de Azevedo descreveu que um livro “poderosamente construído, vigorosamente documentado, forte e finamente pensado”, exigiria muito tempo. Ao final, nas palavras de Azevedo (2010, p. 14), “é certo que o planejei e escrevi em ano e meio, por um grande esforço que tive a felicidade de suportar, sem interromper minhas obrigações profissionais”. Conforme as duas citações do início do subtópico, Fernando de Azevedo assumiu não ser o historiador ideal, mas conheceu que possuía as qualificações precisas. A “despeito de não ser um procedimento constante”

(IDEM, IBIDEM), seja em *A cultura brasileira* ou em outros livros produzidos, o autor direcionou o modo como a obra deve ser lida: além de uma contribuição ao tema, um grande empreendimento intelectual.

Desde o *Prefácio* do texto em questão, há o alerta de que a pesquisa exigiria "uma ciência sólida e um gosto seguro, adquirido numa longa e íntima comunhão com os mestres; um conhecimento bastante profundo de todos os grandes problemas que permitem ir direto ao essencial". Porém, afirma que, "embora tenha procurado sempre considerar objetivamente" os problemas com os quais lidava, "sem querer sobre eles emitir juízos de valor, todos os problemas que levantam estudos dessa ordem, uma vez por outra se tenha insinuado na apreciação dos fatos a minha própria escala de valores", de acordo com Azevedo (2010, p. 21). O homem de ciência, de conhecimento sólido, reconhece que vez ou outra recorreu a sua subjetividade para apreciar os fatos e a experiência passada em sua interpretação.

Conforme as próprias palavras de Fernando de Azevedo, é possível inquirir que, enquanto historiador da cultura, dobra-se ao espírito "de um artista". Os meios-tons e as tintas fortes apresentam um retrato esquemático das situações históricas e reais. Ora, conforme sabemos, é identificável que as carências motivadoras conferem aos interesses e as ideias, segundo Rüsen (2001, p. 33), "direção intencional que conforma a ação", tanto no campo político, quanto na escrita. Assim, observou Azevedo (2010, p. 15), "mas se todo livro tem a sua história simples e obscura ou agitada e brilhante", ele não "vale por suas origens ou pelas circunstâncias que o provocaram, mas pelo seu valor intrínseco".

Pautado na natureza ou essência íntima, Fernando de Azevedo diz que a obra teve "um destino feliz, satisfazendo a um autor exigente", já aliviado "de quaisquer ambições, [que] se habituou a receber tudo o que lhe vem, como acréscimo", essa não foge a suas perspectivas, é o que ele tinha de melhor a dar a cultura do Brasil. Nesse momento, ele contou sobre as edições "rapidamente esgotadas" e as publicações em inglês, espanhol, italiano, e alemão, "que testemunham a simpatia com que foi acolhida e permitem apreciar a largueza do campo que se abriu à influência e penetração", nos assuntos e temas brasileiros pelos quais se ousou a aventurar, conforme suas palavras registradas de Azevedo (2010, p. 15-16).

Ainda segundo o autor, no plano de redução do país como numa tela, “um retrato” que “talvez inexato ou infiel”, devido à complexidade do objeto, não fez da obra outra coisa senão “uma introdução ao estudo da cultura no Brasil”. Captando “a evolução do povo e a formação da comunidade e vida nacional em mais de quatrocentos anos de sua história”. Na concepção do intérprete, são assinalados as “características, tendências, impulsos, que já aparecem desde” a “origem” da cultura nacional e que serão a marca da “sua originalidade”[16]. Por via desses elementos excêntricos, Fernando de Azevedo entendeu a mentalidade, as transformações, as influências e as interpenetrações que, na relação entre as três raças, acarretaram as principais manifestações culturais da vida “religiosa, profissional, literária, científica e artística”, no conjunto da existência “material e espiritual” da identidade da nação (AZEVEDO, 2010, p. 13-16).

Nessa abordagem, a história torna-se tão somente uma superficial lista descritiva de eventos selecionados. Procurando descrever mais que interpretar, acaba por afirmar a influência e as persistências de certa essência geral que comanda a composição da cultura brasileira. Seguindo uma concepção linear de tempo, quer confirmar as ordens preestabelecidas[17], desse modo, estabelecendo um modelo de ação heroica, a obra torna-se uma ação política porque erigi uma imagem do próprio autor, criando um discurso que ofusca o interesse na proposição da Introdução ao Censo de 1940, o educador esconde que almeja criar sobre “sua obra uma aura de prestígio” (IDEM, IBIDEM).

Logo, na apresentação do processo de interação do homem com o meio, “Colonização do Brasil”, ao movimento contínuo de respostas aos desafios impostos pelas condições mesológicas e formação da sociedade com o processo de urbanização e industrialização, a evolução da sociedade contemporânea, o autor destaca “a ação de certos indivíduos que parecem ‘milagrosa’”. Personalidades criadoras que, conforme Azevedo (2010, p. 13), tendo “muito vivo, o espírito de meu tempo, a devoção para com o passado e a

[16] CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite & outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/antonio-candido-a-educacao-pela-noite.pdf. Acesso em: 19/11/2018.

[17] Esses elementos estão explorados, conforme a proposta introdutória da tese, no capítulo IV – *Evolução Social e Política* da obra em questão.

sensibilidade ao encanto que se aspira de idades antigas", deseja contribuir com "amplas reformas, para a edificação do futuro".

Inspirado pelas idades antigas, se via impelido a transfigurar a escrita do outro, o Brasil, em escrita à sua própria imagem. Logo, como disse Arrais (2013, p. 262-263), como que pertencente a uma minoria criadora, projeta uma perspectiva de que "quem faz realmente a história são as "personalidades criadoras", que se expressam na história de diferentes maneiras".

> Personagens religiosos, estadistas, generais, poetas, historiadores ou pensadores políticos. Todas essas personalidades criadoras possuem em comum uma tendência, em sua trajetória pessoal, de "afastamento e retorno" (afastam-se do mundo, formulando e amadurecendo suas ideias e depois voltam ao mundo para agir sobre ele) (ARRAIS, 2013, p. 262-263).

Ao confrontar a trajetória pessoal com a nacional em que esteve envolvido, Fernando de Azevedo destaca os "êxitos e malogros" da personalidade criadora que determinou a marcha do desenvolvimento. Em seu projeto de escrita da história, o autor estabelece o tipo de história a ser lembrada.

> Mas, nem os resultados da política que se instituiu com o regime autoritário corresponderam aos fins e foram proporcionais aos esforços desenvolvidos para atingi-los, nem se mantiveram inativas, na sua vigência, as forças mobilizadas pela revolução de 1932 que, dominada pelas armas, acabou por alcançar a vitória política, com a restauração, embora passageira, da ordem legal. É que tanto os grupos que, tendo à frente o Presidente Getúlio Vargas e apoiados pelas forças armadas, promoveram o golpe de Estado de 1937, quanto os que permaneceram ou se levantaram depois em oposição, correspondiam a tendências e aspirações coletivas, diferentes se não opostas, e o conflito a que deram origem estava ainda longe de chegar a uma solução. Se aqueles já começam a deitar raízes no terreno favorável que lhes abriam as mudanças de estrutura, estes se conservaram radicados nas camadas sociais, de cuja força se alimentavam sua resistência e vitalidade. [...] O governo que se estabeleceu, pois, desde a época inaugurada pela Revolução de 1930, foi uma política de compromissos, de avanços e recuos [...] A queda da ditadura e a volta ao regime constitucional [em 1946] foram, por certo, uma das manifestações desse novo estado de espírito, para cujo triunfo, estimulada pelos acontecimentos na esfera internacional, a velha guarda dos democratas e liberais que se empenharam, desde o princípio, na luta política contra o regime discricionário, conseguia afinal, nessa encruzilhada, a adesão de gerações jovens, civis e militares, e mesmo de uma parte das gerações outrora vanguardeiras da Revolução de 1930, e,

> se não velhas ainda, já enquadradas nas classes conservadoras (AZEVEDO, 2010, p. 221-222).

Nessa passagem, o autor está basicamente definindo que sua “crítica intelectual retrospectiva”, era a arma usada para se fixar como monumento da cultura brasileira. O tipo de história a ser percebida e celebrada como transformação está localizada nos anos de 1930. Momento em que há a implantação do Estado Novo. Nesse regime político, uma nova conjuntura se formava. A necessidade de redescobrir o Brasil convidava as personalidades criadoras a apresentarem suas representações sobre a história nacional. Não se furtando de sua ‘responsabilidade’, Fernando de Azevedo ofereceu sua contribuição. Destacou, obviamente, seu “lugar”, sua participação e testemunho na história presente.

Definindo-se ao lado daqueles que “lutaram nos anos 1930 e cuja causa então se tornava progressivamente vitoriosa aos olhares de seus protagonistas”, Fernando de Azevedo se distancia do governo Vargas após 1945. Com sua ação centrada em si, quer reconstruir a “memória do tempo presente”, conforme Roiz (2013, p. 48-49). Logo, como personalidade criadora, construiu um discurso que dissimulava seu interesse, o prestígio atribuído a si e a seu lugar.

> Com as adversidades que o contexto impunha às iniciativas de Fernando de Azevedo, meio desiludido informava a seu amigo Francisco Venâncio Filho, em 14 de setembro de 1926, que “Esse país, meu caro! A chaga política que o corrói, só o ferro em brasa poderá eliminá-la”. Evidentemente, não seria o “ferro em brasa” que resolveria o problema, como o próprio Fernando de Azevedo perceberia alguns anos depois, junto com o grupo da “escola-nova” e d’O Estado. Mas sim por meio de alianças políticas, mesmo à revelia deles, que pudessem proporcionar o poder necessário para pôr em “prática” um projeto de intervenção na realidade (ROIZ, 2013, p. 65).

Na citação acima, é possível observar outros elementos que Fernando de Azevedo não conta na ‘verdadeira história do livro’. Nesse momento, não é uma questão de procurar a verdade, contudo de apresentar fatores externos à obra, que definem a aventura do intelectual nos estudos e história brasileiros. Ao dar direção ao olhar do leitor em seu prefácio, o sociólogo/educador deixa de apresentar diversas situações. Não menciona, por exemplo, que fora consultor técnico do IBGE por uma década e que os selecionados para a

função, eram reconhecidos, de acordo com os dirigentes do Instituto, como cidadãos de notável e reconhecida cultura. Fernando de Azevedo “foi consultor técnico do IBGE por mais de dez anos”, como tinha atuado como “um dos principais organizadores do sistema nacional brasileiro de educação a partir da década de 1930”, era tido como uma personalidade criadora, consoante Nascimento (2008, p. 91). Em suma, pode-se afirmar que os “consultores pertenciam às elites intelectuais e políticas do país” (IDEM, IBDEM).

> Um conjunto de pessoas cuja produção cultural e intelectual possuía uma dimensão política prática, capaz de influenciar as diretrizes adotadas pelos Governos das esferas federal, estadual e municipal. Deste modo, tais consultores compunham uma *intelligentsia*, [...] preocupada em desenvolver e, em alguns casos como o de Fernando de Azevedo, em propor e executar políticas públicas (no caso, uma política educacional, no qual se tornou notável) para assegurar a unidade nacional a partir da organização institucional (NASCIMENTO, 2008, p. 91).

Ao atuar como consultar técnico, Azevedo consegue, ao mesmo tempo, dar legitimidade institucional a sua obra, sistematizar e difundir a história do Brasil a partir de seus valores. Para “dentro e fora do referido Instituto, através da categoria ‘cultura brasileira’”, colabora para “influenciar as interpretações a respeito da caracterização” do povo, da população e da própria história nacional. Privilegiando analiticamente a perspectiva de conciliação, suas definições buscavam ‘juntar’ perspectivas realizadas “no país e no exterior”, sem optar por uma via, oscilava e não vencia as contradições admitindo que a cultura brasileira e o caráter nacional não evoluíam devido às tendências essenciais e imutáveis que tinham influência direta na natureza do ser brasileiro.

Nessas condições, a história da cultura brasileira contada por ele tornou-se um autoconhecimento, coube ao sociólogo/educador perceber, descrever e explicar as mudanças, às quais não são suficientes para que o país se movimente nos trilhos do progresso. Na descrição e defesa de seus ideais, apreendeu o que seria importante para o homem nacional, que na sua perspectiva, seria se conhecer para aprender com a experiência passada e, não negar o passado, mas superar o peso ressignificando-o.

A meu ver, conhecer o passado está na perspectiva de “conhecer “a si próprio, não querendo dizer que ele conheça as suas particularidades

meramente pessoais, aquilo que o diferencia dos outros homens, mas sim a natureza de homem". O "conhecer-se a si mesmo", para saber o que fazer no campo cultural, torna-se em Fernando de Azevedo, uma busca de saber o que foi feito antes, ou seja, no passado, para ter uma diretriz do que fazer no presente. O passado como indicativo daquilo que o homem fez, e agora pode fazer, influencia sua concepção de história dando a ela o valor de conhecimento e/ou ensino. Servindo de mestre para as ações dos homens no tempo, valor da história, está em ensinar o que os indivíduos têm feito através dos tempos, "deste modo, o que o homem é", mas sobretudo, o que pode ser ao ver outros exemplos, segundo Collingwood (1944, p. 22).

1.3 Fernando de Azevedo através das cartas

Seguindo as asserções e tentando dar suporte à argumentação desenvolvida, percebe-se que Fernando de Azevedo ainda em vida, seguiu as ideias de "um querido amigo" e executou a doação de obras e documentos de variada natureza ao Instituto de Estudos Brasileiros.

> Foi um querido amigo meu, Antônio Cândido, colaborador de primeira ordem, professor ilustre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, – quem se seguiu a ideia de doação de meus arquivos àquela instituição [Instituto de Estudos Brasileiros - IEB] uma das mais importantes da Universidade de São Paulo. O Prof. Dr. Aderaldo Castelo, diretor desse instituto, ao qual fiz a doação de meus arquivos, acolheu-os e a mim, com interesse e uma delicadeza verdadeiramente cativante (AZEVEDO, 1971, p. 232).

Como a produção do conhecimento em história faz-se, como já afirmou Marrou (1978, p. 56), "com documentos". Com essa perspectiva, desloquei-me ao Instituto de Estudos Brasileiro em julho de 2019, para buscar na documentação disponível, alguma pista sobre a concepção de história do autor, afinal, parte das cartas e texto dele estão em arquivo lá.

> Para esse instituto foram, além de muitas *centenas de cartas, selecionadas* entre milhares que recebi, 9 (nove) pastas de recortes de jornais e revistas, de janeiro de 1927 a 13 de outubro de 1930; exemplares de meus livros, em português e em suas traduções, revistas sobre educação, fundadas e dirigidas por mim, do Código de Educação, com anotações, e outros documentos da vária natureza e interesse público. Mas

> é tal minha correspondência que, pouco mais de dois meses depois da entrega oficial de todo esse material epistolar e documentário, já encaminhava para esse instituto dezenas de cartas a mais, *escolhidas entre mais de cem recebidas* [grifo nosso] (AZEVEDO, 1971, p. 232).

Nos vestígios do passado, o historiador busca pistas para entender as experiências vividas e orienta-se no presente enquanto ser temporal. Procurei encontrar nas cartas e em outros documentos, por exemplo, as resenhas de recepção da obra[18], algo sobre o processo de construção da obra e na forma como Azevedo lida com o conhecimento histórico. Compreendendo que o "discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho", mas, condições de realidade para enunciados", de acordo com Foucault (2017, p. 155).

Se o arquivo disponibiliza "condições de emergência dos enunciados", defende-se que ele oferece as possibilidades de temas "independente de sua enunciação" que na "espessura do tempo", podem ser utilizados para outros entendimentos que não sejam a sua "destinação originária". Dessa forma, perseguir a concepção de história e ir atrás de "coisas [que] não têm mais o mesmo modo de existência, o mesmo sistema de relações com o que as cerca", os mesmos "esquemas de usos" e as mesmas possibilidades. Levando em consideração a recorrência estratégica de Fernando de Azevedo, no seu poder de organizar, reorganizar e produzir enunciados excluindo o que não é compatível com o possível, seu não esquecimento, uma personalidade criadora, capaz de conduzir ações e mesmo a história, ou pelo menos a sua história. Com isso, tem-se a proposição de uma representação de si, e de suas ações enunciadas como verdade adquirida e não construída, conforme aponta Foucault (2017, p. 151).

Esse fato é curioso embora não seja estranho para quem se dedica a estudar o autor. Se a ideia de Fernando de Azevedo era construir um discurso que ofuscasse seu interesse em realizar a obra, para parecer que o convite e interesse não partiu dele, e sim de outros, não seria estranho a sua doação ainda em vida e, obviamente, o controle sobre o que estava sendo doado. Aqui

[18] As resenhas de recepção da obra serão discutidas no próximo subtópico.

não é apenas uma questão de performas verbais, mas de relações que caracterizam o nível discursivo, pois, se “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos regulares”, ele também é o lugar onde todas as coisas ditas “não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura”, segundo Foucault (2017, p. 158).

Considerando esse subtópico, tomo como hipótese uma prática recorrente no autor que é o interesse de intervir na realidade. Diante dessas considerações, o arquivo doado, torna-se um discurso, um instrumento e estratégia enunciativa que, ao mesmo tempo que comunica uma visão de mundo, determina o tipo de representação a ser construída. Embora seja definidor de um nível particular ou de uma prática”, faz surgir um acontecimento regular, “com tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação”. Ao observar que é do seu interior que brotam as regras, “já que é ele que dá ao que podemos dizer”, quando ele deixa de dizer, abre-se possibilidades. Se o arquivo deixa de ser “descritível em sua totalidade”, surge “nosso olhar para conjurar as rupturas da história”, em que o “ser do homem ou sua subjetividade faz com que o outro e o externo se manifeste” como evidenciou Foucault (2017, p. 158-160).

Difícil pensar que ao doar uma documentação, e assim, construir um arquivo, alguém possa entregar algo que vá na contramão da representação que se busca estruturar, da forma que quer que o vejam. Ao lançar um olhar panorâmico sobre o quadro, as linhas gerais dos documentos, há a constatação de que a doação ocorreu em “março de 1970 pelo titular”. O arquivo classificado pela “Sigla: BR USP/IEB FA”, tem como “conteúdo do acervo” vários textos como se lê na citação a seguir.

> Correspondências, fotografias, recortes de jornal, documentação variada que possibilita a reconstrução das atividades profissionais exercidas pelo titular como educador, sociólogo, administrador, jornalista e escritor. O maior volume do material vincula-se ao período de sua atuação como diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal (RJ) de 1927 a 1930. Ainda no âmbito educacional, há documentos significativos sobre a atuação de Fernando de Azevedo na elaboração do Manifesto dos educadores da Escola Nova de 1932 e do manifesto de 1959 [...] QUANTIDADE Aproximadamente 16000 documentos - ESTADO DE

> ORGANIZAÇÃO Parcialmente processado[19] (INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, USP).

Os documentos se impõem para serem “lidos” dentro de um limite que o doador “deseja ser conhecido”. Em outras palavras, os “limites que ele mesmo impõe” a do pensador, do reformador e batalhador da educação pública, gratuita e laica. A “documentação existente no Fundo Fernando de Azevedo do IEB”, está em linhas gerais, organizada em três eixos, que testemunham “o compromisso do intelectual com a educação pública, a saber: em defesa da educação laica, gratuita, pública e única; em defesa do conhecimento científico; e em defesa da universidade pública e, em particular, da USP”[20]. Não se desconsidera esse fator para a análise da obra, contudo, mantendo um foco específico, talvez o autor não tenha percebido que mesmo sem ele querer, deixava possibilidades para ‘outros olhares’ sobre sua produção. Em nosso caso, explorar sua concepção de história e o tipo de história que ele produziu sobre a cultura brasileira. Tais definições ajudam a entender os interesses e as carências de orientação temporal, assim como a função orientativa dada a história na dinâmica da existência social.

Não é uma tarefa simples mapear a concepção de história ou mesmo o tipo de história em um autor, sobretudo quando ele controla por uma “mão invisível” o sistema de funcionamento de seu arquivo. O pesquisador sempre é surpreendido e sujeito a armadilhas por ter contado com esse tipo de arquivo. Para o caso em questão, geralmente não encontra correspondência que ajude a entender a construção do livro de forma objetiva. As cartas de Fernando de Azevedo que se encontram no Instituto de Estudos Brasileiros, que trazem informações sobre ser convidado pelo IBGE “para ser o presidente da Comissão Censitária, bem como o que era o projeto do Censo de 1940”, de acordo com Toledo (1995, p. 08), só podem ser sequenciadas quando

[19] Visão geral do arquivo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB / Universidade de São Paulo. Conteúdo do Acervo Fernando de Azevedo. Disponível em: http://www.ieb.usp.br/fernando-de-azevedo/. Acesso em: 01/01/2021.

[20] Instituto de Estudos Brasileiros – IEB / Universidade de São Paulo. *Em defesa da educação pública*: Fernando de Azevedo no IEB USP (1927-1968). Disponível em: http://www.ieb.usp.br/sobre-o-ieb/colecao-de-artes-visuais/exposicoes-passadas/fernandodeazevedo/. Acesso em 01/01/2021.

completadas com as cartas publicadas em anexo por Maria Luiza Penna (1987)[21].

Como as correspondências em anexo estão transcritas na integra, é possível encontrar alguns indícios para a reconstrução do momento de produção de *A Cultura Brasileira*. Há aqui o risco de uma seleção feita por outra pesquisadora e que pode conter outra armadilha. Pois, tanto o arquivo, quanto as cartas estão dentro de um "sistema geral da formação e da transformação dos enunciados"[22] que querem conduzir o olhar a um tipo de representação, como registrado acima. Logo, ao ter contato com a documentação, é possível notar que houve uma organização do material.

> Percebe-se que o material que ali se encontra foi meticulosamente organizado. Indício dessa seleção é o fato de o conjunto das cartas de Venâncio Filho a Azevedo estarem desencontradas das de Azevedo a Venâncio Filho, publicadas por Penna. Portanto, pesquisar no Arquivo Fernando de Azevedo é ter certeza da companhia de sua "mão invisível" que opera a seleção das cartas, dos artigos, dos documentos etc. que devem ser lidos para que o Educador seja conhecido dentro dos limites que ele mesmo impõe (TOLEDO, 1995, p. 09).

Esse limite o situa em um lugar preestabelecido e/ou determinado pelo próprio Fernando de Azevedo, enquanto compondo o grupo dos "pioneiros da educação nova", ou "renovador" da educação. A abordagem sobre esse elemento na obra *A cultura brasileira*, foi feito por Maria Rita de Almeida Toledo (1995) que a tomou como fonte primaria. Sua interpretação consistiu em levantar todas as notas de rodapé e realizar o confrontamento com outras obras do próprio autor. No "agrupamento das notas a partir dos assuntos nelas contidos; no reagrupamento dos assuntos das notas sob a forma de problemas a partir de seus conteúdos. Dessa maneira, procedeu a "construção" de nove problemas" ordenadores da estruturação do pensamento e assuntos tratados por Fernando de Azevedo, segundo Toledo (1995, p. 5-6).

A autora encontra nove problemas ordenadores do pensamento do intelectual mineiro em suas obras: "1. Visão de Homem; 2. Concepção de

---

[21] Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 103 a 178. (Anexo: 1. Correspondência Transcrita).

[22] Ver FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8ª ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

Educação; 3. Educação Brasileira; 4. Ideia de Modernidade; 5. Mobilidade social; 6. Conceito de ciência; 7. Civilização e cultura; 8. Expressões da cultura e 9. Formação econômica do Brasil"[23]. Para compreender o contexto de produção do autor, as condições que o levaram a optar "por produzir um trabalho sobre a cultura brasileira, de suas origens ao seu estado atual, e ainda dimensioná-la como "um retrato de corpo inteiro do Brasil, uma síntese ou um quadro de conjunto de nossa cultura e civilização", ela comparou as edições de *A cultura brasileira*, rastreou as diferentes versões buscando permanências e modificações, em que se constatam que o texto embora atualize os dados, mantém a mesma estrutura e conteúdo (TOLEDO, 1995, p. 8).

Nesse sentido, a autora mapeou o modo de "historiar de Fernando de Azevedo". E, ao eleger *A cultura brasileira* como fonte primária, visualizou que o autor "opera nela a leitura de seu presente, estabelecendo a representação dominante sobre o movimento educacional" do período de 1920-1930. A obra torna-se uma "das principais fontes de referência dos estudos de História da Educação Brasileira". Essa constatação, por via da obra e das fontes, é sustentada pela maior parte das "abordagens" que a autora trabalhou. O mais comum é referir a Fernando de Azevedo "junto a seu grupo", na condição de "Pioneiro da Educação". Aspecto que para ela, foi secundário, pois, buscou-se uma abordagem que localizasse a construção de uma "memória, dentro da própria historiografia da educação", conforme se lê em Toledo (1995, p. 7; 12-13).

Sem perder de vista as concepções já consolidadas, me dediquei a buscar nas cartas, as correspondências produzidas, 'trocadas' entre Fernando de Azevedo e seus correspondentes (os "amigos-confidentes"), no ato da produção da obra. Verificar as tantas coisas ditas "no grande murmúrio confuso de um discurso, longe de ser apenas o que nos assegura a existência" desse, é a possibilidade de "diferencia[r] os discursos em sua existência múltipla". Sendo necessário manter sob suspeita as unidades de discurso "como o "livro" o a "obra"", porque desconfiava "que não fosse tão imediata e evidente quanto

[23] Essas informações estão contidas na nota 08 das páginas 5 e 6 da dissertação de Mestrado Toledo. Ver: TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Fernando de Azevedo e A Cultura Brasileira*: Ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. São Paulo: PUC/SP, 1995, p. 01-56. (Dissertação de Mestrado em Educação).

pareciam", de acordo com Foucault (2017, p. 159-165). É razoável verificar o interesse e as intenções de Fernando de Azevedo. Logo, como descrito, mesmo sob o risco de ter a perspectiva interpretativa conduzida por uma seleção feita por outro olhar é preciso dialogar com as correspondências.

Mesmo na certeza de uma companhia, de uma "mão invisível", busca-se operar uma tentativa de superar o limite desejado por Fernando de Azevedo. O "discurso é uma atividade intelectual governada por regras que são parcialmente explícitas", ele é um campo de possibilidades". É um "sistema de exclusão e de rarefação, no qual o autorizado nunca será esgotado, e o proibido nunca completamente delimitado", segundo Ophir (2011, p. 75-76). Romper com o limite imposto, considerando sempre ser possível outras perspectivas, outros olhares é compreender que os homens "não são capazes de abranger tudo com a sua visão" e desejo.

> Assim suas palavras, discursos e escritos podem significar algo que eles próprios não tiveram a intenção de dizer ou de escrever, e, portanto, "quando se busca compreender seus escritos pode-se chegar a pensar, e com razão, em coisas que aos autores não ocorreria" (GADAMER, 1999, p. 287).

Embora os documentos imponham-nos limites em sua leitura e acesso, estabelecer um outro olhar é "buscar compreender" coisas que o autor não tenha percebido; que ele tenha deixado de pensar e escapou para que 'outros olhares' possam ser lançados sobre sua produção. Ora, seguindo a citação apresentada, ao doar sua documentação em vida, Fernando de Azevedo estava ditando a dimensão temporal. Sua ação, separava o passado do presente, fixando o distanciamento e o sentido. Ele construía, assim, um conjunto de signos.

> Os signos precisam de um destinatário e de um sistema de comunicação para receber uma interpretação confiável, uma vez que nada tem sentido em si e por si mesmo; o Arquivo pode, pois, ser considerado como um epifenômeno do discurso histórico (OPHIR, 2011, p. 78).

Entre as coisas acontecidas e o que foi e poderia ser dito sobre elas, o autor opera uma ação intermediária que exerce influência direta sobre quem lida com sua documentação. Age de modo invisível ganhando uma perspectiva de pertencimento ao presente. Fernando de Azevedo salva do esquecimento seus próprios vestígios, construiu mais que um discurso, ele reuniu e doou "um

material infinito que nenhum discurso pode dominar” a não ser o seu próprio. Porém, nesse ponto, ele não percebeu que a “própria realidade histórica, o Arquivo não é fechado; é uma totalidade destotalizada através da qual o passado fala ao presente. Como a própria realidade histórica”, a sistematicidade do arquivo é uma linguagem, uma rede de significações, um conjunto de práticas, logo, é uma realidade multidimensional e infinitamente complexa, consoante Ophir (2011, p. 79-80).

A essa altura, o leitor pode se perguntar o que é procurado nas cartas. Em resposta, digo que os múltiplos aspectos da concepção de história de Fernando de Azevedo. Logo, explorar a concepção de história e o tipo de história que o autor produz, é realizar algo que Fernando de Azevedo dizia não querer fazer. A superação dessa proposta e da consciência do autor traduz-se em encontrar, como num trabalho de perito, possibilidade de dar ocasião a novas ideias. Se “todos os problemas da interpretação são, na realidade, problemas da compreensão”, procuramos em cada ponto possível, conteúdos, expressões linguísticas que definam direcionamento temporal capazes de atestar a consciência história oferecida pelo autor.

Afinal, o arquivo é largamente aberto a mão e ao olhar interpretativo do historiador. Os vestígios não impõem restrições à atividade investigativa que busca e leva em consideração as significações pré-existentes.

> Os historiadores não deveriam, parece, encontrar obstáculos em respeitar regras, quando eles lidam com seus fenômenos. Eles têm toda a liberdade de justapô-los como lhes convir, quer dizer, utilizá-los heuristicamente, confrontar os sentidos e misturar as fontes, se novas afirmações de verdade podem ser produzidas e testadas a este preço (OPHIR, 2011, p. 83).

Ora, produzir algo que o autor não queria, nos obriga a ‘escamar’ nos documentos e na obra, o sentido histórico de aproximação entre passado, presente e futuro. Como o autor oferece o trabalho heurístico, ele mesmo dá os “testemunhos empíricos do passado”, oferecendo resistência a reunião, ao exame e a classificação das “informações das fontes [...] relevantes para responder às questões” que possam servir de avaliação, de crítica e interpretação ao conteúdo dos documentos, consoante Rüsen (2007, p. 118-119). Como é o próprio Fernando de Azevedo que quer estabelecer uma perspectiva formadora de qualidade histórica, é ele quem reelabora a

interpretação do tempo em proposições orientadoras da identidade histórica dos indivíduos no tempo e para o tempo.

Com isso, esclarecer as justificações das relações sociais para que os sujeitos históricos, dotados de consciência, saibam agir no tempo e pelo tempo, nesse caso, de um tempo condizente com as transformações da sociedade, torna a heurística uma operação de "anarquização" da experiência histórica", de acordo com Martins (2002, p. 16-17) e Rüsen (2007). Nesse sentido, me parece que nas cartas é possível encontrar a "temporalização da socialização humana", afinal, elas seriam construídas devido às necessidades conformadoras do espírito[24], logo, são possuidoras de sentido, porque o dialógico produz experiências interpretativas detentoras de direcionamentos.

Fernando de Azevedo se concebe como um homem do trabalho. Em ação epistolar, tal fator surge, pois, em certa passagem de uma carta narrada ao amigo: "Sinto, para o trabalho, as forças na sua plenitude; as mesmas energias, e a mesma lucidez, os mesmos ideais e a mesma impetuosidade em defendê-los". O trabalho e os amigos são os elementos que ele preza com grande força. Na mesma passagem da correspondência, mais abaixo, nos fica a mensagem, os ideais e o sentido de revolução (educacional), não tiraram o caráter profundamente humano das grandes construções da cultura dos homens. Afirma que o trabalho, por seu fator de transformação e de mudança, proporciona algo melhor para o país. Como não perde de vista o caráter profundamente humano das construções definitivas[25], o estudo da cultura é entendido pelo autor, como algo de quem quer elevar o espírito e conhecer as coisas nos tempos e espaços variados.

Como autor meticuloso, entender a cultura em seus "aspectos morais e intelectuais da civilização" e, assim, "como Humboldt e mais recentemente Burckhardt" [ela, a cultura, pode explicar o ser, o] "brilho aos costumes e às

---

[24] CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues e BENTIVOGLIO, Júlio César. Capítulo I - Wilhelm von Humboldt e as verdades da religião na história. In: *A religião da História*: as raízes teológicas da moderna ciência histórica alemã em Humboldt, Ranke e Droysen. Editora Milfontes, 2018. MARTINS, Estevão de Rezende. *Historicismo*: tese, legado, fragilidade. In: História Revista: Revista do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrarias. v. 7, nº ½. Goiânia – GO: UFG, 2002, p. 11. (Dossiê: Teoria da História).

[25] AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho*. São Paulo, 11 de março de 1931. In: PENNA, Maria Luiza. Fernando de Azevedo: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 105. (1. Correspondência Transcrita).

instituições". Cultura pensada em um sentido de formação espiritual e não utilitário/instrumental para fins econômicos. Esse seria sua concepção, para Fernando de Azevedo, a cultura seria tudo "aquilo que desabrocha [da] inteligência e virtude transformando os homens em seres mais humanos". Seria a cultura que, "desde os tempos coloniais, procurou modelar o homem, iniciando-o" em valores que não cessam de "transformar-se dentro de certos limites no curso da história, [que em certo sentido] contribuíram em larga medida para fazermos de nós o que somos" [26].

Incorporando, pelo menos em parte, uma noção de continuidade no tempo e espaço, manifesta na descrição proposta, que os acontecimentos históricos carregam a essência da cultura formativa. Dentro de um certo limite, há um fio ordenador da linha histórica 'evolutiva'. Mas ainda sobre as cartas, diz que trabalha "08 horas, lendo e escrevendo", mesmo assim, tem prazer em escrever cartas aos amigos. Declara a felicidade e a alegria de tê-los, pois, "não podia, de fato, ter-me o destino reservado bens mais preciosos do que os homens, as criaturas que pôs no meu caminho e que constituem um prolongamento da minha própria família". A "identidade de vistas", do ponto de vista segundo Fernando de Azevedo entre ele, Lourenço Filho e Anísio Teixeira fornece a "mais forte argamassa de coesão". Francisco Venâncio Filho é o mais íntimo entre os seus. Fernando de Azevedo admira fortemente o amigo e sua dedicação aos estudos de Euclides da Cunha, ele coloca o amigo como um dos líderes do Movimento Euclidiano no Brasil. O nosso autor vê com estranheza os inimigos da cultura e da civilização[27] que não enxerga na cultura o meio de se ter e dar sentido à vida e às coisas do mundo.

Em outro momento, ao felicitar o amigo, recomenda que aproveite a viagem à América do Norte, pois é lá que terá uma "visão do século XXI". Mesmo "sem ter visitado esse país, tenho também essa impressão" dizia Fernando de Azevedo. A "Rússia e os Estados Unidos são os dois países que me interessam mais e os que procuro conhecer e compreender melhor, menos pelo que são ou valem do que pelas "forças" que contêm, de renovação".

---

[26] Ver AZEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4ª ed. Brasília: UNB, 1963, (*Introdução*).

[27] AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho*. São Paulo, 05 de agosto de 1934. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 111-112 (1. Correspondência Transcrita).

> Mas, em todo caso, sinto-me cada vez mais um “homem novo”, disposto a aceitar e a enfrentar naturalmente, como se nelas [as transformações da sociedade,] me tivesse criado, as “situações novas” por mais estranhas e imprevistas que sejam. Quanto mais penso e estudo e observo, tanto mais me convenço de estarmos nas vésperas de transformações profundas que nos porão sob os olhos algumas coisas nunca vistas, mas sonhadas, e em parte tentadas em outros pontos. Nós estamos condenados a assistir o drama desse período de inquietação e de angústia em que a luz de uma civilização se vai extinguindo para dar lugar a uma noite escura e agitada, talvez tempestuosa, que precederá a uma nova civilização. E os que viveram mais ainda poderão assistir os seus primeiros clarões sobre as ruinas de uma civilização antiga, como os de uma aurora sobre um campo de batalha (AZEVEDO, 1933, in PENNA, 1987, p. 109).

Para o autor, a sucessão temporal é um fator natural no processo da nova civilização sobre as ruinas da velha civilização. Sempre nessa lógica em que a experiência histórica oferece possibilidade qualitativa, Fernando de Azevedo afirma que alguns estão condenados a assistir o alvorecer da nova era, da nova civilização no que refere ao que é novo, moderno, desenvolvido e carregado de progresso. Com o ideal de que as grandes coisas do espírito são aquelas que potencializam e significam tanto para nação quanto para o indivíduo, “o mais rico e harmonioso desenvolvimento” entende o aperfeiçoamento cultural como o “potencial” supremo para que “uma época” se floresça integralmente (CUNHA; BETIVOGLIO, 2018, p. 29 a 39).

Como nessas passagens, em outras, o autor deixa transparecer ou mesmo reforça os aspectos da sua personalidade: “tudo posso naqueles que me confortam e no ideal que me anima”. As cartas reforçam a imagem presente nos livros e na historiografia sobre Fernando Azevedo como um intelectual que tomou a educação e a renovação da cultura tal qual uma missão de mais alto valor e importância. Entendia a importância de uma cultura renovada, como um aspecto que devia ficar para a eternidade, buscava remover obstáculos e via a cultura, assim como Humboldt com uma “necessidade da alma”. Nesse aspecto, entende a cultura brasileira como a cultura nacional e intelectual do Brasil, que deve potencializar o indivíduo, a “comunidade” ou “a raça humana” (AZEVEDO, 1937, in PENNA, 1987, p. 117). Ainda no que refere à personalidade, na “carta de Frota Pessoa a Lourenço

Filho contém uma descrição da personalidade de Fernando [de Azevedo], ou, pelo menos, de como alguns amigos o viam".

> Vocês dois se completam [falando de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo], [...] o Fernando de Azevedo é o homem oportuno, ajustado e talvez único. Moldado em aço, mas, aqui e ali, com felizes falhas na têmpera, obstinado e explosivo, intrinsecamente probo em atos e intenções, ardendo em uma chama de idealismo, sentimental e duro ao mesmo tempo, abstrato e dispersivo *in modo*, retilíneo e fulminante *in re*, ele possui as virtudes clássicas e também as heterodoxas (a que chamamos defeitos), indispensáveis a um criador de realidades cósmicas, harmoniosas e fecundas. Poucos o amam, muitos o detestam, e quase todos o temem. E entre os que lhe querem e o admiram, não sei quantos, como eu, o compreenderão e aceitarão integralmente (PESSOA, 1930, in PENNA, 1987, p. 176-177).

Também em carta a Anísio Teixeira, diz que é um prazer debater com ele. Tomando a hipótese de Friedrich Nietzsche, se a vida é uma conversação interminável, conversar com o amigo, torna-se uma questão alimentar, necessária e útil ao intelecto. Entende que o seu presente apresenta duas características: uma "época" de "ritmo acelerado do curso dos acontecimentos e o aumento constante do poder material e intelectual do homem" (AZEVEDO, 1970, in PENNA, 1987, p. 172-173).

> É claro hoje tão rápidas as transformações de toda ordem, operadas nas sociedades, que a história humana, repartida em séculos, pode hoje dividir-se, para ser estudada por decênios ou décadas. Nunca foi tão grande e desconcertante como hoje, o poder industrial, intelectual, - científico e técnico, - e político, do homem moderno (AZEVEDO, 1970, in PENNA, 1987, p. 172-173).

E entende que o tempo é tão fugidio que é preciso fazer recortes pontuais para que possa controlar ou perceber as mudanças temporais, embora em sua obra, tome o recorte de mais de 400 anos de história. Alessandra Santos Nascimento (2012) concorda ao dizer que Fernando de Azevedo foi um homem que compreendeu bem cedo, a "força das antinomias que se interpõem entre o projeto e a realidade, entre o modelo e a ordem surpreendente dos fatos, passando a exigir de si mesmo e de seus colaboradores fidelidade e dedicação de todas as horas". Com isso, a "ambivalência de seu ser pessoal traz-lhe perplexidades no plano teórico, e lhe

sugere conciliações só compreensíveis na esfera da práxis", em conformidade com Nascimento (2012, p. 71-81).

Quando o autor confessa que leu "Experiências, de Arnold Toynbee, e, particularmente, no capítulo "Os outros assuntos". Argumenta que "esse ensaísta, historiador e filósofo [...] era uma das leituras" de sua maior "predileção". Que lhe fora "sempre um prazer acompanhá-lo em suas lembranças, reconstituições históricas, análises e previsões (AZEVEDO, 1970, in PENNA, 1987, p. 169-172). É possível pensar que, como o historiador inglês, talvez o sociólogo mineiro ao ser convidado a se olhar, "olhar-me de fora", e visse seu estado de espírito contraditório. Não sendo fácil examinar a própria consciência de forma objetiva, acaba-se por apoiar-se sobre o passado subjetivo. Se "toda consciência humana é mestre na arte de enganar-se a si mesma, vendo-se em uma luz demasiadamente favorável", ao confessar sua leitura, mostra-se consciente da significação dada e construída. Ao recorrer a Arnold Toynbee ([1970]), estava ciente de que, para ele, os fatos "são a matéria do historiador".

> Gosto dos fatos da história, mas não por eles mesmos. Gosto deles como indícios de alguma coisa situada além deles, como indícios da natureza e significação do misterioso universo no qual todo ser humano desperta para a consciência (TOYNBEE, [1970], p. 104-142).

Para Toynbee, como que despertando sua consciência, os fatos históricos não dizem nada por si mesmos, mas, ao relacioná-los, servem de indícios para desvendar a natureza e os mistérios do universo histórico. Numa relação de desafio e resposta, a perspectiva em Fernando de Azevedo, a ideia de uma força, de algo, ou de alguém, que move as coisas do mundo, pois, ao falar do seu encantamento com as épocas passadas, aqui se refere aos gregos e romanos, maravilha-se com as novas civilizações. Para ele, elas seriam fruto do processo histórico de permanência, transformação e desenvolvimento dos choques e das lutas culturais.

Fica insinuado em sua filosofia da história, que não basta construir uma história, é preciso edificar "uma imagem sistemática da história humana". Partindo do princípio de que construir uma história da cultura brasileira é uma proposta bastante ambiciosa, entendo que a obra veleja entre um misto de "obra historiográfica, ambição enciclopédica e filosofia da história", conforme

Arrais (2013, p. 260). Sua erudição e capacidade de síntese, não só aproxima Fernando de Azevedo a Arnold Toynbee, mas evidencia sua concepção de história.

Ao acompanhar a trajetória das civilizações, entende de modo esquemático a possibilidade de que cada civilização se aproxima da "da lei do desafio e resposta". Como apresentado abaixo, ao longo da tese, Fernando de Azevedo sugere que "o ritmo de desenvolvimento de uma civilização está associado ao tipo de desafio que lhe é colocado". Esta sugestão, se aproxima das proposições do historiador inglês. O "desafio e a resposta (*Challenge and Response*)" que estimula a dar sempre um passo além, a solucionar um problema, "seria uma lei encontrada, por conseguinte, na história de todas as civilizações". É o desafio imposto pelo deserto, por exemplo, "na África e no Oriente Médio, que [fez] surgi[r] a civilização egípcia e suméria", em consonância com Arrais (2013, p. 263) e Toynbee ([1970], p. 55-99). É o desafio de ter e manter a posse das novas terras, de catequisar os índios, de encontrar ouro, de produzir açúcar às custas da exploração da mão de obra negra, enfim, de colonizar, povoar e administrar, levando a Metrópole a voltar suas vistas para a colônia, segundo Azevedo (2010, p. 174).

Sem ainda avançar sobre a aventura de Fernando de Azevedo em assuntos brasileiros. O autor conta ter orgulho de estar vivento o amanhecer de uma nova civilização no século XX.

> A luta pela sobrevivência e pelo poder, é da natureza humana. Ela se trava em todas as épocas e continuará nesta e em todas as demais com a mesma força de um instinto: da reprodução, da sobrevivência, do poder, inerentes à própria natureza animal e humana. Para fé, caridade (amor) e esperança de sempre, em todas as épocas, se alimentou o homem, para contrabalançar a força dos instintos, é que voltamos também hoje, como um alívio e uma compensação (AZEVEDO, 1970, in PENNA, 1987, p. 170-172).

Já em Fernando Azevedo, sua concepção de história é de não-história. O autor está sintetizando a linha temporal do processo histórico em um quadro sincrônico. O desenvolvimento histórico está estabelecido em relações funcionais entre necessidades e respostas, com pequenas mudanças. A experiência histórica é imobilizada. Mesmo olhado outras civilizações e, por reflexo, estabelecendo comparação.

> [...] vale a pena notar [...] que, através de todas as civilizações, tão diversas em seus fundamentos, propósitos e ideais, *o homem permaneceu sempre o mesmo*, com seus instintos, suas fraquezas e seus anseios de poder e de domínio de si mesmo e sobre os outros. A mesma inteligência, na extrema variedade de graus e tipos; a mesma capacidade de amor, de sofrer e de odiar, igualmente variável dentro dos limites prefixados pela natureza e em que se debate o homem (AZEVEDO, 1970, in PENNA, 1987, p. 170-172) (*grifo nosso*).

Não há mudança, é sempre a mesma coisa, mudança superficial e permanência da substância. Nas passagens transcritas, o autor refere-se à cultura brasileira, trabalhando na perspectiva de um homem diferente, mas de mesma natureza: “nunca, meu caro, decorreu a transição de uma civilização para outra sem graves crises, mais ou menos longas. Até instaurar-se uma nova ordem de coisas”. Observe que ele está explicando como se dá o movimento das forças sociais como a civilização que entra em crise e surge uma nova ordem. Se sentindo responsável, não perante a história, mas aos homens que a escrevem, ressalta os que lutam contra as forças tradicionais e reacionárias. Afinal, conforme já anunciado, além de viver o amanhecer de uma nova civilização, assume a missão de salvar o que há de melhor, adequado e útil e, portanto, de universal, nos sistemas culturais.

1.4 As cartas como correspondências: uma ideia estabelecida

No texto abaixo, como no capítulo seguinte, trabalho na perspectiva de que as cartas estão na obra, assim como a obra corresponde às ideias e às vivências narradas nas cartas. Em *A cultura brasileira*, dentre os vários olhares possíveis, destaco que o livro, em seus múltiplos aspectos, carrega uma visão subjetiva. A forma como Fernando de Azevedo via o tempo, a história e a evolução da cultura brasileira, no texto em questão, expressam um tipo de pensamento em que o autor resolvia, a partir de suas experiências e expectativas, o processo temporal. Ao invés de repetir as histórias já produzidas sobre o Brasil e a cultura brasileira, o autor deslindou por si próprio os temas e problemas que queria tratar, para estruturar o texto e justificar sua argumentação, vencer o tempo e registrar os grandes feitos que marcaram sua produção.

Em carta endereçada a Anízio Teixeira, Fernando de Azevedo descreveu o contexto cultural das transformações pelas quais passou em sua época. Para ele, não havia “motivos para perder a esperanças de um mundo melhor. Senão para nossos filhos, para nossos netos. E, de modo geral, para as novas gerações”. O autor afirma compreender “a inquietação e o pessimismo de todos os que já cansaram de esperar”, mas o pessimismo alastrado em todas as partes “e, sobretudo, na mocidade desiludida pela perda de confiança nos valores antigos e sem encontrar, elaborados pela sociedade, os novos valores pelos quais se tem de orientar”, em consonância com Azevedo (1970, in PENNA, 1987, p. 172-173), devem ser compreendidos e transformados por aqueles que possuem *larga visão*. Para o autor, é preciso ter esperança e acreditar que o melhor virará, mesmo que demore.

> Essa aceleração no curso dos acontecimentos e nas transformações de estrutura econômica e social, provém exatamente do aumento do poder material e intelectual, do homem pelas descobertas científicas e técnicas [...], mas esse mundo novo, a cujo amanhecer estamos assistindo, um pouco atordoados, se traz problemas, e problemas graves, inquietantes, porque à primeira vista insolúveis ou de solução difícil, reclama, impõe uma revisão em nossas concepções e em nossos estilos de vida. Não é, como nunca foi, o mundo que se tem de adaptar a nós, mas, nós é que temos de adaptar-nos a esse novo mundo que criamos, como aos “mundos” que encontraram, tão diferentes do de seu país, tiveram de adaptar-se as gerações anteriores (IDEM, IBIDEM).

Com essa passagem fica explícita a necessidade conformadora do espírito azevediano, por outro lado, a necessidade de uma ação. Algo ou alguém que forneça a chave interpretativa, compreenda as mudanças internas e externas como uma condição histórica.

> Você sabe, por um lado, que estou habituado a marchar dentro da tempestade e enfrentar a ventania. Não é na calmaria, que sempre me deixou um pouco entorpecido, mas diante do perigo e das dificuldades que costumo ver com mais lucidez e agir com mais decisão (AZEVEDO, 1945, in PENNA, 1987, p. 162-163).

Mostrando-se detentor de uma personalidade forte, mas tocado de sentimentos, lembra da sua mocidade rude e laboriosa, dos ataques e injustiças, das grosserias e decepções que sofreu ao longo da vida, as desilusões, que longe de abatê-lo, formou seu espírito de luta e resistência. Se reconhecendo desconfiado, diz que “a desconfiança é um defeito”, se bem

dosada, assume a qualidade que lhe permite enfrentar e suportar as adversidades (AZEVEDO, 1945, in PENNA, 1987, p. 135-136).

Aqui é preciso atenção, ora, “se o arquivo não escreve páginas de história”, o autor está a partir da sua correspondência, estabelecendo uma ideia, segundo Farge (2017, p. 16-17). Em outras palavras, há uma sequência que estabelece um regime discursivo que propõe uma mensagem: ‘caro pesquisador, veja através do meu arquivo o quanto sou honesto, trabalhador, incansável, romântico, digno etc. Em síntese, essa é a leitura autorizada de minha trajetória’ (IDEM, IBIDEM).

Certamente, não há motivo para fiar-se nessa imagem epistolar fortemente reforçada pela historiografia[28] sobre Fernando de Azevedo, como feita por Reale (1984), Penna (1987), Dimas ((1994), Bontempo e Toledo (1994) e Toledo (1995). A *correspondência* depositada, conforme indiquei, corresponde ao modo como o autor quer ser visto, é uma ideia estabelecida por via da mão invisível, evidencia não somente como o pensador/doador construiu uma representação específica da sua imagem, mas como, em certo sentido, pretendia de algum modo ser descoberto. Fernando de Azevedo acreditava que os acontecimentos de sua vida tinham de ser perpetuados ao longo do tempo. A todo instante o seu arquivo, as suas cartas, estabelece comparações, combinações, mas, também, justaposições de elementos que, aparentemente estranhos, reconstroem uma sequência de acontecimentos externos e internos da articulação que busca convencer o leitor/pesquisador do valor e do exemplo de um grande homem, uma personalidade criadora.

Não há menção a qualquer tipo de ação que o desabone, que retire do autor a aura do personagem construído pelo seu próprio arquivo. Em outras palavras, não há um ser humano, mas o registro de uma imagem cuidadosamente construída. Por isso é que a correspondência depositada no

[28] REALE, Miguel. *Fernando de Azevedo, um sociólogo na encruzilhada*. In: Figuras a inteligência brasileira. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1984. PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. DIMAS, Antônio. *Os primeiros leitores de A Cultura Brasileira*. In: Revista Instituto Estudos Brasileiros. São Paulo, 1994. BONTEMPO Jr, Bruno; TOLEDO, Maria Rita de A. *Historiografia da Educação Brasileira*: no rastro das fontes secundárias. In: Perspectiva. Florianópolis: Núcleo de Publicações da UFSC, 1994. TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Fernando de Azevedo e A Cultura Brasileira*: ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. São Paulo: PUC/SP, 1995 (Dissertação de Mestrado em Educação).

arquivo, “torna-se não apenas vestígios, mas também ordenação de figuras de realidade”. Porém, de acordo com Farge (2017, p. 32-33), em “geral, o arquivo não pinta os homens por inteiro”, mesmo os que são sistematizados, percebe-se que a representação construída, demarca um sentido laudatório sobre o que ele queria ser, ou pelo menos, a forma como queria ser visto. Como as correspondências estão refletindo somente o diálogo entre as partes, que compartilham visões, a armadilha consiste em *omitir/revelar* a vontade de potência, de uma verdade que busca ser transmissível ao leito.

> Não tenho o gosto da vida fácil que tudo amolece e nivela, mas que, numa concepção burguesa, é a metade da felicidade, nem o ceticismo que engendra uma aparente amabilidade e não é senão uma das formas de desprezo. A procura de um ideal sempre inatingível, a impetuosidade na ação, a fidelidade intransigente às convicções, a sinceridade radical e uma sensibilidade quase doentia aliada a *um espírito crítico aplicado constantemente ao conhecimento de mim mesmo e do coração humano* [...] Extremamente sensível ao poder sugestivo das coisas e das felicidades que vêm como a música percebida ao longe, vagamente, nunca foi nos triunfos que encontrei minhas alegrias mais profundas, mas no culto da amizade, no repouso da consciência (Carta a Francisco Venâncio Filho. São Paulo, 15 de janeiro de 1945 in PENNA, 1987, p. 136-137) (*grifo nosso*).

A citação demonstra a sensibilidade, a subjetividade e o encanto do autor para com as amizades fraternais, embora ainda mantido o tom de tristeza, só suavizado com um espírito e consciência filosófica e poética. De outro lado, a vontade de se conhecer, de se aprofundar no coração humano, na natureza humana, evidencia a ação do autor, sua presença forte e marcante na construção e estruturação interpretativa. Segundo Ophir, (2011, p. 88), entre o “enunciável e o visível nasce a experiência” conformadora e consagradora da imagem do homem, da personalidade, do ser exemplar. Na verdade, a sua experiência enquanto alguém que se orgulha de ter assistido “a duas guerras mundiais, a mais de uma revolução que desnorteou os espíritos”, mas que tomou “parte em batalhas de ideias” e entrou no “fogo das lutas para inserir o ideal no real, *sem perder*, mas antes guardando intacta a minha personalidade”, como disse Azevedo (1945, in PENNA, 1987, p. 135-136).

O desabafo testemunha um homem amargurado com os ataques nunca mencionados ou relativizados, visto que poderiam fragilizar a imagem a ser preservada, mas que, segundo sua mensagem, preocupa com a família e o

destino cultural do país, vê nos amigos um ponto de força e ânimo, já que lhe inspiram força e confiança. Aos 46 anos de idade, quando foi convidado a realizar o recenseamento de 1940, sentiu-se por "vários dias atormentado por uma crise interior que se estabeleceu pelo conflito entre dois sentimentos", o de decepção e de consciência. O primeiro, de decepcionar Teixeira de Freitas, "grande amigo e homem de verdadeiramente admirável" em que não quer trair a confiança ou trazer decepção, para Azevedo, a amizade é um bem precioso da vida. O sentimento de "consciência cada vez mais viva não só das minhas responsabilidades como das dificuldades imensas que se levantam à execução do plano projetado", nas palavras de Azevedo (1938, in PENNA, 1987, p. 118-119).

> As dificuldades, em nosso país, da grande extensão territorial e de população disseminada, de níveis culturais e econômicos tão diferentes, agravam-se pelas atuais condições econômicas e financeiras, pela ignorância geral dos habitantes (64% de analfabetos, ao que se calcula), pela falta de sentido de interesse comum, pela resistência à centralização que deve ser a maior possível, e, ainda, pelo estado de desconfiança e, às vezes, de inquietação, resultante de um período longo de perturbações políticas (AZEVEDO, 1938, in PENNA, 1987, p. 118).

Azevedo (2010, p. 13-15) afirma não tomar decisão sem muita reflexão, "é preciso considerar a questão sob todos os aspectos e refletir muito para tomar uma decisão tão grave [...] eu só aceito cargos que possa exercer com a consciência profunda de poder servir ao Brasil, dedicando-me a um serviço público com todas as forças de que eu seja capaz e a certeza de realizar integralmente a obra". Em virtude disto, hesita em ser diretor do recenseamento porque quer fazer um trabalho que tenha domínio e confiança. Esse era um cargo que nunca tinha desejado, "e tremeria diante de um apelo para o exercer [...] transferir-me-ia do domínio de minhas atividades habituais" movendo-se para "um *terreno quase estranho* as minhas cogitações de todos os dias", segundo Azevedo (1938, in PENNA, 1987, 118-119).

Compreensível que Fernando de Azevedo não quisesse ser o diretor do Recenseamento de 1940, como discutido acima. Porém, um elemento que o autor não revela, é que o IBGE só era um terreno *quase* estranho. Ele conhecia o Instituto, tanto pelos seus trabalhos técnicos, como pela amizade com M. A. Teixeira de Freitas e outros amigos. Sua relação de amizade que pode ser

encontrada nas obras *História de minha vida* (1971) e *Figuras de meio convívio* (1973), mas também nas correspondências que seu amigo escreveu ao autor d' A cultura brasileira. Inclusive na correspondência que Teixeira de Freitas em 1938, ele "discorreu sobre o IBGE como o "nosso" Instituto, invocando a ideia segundo a qual esta instituição seria a efetivação de um projeto compartilhado por ambos"[29], de acordo com Freitas (S/D, in NASCIMENTO, 2012, p. 73-318).

Ao invés disso, Fernando de Azevedo diz aceitar a produção de *A cultura brasileira*, por solicitação dos seus melhores amigos. Não "fosse a intervenção do Teixeira de Freitas, cuja amizade é um dos bens preciosos de minha vida", teria recusado a oferta. Ao 'aceitar' a incumbência de produção da introdução ao censo de 1940, via por meio dela, que ele poderia oferecer a nação um trabalho monumental. Nessa obra, segundo o próprio autor, age com toda "força da natureza. O trabalho" sai "digno do Brasil". Como "am[a] demais o" seu "país", só aceita um posto em que sua "consciência profunda" pode "honrá-lo, pela competência e pela intensidade da ação" servindo-o pela "execução perfeita da tarefa" que lhe coloca "sobre os ombros", conforme Azevedo (1938, in PENNA, 1987, p. 118).

O segundo sentimento que o assolava era o que impingia à consciência alguma forma de pesar. Sendo assim, é necessária uma pequena digressão temporal, partindo de março de 1938, quando afirmou ao amigo que "ser-me-ia muito fácil ser Ministro da Educação; os problemas, que teria de enfrentar e resolver, são-me familiares e, num golpe de vista, poderia abrangê-los e dominá-los", consoante Azevedo (1938, in PENNA, 1987, p. 119). Sair das minhas atividades habituais" é mover-se em algo fora de suas cogitações. Com isso, aceitar a direção do Censo de 1940, não era boa estratégia, contudo, escrever a obra sobre a cultura brasileira, poderia trazer-lhe à cena política e intelectual, bem como demarcar sua visão sobre a educação, a cultura brasileira e a natureza do homem nacional. Em correspondência estritamente confidencial, disse que "se surgisse alguém, alguma coisa ou algum ideal

[29] FREITAS, M. A. Teixeira de. *Carta a Fernando de Azevedo*. Identificação do Documento: Acervo Fernando de Azevedo, Código de Referência: FA-CP-Cx12,10 e FA-CP-Cx12,10 (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo). Proposição em acordo com a afirmativa de NASCIMENTO, Alessandra Santos. *Fernando de Azevedo:* dilemas na institucionalização da sociologia no Brasil. São Paulo: UNESP, 2012, p. 73-318 (Tese de Doutorado em Sociologia).

bastante forte para empolgar-me, mobilizando-me todas as forças intelectuais e afetivas", isso operaria uma espécie de "ressurreição". A cultura brasileira não faz o autor ressurgir na cena nacional, entretanto, dá vida e presença às suas ideias no tempo. Estabelece para além da história da educação, a sua visão sobre a natureza humana, como se lê em Azevedo (1938, in PENNA, 1987, p. 124).

Com isso, nas correspondências de Fernando de Azevedo, assim como na obra, no *Prefácio* e na *Introdução*, o discurso sobre o livro torna um instrumento e um monumento ao patriotismo, à nacionalidade e à cultura nacional. Ao aproximar seu trabalho do Censo de 1940, o autor concretiza a possibilidade de dar a seu texto caráter nacional/monumental, pois, embora Fernando de Azevedo afirme no livro que não tinha a intenção de escrever a obra, o seu desejo de fazer algo grande coincide a sua produção monumental sua e a do governo. Talvez o pensador não tivesse a estrutura do livro pronta, mas a essência como ele próprio afirmava, já era algo de seu conhecimento e previamente aplicável. Pelo tom das cartas, conta com a ajuda de amigos para informações complementares, como se pode ler no texto de agradecimento ao amigo Venâncio pelas fontes enviadas.

> Obrigado ainda, pelos livros que me procurou e reservou para documentar-me na 2ª parte da obra em preparo – [Carta de 17 de julho de 1940] – [...] fico-lhe imensamente grato pelo artigo que me mandou e pelas novas informações bibliográficas que teve a bondade de me fornecer, relativo aos capítulos em preparo. Aguardo com ansiedade o que me promete enviar e me será verdadeiramente útil, senão necessário, à inteligência dos vários aspectos de nossa evolução cultural (AZEVEDO, 1940, in PENNA, 1987, p. 127-128).

Fernando de Azevedo afirma que o livro "não se trata de uma simples exposição histórica, com qualquer preocupação de detalhismo, mas antes de uma intepretação sociológica dos fenômenos da cultura, das formas que revestiram, de sua evolução e de suas tendências". É possível de concordar com o autor se se considerar que o livro ora se aproxima da Sociologia, ora da História, ora da Psicologia, ora da Educação e outros. Contudo, o que fica perceptível em sua aventura intelectual é a "compensação moral", em uma exposição subjetiva, já que em certos momentos, os seus juízos de valor

determinam a interpretação, em concordância com Azevedo (1940, in PENNA, 1987, p. 127-128).

Em outras passagens, o autor afirma: “fico-lhe muito obrigado por mais esse serviço, e à espera dos recortes de jornais e das revistas que me prometeu. Continuo a trabalhar sem descanso e sem atropelo”. Lendo, estudando e refletindo, sobre as informações, “a redação se torna fácil e segura”. Confrontando diversos autores, confia desconfiando. Para Fernando de Azevedo, há um “hábito brasileiro de tratar os assuntos mais ou menos e sem confrontar os autores”. Por isso, o autor, confia “desconfiando [...] Depois, que trabalho o de colher na massa de datas e de fatos o essencial, o que ficou ou teve influência real nesta ou naquela direção! O que se nota, pelo geral, ou são generalizações apresentadas ou um detalhismo excessivo”, como disse Azevedo (1941, in PENNA, 1987, p. 130-131).

O autor ser mostra preocupado com os “vários aspectos de nossa evolução cultural”, nessa parte, a história é o fator de conhecimento do passado, da experiência histórica, cultural e dos processos de evolução e desenvolvimento. O texto desenvolve um tipo de história que busca sentido para o criador, confere sentido à criatura, possibilitando sentido histórico aos leitores. Em outra carta, que corresponde aos seus anseios, comenta que ao ser citado em obras, que dizem “a meu respeito, sobre minha vida e minha obra”, esse fato faz com que ele se sinta lisonjeado “vivamente no coração, pela ardente simpatia com que” apreciam “o homem e as suas atividades, no campo das letras, da ciência e educação”, nas palavras de Azevedo (1942, in PENNA, 1987, p. 131).

O autor vive um misto de ser reconhecido, oferecer um estudo sobre a cultura brasileira e interpretar os fatores de transmissão dela. Sem sair das suas cogitações cotidianas, o autor acaba por descrever mais que interpretar. Explicar mais sobre a trajetória profissional do que a formação do Brasil. De modo sutil, confessa ser uma aventura lidar com a história do Brasil, por outro lado, ele diz como deve ser visto/lido seus textos. Sua ação de doar o arquivo, corresponde ao estabelecimento do “estado em que foi recolhido e classificado, é portanto”, disponibilizado “para ser manipulado por mãos desejosas de consultá-los. Esse é de longe o caso mais frequente”, conforme Farge (2017, p. 21) do seu arquivo e obra.

> Tenho levado uma vida quase monacal, no mais completo recolhimento de espírito, entre papeis e livros. Espero dar vista de conjunto, tão completa quanto possível, da cultura no Brasil, nos fatores que a condicionaram, nas suas diversas manifestações artísticas, literárias, científicas etc. e na formação do aparelhamento institucional, cultural e pedagógico, destinado a perpetuar, transmitir e desenvolver o patrimônio cultura do país (AZEVEDO, 1941, in PENNA, 1987, p. 128).

No contexto subliminar das cartas, fica a mensagem de que o livro deveria possibilitar ver a cultura do Brasil. Fernando de Azevedo coloca-se como o intelectual que percebe e dá sentido à cultura naquilo que é essencial e geral. Após a publicação, preocupa-se com a recepção do livro, em vários momentos mostra-se atencioso e ansioso com esse assunto. Falava que gastou dois anos para escritura do livro e comentava que “o tempo ou pouco mais do tempo que levei a escrever esse trabalho, que lançado a mais de 3 semanas, ainda não mereceu uma referência em jornais ou revistas”, o que passa a ser uma preocupação, conforme Azevedo (1943, in PENNA, 1987, p. 134-135).

Quando já ciente dos comentários e notas sobre a obra, agradece aos amigos os recortes de jornais que lhe são enviados. Azevedo comenta a respeito das considerações feitas por Roger Bastide e de Afrânio Peixoto, dizendo que há textos bons e outros feitos de atropelo e que não entenderam a sua produção de corpo inteiro. O texto de Francisco Venâncio Filho foi elogiado, mas reclama que esse também notou apenas a parte que ele trata da educação, de acordo com Azevedo (1943, in PENNA, 1987, P. 134-135).

Nesse sentido, é muito curioso o comportamento de Fernando de Azevedo, de ansioso e preocupado, a ciente e conformador quanto aos comentários. Em linhas gerais, o tom das cartas exprime que Azevedo se reconhece como um profundo conhecedor dos assuntos da cultura brasileira no que refere ao campo educacional. Não só pelas cartas, mas pela função que exerceu como consultor técnico do IBGE por mais de dez anos e como um dos principais organizadores do sistema nacional brasileiro de educação a partir da década de 1930, consoante Nascimento (2008, p. 91).

> No caso de Fernando de Azevedo, que se vinculou a iniciativas liberais e empresariais de sua época, e pretendeu contornar a crise, com um novo projeto para a educação no país [...] também não foi diferente. Apesar de somente procurar historiar

> as iniciativas do grupo da “escola nova” e de o jornal O Estado de S. Paulo (das quais fez parte) [incluiria o IBGE] nos anos 1940, nem por isso podemos deixar de lado a sua ampla preocupação com o “presente”, em processo nos anos 1930. Aliás, tal preocupação fazia parte de uma interpretação peculiar das categorias: passado, presente e futuro, e que veio a sistematizar em A cultura brasileira, de 1943 em função dos projetos que defendiam, colocava-se ora no passado exemplar, ora no presente em construção (ROIZ, 2013, p. 40).

Certamente, Fernando de Azevedo é reconhecidamente estudioso da realidade brasileira, conforme a recepção da obra em resenhas de jornais e em revistas da área e, obviamente, nas cartas. Os comentários, notas e análises alinham-se de forma a construir um laudo positivo sobre obra e autor. Dessa forma, por mais que tenha rompido com a “modernização institucional implementada” pelo Estado Novo, ele não deixou de ser um homem público, e ligado a instituições do Estado, seja por sua passagem e ação, seja pelos amigos e companheiros de ideias e ideais. É inegável que o autor desejava a modernização e o progresso da cultura brasileira e para isso, usa suas forças intelectuais, morais e afetivas para “a caracterização da nação brasileira”. Um homem que pertenceu a seu tempo e historizou a formação do desenvolvimento da cultura nacional como um processo de autoconhecimento. Procurou respostas para qualificar o país e dar a sua contribuição para as interpretações do Brasil, em conformidade com Nascimento (2008, p. 87-89), mesmo sendo uma resposta subjetiva e direcionada para a realização de seus anseios e vínculos.

Com sua obra, engajava-se em um projeto de nação e potencialização da experiência histórica nacional. Fernando de Azevedo não foi o autor somente da Terceira Parte, como ele mesmo reclamava. Tornou-se figura chave no interior do debate sobre o Brasil a partir de *A cultura brasileira,* devido a sua publicação realizou a introdução do primeiro recenseamento geral do IBGE, ocorrido em 1940. Elaborou a síntese da cultura institucional do Brasil, e promoveu consenso entre as forças antagônicas criando nexos entre as visões teóricas, dando-lhes “possíveis convergências” na reconstrução histórica da cultura brasileira, que, mesmo marcada por “disparidades sociais e físicas” possuía um lugar “singular na história da cultura ocidental” (IDEM, IBIDEM).

Enfim, de certa forma, as cartas reforçam a representação da cultura brasileira oferecida por Fernando de Azevedo e revelam o porquê que “uma

prática específica de poder a engendrou". Nos enunciados há a sistematização de práticas em que as "explicações verbais apresentadas, esboça-se antes de tudo, a maneira como comportamentos pessoais e coletivos que se imbricam", conforme Farge (2017, p. 34). Em outras palavras, existe uma condição estabelecida de que o arquivo seja correspondente a uma ideia definida, a saber: *A cultura brasileira* significa, embora o autor não assuma, a união de criador e criatura. Nas cartas, há uma unidade essencial que constrói e reforça a intenção e o sentido do sujeito doador-falante. Sugere ao leitor, o modo como deve ser experimentado a leitura, quase como uma prática reguladora, segundo Foucault (2017).

1.5 Da elaboração à recepção da obra

Como visto, em Fernando de Azevedo, não havia uma mitificação do passado, mas uma perspectiva de interpretação que toma o passado como aprendizagem. Da perspectiva de que a história fornece bases para pensar o tempo, o autor entende que era possível pensar uma reconstrução da cultura nacional, isto significa dizer que, a partir do passado, se adquiria uma nova qualidade temporal que permitia "transformar as bases da cultura nacional". Como as interpretações se "fixavam de acordo com o modo com que compreendiam as categorias temporais e o andamento do processo histórico", é seguro afirmar que não havia interpretações puras, tipos puros do pensar histórico na sua concepção de história.

As formas de pensar o país se distanciavam, mas também se aproximavam em certos momentos, onde se "poderia muito bem serem alocados um no outro", ou mesmo abarcar mais de um tipo de história, de acordo com Roiz (2013, p. 50). Nesses aspectos, o modo como Fernando de Azevedo interpreta a cultura brasileira e o Brasil, representa o sentido do mundo e das coisas da vida. Ao descrever e explicar sobre a formação, desenvolvimento e estado atual da cultura brasileira em um percurso formador.

> [...] longo percurso pela formação do país desde seus primórdios, no qual identificam pecados de origem ou percalços no percurso, causadores da presente situação problemática, de

> modo a oferecerem ao leitor explicações que a justificam (BRESCIANI, 2010, p. 192).

O longo percurso e as explicações que se justificam, a meu ver, seriam procedimentos que permitiam ao autor “expor a situação presente revelando o processo em que se inseria para, na sequência, propor a fórmula adequada para superar a situação anômala, indesejada”, conforme Bresciani (2010, p. 192). Identificar os problemas do presente, os pecados de origem e os percalços do processo histórico, para então tornar visível os elementos causadores da situação presente é um percurso que Fernando de Azevedo realiza em sua obra para justificar o seu projeto. O procedimento do longo percurso, dos fatores de sequência, das proposições em forma de diagnóstico, torna a explicação e descrição, um ponto de partida que revela a fragilidade da cultura brasileira e torna seu projeto ou solução, viável.

Colocando-se na posição de conhecedor das mazelas temporais, é apreendido dado sentido à intepretação sobre a formação, desenvolvimento e estado atual da nação. Lidar com a ação enérgica do pensamento de Fernando de Azevedo, é se defrontar com um pensador que, detentor de “muita erudição histórica”, pensa a “conexão entre as categorias teóricas” sociológicas e a realidade histórica. Podendo dizer que o sociólogo/educador opera “num nível” reflexivo, “formal e sistemático”, que coloca os problemas sociológicos em “termos aproximadamente históricos”. O autor perseguiu o movimento de progressão e intensificação das forças culturais em sua essência e formação. Nesse sentido, investigou a cultura brasileira e, como que tomando posse do mundo exterior, construiu em grande volume, uma representação que supria suas carências de orientação sobre o tempo passado, que segundo o próprio Fernando de Azevedo, ainda se prestavam à percepção do presente, de acordo com Fernandes (2015, p. 218).

Conforme um periódico de 1943, o livro de Fernando de Azevedo, “surge, com forte claridade, aos olhos dos estudiosos do Brasil e das coisas brasileiras”. Embora o texto ganhe autonomia em relação a proposta do Censo de 1940, mantém a perspectiva de ser um balanço geral do Brasil, seja em sua “riqueza, cultura, civilização [seja nas] conquistas de toda sorte”. A ideia geral que vigorava, apontava na direção da necessidade de um exame que procurasse e revelasse o Brasil aos brasilianos. Urgia um exame feito para

tudo conhecer, desde o plano da nacionalidade, história, cultura, tradição e outros, como está posto no Jornal do Comércio (01/10/1943).

O Censo era o maior já feito pelos nacionais e a obra devia ser digna em tamanho e importância dos brasileiros. Embora considerada a gênese, d' *A cultura brasileira* toma outros caminhos e acaba por desvelar os males de origem e as profundas transformações que o país passou em "toda a sua história". É difícil acreditar que uma obra seja capaz de falar de toda a história do Brasil, até porque a que está em questão não fala, contudo, fica a mensagem que, sem perder de vista a grandeza monumental da nação, o livro capta o sentido de grandeza do Brasil, conforme o Jornal do Comércio (01/10/1943).

No mesmo periódico, aparece um elemento que Fernando de Azevedo não queria fazer na obra, pois, é sabido que o autor desenvolveu e apresentou um estudo, em "*esquema geral*", onde o dado regional e nacional da cultural brasileira, são compreendidos "à luz da História e dos conhecimentos científicos mais modernos". O conhecimento do passado é transformado em aperfeiçoamento e reforço da identidade. É noticiado que o pensador "compôs [o]bra que sobremodo [...] lhe confirma os créditos de estudioso acurado dos nossos mais urgentes problemas sociais e de formação histórica" do espírito brasileiro. Com a expressão, 'cultura brasileira', reuniu a natureza, a formação e desenvolvimento das coisas do Brasil. Por carregar o caráter originário e formativo, o passado assombroso tinha de ser enfrentado para clarear 'o aqui e agora', ou seja, o presente, em elementos de instrução, e ação, de acordo com o Jornal do Comércio (31/10/1943).

Nesse contexto, enfrentar o passado era estar em correspondência com as forças interpretativas que buscavam desenvolver formas de representação através dos quais a mente, compreendendo a complexidade cotidiana da realidade, poderia corrigir, ampliar e aumentar as percepções do mundo exterior. Para tanto, "possuí-lo, de sorte a concebê-lo e dominá-lo em função de seu saber, de sua vontade e de seu poder de transformação", corresponderia a prestar contribuição à percepção sensível ao mundo. A partir de uma obra, revelar o país aos brasilianos, seria uma forma de reunir o ideal e a vontade de consciência e racionalidade em uma relação entre o futuro e o passado, numa visão que iluminava o presente. O conhecimento histórico, ao

mesmo tempo que enriqueceria o presente com uma visão sobre o passado, externaria o espírito humano ou a mão humana que modelou a realidade cotidiana do aqui e agora, o presente, em concordância com Droysen (2009, p. 37-38).

Seguindo esse pensamento, o interesse em interpretar a cultura brasileira está em trazer respostas do que se tem, o que é preciso e o que está ausente para seguir rumo ao desenvolvimento, a elevação da cultura. O autor não pensa somente em progresso material, ele está preocupado com o nível racional. Compreender qual a contribuição da cultura nacional para a humanidade era reforçar a importância da formação do indivíduo. Na perspectiva do periódico referendado, Fernando de Azevedo traçou uma síntese da cultura no Brasil, em que é apresentado os traços, "as linhas essenciais" da "evolução da sociedade brasileira, um fenômeno de *decallage* (*cultura lag*) fortemente acentuado entre a cultura e a civilização" (IDEM, IBIDEM). Para Fernando de Azevedo (1943), "a civilização se apresenta, entre nós, com seus caracteres fundamentais, não há sombra de dúvida".

> A doçura dos costumes, o respeito à pessoa humana, a tolerância e a hospitalidade, nas relações entre os cidadãos e em face do estrangeiro, o espírito de ordem e culto da paz, o aperfeiçoamento constante da organização jurídica e da técnica social e, mais recentemente, o sentido do conforto, desenvolvido com aplicações das ciências a vida material, põe em evidência o grau de civilização que já atingimos (JORNAL DO COMÉRCIO, 31/10/1943).

Nesse sentido, o problema está situado no campo da cultura.

> Limita-se, no seu intuito, ao desenvolvimento da cultura no sentido tradicional do termo, assim definido pelo autor: "Entendemos por cultura, com Humboldt, esse estado moral, intelectual e artístico, "em que os homens souberam elevar-se acima das simples considerações de utilidade social, compreendendo o estudo desinteressado das ciências e das artes" (CÂNDIDO, in FOLHA DA MANHÃ, 12/12/1943).

Fernando de Azevedo se afasta do "[...] conceito antropológico" de cultura, em suas largas perspectivas, concentra-se no aspecto clássico e restrito. Nessa passagem, Antônio Candido problematiza o aspecto de 'desprendimento' por entender que ele traz perigos para o intérprete da cultura brasileira

> Na definição de Humboldt, por ele [F. Azevedo] esposada, não me agrada um adjetivo que teria razão mais plena de ser no

> tempo do sábio alemão, mas que, hoje em dia, não deixando de exprimir um estado de espírito corrente e até certo ponto útil, me parece perigoso por muitas das suas consequências: *desinteressado* (Grifo do autor) (CÂNDIDO, in FOLHA DA MANHÃ, 12/12/1943).

A afirmativa seria devido a “concentração absoluta” que o conceito carrega, devido pertencer a “uma determinada época” segundo o autor. Não sendo um aspecto impróprio, correria o risco de “perder de vista a finalidade do pensamento”, mas, que, “sob a pena” de Fernando de Azevedo, o conceito “tem uma nuança inconfundível e uma certa tradição de combate” (IDEM, IBIDEM). Aos conhecedores da obra e da atuação do intelectual, a acepção de desinteressado com relação ao espírito científico.

> Significa, num país como o Brasil, em que até pouco tempo o estudo era um instrumento profissional imediatista e estritamente pragmático, o combate por tantos anos levado a cabo pelo autor [Fernando de Azevedo], em prol do estabelecimento do espírito científico e da cultura despida da pele do circunstancialismo (CÂNDIDO, in FOLHA DA MANHÃ,12/12/1943).

Seguindo as assertivas de Cândido (1943), a partir dessa definição, compreendemos que o livro se ocupa da evolução das instituições em seus aspectos das “crenças religiosas, vida intelectual, literária, cultura científica, cultura artística – e a transmissão”. Com isso, Fernando de Azevedo compreende não só o movimento da cultura nacional em seus aspectos internos e externos.

> Em todo caso, fazer entrar a cultura brasileira não só nos quadros sociais, econômicos e políticos do país, estudando - lhes os fatores e as condições especiais do meio, como no movimento geral da civilização do Ocidente, de que a cultura nacional não é senão uma das formas (CÂNDIDO, in FOLHA DA MANHÃ,12/12/1943).

Ao se ocupar da evolução das ideias, instituições, vida intelectual, literária e científica, demonstra preocupação com o desenvolvimento da personalidade e o caráter nacional em termos de inteligência e de cultura no sentido de aperfeiçoamento da personalidade humana e o quanto esse é capaz de fornecer ferramentas para mudar a realidade. O estudo da cultura brasileira seria, nesse sentido, uma reflexão sobre o ser brasileiro. A descrição dos fatores da cultura permite compreender o que foi transplantado da Metrópole à Colônia e como foi o quadro formativo da cultura nacional.

Assim, Fernando de Azevedo percebe desde a “hipertrofia da forma sobre o conteúdo”, como o excesso de Direito e Literatura. Como fator de valoração social e ornamento, como ciência incipiente se expandiria com a chegada ao poder das “classes médias e o advento da República”, mais como fator de diferenciação social, de um símbolo de diferença, do que conhecimento transformador do espírito nacional. Interpretação “plenamente aceitável” se se olha a debilidade dos quadros culturais que se formava no país, de acordo com Cândido (in FOLHA DA MANHÃ, 12/12/1943).

Fernando de Azevedo compreendia ser necessário estudar a relação entre fatores da cultura e a própria cultura, entre a cultura e sua transmissão. Sendo que tal percepção só seria possível buscando o sentido existencial e orientativo que os homens dão a suas necessidades temporais. Com isso, o autor faz preceder a “Cultura” e a “Transmissão da Cultura”, pelos “Fatores da Cultura”, como “país e raça; trabalho humano; formações urbanas; evolução social e política e psicologia do povo” brasileiro. Encontrando nos fatores condicionantes e motivadores da cultura a explicação do ritmo, o modo de ser nacional, estabelecia estratégia, que, não sendo de modo aleatório, possibilita-lhe captar o sentido da cultura brasileira, ou pelo menos, estabelecer um sentido para a cultura brasileira. Esse aspecto de ordenamento da obra, permite não apenas uma compreensão, como também a descrição do caráter e personalidade nacional devido a relacionar o humano com a sua produção e o modo de relacionamento com a obra e com os outros.

Nesse contexto, a estruturação do livro revela a busca de sentido para entender o ser nacional. Por outro lado, revela a marcante presença da sensibilidade do escritor e a simpatia criadora em uma representação que descreve a evolução e formação nacional, seguida do seu caráter. É a interpretação sócio-histórica, embora em base subjetiva, que lhe permite a visão do conjunto tanto em seus pontos positivos como negativos como posto no Jornal do Comércio (31/10/1943).

Para Azevedo, o Brasil nasce “cristão antes de tudo”, seja pela fé “dos descobridores e de seu rei”, seja pela transposição “dos costumes e os usos, as mercadorias”, instituições políticas e culturais. É com a cultura ocidental que há a “dilatação das terras e a formação de uma consciência nacional”, a partir de princípios e valores universais. Para o Jornal do Comércio, não

identificamos a autoria, a obra de Fernando de Azevedo “é digno pórtico desse monumental trabalho” de *descrição* e interpretação do Brasil. É um livro de um brasileiro digno e “consciente de sua responsabilidade” frente a história e aos homens do seu tempo. A ideia passada deixa a mensagem de um homem de “senso de responsabilidade”, “de missão histórica”.

Para Fernando de Azevedo, em *A cultura brasileira*, é possível “encontrar as causas da inércia” na educação, na cultura e na sociedade brasileira que, em sua concepção, historicamente carregava feições pouco democráticas, devido a seu passado. O Brasil-Colônia é um peso sobre o Brasil-República e romper com esse tempo é acompanhar o ritmo acelerado em que o tempo convocava as nações, conforme Azevedo (2010, p. 173-187). Dito de outra forma, sua obra, ao reconstruir os acontecimentos históricos, assegurava a continuidade e o entrelaçamento do passado com o presente, como está posto no Jornal do Comércio (31/10/1943). Por outro lado, a ótica azevediana oferecia a resposta ao desafio, para ele, era preciso o estudo desinteressado. O autor apelava para o fomento e o estímulo à constituição do espírito científico, das letras, das artes e das criações humanas de mais alto valor.

Para os periódicos da época, diferente de Oliveira Viana e Gilberto Freyre, a obra de Fernando de Azevedo tem um “significado de balanço, de fechamento das linhas de força de nossa atividade sócio-histórica”, porque, não pautado somente em um dado, como os outros dois, dá uma visão do conjunto, mostra o Brasil de corpo e alma, nos seus fatores criativos e condicionantes[30], de acordo com Bastide (in JORNAL DIÁRIO DE SÃO PAULO, 01/10/1943). Para o resenhista, o livro se ocupava da evolução cultural em processos gerais, em que o traço marcante seria a linha de orientação da cultura brasileira com

[30] BASTIDE, Roger. *A Cultura Brasileira.* In: Jornal Diário de São Paulo. Sexta-feira 01/10/1943, p. 04. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo). CANDIDO, Antônio. *Cultura Brasileira I*. Seção: Notas de Crítica Literária. In: Folha da Manhã. São Paulo, 12 de dezembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo). CANDIDO, Antônio. *Cultura Brasileira II*. Seção: Notas de Crítica Literária. In: Folha da Manhã. São Paulo, 01 de janeiro de 1944. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo). CÂNDIDO, Antônio. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/antonio-candido-a-educacao-pela-noite.pdf. Acesso em: 19/11/2018.

justeza e equilíbrio. Compreendendo fenômeno da urbanização como elemento diferenciador entre passado e presente.

Como indicado na *Introdução* de *A cultura brasileira*[31], as contradições nacionais, nascem entre sertão e centro; litoral e interior, mas são "contradições históricas que formam a base de nossa história contemporânea" e de cuja solução depende o nosso destino como povo e nação. Nesse sentido, a imagem de um país em construção, emerge para colaborar com a concepção de "uma constante histórica". O desenvolvimento social do Brasil é visto pelo autor, no processo de formação, a partir da dicotomia litoral-sertão. O último visto como lugar de natureza, vazio demográfico e de ausência de cultura, símbolo imposto e qualificativo de valoração, seria o oposto do litoral. Logo, sertão e colonização emergem como evidentes imagens construídas para definir lugares, mas sobretudo, ser apropriado, em conformidade com Morais (2003, p. 2-6).

Tomando as explicações de Arrais e Boaventura (2019), identifico as marcas subjetivas que aproximam Fernando de Azevedo de um lugar comum. Em uma concepção conformadora da realidade, um suposto espelho da realidade descrita, que trabalha com as categorias explicativas, litoral e sertão, legado dos colonizadores. Uma perspectiva carregada de sentidos negativos que, conhecidos dos lusitanos, desde a sua chegada ao Brasil, configurou ou constituiu a oposição dos "Eus" e dos lugares. De modo sintético, é possível dizer que tal concepção dá suporte para confirmar as atribuições "do "Outro", feita por um "Nós": portugueses, paulistas, funcionários do Império, viajantes estrangeiros, intelligentsia" etc. Como será discutido em outro momento da tese, ao longo do processo de atribuição de sentido, preservou "uma característica comum, encoberta por sua pequena variação morfológica: o sertão nunca foi compreendido como uma denominação geográfica, mas sim espacial" e simbólica a ser vencida, preenchida e transformada, em conformidade com Arrais e Boaventura (2019, p. 116-119).

Vindo à tona uma dimensão teleológica, a dicotomia entre dois tempos (passado x presente); dois espaços (litoral x sertão); duas sociedades (rural x

[31] AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP).

urbana); não esconde a vontade de evolução, por um lado. De outro lado, não rompe com a concepção dos outros enquanto possuidores do progresso, da máquina, do tempo relógio, da cultura, das cidades, das indústrias, do domínio racional na agricultura e outros. E do nós, enquanto natureza, sertão, o tempo natureza, sem produção, incultos. A meu ver, é uma “característica teleológica, na medida em que projeta o processo de ocupação do espaço. O sertão é, assim, o deserto espacial, o vazio demográfico, desabitado pela ocupação branca, e um espaço à espera de civilização, de progresso”, consoante Arrais e Boaventura (2019, p. 117). Isso pode ser feito seja pelo litoral, seja pelos outros que estão do outro lado do atlântico ou no norte da américa.

Afinal, todo esse processo não está relacionado ao acaso, e sim, justificando a ação, o uso de estratégias diversas que visem o aperfeiçoamento da cultura. Segundo Fernando de Azevedo (2010), é preciso olhar a cultura com olhar histórico, sociológico, gênio investigativo e sentido artístico. É esse olhar que permite perceber a importância do passado na definição do presente, bem como nas direções definidoras do futuro. A cultura brasileira em seus aspectos institucionais e formais, são como a bússola do sentido da vida. A explicação histórica dos fatores que promovem os fenômenos culturais e as diretrizes do presente.

Explicar a evolução social e política significava apontar na experiência temporal das permanências, mudanças e transformações. Estabelecendo a conexão entre esses aspectos, Fernando de Azevedo escreve sobre o peso temporal nas transmissões da cultura e explicita a sociedade centralizadora, não democrática que é o Brasil. Nesses meandros, é possível afirmar que *A cultura brasileira* resulta do “desejo profundo de fazer a inteligência servir” à cultura nacional, no “mais alto sentido do termo”. A análise de modo rigoroso sobre a “evolução social e histórica” da cultura brasileira e do Brasil de corpo inteiro, não é outra coisa senão a decifração do “enigma Brasil”. Dessa forma, como obra de “substância histórica e sociológica”, de “interpretação e crítica dos fatos”, apresenta elementos *informativos*, revela o senso objetivo e artístico do sociólogo enquanto historiador em seu estilo “maciço e severo”, mas claro, “expressivo e plástico”, revela a cultura brasileira aos brasileiros em proposições de combate, de luta por um país que seja menos injusto, conforme Pessoa (in JORNAL DO BRASIL, 22/12/1943).

Ainda de forma elogiosa, para Pedro Dantas, em artigo no Jornal do Brasil, em data de julho de 1972, com texto intitulado: “A cultura nacional diante do espelho”, afirma que o autor “*por todos os títulos*, era o homem talhado para executar a exata reflexão sobre a cultura brasileira. Olhava o passado para entender o presente e propunha uma ação que, a partir do presente alcançasse o progresso. Com isso, o autor elaborou uma teoria do Brasil, composta em teias de significação e explicações que abarquem a realidade múltipla e viva. Nessa perspectiva, Fernando de Azevedo entendia que a sua *A cultura brasileira* não pode deixar de explicar a “história da nossa formação cultural”, porque os interesses temporais, reclamavam “ao menos” um trabalho explicativo que consagrasse a realidade nacional em perspectivas orientadoras da ação e da existência.

Nas proposições de Pedro Dantas (julho/1972), o sociólogo dobrado de historiador, e “fino escritor de formação clássica” que escreve os livros: *Nos tempos de Petrônio*, *Nos jardins de Salústio*, *Pequena História da Literatura Latina*, não se limita ao “trabalho, que já seria formidável, de nos apresentar uma sucessão de fatos e sistemas, com suas correlações e conotações culturais”. Construiu *A cultura brasileira*, que além de apresentar uma visão do mundo brasileiro, equilibrou as interpretações desse universo cultural. Justificando a ação conciliatória, a obra seria uma ação explicativa que interpreta, “discute, analisa e compara, antecipando, mesmo, caminhos e problemas por vir”.

Fernando de Azevedo na sua teoria do Brasil, percebeu a “direção única” das “grandes ideias mestras, ideias de acaso ou de irracional, de ordem ou de razão” que é preciso ter consciência para ocupar lugar junto as culturas desenvolvidas e portadoras de progresso, conforme Dantas (in JORNAL DO BRASIL, julho/1972). Assim como Pedro Dantas, Maurício Melo Júnior (27/10/2015) aponta que Fernando de Azevedo destacou-se em todo esse processo de formação e desenvolvimento da cultura brasileira, a educação.

> Somos o que somos, pela educação que tivemos ou pela falta dela [...] é sobre a ótica educacional que o professor Fernando de Azevedo analisa todo nosso legado cultural [...] detalhista, percorre nossa formação como povo, a partir de nossa produção cultural mais erudita: música, literatura, arquitetura, ciências; tudo vai se congregando num único caldo e dando as reais dimensões do brasileiro, como homem de ação e

> pensamento (MELO JÚNIOR, IN INSTITUTO LEGISLATIVO BRASILEIRO, 27/10/2015).

O “determinismo educacional” de Fernando de Azevedo está presente em todo o seu pensamento, o qual já está posto em amplos e consolidados estudos[32], como pode ser lido em Nagle (1974), Ferreira (1994), Toledo (1995) e Brandão (1999). Contudo, focado na relação do autor com a história, entende-se que sua contribuição pode avançar da História da Educação, para um contexto mais amplo, mesmo sobre o crivo da crítica. Afinal, ao problematizar a congregação que reúne em um “único caldo” as “reais dimensões do brasileiro”, enquanto povo de “ação e pensamento”, tocamos em uma visão de história que buscou articular a história brasileira em termos inteligíveis (IDEM).

Desejoso de atuar sobre a “realidade e as formas concretas da realidade social” e cultural, indicava as condições pensáveis da sua interpretação ao justificar em cada início de texto sua ‘síntese’. Para Fernando de Azevedo, a realidade era inteligível não em aspectos imóveis, mas em processos temporais de “ordem lógica, psicológica e genética a um tempo”, sempre em processo de movimento. O autor não vê o passado imóvel, entende-o em movimento, ou pelo menos, o coloca em movimento para justificar sua ação. Em seu pensamento, a sociedade atual exigia um novo tempo, logo, uma nova cultura. Com isso, ele vai ao passado e volta ao presente, sem sair do presente, evidenciando as lutas e as batalhas pela educação e cultura condizentes com as necessidades atuais. É conhecendo o velho que o novo se torna algo urgente para que a sociedade padeça em seu presente e futuro, segundo Azevedo (1971, p. 225-272).

Analisar a cultura brasileira como elemento histórico e temporal era, para Fernando de Azevedo, descrever o “complexo de condições que estabeleciam o clima social e histórico”. Sendo esse “estudo” não “somente útil, mas

---

[32] Ver por exemplo: BRANDÃO, Zaia. *A intelligentsia educacional* – um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/ EDUSF, 1999. FERREIRA, Lenira W. *Fernando de Azevedo e os Momentos Constitutivos da História da Educação*. Campinas, 1994. (Tese de Doutorado). TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Fernando de Azevedo e A Cultura Brasileira:* ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. São Paulo: PUC/SP, 1995 (Dissertação de Mestrado em Educação). NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República.* São Paulo: EDUSP, 1974.

indispensável à compreensão dos fenômenos" culturais, possibilitava explicar e "situar a cultura nacional no seu quadro geográfico, social e histórico". Apanhando as "diferentes etapas de sua evolução", nas suas "origens e tendências", possibilitaria compreender como a sociedade se organizou e organiza na "continuidade" do tempo, assim como se dá a "continuidade no tempo", da sua "unidade, sua difusão e seus progressos" e atrasos, de acordo com Azevedo (1944, p. 8).

Por meio da dimensão histórica que Fernando de Azevedo busca trazer um retrato do Brasil aos brasileiros. É colocando a cultura brasileira "diante do espelho", que seu livro foi considerado como "uma das dez obras fundamentais" de "todos os tempos". O livro que "nunca" tinha sido pensado em ser escrito, mas que, ao ganhar corpo e existência, passa-se a chamar: *A cultura brasileira*[33]*,* conforme Xavier (1998). Um "monumento, não menos explicativo que consagrador", da cultura nacional, de acordo com Dantas (in JORNAL DO BRASIL, 29/07/1972), que integra o "*panteon*" das "grandes obras interpretativas do Brasil"[34], em consonância com Nascimento (2012). Um "clássico da ensaística brasileira", que a "história da nossa formação cultural reclamava", como se lê no Jornal do Brasil (1970-1979). É por meio dessas referências que nos deparamos com o retratista e "escultor", o gigante da cultura brasileira, o "Dr. Fernando de Azevedo" (02/04/1894 – 18/09/1974), como se referiam a ele, amigos, alunos, familiares e pessoas próximas.

[33] XAVIER, Libânea Nacif. *Retrato de corpo inteiro do Brasil:* a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. In: Revista da Faculdade de Educação. vol.24. nº 1. São Paulo: Scielo, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100005. Acesso em: 20/09/2018.

[34] NASCIMENTO, Alessandra Santos. *Fernando de Azevedo:* dilemas na institucionalização da sociologia no Brasil. São Paulo: UNESP, 2012 (Tese de Doutorado em Sociologia).

CAPÍTULO 2 O PROJETO DE ESCRITA E A SÍNTESE DA CULTURA BRASILEIRA EM FERNANDO DE AZEVEDO

Nessa parte do texto, o objetivo central é lidar com a concepção de história de Fernando de Azevedo. Evidenciar a autonomia do texto em relação ao Censo de 1940, em que enfatizo, a partir do autor e da historiografia, que o texto tinha autonomia em relação ao projeto a partir do qual ele foi encomendado, ou seja, ser a introdução dos dados censitários. Discuto abordagem sintética da cultura brasileira proposta pelo autor e estabeleço a relação entre o todo e as partes para evidenciar a relação à noção de Brasil e de cultura brasileira construída pelo sociólogo educador.

2.1 A concepção de História em Fernando de Azevedo

Ligar ideias a tempos, configura-se como uma marca indelével, um gesto típico do historiador, o qual, com suas regras próprias, interpreta as produções localizáveis no tempo e instaura um método capaz de realizar a investigação, produzindo resultados plausíveis, ou em outras palavras, resultados que permitam ser controláveis e verificáveis. É uma operação que se refere à “combinação de um lugar”, de uma prática e de uma escrita, que obedece às “leis silenciosas” do próprio campo de produção, atuação e formação. Ao tomar essa lição, conforme Certeau (2015), percebo que Fernando de Azevedo desenvolveu uma síntese histórico sobre a cultura brasileira, vinculada a seu tempo e espaço, configurando-se como uma resposta às angústias vigentes, o livro se propõe a tornar a vida e as coisas do mundo inteligíveis como um autoconhecimento e o conhecimento dos outros, outros tempos, outros espaços, outras sociedades, outras civilizações etc.

Nessa lógica, discutir o pensamento de um homem que era visto por seus pares como possuidor de um espírito raro não é uma tarefa simples. Detentor de uma produção definida como uma síntese da cultura brasileira, construída sobre bases do conhecimento em história, no que refere a assuntos brasileiros, serve para explicar o presente e projetar o futuro a partir da

descrição dos processos temporais do passado. Em outras palavras, o autor executa uma operação descritiva e explicativa que procura “nos fatos passados as causas do presente”, de acordo com Toledo (2000, p. 165-170), atribuindo sentido histórico às experiências passadas, e fornecendo sentido orientativo ao presente. Dessa forma, Fernando de Azevedo recorre ao conhecimento histórico, tanto justificando o entrelaçamento dos fenômenos, quanto dando objetividade ao processo histórico de origem e formação nacional ao seu tempo.

A partir de tais considerações, para poder compreender as propositivas apontadas, considero na fonte selecionada que a narrativa de Fernando de Azevedo torna-se um discurso, um instrumento que estrategicamente invertem sobre a realidade e têm por motivação, comunicar sua percepção de mundo, ao mesmo tempo que constrói uma visão sobre os homens e o tempo passado. Ao interpretar esses elementos, identifico uma concepção de história e um tipo de história que, ao articular a experiência temporal com sua percepção de cultura brasileira torna-se uma forma de intervir sobre a realidade.

Dito de outro modo, tendo por objetivo comunicar e, “ao mesmo tempo, construir uma interpretação sobre o mundo”, demarcou determinados aspectos do passado, articulando os “mais variados modos de expressão de experiência temporal” como desejo, ação, dever moral, ato ético, experiências da continuidade e/ou permanência, descontinuidade e outros, num conjunto de representações que servem de pressupostos, de vocabulários, de figuras difundidas e definidas, que possivelmente legaram ao presente ações, pensamentos e formas de vida, que não podem se perder com o tempo, como dito por Arrais (2019, p. 15). Com essas palavras, *A cultura brasileira* será abordada aqui como um discurso sobre o mundo, carregando a visão de mundo do autor.

Na defesa que a opção pode ser observável na narração do autor, isso devido trabalhar a concepção de história que orienta sua escrita, tomando os diferentes estágios de desenvolvimento da cultura brasileira como expressões da continuidade, descontinuidade e permanência. Afinal, estuda “os fatores culturais: [a partir da descrição dos fatores:] físicos, raciais, técnicos e econômicos, sociais e históricos”, e ainda outros, buscando evidenciar as “suas formas e seu rumos”, a persistência ou “a evolução da sociedade” atual em

relação à passada, de acordo com Azevedo (2010, p. 5-7). Comparando tempos diferentes, preenchem o vazio dos fatos e entrelaçam o passado ao presente. Nessa articulação, Fernando de Azevedo se movimenta controlando as informações com sua erudição e operando o conhecimento histórico para ter uma legitimação, para auxiliar e sustentar o movimento ou mesmo a nova fase do seu tempo atual.

Sem sacralizar as informações coletadas, já que esta seria uma atitude ingênua do positivismo, o autor se afasta desta posição e entende que o passado traz informações e aspectos reluzentes da cultura de uma época, mas sobretudo, da época que se vive, de acordo com Martins (1977-78, p. 246-348). Percebendo que Fernando de Azevedo ao mesmo tempo que buscou uma visão, construiu uma forma de representação que articula a percepção com sua vontade de saber e conhecer, dá a sua escrita uma função instituidora de organizar o tempo. Em outras palavras, o discurso produzido na obra dá os contornos precisos do que ele vê, mas sobretudo, dá a forma como ele quer que a vejamos.

Em minha interpretação, isso é uma forma que transparece o lugar e a sua condição de análise da sociedade. Sendo esses aspectos reveladores das escolhas e proposições, ou dito de outra forma, das intenções, nos permite saber “o que [um]a história diz de uma sociedade”, ou mesmo, o que um autor diz sobre uma história de uma sociedade. Compreender como essas intenções são estruturadas e funcionam dentro da sociedade é possível quando se localiza o resultado (a representação), o autor (produtor) e as formas de resultado (a escrita) na “rede cujos elementos dependem estritamente uns dos outros, e cuja dinâmica forma” a própria história do dado momento, nesse caso, da história que Fernando de Azevedo construiu para explicar a cultura brasileira, em consonância com Certeau (2015, p. 57-63).

Com isso, buscando entender as escolhas e a perspectiva histórica dadas as suas explicações, entendo que é preciso mais uma vez recorrer a trajetória pessoal e intelectual do autor. Ela nos traz pistas reveladoras dos modos constituídos, das afirmações, dos padrões de autocompreensão, do sentido atribuído ao tempo. É preciso levar em consideração que as obras e as escolhas políticas e profissionais, não podem ser reduzidas a interversões familiares. É certo que essa relação é muito mais complexa e, seguramente,

pode contribuir para a compreensão da formação e estruturação do pensamento, bem como o modo pelo qual o autor atua no mundo e com o mundo (ROIZ, 2013, p. 14).

Nesses aspectos, toda a erudição e estratégias usadas por Fernando de Azevedo não são frutos do aleatório, o autor nasceu em 02 de abril de 1894 no município de São Gonçalo do Sapucaí-MG, e faleceu em São Paulo, capital, em 18 setembro de 1974. Em seus estudos, formação intelectual e trajetória profissional há informações de que sua trajetória educacional foi bastante profícua.

> Cursou o ginasial no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo [Rio de Janeiro]. [Em São Paulo], durante cinco anos fez cursos especiais de letras clássicas, língua e literatura grega e latina, de poética [eloquência] e retórica [em escola sob a direção dos padres da Companha de Jesus]; e, em seguida, cursou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo. Foi, aos 22 anos, foi professor substituto de latim e psicologia no Ginásio do Estado em Belo Horizonte; de latim e literatura na Escola Normal de São Paulo; de sociologia educacional no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo; catedrático do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Professor emérito da referida faculdade da USP[35].

Seguramente um autor de formação sólida, que tinha “sensibilidade ao encanto que se aspira de idades antigas [...] interesse pelo presente, atração pela ciência e pela técnica e o desejo de contribuir, em amplas reformas” na cultura e educação, consoante Azevedo (1963. p. 21). Como as reações são sempre “favoráveis ou contrárias”, se preocupava com sua imagem no futuro. Se mostrando responsável com a história, ou pelo menos com os homens de seu tempo, buscou garantir que suas interpretações não sofressem falsas ou equivocadas. Sua participação no conjunto das ações em prol da educação, cultura e ciência, tinha o intuído de encontrar e integrar a verdade dos tempos as suas intenções e motivações.

Com preocupação temporal e de olho na unidade entre passado, presente e futuro, sintetiza o processo histórico e o pensa de modo relacional.

---

[35] Sobre a biografia ver: Academia Brasileira de Letras. Fernando de Azevedo – Biografia. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D181/biografia. Acesso em: 01/05/2016.

As obras, como veremos em outras passagens do texto, articulam o passado e o presente em forma de percepção do que muda, mas, com atenção voltada para o que permanece, no caso, a natureza humana. Seria mais ou menos na lógica de que, ao se conhecer, em suas potencialidades e fragilidades, seria possível conhecer os outros em similar medida, assim como encontrar nosso lugar no mundo. Assim, são com essas preocupações que Fernando de Azevedo age de modo técnico, teórico e existencial. No limiar de sua própria história, no livro “História da Minha Vida”, aponta que quem escreve sobre si, descreve a sociedade em que está inserido.

> Neste caso não é sobretudo a si mesmo que se retrata, mas a sociedade em que viveu, o que era ela e as transformações por que passava, sem o perceber claramente, ou que já lhe fazia estremecer os alicerces. Uma sociedade em mudança, apanhada ao vivo, em suas inciativas e reações mais ou menos violentas. E mais do que isso, [...] são também as vidas que se entrelaçam ou se chocam com as do evocador de sua própria vida, que foi a um tempo, homem de pensamento e de ação (AZEVEDO, 1971, p. XII).

Conforme a citação, quando um homem escreve sobre si, há duas situações: uma em que aponta o “painel da sociedade em que lutou, como uma galeria de retratos, em que figuram companheiros fiéis, colaboradores resolutos, e adversários obstinados”. A outra, mostra o estado de insatisfação, as ideias e decisões, o prisma pelo qual encarava “a sociedade de seu tempo”. O autor não menciona, mas, ao falar de si, além de se autoafirmar, valorizar sua visão do mundo e suas batalhas, determina as características que devem ser valorizadas quando alguém direciona o olhar a ele. Não há dúvida que ele seja um homem de pensamento e ação, fator que caracteriza a sua existência.

Entretanto, quando propõe que a reconstrução de um tempo, possa fornecer “análise e interpretação da vida social, econômica e política” desse tempo, que, quando se fala da história da sua vida, a ação reconstrutora não deixa sobressair o homem que ideou projetos de mudança com relação à “[...] sociedade com suas transformações”. O painel e a galeria de retratos evocados remetem ao educador e pioneiro da educação nova no Brasil, de acordo com Azevedo (1971, p, XIII). Levando tal fator em consideração, mas não se ocupando dele, por conta do nosso recorte (a concepção de história), percebe-se que a produção de Fernando de Azevedo é repleta de nuances e

direcionamentos em que a representação de si e de sua interpretação é dada, construída pelo próprio intelectual para a leitura do tempo e espaço que se propõe a aventurar.

Um dos estudiosos do tema, o professor Nelson Pillete (1994), encontra-se a afirmativa de que Fernando de Azevedo foi um pensador e “homem extremamente organizado e meticuloso”. Obcecado pelo trabalho e de pensamento, que “nada do que é humano era estranho”. Que trabalhou em prol da cultura brasileira como um projeto científico e existencial. Ao investigar sobre a sociedade, obedeceu ao rigor científico e não deixou de dar o seu testemunho sobre o tempo. Ao voltar o meu olhar para *A cultura brasileira*, bem como tomamos como fonte, percebo uma intenção de vencer o tempo pela história, ao fazer existir o seu pensamento pela ação que, registrada em obras e projetos culturais e educacionais, sempre esteve atendo a experiência temporal dos homens do passado e do presente. Mas, ao denunciar problemas, propor soluções, revelar a sociedade, assumia para si a condição e o gosto pela responsabilidade intelectual.

Sentindo-se responsável pela sociedade e pelo destino dela, Azevedo propõe superar as dificuldades históricas enfrentando-as. Posso dizer de forma segura, que Fernando de Azevedo “sentia-se responsável frente à história, não apenas frente àqueles que escreviam sobre a história, mas também frente à história enquanto sucessão contínua de atos encadeados em direção ao futuro”. O que se pressupõe é que sua “concepção de história como unidade abstrata que se prolonga em direção ao futuro, onde se torna pensável e realizável, como procedimento teleológico”, conduzia seu pensamento. Entendendo que as transformações não se dariam de modo passivo, era preciso pensar e agir para que as mudanças se concretizassem. Construir um livro que reconstruía a vida dos homens do passado, seria o primeiro passo para que, em seguida, no segundo, propusesse que os homens do presente concretizassem as mudanças e transformações, como está em Koselleck (1992, p. 142). Conduzindo a história, demonstra o que, ou quem influenciou nos rumos do tempo, bem como o que, ou quem pode influenciar na superação dos problemas.

Garantir a percepção do passado no presente e do entrelaçamento dos fenômenos, era a forma de traduzir o tempo e, concomitantemente, assumir-se

responsável intelectualmente pela ação. É entendível que a ação intelectual se fazia ação concreta, pois, promovendo reflexões e práticas, serviriam de função orientadora. Ao escrever sobre si, o autor dá a ideia de concretizar a experiência temporal não só do seu próprio eu, mas de uma sociedade, nesse caso, a brasileira. Embora não podendo ser responsável frente a uma "unidade abstrata como a história", mas o sendo em detrimento aos homens do seu tempo, Fernando de Azevedo, nas lutas e batalhas "travadas para modificar tão profundamente quanto possível estruturas e mentalidades arcaicas", se destaca por sua personalidade e ideias, de acordo com Koselleck (1992, p. 142-143). Suas ideias e "concepções de vida e em seus processos de ação", como ele próprio afirma, resultavam em intervenções fruto de sua trajetória.

> O que foi minha infância; como se passou minha adolescência, as crises que sofri; minha formação, a fase religiosa, a volta à liberdade e outro tipo de vida, minhas lutas e experiências na procura de um caminho, tudo isso poderia lançar luz sobre o homem em que me transformei: tão claro e firme em minha concepção de vida e tão resoluto em pô-la em prática, através de situações as mais difíceis e perigosas (AZEVEDO, 1971, p. XIV).

Remontando a percepção de vida e o modo de ver do mundo, sempre esteve envolvido naquilo que, por mais perigoso que fosse, exigisse sua ação e concepção. O intelectual não se separava do homem que sofria processos de mudança e transformação. É um fator indicador de uma experiência, de uma interpretação particular que comporta percepções históricas e concretas, de si e do mundo. Se pensado em um certo nível de teorização, reflete o contingencial de um homem que, gerando associações, explica situações e designa ações. Se para atuar sobre a realidade é preciso dar forma ao fato linguístico, uma síntese sobre a cultura brasileira, concretizando a trajetória e o pensamento de um homem de ação, pensamento e responsabilidade intelectual para com sua vida e história.

Com base em Reinhart Koselleck (1992, p. 136), quero dizer que descrever e explicar a experiência histórica cultural de um homem, significa emaranhar as perguntas e respostas, textos e contextos às necessidades subjetivas e objetivas dos homens carentes de conhecimentos, sobre si e os outros. Logo, interpretar a cultura brasileira como uma totalidade seria, para Fernando de Azevedo, sinalizar e articular um conhecimento que fosse útil a

uma realidade social, mas também subjetiva do indivíduo. Ao escrever sua obra, tornava compreensível o tempo e os homens no tempo. Satisfeitos com conhecimento histórico e as perspectivas da experiência passada no presente e as novas demandas que a estrutura social exigia. Como a vontade e necessidade de autoconhecimento exigia-se instrumentos que fossem capazes de atuação. A partir da obra em questão, percebo que o longo caminho percorrido da formação, desenvolvimento e evolução da cultura brasileira, ganha corpo e organização numa escrita de percepção e não de constatação. A concepção de vida e os processos de formação, traduzem a experiência como resultante de processos de formação, transformações e desenvolvimento.

Lançar luz sobre a ação a realizar, era uma forma de comportamento e atuação de quem designa os processos históricos como auxiliador do pensamento e efetivação da existência. Como um fator constante no objeto, em Fernando de Azevedo, é percebida a tensa relação temporal do entender e se fazer entendido. Compreendendo que a vivência dos homens no tempo, tem um mínimo de sentido, buscou um fator comum entre a zona interna e externa de interpretação. Ou seja, ao pretender “reconstruir social e politicamente o Brasil, tomando a educação e a cultura como elementos catalizadores da mudança”, alicerça sua interpretação na experiência passada, conforme Vidal (2020, p. 64), mas, sobretudo, pessoal. O autor dá mais importância a si, do que ao processo histórico e a própria definição de cultura brasileira.

Nesse sentido, para desvelar a cultura brasileira frente as proposições consolidadas do início do século XX, propôs que seu projeto de cultura seria condizente com o movimento histórico da sociedade. Em uma fase industrial e urbana que se inaugurava nesse contexto, tinha-se a ideia de que era preciso exorcizar o passado, pois esse era associado ao “poder oligárquico, à fraude, à imoralidade, à força, à tirania, ao atraso e à mentalidade bacharelesca”. O novo contexto exigia uma mudança de tom, isso no sentido de uma “inflexão para a mentalidade moderna”, para o “saber científico, [e para] o progresso”, como se lê em Vidal (2020, p. 64). É na relação ou mesmo no choque entre o interior e o exterior é que percebemos a preocupação maior com a sociedade do que com o indivíduo, sobretudo ao indivíduo histórico.

Fernando de Azevedo direciona o seu pensamento para “contar com simplicidade e com a verdade possível”, uma história baseada na experiência e no conhecimento sobre o passado. Para Azevedo (1971, p. XIV), “é todo um mundo que emerge dos acontecimentos em que tomamos parte e que flutuam ao sabor das circunstâncias, devendo o intelectual agir ordenando e dando sentido à vida e às coisas do mundo”. Ao registrar essas passagens, quero caracterizar as estratégias, a forma como o conhecimento histórico está na base de suas análises e formas de ler o mundo. Logo, entendo que Fernando de Azevedo, ao realizar a reconstrução histórica, percebia na sucessão contínua do tempo, a existência de fatores que são marcantes, outros, se apagam mais depressa, mas que ambos devem ser levados em conta no processo de reordenação e intepretação do passado e do presente.

Para Fernando de Azevedo, por mais que fosse audaciosa a tentativa de reduzir o Brasil a uma síntese, construir um “quadro das origens e da evolução” da “estrutura social”, configurava-se como uma forma que permitia reunir e dispor elementos numa larga visão de conjunto. Considerando os fatores físicos, demográficos, econômicos e urbanos como constituidores do processo de estruturação e evolução social, entende-se que eles possuem “as grandes linhas desta síntese”. Um estudo “tão útil se não necessário ao estudo de nossa evolução cultural” é aquele que destaca com nitidez, dentro dos “acontecimentos históricos fatos gerais e dominantes” (AZEVEDO, 2010, p. 173).

Como exemplo dessas proposições, o autor destaca que é devido “a imensidade do território, as distâncias que o separavam de Portugal, e o estágio elementar de cultura dos habitantes primitivos – selvagens bravios que erravam pelas florestas” ou se “dispersavam pela infinidade de tabas e malocas”, que a Metrópole irá encontrar “obstáculos quase insuperáveis ao estabelecimento” e fundação de seus domínios. Para responder ao desafio, a colonização, na visão de Fernando de Azevedo (2010, p. 174-176), teve que “tomar novas formas e seguir novos rumos”. A adoção do sistema de capitanias hereditárias marcou a fixação do homem à terra que, em última análise, não apenas demarca a “distribuição e posse da terra, como um meio de fixar o homem e suscitar” o sentimento de defesa. Como essa medida não foi suficiente para a defesa contra os agressores internos e externos (índios e

estrangeiros), não tardou a fixação de um governo-geral. Esse, ainda de acordo com Azevedo (IDEM), tinha em vista “a formação de um centro de unidade e, em consequência, a melhor defesa da terra”.

Com essa passagem, Fernando de Azevedo construiu uma justificativa para afirmar que “a luta que devia atravessar séculos, até os tempos modernos, entre tendências particularistas” e tendências “unitárias, ou de centralização e descentralização”, se sucederam no correr do tempo constituindo um erário histórico que, dentre outros elementos, “determinaram outros fatores subservientes [como] o espírito de dominação”. A dominação persistiu em “nossa evolução social e política, nos três primeiros séculos”, constituindo a base para uma sociedade hierarquizada e submissa a um poder, segundo Azevedo (2010, p. 175-176).

Com isso, defendeu que a partir do tempo presente, todo um mundo se emerge ao sabor das circunstâncias passadas. Para Fernando de Azevedo (1971), era como se todo um conjunto de forças culturais, arrastassem todos a uma grande ideia mestre. Assim, sua síntese sobre a cultura brasileira, deveria servir de motor para o desenvolvimento do espírito nacional, pois, revelava o “Brasil aos brasileiros” tal qual um fator orientativo. Nesse movimento, se habilitava a desvelar essa ‘grande ideia’ que arrastou’ a todos. Para ele, afinal, avaliar o presente, reescrever o passado e perspectivar o futuro, partia do princípio de perseguir essa força que arrastava os pensamentos, as representações e as práticas, sejam no âmbito histórico, social, educacional ou cultural. Com essa compreensão, o autor entende ser necessário uma ação que promova a fortalecimento da cultura.

Como Fernando de Azevedo entendia que os estudos analíticos que se restringem a pontos “particulares, geográficos, históricos, econômicos, sociais e culturais e cujo interesse nunca será demais encarecer, têm, porém, o inconveniente de não apresentarem em feixe um conjunto apreciável de conclusões e ideias gerais”. Entende que a história, enquanto conhecimento, fornece erudição e os mais preciosos materiais, “mas, às vezes, ostenta, para se distinguir, um grande luxo de citações e pormenores sem alcance real e sem a menor significação”. Sem ter conclusão, “os fatos fornecidos por ela [a história], não adquirem o seu valor senão quando trabalhado pelo sociólogo ou historiador social, que os aproxima de outros, análogos, e mostra sua conexão

com as causas que os determinaram", como está posto em Azevedo (1958, p. 25 e 2010, p. 173).

É difícil tomar essa proposta em sua literalidade. Para um autor que se propõe a acompanhar, "sob todos os seus aspectos, a evolução do povo e a [sua] formação [...] em mais de quatrocentos anos de sua história". O que ele faz do ponto de vista histórico, é assinalar "as características, tendências e impulsos, que já apareceram desde a sua origem" até a atualidade, ligando a cultura brasileira a uma "unidade fundamental de formação do povo". Para o pensador, seria a cultura ocidental, representada pelo cristianismo e a cultura europeia representada pelos portugueses. Entendo que não despreza o indígena e o negro, mas, destaca esses aspectos, sugerindo que há uma base comum, um fator essencial que une um a todos: o passado colonial. Origem e originalidade nacional que dá base para formação, desenvolvimento e evolução nacional, de acordo com Azevedo (2010, p. 17).

A meu ver, o seu modelo explicativo transita entre um esclarecimento sobre o meio físico, a geografia e os elementos climatérios como dificultadores da penetração do homem e da civilização. A migração interna, as bandeiras e a mestiçagem como fatores de densidade humana, seleção e peneiramento dos indivíduos que irão compor o ser brasileiro, consoante Azevedo (2010, p. 47-87). Para ele, há "uma visão que reunia a interpretação sociológica à explicação psicológica dos fatos sociais" em um diálogo assentado entre a "separação e distinção entre o velho e o novo". Com a consciência da necessidade de uma ruptura, aparece a percepção "das demandas do tempo e da história" que, em sua visão, necessitam de soluções. Entender o passado tinha o significado de rompimento, superação dos males de origem em desejo de mudança. Talvez esse fator o colocasse próximo a um consenso temporal que girava sobre a ideia de mudança na história brasileira, segundo Monacha (2009, p. 67-68).

Porém, a forma como Fernando de Azevedo organiza o movimento da sociedade e as ideias que circulam nela, tendem mais a determinar, ou pelo menos, afirmar os regimes e manifestações que constituem as funções imbricadas, as permanências e continuidade, sem diferenciar, ou mesmo definir que "nenhuma é a realidade ou a causa das outras". Por mais que os sistemas socioeconômico, cultural e político e os "sistemas de simbolização se

combinem” não se identificam nem se hierarquizam. Nessa perspectiva, a mudança social é a constante dos estudos históricos. Desse “ponto de vista, comparável a uma modificação biológica do corpo humano, constitui, como ela, uma linguagem” que necessita de decifração. Como iremos discutir ao longo do texto, seu corte interpretativo não dá conta do processo temporal, ajusta-se ou busca se ajustar a uma visão de mundo. Em outras palavras, “se ajusta a uma ordem social” onde os enunciados refletem o desejo individual. A história, enquanto processo temporal, é silenciada e a história, enquanto conhecimento, é conduzida pela mão, como está posto em Certeau (2015, p. 53).

Decidido a promover soluções apaziguadoras, não nega drasticamente o passado histórico-cultural, também não oferece uma saída clara que perceba a mudança do tempo nos padrões culturais do ponto de vista histórico. Fernando de Azevedo recupera o passado em bases explicativas e descritivas, entende-o constituindo o tempo presente. Dessa forma, acaba por afirmar os padrões culturais em sentido de permanência das formas de vida originária no próprio tempo. Por mais que queira lançar luz sobre o homem e os momentos que mais trazem as marcas de sua formação histórica e cultural, a sucessão dos fatos encadeia-se em direção a-histórica. A narrativa histórica tem a “função geral de orientar a vida prática no tempo, mobilizando a memória da experiência temporal, por meio do desenvolvimento de um conceito de continuidade e pela estabilidade da identidade. Esta função geral tem no autor em questão, a sua realização preenchida pela via da afirmação das “origens constituintes dos sistemas de vida do presente” pelo passado (RÜSEN, 2010, p. 98 e 99).

Para Wilson Martins[36], existe unidade entre as obras e “ela se manifesta justamente pelo título” e a forma como o autor opera os livros. O típico do pensamento azevediano, manifesta-se na preocupação com a formação e transformação da cultura dos homens no plano nacional e da cultura ocidental. A parte e o todo articulam-se para que tenha consciência dos fatos históricos, sociais e culturais, os quais, quando expostos em obras, tomando o

[36] MARTINS, Wilson. *Fernando de Azevedo e sua obra*. In: AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

pensamento de Fernando de Azevedo, sevem de tradução da experiência passada em movimentos para o presente e futuro.

Essa preocupação, que, embora assentada em uma ordem histórica com vistas a satisfazer a interpretação ou a ação intelectual, moveu-o em diversas batalhas em prol da educação, das Ciências, das Ciências Sociais e da cultura brasileira. A sua vida e a sua produção foram alimentadas pelo ideal de lutas pela transformação da mentalidade nacional. Embora com foco específico, nas obras de Fernando de Azevedo, a cultura aparece como uma "corrente generosa" que, circulando em toda a sua produção, identifica umas com as outras, mesmo e sobretudo, quando os seus temas nos parecem pouco aparentados entre si. Com isso, é possível compreender que o autor, ao fazer a reconstrução do passado, apropria-se do tempo para projetar-se sobre as experiências passadas, suas impressões, para daí desenvolver explicações da experiência presente e expectativas futuras.

Fernando de Azevedo está em um momento de tensão. Num contexto de eventos como Primeira e Segunda Guerra Mundial, o processo de urbanização e industrialização, a Revolução de 1930 no Brasil. Esses eventos que trazem à tona temas e temáticas da "ruptura entre o velho e novo", deixam os indivíduos ansiosos por experiências orientadoras. Como o autor é um intelectual que está situado entre manutenção das tradições e dos costumes e o desenvolvimento da técnica e a ciência compreendiam que a cultura brasileira trazia a chave para algumas das inquietações, afinal, ela define o que somos e porque somos. Visualizando tal fator, pensa a evolução e o progresso como destino consumado das nações que superam o seu atraso histórico com profundas mudanças histórico-culturais. Esse é um momento de retomada das marcas da nossa formação cultural na fronteira entre passado e futuro[37].

[37] Esse tipo de concepção aparece 'relativamente' em diversos intelectuais. A Primeira e Segunda Guerra Mundial, "inaugurava novos tempos para o Brasil e o mundo". Os esforços interpretativos em solo nacional, possuíam "a dimensão e a intenção de ser um diagnóstico sobre as causas do atraso do Brasil". Dando ênfase às "explicações sobre as razões de nossos "males" sociais, políticos e culturais", os pensadores voltam seus olhares para as origens de nossa formação, nos primeiros séculos de colonização. Construir um modelo explicativo que analisava o "passado histórico mais remoto do país" e compreendia a impossibilidade da emergência, seria uma forma de oferecer uma saída. Em outras palavras, pensar "a nação brasileira, diagnosticando as causas de seus males, isto é, de seu atraso", poderia servir de suporte para construir formas de resolução dos problemas (GOMES, 2009, p. 149-152). Para maiores informações sobre o dilema do progresso, leia-se BOTELHO, André; SCHWARCZ,

Por mais que uma mudança social produza situações que “ao mesmo tempo [mude] o modo de trabalho e o tipo de discurso”, inicialmente há um “fato que se detecta por toda parte, mesmo onde é silenciado”. O discurso histórico tem correspondências ocultas que “se reconhecem em coisas que começam a se mexer ou a se imobilizar juntas”, mesmo em setores “inicialmente tidos como estranhos”. Levar em consideração o lugar não é ainda explicar o tipo ou a concepção de história que se produz por indivíduos em certos tempos e espaços. Entretanto, “é a condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser dita sem ser nem” edificante, nem “atópica (sem pertinência)”, segundo Certeau (2015, p. 59-64).

A partir dessas proposições, percebo que a síntese sociológica de Fernando de Azevedo, recorre a história para oferecer uma resposta aos interesses e carências de orientação temporal. Ao procurar solucionar o enigma de Brasil, por via da sua ação intelectual, produziu a “*Cultura Brasileira*”. Em sua concepção, essa poderia representar, como uma síntese “teórico-interpretativa entrecortada por parâmetros de cientificidade sobre a formação nacional”, um reflexo fiel do espírito nacional, em concordância com Detoni (2013, p. 24). Por querer fazer o país ser conhecido pelos brasileiros, investigou o passado para entender os pontos positivos e negativos da cultura brasileira, queria explicar que a formação e evolução brasileiras poderiam ser a chave de compreensão do nosso desenvolvimento histórico e estado atual.

Contudo, como um produto saído da fábrica, “o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma “realidade passada”, para Certeau (2015, p. 57), é “o produto de um lugar”. Fernando de Azevedo embora tentando ser consciente dos problemas sociais e históricos, não evidencia o processo histórico em suas particularidades. Sua narrativa constituinte da origem ao estado atual, em uma síntese de mais de 400 anos de história, estabiliza a identidade pela afirmação da ordenação de certos padrões culturais que servem de autocompreensão. Um exemplo disso

---

Lilia Moritz (Org). *Um enigma chamado Brasil:* 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. AGUIAR, Ronaldo Conde. *Fernando de Azevedo*. In: *Pequena bibliografia crítica do pensamento social brasileiro.* Brasília: Paralelo 15 / São Paulo: Marco Zero, 2000. GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. LAVALLE, Adrián Gurza. *Vida pública e identidade nacional:* leituras brasileiras. São Paulo: Globo, 2004.

pode ser localizado, quando explica a situação do senhor de engenho na sua condição de fidalgo, soberano e de autoridade patriarcal.

Para Azevedo (2010, p. 185-189), “as relações entre senhores de engenho e escravos” favorece o espírito de obediência, conformidade e submissão social que colore a vida brasileira. Esse tipo de mentalidade dominante, autoritária, de senhor de todos os seus domínios é localizada no passado, no senhor da casa grande, no ‘senhor de engenho, e, mais tarde,’ nos fazendeiros e donos de usinas. É como um sinal de classe, de distinção que diferencia brancos e negros, brancos e índios, ricos e pobres, trabalhadores e empregadores. O tempo ganha sentido de permanente, mas não revela os processos de mudança e transformação dos fatores determinantes dos diferentes sistemas de vida ao longo do processo de formação e desenvolvimento da sociedade brasileira.

2.2 A autonomia do texto

A obra de Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira*, “tem uma história singular”. Nasce de uma “espécie de troca entre o autor e Getúlio Vargas”. Ao ser nomeado presidente da Comissão Censitária Nacional, tinha a incumbência de “organizar, preparar e fazer executar a operação censitária de mais larga envergadura que já se tentara” no país. Como o “Dr. Fernando” declinou do cargo, “se comprometeu a escrever a introdução ao recenseamento”, de onde surgiria o “princípio do livro”.

> O primeiro *volume* [do livro:] A Cultura Brasileira, foi concebido e escrito por Fernando como uma introdução ao Recenseamento de 1940, numa espécie de troca por ter declinado do convite para presidir a Comissão Censitária Nacional. O autor dividiu o livro em *três partes* – Os Fatores da Cultura, A Cultura e A Transmissão da Cultura –, nas quais pretendeu traçar, ainda que em esboço, um retrato de corpo inteiro do Brasil, *uma síntese ou um quadro de conjunto de nossa cultura* e civilização, conforme declara no prefácio. Objetivou unificar os conhecimentos dispersos nos trabalhos de detalhe, abandonar o que é secundário e acessório para fixar o essencial e indicar as grandes linhas do desenvolvimento,

> interessado [que estava,] na interpretação do Brasil[38] [*grifo nosso*].

Para nossa surpresa, defrontamo-nos com uma obra que, embora tenha sua origem ligada ao Censo de 1940, exerça autonomia em relação a ele, de acordo com Toledo (1995). De introdução, a coleta censitária, passa a integrar um dos clássicos sobre a história da cultura brasileira, em que a história, enquanto conhecimento, ganha sentido e força explicativa sobre os fatos do passado. Mas, o autor faz uma nota a respeito dos "[...] dados utilizados [...]" na escrita da obra.

> Nota-se que apesar da obra ser a Introdução do estudo censitário não há a menor preocupação do Autor em utilizar os dados produzidos pelo Censo[39]. A obra não explica os processos pelos quais os dados censitários foram produzidos e nem tão pouco se debruça sobre as evidências que deles poderiam resultar. As linhas gerais do projeto do Censo acabam por dimensionar apenas o tipo de obra que deveria ser a sua Introdução, para além disso, a obra ganha total autonomia. A utilização dos resultados do Censo não se diferencia do modo como Azevedo utiliza as monografias especializadas ou as obras de detalhes. Os vínculos com o Censo vão cada vez mais se atenuando conforme a obra ganha autonomia e se distancia dele no tempo. Os dados do Censo de 1940 são substituídos na segunda versão (1958) pelos dados do Censo de 1950, sem o menor prejuízo à lógica [e estrutura textual] do trabalho (TOLEDO, 1995, p. 102-103).

A obra segue apenas as linhas gerais do projeto do Censo. Essas dão a dimensão do "tipo de obra que deveria ser a Introdução". Em outras palavras, a publicação deveria seguir o esquema geral do Censo, constituindo-se em "Séries" de informações, divididas em "Volumes" ou "Partes", ou mesmo "Tomos", subdivididos[40] com suas especificidades.

---

[38] Edusp-Editora da Universidade de São Paulo. *A Cultura Brasileira de Fernando de Azevedo* (Coleção Os Fundadores da USP). Disponível em: https://www.edusp.com.br/detlivro.asp?id=411915. Acesso em: 24/12/2018.

[39] Segundo a autora, "os dados estavam sendo produzidos no mesmo período que a obra dificultando, portanto, a utilização imediata dos números. No entanto, não há qualquer referência, na correspondência consultada, a essa dificuldade por parte de [Fernando de] Azevedo". TOLEDO, Maria Rita de Almeida*. Fernando de Azevedo e A Cultura Brasileira*: ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. São Paulo: PUC/SP, 1995, p. 102. Nota de Rodapé nº 130. (Dissertação de Mestrado em Educação).

[40] Brasil – Censo Demográfico. In: Recenseamento Geral do Brasil: 01 de setembro de 1940. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 1950. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p13_t2_mg.pdf. Acesso em: dezembro de 2018.

> Segundo o Decreto-lei nº 2141, a operação censitária de 1940 compreenderia os seguintes censos distintos: a) Censo Demográfico; b) Censo Agrícola; c) Censo Industrial; d) Censo Comercial; e) Censo dos Transportes e Comunicações; f) Censo dos Serviços; g) Censo Social [e conforme o documento, na página [06], Inquéritos complementares com o "clima", "economia e cultura", "custo de vida" etc.] (Brasil – Censo Demográfico, 1950, p. [I-XIV]).

Sem dúvida, ao dirigir o olhar para a obra, nota-se que as partes compostas por seus capítulos, atestam a preocupação do autor com o "esquema geral" do Censo, como se pode ver na citação subsequente.

> **Sumário**, [Esquema geral], **Prefácio** [Apresentação do texto com a história do livro, intenções, justificações e modo como a obra deve ser lida]; **Introdução** [quadros gerais e: **Primeira Parte**: Os fatores da Cultura, [com cinco capítulos sendo: Capítulo I. O País e a Raça; Capítulo II. O Trabalho Humano; Capítulo III. As Formações Urbanas; Capítulo IV. A Evolução Social e Política e Capítulo V. Psicologia do Povo Brasileiro. [Já na] **Parte Segunda**: A Cultura, [seguindo o mesmo ordenamento:] Capítulo I. Instituições e Crenças Religiosas; Capítulo II. A Vida Intelectual – As Profissões Liberais; Capítulo III. A Vida Literária; Capítulo IV. A Cultura Científica; Capítulo V. A Cultura Artística. [Na última, intitulada:] **Parte Terceira**: A Transmissão da Cultura, [os capítulos estão distribuídos nos seguintes títulos]: Capítulo I. O Sentido da Educação Colonial; Capítulo II. As Origens das Instituições Escolares; Capítulo III. A Descentralização e a Dualidade de Sistemas; Capítulo IV. A Renovação e Unificação dos Sistema Educativo; [E por fim] Capítulo V. O Ensino Geral e os Ensinos Especiais (AZEVEDO, 2010, p. 05-12).

Acompanhando as proposições em tela, *A cultura Brasileira* fora publicada antes do término da pesquisa censitária. O texto "teve sua divulgação antecipada", em relação ao resultado do Censo de 1940 (Brasil – Censo Demográfico, 1950, p. [XVI]). Logo, os dados do censo foram acessórios, tiveram papel irrelevante no contexto da produção da obra. É perceptível que o texto tinha autonomia em relação ao projeto para qual ele foi encomendado, ou seja, o Censo foi utilizado para a publicação que o prescindia. A evidência é encontrada quando há a substituição dos dados de 1940 pelos de 1950 sem nenhum prejuízo aos elementos essenciais da obra. O autor não estava preocupado em se debruçar sobre os dados do Censo, interessava. Interessava-lhe colocar a sua aventura intelectual sobre os assuntos brasileiros em destaque, sugerindo uma possibilidade de leitura do passado a partir de uma visão sociológica.

Buscando desvendar a essência da cultura brasileira, encarando-a como fenômeno social, sintetiza a história nacional para explicar as experiências temporais que teriam influência na formação e no desenvolvimento do país. Conclusão semelhante foi realizada por Toledo (2000, p. 169) ao comparar as sucessivas edições da obra: 1943, 1944, 1958, 1964, 1971 e final da década de 1990.

> As duas primeiras edições não contêm qualquer modificação no corpo do texto. A segunda edição foi feita para que a obra fosse vendida, dado que a primeira teve uma circulação restrita por ser Introdução do Censo; a terceira edição foi revista e ampliada [...] as outras edições tiveram apenas reformulações na paginação, não sofrendo acréscimos ou supressões (TOLEDO, 2000, p. 169).

O livro apresenta uma preocupação histórica que tem início com a geografia, passa pela história da cultura formal/institucional e termina com a educação nacional. Na materialidade da obra, o índice catalográfico registra “I. Cultura brasileira. 2. História do Brasil”. Como uma história da cultura brasileira e história do Brasil, o texto possui sete edições sendo a. A primeira foi publicada pelo IBGE, em 1943; a segunda, pela Companhia Editora Nacional, em 1944; a terceira, pela editora Melhoramentos, em 1958, inclusive, esta foi a única que sofreu alterações dado que as outras tiveram apenas correções e atualizações de dados, de acordo com o aos quais se referem ao uso do IBGE. A quarta e a quinta edições, 1964 e 1971 respectivamente, foram publicadas também pela editora Melhoramentos, em 1964 e 1971, respectivamente; a sexta, pela Editora da UFRJ, em 1996; e, por fim, a sétima, que reproduziu a quinta edição, última “em vida do autor”, pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2010. Essa última reproduziu a quinta edição, apenas a ortografia foi atualizada e as referências bibliográficas padronizadas de acordo com as normas da Editora”[41].

Sobre a estrutura da obra, o “autor dividiu o livro em três partes – Os *Fatores da Cultura*, *A Cultura* e *A Transmissão da Cultura* –, nas quais pretendeu traçar, ainda que em esboço, um retrato de corpo inteiro do Brasil, uma síntese ou um quadro de conjunto de nossa cultura e civilização”. Nessa

[41] AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira.* 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP).

ordem estrutural, Fernando de Azevedo tinha por intenção unificar “os conhecimentos dispersos nos trabalhos de detalhe”, em outras palavras, unificar por via de uma síntese, diversas obras e monografias que tinham por principal assunto a preocupação e a evolução da cultura nacional, a história do país. Para isso, abandona o que era “secundário e acessório”, a fim de se fixar no essencial “e indicar as grandes linhas do desenvolvimento, interessado na interpretação do Brasil” (IDEM, IBIDEM, conforme Azevedo, 2010).

Com tal interpretação, Fernando de Azevedo trabalhou com a hipótese de que haveria um fio condutor da cultura brasileira, que, se fosse apreendido, poderia explicar a realidade. Com “a presença de um fio condutor” caracterizador da história nacional, o autor “escolheu teorias e metodologias sociológicas” que, ao serem aplicadas “[...] para a análise da realidade social brasileira”, carregou em suas “explicações e propostas realizadas”, o sentido temporal, a experiência do tempo da formação e desenvolvimento nacional. “Assim, para entendermos Fernando de Azevedo com um intérprete do país” e historiador da cultura brasileira, há a opção de trabalhar com três de suas obras.

> Da educação física (1960a [1915]); depois, como resultado de uma experiência vivenciada com sua contribuição, retratada no livro intitulado Novos caminhos e novos fins (1958e [1932]); bem como enquanto abordagem teórico-metodológica para interpretar a realidade social do país, a partir de seu texto, A cultura brasileira (1971a [1943]) (NASCIMENTO, 2011, p. 32).

Como a obra interpreta a realidade brasileira, descreve e explica historicamente o processo de evolução cultural do país, investigar a forma como Fernando de Azevedo teceu seu texto, possibilita-nos aproximarmos da sua concepção de história e da constituição de sentido temporal por ele elaborada. O fio seguido pelo autor, sintetiza quatro séculos de história em um enredo que inicia com as descrições geográficas e naturais, passa pela formação da sociedade e consolidação da cultura institucional, chegando aos processos de transmissão da cultura como “traços” que modelaram a “alma”[42], a mentalidade, de acordo com Azevedo (2010).

[42] Conforme já indicado no início e ao longo da tese, esses termos utilizados por Fernando de Azevedo sugerem sua concepção de história. Uma filosofia da história que quer apreender os elementos essenciais da alma nacional, do caráter nacional, por uma ideia, uma força que

Desse modo, o livro exprime o que “há de comum entre regiões extremamente diferenciadas, mas próximas umas das outras pela unidade fundamental da formação” do povo, ou seja, a cultura impregnada “através dos séculos pelo cristianismo e por tudo que foi acarretado por ele, nos seus aspectos materiais e espirituais”. Seria a influência portuguesa, “preponderante na interpenetração dos elementos indígenas e africanos” que definiram as características nacionais e que teriam reflexo direto na cultura e em suas principais manifestações, bem como o asseguramento da “transmissão por gerações sucessivas”. Em resumo, Fernando de Azevedo tomou o país em uma “síntese viva de três culturas, em que se defrontam tantos Brasis diferentes [e] atropelados num só Brasil”. Nas palavras de Azevedo (2010, p. 19), “é nas tradições e aspirações comuns, na história vivida e no presente em que ela se reflete”, que esteve concentrado seu trabalho.

Conforme a referência e com base na historiografia, entendo que a mobilização da experiência temporal de Fernando de Azevedo, em sua forma de ler o passado, além de revelar como historiar, explicita o fio condutor da história nacional: a cultura cristã e europeia. Se se puder sintetizar tais linhas condutoras, a expressão cultura ocidental, categoriza o sentido histórico do autor em seu esforço sintético. Em nossa percepção, não se trata de distorções históricas ou manipulação do tempo, “trata-se sim de uma rearticulação [...] não somente do passado, mas do próprio mundo experimentado, vivido”. O sociólogo chama para si a verve histórica, opera conceitos e categorias em invenções conciliatórias que tem a “capacidade de dar sentido”, isso a partir de um “esquema explicativo produtor de sentido” temporal, em conformidade com Arrais (2008, p. 182-270).

Com isso, em Fernando de Azevedo, os processos de continuidade, transformação e mudança, tem no fundo histórico a legitimidade transmitida pela experiência temporal. A sua forma de representação do passado mobiliza

---

inspira, direciona, ou mesmo ordena os processos sociais, culturais e históricos. Se aproximando de um tipo de história conformadora, aposta nas noções de unidade, harmonia, desenvolvimento, evolução, progresso e outros, que, se não elimina as polifonias, não as deixam em evidência. A meu ver, não é possível captar ‘os elementos essenciais’, a intenção de ler o passado e explicar o presente transforma-se em mudança, inclusive o desejo de mudança em permanência. O que significa ordem, manutenção das coisas, afinal, os tempos são diferentes, mas a natureza humana permanece a mesma.

as forças históricas em função da necessidade do presente. Interpretar o Brasil era um exercício subjetivo, de autoconhecimento, mas, sobretudo, do país. *A cultura brasileira* se oferecia como uma "síntese possível da evolução de uma sociedade", como disse Toledo (1995, p. 109). Contudo, o seu movimento está em uma determinação específica, em uma visão intelectual que percebe que há leis gerais que estruturam as permanências, as transformações e os desenvolvimentos de todas as sociedades. Ao mapear a "presença" do "fio condutor", enquanto a herança, que no movimento do tempo caracteriza a história nacional, seria possível, "[...] liga[r] a história da cultura brasileira" às "ideias que sobre ela influíram".

> O autor [Fernando de Azevedo] expressa uma preocupação que se acentuará a partir do final dos anos de 1920 – a da interpretação do Brasil. Nessa linha ensaística, precedidas anos anteriores por [Euclides da Cunha,] Manoel Bonfim, estão, dentre outros, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Pedro Jr., Cassiano Ricardo, o macunaímico Mário de Andrade, Oliveira Viana, Roger Bastide [e outros] (PEREIRA, in AZEVEDO, 2010).

A inserção do trabalho de Fernando de Azevedo entre a tradição de intérpretes do Brasil, baseia-se na perspectiva de síntese que é adotada ao longo da obra. Mas também porque ela propõe um entendimento da cultura brasileira nas suas manifestações em que estão imbricadas as dimensões temporais e espaciais, naquilo que supre a carência temporal em perspectivas orientadoras. Ao lançar um olhar específico direcionada à leitura associada ao campo da história, é proposto um "outro olhar" sobre o livro. Problematizar a condensação histórica e as "perspectivas orientadoras do passado", como fator orientativo de reflexão e ação dos homens no tempo é tomar a síntese sobre a cultura brasileira como carregada de um sentido histórico devido pelo fato de ela possuir intenção orientadora, de acordo com Rüsen (2001, p. 35; 2015, p. 11).

Ao investigar o "criador" e a "criatura", lida-se com uma leitura do passado em que o conhecimento histórico adquire função de orientação existencial. Por outro lado, percebemos que ambos estão em um contexto que exigia ações intelectuais possuidoras de "qualidades de influenciar a organização institucional da cultura brasileira", a fim de que o Estado nacional,

em sua formação, tornasse-se desenvolvimento e evolução inteligíveis. Com aspectos de sentido histórico, a obra explicita direções a serviço da cultura.

> Fernando de Azevedo [...] Azevedo Amaral, Roquette Pinto, Oliveira Vianna, Everardo Backheuser, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Lourenço Filho, Lourival Câmara, Delgado de Carvalho, Padre Leonel Franca, Carneiro Filipe, Lourival Fontes, Afrânio de Carvalho, Giorgio Mortara, Manuel Diégues Jr., entre outros intelectuais, em maior ou menor proporção, foram fundamentais [...] na caracterização das avaliações e das proposições [...] sobre o Brasil (NASCIMENTO, 2008, p. 91).

Conforme a autora, os intelectuais apontados, e para nós, sobretudo, Fernando de Azevedo, estavam engajados em ações que visavam a compreensão do país e sua possível transformação. Como esse fator reclamava, conforme fonte documental, a "soma de fatos e ideias", em interpretação que apanhassem as manifestações culturais, para se conhecer o Brasil. Havia a necessidade de um pensador que produzisse uma síntese histórico-sociológico, "em sondagens de psicólogo", aquele que apresentasse um retrato de corpo inteiro da nação, teria lugar entre os intérpretes do Brasil. O autor em questão, parece que apresentava as suas credenciais para tal posto, conforme o livro síntese, de possível sentido da história da cultura nacional, em conformidade conforme Gomes (1972).

A obra produz uma "diferente maneira de leitura" das já consolidadas interpretações do desenvolvimento cultural do país. Considerando as linhas gerais, é o aspecto conciliador de Fernando de Azevedo que contribuiu para outra forma de ler a história do Brasil. Sem focar nessa discussão no momento, mas apenas para mostrar que sua obra, ao apresentar uma dimensão histórica, carrega, "conceitos mais amplos, sob os quais o espírito humano apreende o mundo dos fenômenos", consoante Droysen (2009, p. 35), em objetivos compreensíveis. O autor torna-se figura chave na explicação do Brasil, no que tange à obra *A Cultura Brasileira*.

> A Cultura Brasileira propicia os nexos entre os esforços teóricos e práticos de Fernando de Azevedo [...] para compreender e organizar o país. Partindo do pressuposto que a elaboração de um projeto teórico traz consigo um projeto político assim como uma "visão de mundo", salienta-se a importância que o referido estudo apresentou ao orientar os discursos [sobre a cultura brasileira] (NASCIMENTO, 2008, p. 91-92).

Nessa linha de pensamento vinda desde o início do século XX, “após vinte anos de estudos históricos e sociais no Brasil”, entende-se que o livro de Fernando de Azevedo “é completamente diverso”, como, por exemplo, do livro do jurista carioca Oliveira Viana. A obra do educador, embora “escrita com a presença constante da sensibilidade e da simpatia criadora, reveste-se de uma objetividade bem mais acentuada e de uma fidelidade cientificamente escrupulosa ao documento”.

> Vinte anos após a “Evolução do Povo Brasileiro” e quase dez após “Casa Grande & Senzala”, tem menos, como estes a característica da interpretação fundada num dado fator, necessariamente hipertrofiado, do que um significado de balanço, de fechamento das linhas de força da nossa atividade sócio-histórica (CANDIDO, 12/12/1943).

Com a ideia de balanço e de fechamento das linhas de força, Fernando de Azevedo compreendeu ser necessário estudar a nossa atividade social, cultural e histórica em relação aos fatores da cultura e à própria cultura. É considerando esses fatores, que percebo ser possível buscar o sentido existencial e orientativo que os homens dão as suas necessidades temporais. Enquanto categoria central, o sentido é “fundamental” para definir o “âmbito do cultural na vida humana, sustentando, de forma determinante, todo e qualquer desempenho cultural do homem”, em consonância com Rüsen (2015, p. 41).

Nesse aspecto, na estrutura de sua obra, o autor faz preceder a “Cultura” e a “Transmissão da Cultura”, pelos “Fatores da Cultura”. Como “país e raça; trabalho humano; formações urbanas; evolução social e política e psicologia do povo” brasileiro, encontrando nos fatores condicionantes e motivadores da cultura, a explicação do ritmo e modo de ser nacional. Essa estratégia, que não é de modo algum aleatória, possibilita-lhe a captação do sentido temporal, o fio condutor da cultura brasileira, em conformidade com Rüsen (2014, p. 267). Azevedo concilia contradições a partir do uso da expressão “cultura brasileira, que concilia contradições.”.

> Tal expressão (e título da obra de Azevedo) foi responsável por não suscitar contradições entre os discursos: funcionalista (de Malinowski), racialista (de Romero e Vianna) e culturalista (de Boas e Freyre etc.), e, sim, explorar possíveis convergências na construção de um país marcado por disparidades sociais e físicas, fornecendo-lhe um lugar singular na história da cultura ocidental (NASCIMENTO, 2008, p. 91-92).

Conforme a citação, Fernando de Azevedo sugere que sua obra possibilitou sua capacidade de síntese histórica e de equilíbrio, da conciliação de forças antagônicas, enquanto força de unidade. O autor resolve as contradições das narrativas, entendendo que o país está inserido, ou mesmo, tem algo maior que une todas as diferenças. Assim, dando à "história da cultura brasileira" um sentido histórico devido, uma vez que "as ideias que sobre ela influíram", a "evolução das grandes correntes religiosas, políticas e filosóficas do ocidente" seriam determinantes para o desempenho cultural. Isso se considerada o aspecto relativo as suas condições de formação.

> Às condições específicas de nossa formação social, como o país, a raça, e as formas de estrutura social, econômica e política, poder-se-á compreender melhor as evoluções paralelas que se operaram, na Europa e no país, sem grande separação da fonte comum, as formas especiais que a cultura tomou entre nós [...] como as resistências opostas pela sociedade a outras manifestações e movimentos da cultura ocidental (AZEVEDO, 1944, p. 10).

Definir o lugar singular da cultura brasileira, seria como encontrar o seu lugar na linha de desenvolvimento da história em relação à evolução da cultura ocidental. Em um momento que busca a efetivação da "ideia de Estado-Nação" efetivada pelo governo de Getúlio Vargas.

> Ou seja, uma ideia segundo a qual o Brasil era um país que reconhecia a existência e a força do Estado por um lado, e por outro, a necessidade de se construir o "povo", tendo como horizonte a modernização como prática e a modernidade como valor (NASCIMENTO, 2008, p. 89).

Num fundo comum, a cultura brasileira, era a realidade histórica e social que deveria ser descrita, explicada e compreendida para explorar seu potencial e direcionar suas forças para o desejo de desenvolvimento e progresso. Já nas propostas de mudanças e transformações voltadas para a definição e busca de sentido da história nacional, conforme o movimento das culturas avançadas, era capaz de promover o Brasil a país integrante das desenvolvidas culturas ocidentais.

> Preciso, em todo caso, fazer entrar a cultura brasileira não só nos quadros sociais, econômicos e políticos da história do país, estudando-lhe os fatores e as condições especiais do meio, como no movimento geral da civilização do ocidente, de que a cultura nacional não é senão uma das formas particulares (AZEVEDO, 1944, p. 10).

Assim, resolver as contradições sociais por via de manobras que explorassem as “possíveis convergências da construção” da cultura brasileira como potência, seria uma forma de adequar a “moderna consciência histórica, baseada em uma ideia de civilização e progresso”, com as emergentes ideias da cultura ocidental. Como sociólogo, Fernando de Azevedo, dentro de interpretação possível, não deixa de voltar ao passado a fim de buscar os males de origem, que seriam os causadores dos males do presente, porém, se afasta embora não totalmente, das abordagens exclusivamente mesológicas e raciais e explica a cultura não no que ela tem de ruim, mas de possibilidade, quando bem conduzida. Esse fator significava “alguma coisa ou algum ideal bastante forte para” empolgar e mobilizar as “forças intelectuais e afetivas”, de acordo com Azevedo (1938, in PENNA, 1987, p. 124), considerando o autor como um inquieto frente as demandas do seu tempo.

Com isso, em concordância com Rüsen (2014), para que as contradições fossem resolvidas, o autor quer apreender a cultura como elemento capaz de fornecer elementos para a intepretação temporal, essa ação serviria para que os seres humanos conseguissem lidar com o tempo, com o que acontece com eles nesse mesmo tempo. Logo, esse fator adquiriria sentido possibilitador da vida, dando suporte e direcionamento, se se pensar e aceitar que no processo temporal, as nações e suas culturas alcançam estágios de desenvolvimento e progresso a um tempo, mas, se aceleradas[43], concretizam as mudanças e transformações necessárias para a evolução nacional, conforme aponta Nascimento (2008, p. 92).

> Fernando de Azevedo influenciou significativamente o reconhecimento dos referidos autores nacionais e estrangeiros e de suas formulações [sobre o Brasil]. Pode-se afirmar que seu trabalho [a obra] no IBGE [mesmo com sua “total autonomia”[44]] contribuiu para assegurar a institucionalização de

[43] KOSELLECK, Reinhart. *Uma história dos conceitos*: problemas teóricos e práticos. In: Estudos Históricos. Vol. 05. Nº 10, Rio de Janeiro: 1992. Em fontes da época, “a ideia reluzida pelo texto, é que se fazia, no período, urgente a necessidade de conhecer o potencial nacional, a força do Brasil; as suas riquezas, assim, como os seus problemas, para daí, estabelecer as ações necessárias para o progresso e desenvolvimento’. Ver: LUX – JORNAL. A cultura brasileira. Publicado na secção: A Noite: Rio de Janeiro. Rio-São Paulo, 10 de novembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

[44] TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Fernando de Azevedo e A Cultura Brasileira:* ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. São Paulo: PUC/SP, 1995, p. 102-103 (Dissertação de Mestrado em Educação). NASCIMENTO, Alessandra Santos. Fernando de

> um legado intelectual sobre o “Brasil nação” que privilegiou o ecletismo e a ambiguidade nos discursos (NASCIMENTO, 2008, p. 91-92).

Conciliando todos em um núcleo comum, revelava a cultura ao seu próprio povo e pensava no potencial da evolução da cultura e da nação. Esse fator tem sua causa influenciada, devido à obra carregar uma amplitude explicativa que, articulada “na visão estrutural e histórica”, potencializava uma experiência de tempo em sentido e para a evolução, o progresso, de acordo com Mendes (1986 in PENNA, 1987, prefácio). É um tipo de explicação que pela orientação enérgica e “viril de seu espírito” sintético, transborda a “força descritiva” dos “quadros” magistrais e a inspiração filosófica” do pensador. Esse que indaga as origens e consequências dos grandes acontecimentos, conforme está em Azevedo e Azzi (1927, p. 64-65), do processo geral da história, com a intenção de extrair o essencial de certa ordem de eventos, tinha seu pensamento voltado para uma interpretação dos movimentos históricos da cultura nacional em relação à história das culturas ocidental, na perspectiva de ingressar no cortejo das grandes culturas desenvolvidas.

2.3 Uma sociologia histórica do Brasil

Trabalhando com um “clássico”, que aparentemente se encontrava na “penumbra” historiográfica, acreditamos ser possível acrescentar mais olhar, já que, ao alcance do olhar crítico, as ideias gerais e o espírito sintético do autor, podem ser tomados como objeto de análise. Observamos frente às diversas leituras e olhares, que o livro pode ser definido como uma “interpretação contextualizada, horizontalizada do país”. Embora sabendo que iria sofrer críticas por não ser uma visão científica.

Azevedo: dilemas na institucionalização da Sociologia no Brasil. Araraquara-SP: Universidade Estadual Paulista, 2011. (Tese de Doutorado em Sociologia). Como os dados do Censo de 1940 demoraram muito a ser computados, o livro sobre a Introdução teve sua conclusão e divulgação anterior aos dados estatísticos. Ver: Brasil-Censo Demográfico. In: Recenseamento Geral do Brasil: 01 de setembro de 1940. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: 1950, p. 11-12 Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p13_t2_mg.pdf. Acesso em: dezembro de 2018.

> Visão mais verticalizada, “científica”, que deveria como princípio metodológico retaliar a realidade sociocultural, no caso a brasileira, em pedaços temporais e empíricos. Nessa linha de interpretação [em que], não havia espaços para a imaginação criadora ensaística que pode e deve transcender a secura dos “dados” [é que Fernando de Azevedo transita oferecendo uma visão panorâmica do Brasil] (PEREIRA, in AZEVEDO, 2010, orelha).

O “clássico” atravessa os tempos e como um homem de seu tempo, Fernando de Azevedo partiu de um horizonte racional, em que fugiu das retaliações da “realidade sociocultural” em pedaços temporais, para perseguir “as grandes ideias mestres”. Captar as “diversas manifestações da cultura, de que teríamos uma noção falsa se estudadas como se fossem microcosmos isolados dentro de um conjunto”, para ligá-las, “à evolução das grandes correntes” que arrastam a história nacional e ocidental.

> Sempre o fato humano complexo a qualquer fórmula rígida em que se procurasse aprisionar a realidade múltipla e viva; e, repelindo todo dogmatismo capaz de falsear a compreensão dos fatos, o nosso pensamento se orienta para uma interpretação dos movimentos culturais, estéticos e científicos, muitas vezes segura, à vista da documentação recolhida, e outras, hipotética, mas que não deixará de ser sugestiva nas suas indicações (AZEVEDO, 2010, p. 43).

O autor usa da sua imaginação criadora e sintética, transcendendo a secura das fontes para que o aspecto explicativo interpretativo domine sua produção.

> O espírito sintético e as ideias gerais dominam toda a obra, deixando na sombra ou em segundo plano, a que os relegaram a sua pouca importância e repercussão, nomes, fatos e obras sem um profundo sentido cultural, que teriam de figurar antes num trabalho analítico ou numa obra especializada de grandes e pequenos quadros históricos (AZEVEDO, 1944, p. 14).

Portador da imaginação lógica e artística, o autor escreve uma obra em que suas formas de representação, lançam nas “visões de conjunto”, uma teoria do Brasil que, com categorias ascendentes, faz o mapeamento da evolução do país, desde a sua formação ao início do século XX. Como intérprete que se preocupa com a ideia geral, demonstra pensamento sutil por via de uma perspectiva, um caminho que sempre deixa em aberto tantos outros, Fernando de Azevedo quer ver a pátria, mas não quer perder de vista as ideias que arrastam as nações ocidentais rumo às mudanças e

transformações. Para isso, reorienta seu olhar em uma contribuição social “eficaz e transformadora” introduzindo na “visão do humano” a “ideia de progresso”, consoante Penna (1987, p. XIII-XIX).

A ideia de “progresso é indispensável” para que o “quadro genérico” de suas explicações produzam efeito de referência e consenso. Fernando de Azevedo não rejeita “em bloco a concepção iluminista de progresso”, segundo minha perspectiva. Ele a “inseriu numa concepção mais ampla, que se refere explicitamente ao valor próprio” das “culturas passadas”. Seu senso histórico não totalmente estático, em que ele preferia o movimento e nessa dinâmica, a cultura brasileira em sua forma particular frente à cultura ocidental, carregava as “forças intelectuais universais do agir humano [que] não se esgotam nas formas particulares do agir passado, mas que, justamente por causa de sua universalidade, forçam a passagem para além dessas formas”, em harmonia com Martins (2002, p. 16).

> [Se] era preciso, em todo caso, fazer entrar a cultura brasileira não só nos quadros sociais, econômicos e políticos da história do país, estudando-lhe os fatores e as condições especiais do meio, como no movimento geral da civilização do ocidente, de que a cultura nacional não é senão uma das formas particulares (AZEVEDO, 1944, p. 10).

Fernando de Azevedo está reconhecendo que a “cultura "brasileira" que se formou e se difundiu”, desde a colônia que não poderia ser poderia ser nomeada como nacional por trazer em seu cerne a imagem do europeu.

> Elites coloniais, não podia evidentemente ser chamadas "nacional" senão no sentido quantitativo da palavra, pois ela tendia a espalhar sobre o conjunto do território e sobre todo o povo o seu colorido europeu: cultura importada em bloco do Ocidente, internacionalista de tendência, inspirada por uma ideologia religiosa, [política, econômica e cultural], [...] cuja base residiam as humanidades [gregas e] latinas e os comentários das obras [clássicas] solicitadas num sentido cristão [definem a cultura ocidental] (AZEVEDO, 1944, p. 309).

Assim, estabelecendo uma “conexão temporal de diferentes formas culturais num todo significativo da vida histórica”, o autor entendeu desvelar universalidade, uma vez que os dados obtidos “devem ser correlacionados num contexto” interpretativo “cujo sentido e significado sejam passíveis de assentimento generalizado”, em conformidade com Martins (2002, p. 16). A partir da esfera empírica, os fatos passados serviram de “esteio junto às

práticas de erudição” em que o pensador viu a síntese como necessária para realizar a diretrizes de cientificidade requeridas “à generalização explicativa a partir de situações particulares, às quais eram organizadas através dos exercícios eruditos de reunião, de crítica dos materiais e dos fatos tidos como pertinentes”, em consonância com Detoni (2013, p. 21-23). Esse exercício objetiva encontrar ou mesmo propor, convergência que resultasse em consensos, como está posto em Nascimento (2012; 2008).

Fernando de Azevedo se sentia responsável perante a história, não apenas frente àqueles que escreviam história, mas também com relação à história enquanto sucessão temporal contínua de atos encadeados em direção ao futuro, conforme Kosellek (2013; 1992). Deve-se atentar que na esteira do pensamento azevediano, há potencial para que cada investigador tire a fatia que melhor satisfaça sua sede de conhecimento. Seja no que refere ao espírito equilibrado e de justiça referente à “[...] objetividade das apreciações da obra própria”, seja nos estudos alheios sobre ela. Em perspectivas mais amplas, *A cultura brasileira* torna-se “uma [O]bra do mesmo porte que a de Varnhagen, Capistrano de Abreu ou Sílvio Romero, para todas as variedades” interpretativas de acordo com Dimas (1994, p. 26).

Pois, o autor movimenta-se perseguindo o que há de comum na consciência nacional. Para Fernando de Azevedo, esse fator seria a própria cultura nacional que desde o nosso processo de formação, cimenta o caráter nacional.

> Nessa linha, o termo ‘cultura brasileira’ é tratado sempre no singular. O autor não considera as diferenças, mas, quando esta aparece, é sempre como elemento dificultador, um problema a ser superado. Articulada à categoria nacional, a cultura é vista como o elemento que faz a ponte entre o universal e o nacional, como fonte de elaboração da consciência nacional (XAVIER, 1998, p. 06).

Fernando de Azevedo tinha consciência plena que já havia interpretações da cultura brasileira. O que move o autor nessa arena é a vontade de construir a sua versão da cultura brasileira, perseguindo o que há de comum entre cada indivíduo, localidade e região para relacionar e estabelecer uma ponte da nação com o universal, a fim de conhecer o “ser brasileiro”. Nessa reflexão, buscou-se saber “se é como a história a ser

extraída da fonte por meio da pesquisa", que evidencia a identidade histórica da cultura brasileira, segundo Rüsen (2007, p. 118-123).

No entanto, ao que parece, com essa ação, o intelectual no processo de qualificação do caráter nacional, teoriza a cultura apenas em seus aspectos filosóficos. Tal sinalização é demarcada, devido a narrativa se ocupar de questões que o autor chama de essenciais, como o "estado moral, intelectual e artístico", que estão acima das necessidades fundamentais e utilitários dos homens, em conformidade com Azevedo (2010, p. 31). Mostrando-se detentor de "um pensamento extremamente complexo, não só pelas questões tratadas, mas também pelos sucessivos contextos históricos que servem de pano de fundo a seu pensamento", como se lê em Penna (1987, p. XXIV-XXV), a justificativa e a ação não demarcam a importância dos eventos e acontecimentos históricos, exceto, se esses servirem de empréstimo, de expansão, enfim, de exemplo a outras civilizações e sociedades.

Em seu tipo de história, o passado é transposto em "testemunhos empíricos", que são os qualificadores do tempo, no sentido de uma dada experiência temporal, pois, na visão endossada por Fernando de Azevedo, uma sociedade tão diferente como é a brasileira, possui pensamentos distintos, camadas de experiência que remetem a "mentalidades distintas – a do campo, a das cidades [, a do] litoral e a do planalto". Como em "tipos sociais", que "se formaram e se desenvolveram em climas sociais, não só diversos, mas isolados uns dos outros", fortalece-se as "diferenças radicais, de atitudes e reações" em face "de uma mesma situação". O "caráter essencial da história brasileira durante um largo período de mais de três séculos, e com forte projeção pelo Império e pela República", como disse Azevedo (2010, p. 196), configurou a nação brasileira.

Nas proposições do autor, seria possível entender um certo sentido, pois, de acordo com a vivência histórica, indivíduo, grupo, região, sociedade e cultura, desenvolvem um tipo particular de experiência do tempo, mas que compartilha de um significado universal, torna-se a essência que compõe a história. Para ele, é devido às experiências sujeitas, "as influências diversas, geográficas e sociais, no processo" de nossa formação, que o espírito nacional carrega diferenças estruturais, as quais não são possíveis de capitar se não por uma imagem de conjunto. Por isso, Fernando de Azevedo recorre a

“testemunho empíricos”, experiências acumuladas pelas pesquisas e capazes de dar uma visão geral a serem transpostas em uma síntese ou o quadro do conjunto, de acordo com Rüsen (2007, p. 118-123).

Com essa reflexão sobre a formação e evolução social brasileira, fica perceptível que as ideias de Fernando de Azevedo, segundo Penna (1987, p. XXIV-XXV), “não são nunca, estáticas e seu envolver comporta inúmeras revisões, realizando-se através de processos e caminhos”. Logo, baseou-se na reconstrução do passado como experiência, permitindo-lhe determinar o espírito nacional pautado no “espírito de dominação”, das extremas distâncias e diversas influências sociais e culturais, se “estruturando na diferença social” como fator do todo, mas que se diferencia em suas partes, sem perder de vista a unidade, como disse Azevedo (2010). Com isso, esse processo de percepção da evolução articulada pelo autor, tem recorrência nas “experiências históricas” vistas a partir de uma ideia síntese. Para ele, essas dão o efeito de uma visão geral por trabalhar com pesquisas acumuladas que estabelecem a função organizadora do tipo de historiar, de acordo com Rüsen (2007).

A meu ver, Fernando de Azevedo não está somente preocupado em conhecer e interpretar o Brasil, mas, em confirmar sua capacidade de síntese e erudição. O que faz das “fontes informativas”, Toledo (1995), sobretudo de autores brasileiros, que no seu conjunto possuem as “informações e acontecimentos” que compõem os assuntos brasileiros é uma síntese descritiva. Em outras palavras, o autor simplesmente usa autores e obras brasileiras para confirmar suas ideias. Elas são apostas para confirmar sua noção de Brasil e/ou dar fundamento para construir suas ideias, conceitos e categorias sobre a cultura brasileira. É uma manobra que usa das “monografias especializadas ou trabalhos de detalhes, que devem ser unificadas pela obra síntese”, para oferecer a visão da evolução social e cultural da história brasileira. Essa operação procura acentuar a percepção da obra como um “retrato de corpo inteiro do Brasil”, que sintetiza o “quadro de conjunto de nossa” pátria, por “uma imagem tão exata quanto possível de sua cultura” em suas “múltiplas manifestações e nos seus sistemas de transmissão”, em

consonância com Azevedo (2010, p. 15). Ora, trata-se, portanto, de um esboço de sociologia histórica, próprio da geração de intérpretes do Brasil[45].

Sendo perceptível uma questão de fundo, em Fernando de Azevedo e outros autores que tratam da formação do Brasil, geralmente "suas obras tratam dos três momentos históricos, o presente, o passado e o futuro, isto é, começam com um grande balanço histórico com foco no passado, analisam como os elementos deste balanço histórico" e do "processo de formação contribuíram para a construção do Brasil, o presente, e fecham com um programa político sobre como superar os problemas do país, o futuro". Mesmo quando diz tratar do passado, as vistas estão centradas no presente enquanto história, ou seja, "entender o presente como história significa ressaltar o caráter processual da realidade contemporânea, impregnada do passado e prenhe do futuro". Constituindo-se como uma necessidade imperiosa, Fernando de Azevedo e diversos autores que buscavam interpretar o Brasil, "trazia à tona a inadequação das instituições brasileiras a sua realidade social", como está posto em Borja, Curty e Malta (2021, p. 01-04).

Envolto em um ponto comum, ao mesmo tempo que denunciava a "desconexão das formas institucionais vigentes no Brasil em relação à sociedade que efetivamente existia e produzia suas relações sociais em território brasileiro", propunha-se a captar o sentido da história (IDEM, p. 03). Com isso, o 'exato quanto possível', é apenas uma frase de efeito. Importa aqui observar a ênfase nas ideias associadas à síntese ou um "quadro de conjunto", que reflete situações históricas em uma realidade "fugidia, como é o Brasil", revelando aos brasileiros e o "aos homens de outros países", a vida "nacional" nos seus mais de três séculos de história soando como uma preocupação que

[45] Considerando os tempos, espaços e contextos diferentes, autores como "Joaquim Nabuco, André Rebouças, Castro Alves, Euclides da Cunha e Machado de Assis" e os "pensadores das estruturas sociais", como no caso de Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e da formação social, como Caio Prado Júnior e outros, em certo sentido, no interior de suas "fronteiras e do que se entendia como Brasil, visando descobrir o sentido do Brasil", conforme CURTY, C.; MALTA, M.; BORJA, B. *Intérpretes do Brasil:* influências na origem do pensamento econômico brasileiro. História Econômica & História de Empresas, v. 24, n. 2, 2021. Também em outras obras: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). *Um enigma chamado Brasil:* 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. AGUIAR, Ronaldo Conde. *Fernando de Azevedo*. In: *Pequena bibliografia crítica do pensamento social brasileiro.* Brasília: Paralelo 15 / São Paulo: Marco Zero, 2000. GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores.* Rio de Janeiro: FGV, 1996. LAVALLE, Adrián Gurza. *Vida pública e identidade nacional:* leituras brasileiras. São Paulo: Globo, 2004.

não pode ser desconsiderada. Afinal, como sintetizar três séculos de história se não recorrer à história? Assim, o fenômeno só é possível de ser composto, com o reconhecimento do autor, por via de uma representação, um quadro, um desenho do conjunto, que é a sua concepção, a ideia, o conceito a categorização da realidade brasileira.

> Estendido quanto me reclamava a largueza da matéria e me permitia o caráter necessariamente sintético do trabalho, é possível [que] não tenha conseguido dar do Brasil senão um retrato sem retoques, inacabado em vários pontos, e, em outros, talvez inexato ou infiel [...] como numa tela, a redução da imagem de um país, em que a vastidão do território, com extrema variedade de suas paisagens geográficas, não suscita dificuldades maiores do que a complexidade de seus quadros histórico-culturais, em que se fragmentou, como numa pluralidade de tipos e graus [diferentes] (AZEVEDO, 2010, p. 18).

Nesse contexto, convém notar que a obra de Fernando de Azevedo, “diz respeito ao fato” de ela se configurar como uma das “principais sínteses sobre a cultura brasileira, evolução das ideias” que, a exemplo de “Cruz Costa, Antônio Candido, bem como as de [...] Dante Moreira Leite” e Nelson Werneck Sodré”, apenas para citar os autores mais conhecidos, produziram visões de conjunto e que

> Remete a textos bem mais abrangentes, uma vez que [...] inclui as crenças não-articuladas, opiniões amorfas, suposições não-ditas, além, e claro, das ideias formalizadas. Além do mais, [...] preocupa-se com a articulação desses temas as suas condições externas — “com a vida do povo que é o seu portador” [...]. [De modo a] romper [com] os limites disciplinares estabelecidos, já que visa a inserir o estudo das ideias [da cultura, educação] e atitudes, no conjunto das práticas sociais (FALCON, 1997, p. 142).

Com isso, a obra de Fernando Azevedo enfatiza *noções* sobre os problemas do país, acontecimentos, permanências e transformações históricas. Sendo um fator de grande importância, as interpretações que dispõem ou ordenam um conjunto de elementos em uma visão horizontal, podem ser reveladoras da ideia total por um lado, mas por outro, representa o Brasil que o autor quer que vejamos. Nesse conjunto destacado, percebe-se um passado organizado em camadas, níveis e concepções diferentes, uma experiência de interpretação, realizada por quem quer desvelar o tempo, os estágios, os períodos e os níveis de “evolução” histórica e sociológica.

Esses aspectos se dão, “há que se salientar”, pelas qualidades internas e externas da obra. Para a primeira, um equilibrado “espírito de justiça” e “objetividade das apreciações” ordenadas por Fernando de Azevedo, uma vez que para as qualidades externas é distintivo “que A Cultura Brasileira tenha vindo a se tornar, [...] uma obra do mesmo porte que a de Varnhagen, Capistrano de Abreu ou Sílvio Romero”, segundo Dimas (1994, p. 21), surgida em meio a extensa lista de estudos sobre o Brasil.

> [...] enfatizam a miscigenação como fator preponderante em nosso des/caminho rumo à civilização, desde a intolerância de Oliveira Viana, nos anos [19]20, até a reabilitação antropológica da cultura negra reclamada por Gilberto Freyre, da década seguinte. [A Cultura Brasileira] é livro que emergia, pois, na esteira de uma valorização cultural (DIMAS, 1994, p. 21).

Ainda de acordo com Dimas (1994, p. 20-21), o livro, além de surgir “em meio a uma extensa lista de estudos sociológicos”, trata sobre a história do Brasil em um momento em que estão presentes as produções de Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, Mário de Andrade, Artur Ramos, Édison Carneiro, Donald Pierson, Manuel Querino, João Dornas Filho e Roger Bastide.

> Num momento em que boa parte das pesquisas sobre nossa formação se assentava sobre a composição étnica do povo brasileiro e dela tentava arrancar uma resposta, Fernando de Azevedo arrepiou caminho e propôs uma alternativa nova [...] Em vez de uma resposta antropológica ou sociológica ou mesmo histórica, Fernando de Azevedo aventava uma hipótese educacional [e cultural] passível também de nos explicar (DIMAS, 1994, p. 20-21).

Olhando a explicação de Fernando de Azevedo, percebe-se que é operada a divisão do Brasil em dois tempos históricos, “grosso modo, em dois momentos: o jesuítico e o pós-jesuítico”. Assim, a síntese da cultura brasileira, dá atenção ao aspecto unificador da cultura espiritual dos jesuítas que, dissolvendo as diferenças regionais, dá um caráter de totalidade entre os colonos portugueses e povos originários. Embora reconheça a virtude orgânica e aglutinadora dos religiosos que favoreciam uma “unidade moral e espiritual”, tecendo críticas à feição literária e escolástica do método de ensinar, a cultura do desprezo pelos trabalhos técnicos/manuais e a pouca ou nenhuma importância dada à disseminação “do conhecimento entre as faixas menos

favorecidas dos colonizadores", está aí a preocupação do autor de ordem educacional, conforme Dimas (1994, p. 21-22).

Certamente, a educação de feição literária e escolástica da sociedade colonial, descrita por Fernando de Azevedo, apresentava alguns traços que reforçavam o caráter fidalgo e inativo dos primeiros colonizadores e posteriormente dos senhores de engenho. O que se percebe é que, partir da "exploração" da terra e da natureza, "apoiado no trabalho servil", em uma "sociedade notavelmente desnivelada, como a primitiva sociedade colonial" e que se estende à República, marcada pela "diferença demográfica" que acentuava as "desigualdades sociais e, mais tarde, as políticas", conforme Azevedo (2010, p. 186), a falta de disseminação do conhecimento, ganha um aspecto histórico que gera uma atitude "sobranceira e bem pouco humilde" que a "longo prazo, foi o inevitável menosprezo, que até hoje perdura neste país, pelos exercícios profissionais que dependem das mãos", segundo Dimas (1994, p. 26), afinal esse seria um tipo de serviço para os subalternos: escravos, serviçais e/ou criados.

Compreender como as condições de vida foram descritas, explicadas e entendidas, diz respeito ao quanto a fonte "oferece ao pesquisador em termos de conteúdo informativo especificamente histórico", pressupostos "daquilo que é considerado como história, nas mudanças temporais do homem e de seu mundo", de acordo com Rüsen (2001, p. 34-37). Configurando como uma chave de entendimento, essa operação manifesta os sentidos das transformações, permanências e continuidades, segundo Rüsen (2007, p. 118-123). Desbravar novos campos da experiência do saber histórico é ter o olhar direcionado para as contribuições de novas proposições subjacentes às interpretações do Brasil como a oferecida por Fernando de Azevedo em sua síntese sobre a cultura brasileira.

Como já apresentado, o fator educacional é presente no pensamento de Fernando de Azevedo, explorar a dimensão histórica entremeada na obra *A cultura brasileira*, faz com que a "pesquisa histórica" torne "compreensível o sentido do agir" e produza o "humano passado" nas suas "criações culturais". O autor além de produzir uma interpretação do Brasil, desenvolve uma sociologia histórica em forma de síntese parte "de um sistema de normas válidas indistintamente para qualquer agir humano". Ele enfatiza a "multiplicidade

cultural” brasileira perspectivando os pressupostos do agir social presentes e exigidos na leitura da nação brasileira. O autor encarava sua obra como possível resposta aos problemas nacionais que, em sua avaliação, teve um destino feliz, ao estar presente nos quadros dos intérpretes do Brasil, conforme Nascimento (2008;2012).

2.4 A abordagem sintética da cultura brasileira

A cultura brasileira seria um clássico que “expressa uma preocupação que se acentuará a partir dos finais dos anos de 1920 – a da interpretação do Brasil”, em consonância com Pereira (in AZEVEDO, 2010, orelha). Com base em Piero Detoni (2013), houve no Brasil, a incorporação dos “instrumentos teóricos” da Europa e “a revisão compulsiva dos princípios da crítica documental” na historiografia. As “ideias novas” vindas do velho continente se incluíram às interpretações e investigações produzidas pelos intelectuais no Brasil. Esses desdobramentos desde a Primeira República, foram “contundentes” para criar “condições epistemológicas” para alguns formularem, “junto aos elementos diretores do conhecimento histórico”, conforme Detoni (2013, p. 24-26).

Nessa ação, realizar uma “síntese teórico-interpretativa” significava entre outras coisas, ser “guiado pela lei do *consensus*” para [mostrar] a “*rationale* da nossa civilização”. Apontando “a *interdependencia organica dos phenomenos*” [e] esclarecendo-os “uns pelos outros”, o que arrancaria “das “entranhas do passado o segredo angustioso do presente”. Tal fator libertou os ““estudos históricos” do “empirismo crasso” que todos “tripudiavam”. Com isso, apresentar uma imagem do passado que pautasse suas investigações em um viés “conceitual das novas ciências sociais [...] e isso incluía a história”, elevaria a obra “às grandes sínteses gerais sobre a evolução do homem e das sociedades”, consoante Detoni (2013, p. 24-25).

Se a síntese se configurava como desafio, uma dificuldade que os estudiosos do Brasil tinham de enfrentar para atingir a essência das coisas, penso que há em Fernando de Azevedo o enfrentamento desses elementos. O autor em seu momento de reflexão, nos confessa o seguinte pensamento

diante da dificuldade de produzir síntese: poderia “concluir daí, de todas as dificuldades inerentes a trabalhos dessa ordem, que seria inútil ou infecunda uma tentativa de síntese da cultura brasileira? Parece-nos que não. Antes de tudo, uma visão do conjunto, por imperfeita que [seja]”, reúne materiais sabidos e impressões colhidas da reflexão.

> Não só pela utilização dos materiais conhecidos, mas, com as impressões recolhidas da reflexão sobre os fatos, [...] um quadro provisório da cultura no Brasil, sem dela fazer uma caricatura, tão do gosto dos pessimistas que não situam o esforço do brasileiro no seu clima social e histórico, nem apresentar um retrato lisonjeiro, que poderia ser agradável à vaidade nacional, mas não serviria para nos abrir os olhos sobre a realidade e conduzir-nos o esforço empreendido pela libertação do espírito (AZEVEDO, 1944, p. 14).

Como obra preocupada com a evolução do homem e da sociedade, Fernando de Azevedo quer situar a atmosfera social e histórica em um retrato que fixe diante dos olhos a realidade. A meu juízo, “promover explicações corretas acerca do tecido histórico-social decorrido” no tempo, representa elevar sua exposição a “esfera empírica em que buscav[a] esteio junto às práticas” de erudição e interpretação. Com vistas a uma demonstração das partes com o todo em que prevalecesse a visão do conjunto. Nesse caso, é possível afirmar que o autor mostra o seu alinhamento “às diretrizes de cientificidade requeridas”, visando a “generalização explicativa a partir de situações particulares as quais eram organizadas através dos exercícios eruditos de reunião, de crítica dos materiais e dos fatos tidos como pertinentes”, como está posto em Detoni (2013, p. 18).

Seria construindo um retrato, o mais fiel possível da cultura brasileira, que, partir da sua capacidade compreensiva, Fernando de Azevedo oferecia um sentido de orientação objetiva dos fundamentos, da base que forneceu elementos para a formação nacional. Encontrar respostas e não se perder em detalhes, exigia uma síntese carregada de sentido, de uma direção que retoma o passado, entende o presente e pensa o futuro.

> Não tem sido dos menores trabalhos o esforço constante de síntese, para não reter senão o que é essencial e característico e nada omitir, nesse panorama, que tenha verdadeiramente valor e sentido. Não se trata de uma simples exposição histórica, com qualquer preocupação de detalhismo, mas antes de uma intepretação sociológica dos fenômenos de cultura, das formas que revestiam, de sua evolução e de suas tendências.

> Tenho estudado e analisado através da melhor documentação possível e com espírito de métodos objetivos (AZEVEDO, 1940, in PENNA, 1987, p. 128; 1995, p. 102).

Interpretando os fenômenos da cultura, o autor tateia o essencial que tenha “valor e sentido” em sua evolução e tendências, para construir qualidade “explicativa” sobre o país. É uma situação geral, a partir “de situações particulares as quais eram organizadas” em teorizações em “formas de saber com um alto grau de generalização enquanto proposições sobre fatos particulares”, de acordo com Rüsen (2015, p. 31). É possível concordar que não é “uma simples exposição histórica” preocupada com detalhismo, contudo, por mais que o autor negue que não é um trabalho de história, e concordamos com ele, sua interpretação só ganha fundamento e sequência se pensada historicamente.

Caso seja analisado de outra forma, Fernando de Azevedo estabelece um sentido histórico e sociológico que, ao pesquisar, mapear e compreender a cultura nacional, busca o que “tenha verdadeiramente valor e sentido”. Queria uma “interpretação sociológica dos fenômenos da cultura, das formas que revestiram, de sua evolução e de suas tendências”, consoante Azevedo (1944, p. 14). Nesse caminho, a história torna-se o meio de acesso ao passado, sua negação converge-se numa afirmação, pois, tem que discutir com pontos de vista que trazem visões sobre o passado e o presente, ou seja, a história do Brasil e da sua formação.

Para Fernando de Azevedo, do “ponto de vista mais geral que abrange toda a história do país”, já havia intelectuais que tinham oferecido “obras, sem serem definitivas”, que constituíam à sua “maneira”, um “grande panorama histórico” do Brasil, e que “deram uma visão nova da história de nosso país, num grande esforço para penetrar até o coração do mecanismo de nossas instituições sociais, políticas e econômicas”. Como o autor acompanha esse debate, tenta fugir e trazer sua interpretação para o campo da sociologia e diz que o objetivo da sua obra era se aproximar dessas interpretações para tomar distância.

> O objeto desta obra, reduzido ao estudo da cultura, é muito mais limitado; e, se já foi possível uma vista de conjunto de nossa evolução histórica e social, podemos tentar apresentar a de nossa evolução cultural, suscetível de ser dominada do mesmo ângulo de observação (AZEVEDO, 1944, p. 14).

Na obra, não são raras as passagens em que o autor usa expressões como retrato, pintura, quadro, conjunto entre outras denominações que, reunidas em síntese, poderiam dar uma visão panorâmica do país. Assim, no exercício de síntese, Fernando de Azevedo quis captar, olhar ou mesmo compreender as características que acreditava terem-no condicionado. Assim como tentou entender como se perpetua a cultura brasileira, em que e de que modo ela se manifesta utilizando-se, para tanto, de metáforas artísticas. Por isso, os três tomos são sistemáticos e sequenciais, apresentam a *coisa*, ou mesmo as *coisas* de modo didático ou separado, mas não deixa de mostrar o aspecto orgânico que há entre todas as ações, pensamentos e modo de vida.

Se por um lado reduz a história a uma exposição simples, de preocupações detalhistas para em seguida elevar a Sociologia à categoria de Ciência, alerta os historiadores acerca do seu ofício, clamando uma maior profundidade analítica e crítica sobre a cultura brasileira. Por outro lado, não nega que usa a história para dar uma visão da evolução, das tendências que condicionaram a cultura, os lugares em que ela se manifesta, assim como onde se perpetua. Inegavelmente a educação está presente, mas a cultura se eleva para abarcar todos esses aspectos que estão tanto no campo histórico temporal, quanto em outras manifestações que vão desde as artes até a arquitetura, literatura e outros, em uma expressão: a cultura brasileira. Na busca pelo sentido histórico e sociológico, a obra de Azevedo constitui uma forma de o povo brasileiro tomar consciência de si.

> Seria desde logo uma "tomada de consciência" de nós mesmos, desde que seriamente pensada, construída e documentada; e, com todos os defeitos decorrentes da escassez de material documentário, em que se pudesse apoiar, teria realizado o seu destino se fosse capaz de renovar o interesse [pelas coisas da cultura brasileira] e de suscitar um dia a síntese magistral que só se tornará possível com o desenvolvimento dos trabalhos preparatórios de erudição e de pesquisas (AZEVEDO, 1944, p. 14).

Com essas proposições, entende-se que o autor pode ser qualificado como um intelectual que tem preocupação com “a interpretação do Brasil”. Numa perspectiva em que relaciona o passado, o presente e o futuro em aspectos internos e externos de compreensão do presente da cultura nacional

e ocidental. Nesse raciocínio, existe em Fernando de Azevedo a preocupação explícita de localizar a cultura brasileira no movimento temporal da história.

Nas reflexões de Fernando de Azevedo, se se estudar a cultura brasileira como uma manifestação isolada, “como se fosse microcosmo isolado dentro do conjunto social”, teríamos “uma noção falsa” das “suas manifestações”. Por isso, a obra trabalha mostrando o “conjunto social que se liga sem cessar” à “evolução das grandes correntes” religiosas, econômicas, culturais e políticas dos “diversos períodos da história ocidental e nacional”, em direção ao aperfeiçoamento, ao desenvolvimento e ao progresso. Esses fatores, na visão de Azevedo (1944, p. 13-15), constituem a evolução temporal, a experiência dos homens no tempo.

Para Fernando de Azevedo, esse seria o fio condutor que ora aponta “numa direção única”, ora se conflitam “[...] algumas de suas partes”, mas, contudo, orienta os movimentos culturais. Dando preferência ao “[...] fato humano complexo”, rejeita uma fórmula rígida, orienta seu pensamento na interpretação dos movimentos culturais estéticos e científicos. Entretanto, sem se prender a uma fórmula rígida, a teorização da cultura brasileira desenvolve uma “interpretação dos movimentos culturais”, em uma prática que mescla análise bibliográfica e erudição, a dimensão temporal não é evidenciada. Se a síntese só se torna possível de desenvolver com trabalhos de “erudição e de pesquisas”, é na lida com esses que sua existência se estrutura. É preciso atenção, o que capacita o investigador na extração de “fatos particulares” através dos procedimentos da análise inscritos nas práticas da erudição e da compilação”, como um movimento que embora enxergue as partes, quer explicar o todo “indicando a possibilidade da generalização”, é a evocação de diversas situações temporais onde os eventos são negativados ou positivados mediante processo de historicização, como afirma Detoni (2013, 18-19).

Contudo, na perspectiva de Fernando de Azevedo, é defendido que por intermédio da síntese, que os saberes dispersos podem ser reunidos. Em outra forma, reunindo o essencial das obras, se tem uma síntese das principais tendências, ou seja, o autor chama sobre si os conhecimentos sobre o objeto comum, nesse caso, o Brasil. Proclama oferecer uma visão útil do conjunto tão perfeita quanto possível em operação que unifica conhecimentos detalhados sobre a cultura do Brasil, abandonando o secundário e acessório, para se

centrar nas “grandes linhas do desenvolvimento”, “as ideias mestras”, a evolução social e política.

> A grande profusão de obras citadas, pela função e pelo peso que a elas é concedido, revelam que o autor *não pretende usá-las indiscriminadamente*, mas sua organização é precedida por uma prática legitimadora da análise e da interpretação. Há obras cuja presença demonstra a lógica da interpretação e delineia o método, os conceitos e procedimentos; e há outras que demonstram a erudição do autor, legitimando suas opções teóricas e metodológicas – conhece um universo científico muito maior que a teoria eleita e, por isso, sua escolha é consciente – e, ao mesmo tempo, essa profusão de obras estabelece *consensos teóricos* que corroboram a legitimidade da análise. E há ainda aquelas que utiliza apenas como *fonte de informação sem se preocupar com seu conteúdo* teórico-metodológico [*grifo nosso*] (TOLEDO, 1995, p. 131).

Conforme citação, Fernando de Azevedo usa as obras de modo crítico e consciente de sua ação, não pretende usar indiscriminadamente as obras consultadas. Sua vontade de generalização e conciliação, visa uma zona de consenso. Com isso, quer legitimar sua “análise e interpretação”, construindo uma lógica, uma operação em que o sistema interpretativo vigora.

> As obras conformadoras [que] são da Escola de Sociologia Francesa e, portanto, durkheimianas; [as obras] estrangeiras servem para conformar a teoria e o método [...] - As obras do consenso teórico, que vão constituir o terreno científico e da interpretação, são predominantemente formadas por estrangeiros “desconhecidos”, com raras exceções [...] - as fontes informativas, que servem para fornecer as informações e acontecimentos que são sintetizados na interpretação [do Brasil], são predominantemente obras de *autores brasileiros* [*grifo nosso*] (TOLEDO, 1995, p. 132).

Como em um sistema, as partes, os capítulos e o todo vão estruturando o trabalho de assimilação das ideias. A concepções teórica e os conceitos de terceiros que resultam na síntese azevediana, registra um gênio próprio, demarca o estilo pesado devido a argumentação, mas com peculiar compreensibilidade que revela um tratamento pitoresco. Nisso, o “conjunto de autores é trazido, por um lado, para subsidiar uma” questão ‘teórica do trabalho’, “que é, para o autor fundamental” na “definição exata” da “objetividade cientifica”. Por outro, “para diferenciar o seu programa de estudos” das “propostas” de outros autores. As “fontes teóricas citadas” *n’A*

Cultura Brasileira cumprem o papel de demonstrar a erudição do autor e alicerçar sua argumentação.

> Não têm apenas a função de conformar a obra, qualificando-a conceitualmente. São “chamadas” por [Fernando de] Azevedo para cumprirem um outro papel: Azevedo introduz um grande número de obras no corpo de seu texto que, articuladas à sua argumentação, demonstram a erudição do Autor, reforçando sua argumentação, criando uma zona de consenso onde pode instalar seu objeto e sua perspectiva interpretativa. A erudição é um artifício, uma estratégia de comprovação de suas teorias e interpretações. *Produz um efeito de autoridade*, neutralizando as possíveis críticas à obra, à medida que o Autor transita por um espectro largo de autores e opta, a partir [de sua erudição], pelas “melhores” e mais “seguras” interpretações, consolidando entre essas a sua (TOLEDO, 1995, p. 139) [grifo meu].

Conforme indicado na citação, por meio da erudição Fernando de Azevedo exibe sua capacidade de argumentação e “perspectiva interpretativa”, demonstrando o grande volume de leitura e síntese, quer afirmar sua autoridade intelectual. Estabelecer consensos para neutralizar as críticas e, ao transitar pelo largo espectro de autores, sinaliza ser possuidor “de uma ciência sólida e gosto seguro, adquirido numa longa e íntima comunhão com os mestres”. Para Azevedo (2010, p. 14), somente quem detém “conhecimento bastante profundo de todos os problemas [do Brasil]”, pode “ir direto ao essencial”. Com “espírito bastante penetrante e largo” no processo de convencimento, pode “compreender as obras mais diversas” e criticá-las “ao mesmo tempo”, julgando-as “à luz da história e, [...] também da estética ou do princípio científico, reservar a admiração às criações verdadeiramente originais e belas, com uma simpatia particular pelas obras discretas, mas profundamente sentidas.

Com essa operação, julga fatos e acontecimentos aclarados pela história e constrói um modo de representar a cultura brasileira em que a “procura da verdade das coisas passadas”, revela, por “conseguinte, a astúcia - a perseverança” do sociólogo historiador, “enquanto paladino da erudição ou *experts* na arte da descrição correta dos acontecimentos já transcorridos” para aplicarmos uma proposição historiográfica, de acordo com Detoni (2013, p. 19). Logo, a “erudição diferencia os pesquisadores porque, para o autor, ela é condição para a produção da síntese” sobre o movimento do tempo. Para Fernando de Azevedo, são “os especialistas” que “preparam as monografias”;

são eles, que, dotados de senso criativo, “podem unificar os dados, produzindo as mais largas análises e interpretações”.

> A erudição, no entendimento do autor, legitima a obra como científica, pelo conhecimento que seu produtor possui, tanto do que já é conhecido, como do que existe de mais “avançado”. Com esse conhecimento - “sólida ciência” - é capaz de constituir seu caráter (TOLEDO, 1995, p. 142-144).

Em virtude de “uma larga visão do conjunto”, a função, que Fernando de Azevedo confere às fontes, são de contribuições a temas e períodos da história. Para isso, os autores brasileiros, ‘representados’ pelas fontes informativas que são constituídas de dados e acontecimentos históricos detalham a sociedade brasileira e sua evolução.

> Recorrente e encontra-se em toda a obra, com exceção da Introdução, cujo objeto da exposição é a teoria. As fontes-informativas são aquelas apresentadas como a fonte de seus dados e acontecimentos históricos, a partir dos quais constrói sua análise e interpretação. São aquelas obras consideradas pelo Autor como monografias especializadas ou trabalhos de detalhes, que devem ser unificados pela Obra de síntese. Aparecem, portanto, nos capítulos cujo objeto é a evolução da sociedade brasileira (TOLEDO, 1995, p. 145).
> .

Perceptível que a ideia de evolução “das formas de estrutura social e política”, assumida pela sociedade brasileira, *desde o começo, década de 1940,* até os dias atuais demarcou o senso crítico do autor e possibilita-lhe ver e demonstrar o antes, o depois e, é claro, a projeção para o amanhã, fator que só é possível em uma perspectiva que recorre à história. Sendo assim, por um lado, Fernando de Azevedo segue uma concepção linear de interpretação do passado. Por outro, ao perceber os diferentes níveis e panoramas diversos da realidade brasileira fornecida pelos autores, trabalha numa perspectiva “cíclica” causados pela permanecia de alguns aspectos do passado que estão no presente por via da tradição.

Há ainda, sem dúvida, a descrição, sobretudo, do processo de urbanização e industrialização, que revela uma expectativa de “progresso”. Com base nas ideias de um historiador brasileiro, conforme Araújo (2008), posso compreender que esse processo de urbanização e industrialização, entendido como progresso, poderia ter sido causado pelas novas práticas sociais definidas como modernas que aceleram o tempo rumo ao desenvolvimento, ao aperfeiçoamento técnico e produtivo. Sem entrar nessa

discussão, nesse momento, apresenta-se apenas um exemplo para que nosso pensamento seja mais bem justificado no que tange às experiências de tempo.

> Numa sociedade notavelmente desnivelada, como a primitiva sociedade colonial, em que a diferença demográfica acentua as *desigualdades sociais* e, *mais tarde*, as políticas, e a primeira classificação social [...] se funda em razões de pigmento, a distinção de classe, estabelecida sobre base econômica, encontrava na distinção de raças um fator novo e um sinal material visível, de diferenciação [...] Sem *tradição histórica* e sem nobreza de sangue, se graduava e avaliava seus títulos pela extensão dos latifúndios, pelo número de escravos, pela inatividade e pela ostentação do luxo. *Ainda mais tarde*, outros fatores deviam intervir para fortalecer essa sociedade, [...] profundamente [marcada em] distintas e diferenciadas. [...] só por sua situação econômica, já se considerava erguido à condição de fidalgo, soberano e pai, de uma autoridade quase sem restrições na família patriarcal; vendo o trabalho uma ocupação de escravos, é um pequeno rei [*grifo meu*] (AZEVEDO, 2010, p. 186-187).

Nessa camada de tempo é transposta uma representação construtora de imagens que demarcam tempos diferentes com práticas permanentes. É o agora, que embora não presente, é marcado ainda mais tarde. Por questão de cor ou de condição econômica, o desnivelamento fortalece os fatores de um passado que se repete, embora com um fator de diferenciação. Essa passagem demarca a definição de síntese onde Pedro Calmon, Von Martius e Gilberto Freire estão, nem sempre de modo indiscriminado ou mesmo coincidentes do ponto de vista teórico, na base do pensamento do autor. Mas que, possíveis de reunir em elementos postos à sua disposição, pela historiografia são reunidos em síntese na visão de Fernando de Azevedo.

Usando o conjunto de “estudos locais”, de “investigações monográficas”, e de estudos temáticos que se consolidam “como as tentativas já feitas”, é que fornecem a visão panorâmica do autor sobre a nação no seu processo de constituição, desenvolvimento e evolução, como está posto em Azevedo (2010, p. 185-187). Esses aspectos exemplificados demonstram a fecundidade histórica das ideias e conceitos resultantes da “construção da experiência” e da transformação nesse processo de síntese temporal. Ao explicar a nação, o autor quer entender a transformação, “no sentido” de uma “transição de um princípio cíclico para um linear na formatação do tempo como premissa e condição” da mudança de significação em relação ao passado, presente e futuro, conforme consta em Gumbrecht (in ARAÚJO, 2008, prefácio).

Para desenvolver seu projeto, o autor argumentou sobre a necessidade do trabalho e se colocou pronto para entender o movimento gradual da estrutura social e política. Chamando a atenção, para alguns fatores que devem ser considerados.

> Se considerarmos a importância do papel que exercem os fatores físicos, demográficos, econômicos e urbanos no processo de evolução social e política, as grandes linhas desta síntese, tão útil se não necessária ao estudo de nossa evolução cultural, [que] já se destacam com uma tal nitidez que não será preciso mais que desprendê-las dos fatos estudados, acompanhá-las no seu desenvolvimento e apresentá-las com maior precisão, rigor e relevo (AZEVEDO, 2010, p. 173).

Apresentar os estudos com “maior precisão, rigor e relevo”, torna-se o ponto chave de um trabalho de síntese histórica na reflexão de Fernando de Azevedo. Então, em sua visão, ao considerar os aspectos geográficos, populacionais, produtivos e de formação da cidade, torna-se possível, destacar junto aos conhecimentos já produzidos, uma síntese que consiga desprender os “fatos estudados” no conjunto, acompanhando o seu desenvolvimento para percepção das mudanças e transformações. Essa fala demonstra o compromisso que o autor tem com sua produção intelectual. Ao assumir a responsabilidade intelectual, com relação à explicação do passado para entender o seu presente, quer demonstrar sua capacidade mental e propor um “diferente modo de interpretação” do passado que possibilitará aos leitores tomá-lo como objeto de análise, interpretação e orientação.

Em outras palavras, a obra é uma ampla abordagem, quando se propõe um “diferente modo de interpretação do passado”, quer trabalhar com produções que captam pequenos acontecimentos. Assim, a partir do essencial da história, das várias histórias, ou dito de outra forma: a partir dos intérpretes do Brasil, que, de modo separado dão uma visão panorâmica da nação, Fernando de Azevedo quer restituir, e de modo mais preciso, reconstruir as explicações separadas em um quadro geral. Com essa combinação engenhosa, entende essa estratégia como um meio para vencer as dificuldades e fixar o sentido da realidade, das tendências gerais da história da cultura do Brasil.

> A dificuldade de uma síntese, que não é senão a resultante da documentação fornecida pelas monografias especializadas e trabalhos analíticos, não está apenas na insuficiência de obras

> dessa ordem, de pesquisa e investigação, mas na tentação a que tantos costumam ceder, por gosto ou excesso de cuidado, de não negligenciar nenhum detalhe, embaraçando-se na multidão dos “pequenos fatos” (AZEVEDO, 2010, p. 173).

Visto de outra forma, para que o trabalho de síntese seja capaz de comportar uma visão larga do conjunto, requer, embora de modo falho por não apresentar os pormenores do objeto estudados, uma visão do conjunto. Os resultados dos trabalhos especializados e analíticos exige do pesquisar capacidade cognitiva de operar um sistema ordenado que demonstre o essencial “das ideias mestras”. Embora o autor negue um trabalho de detalhes, são esses que alimentam as suas argumentações e explicações. Fernando de Azevedo pode até não querer ceder à tentação, mas são exatamente nos detalhes que o leitor pode localizar as operações realizadas tais como a partir de cada autor e de modo geral, tirar o que é essencial para entender a formação da cultura brasileira em seu trabalho de tomada de consciência histórica e sociológica.

Já que do “ponto de vista mais geral que abrange toda a história do país” a historiografia oferece obras “que, sem serem definitivas, constituem” de certa maneira, um “grande panorama histórico, em que sob estilos diferentes”, destacam “sobriedade elegante”, “secura enérgica” e “poesia colorida”, dão “uma visão nova da história de nosso país, num grande esforço para penetrar até o coração” das nossas instituições “sociais, políticas e econômicas”. A obra de Fernando de Azevedo, embora reduzida “ao estudo da cultura”, objetiva uma “vista de conjunto de nossa evolução histórica e social” para poder tentar “apresentar nossa evolução cultural suscetível de ser dominada do mesmo ângulo de observação”, ou seja, um ângulo de “horizonte histórico” dos diversos “períodos da história ocidental e nacional” que orientam “todo o país numa direção única” rumo ao futuro. Assim, a obra seria desde logo uma tomada de consciência de nós mesmos, como já afirmou Azevedo (2010, p. 41-43).

2.5 A relação entre o todo e as partes

Com as propostas apresentadas, notamos que inicialmente Fernando de Azevedo relata a dificuldade que há na produção de uma síntese sobre a evolução social e política do Brasil. O autor explica que um dos diversos obstáculos em um trabalho desse gênero, seria a falta de “obras”, de “pesquisas e investigações” sobre o tema, mas a maior das tentações, que se traduz em uma barreira para o estudo, é o que muitos não resistem, o gosto pelo “excesso de cuidado”. Consciente disso, segundo ele, para não ceder em sua proposta, ao “desejo violento” de “não negligenciar” os detalhes, os pequenos acontecimentos e se embaraçar, como muitos investigadores, em uma multidão de “pequenos fatos”, persegue as “tendências gerais” da história. Quer ver a que cultura a brasileira é tributária.

Nas palavras de Azevedo (2010, p. 173-174), “[...] qualquer que seja o papel determinante dos pequenos fatos, eles não devem fazer-nos esquecer das tendências gerais, explicáveis elas mesmas por causas gerais”. Para Fernando de Azevedo (IDEM, IBIDEM), “discernir no conjunto dos acontecimentos históricos fatos gerais dominantes”, aqueles “como que a armadura ou a ossatura” das tendências gerais, mostram como “esses fatos gerais e de primeira ordem se subordinam outros”, como numa cadeia de acontecimentos que não se encerram em si mesmos, mas fazem parte de um movimento ‘evolutivo’.

Nesse sentido, em uma síntese segundo o autor, por mais que os detalhes possam despertar um “interesse dramático, picar nossa curiosidade”, eles não podem povoar a “curiosidade filosófica”. Ele considera que a ideia de uma síntese constitua um “vigoroso esforço do filósofo para aplicar à história moderna as grandes ideias mestras – ideias de acaso ou de irracional, de ordem ou de razão”. Apresentar as considerações acerca da marcha das ‘ideias’ e dos ‘eventos’, permite cumprir o objetivo de tentar definir na evolução social e política do Brasil, “seus caracteres gerais e nas suas causas principais, o movimento de nossa civilização” na história geral da cultura ocidental, conforme Azevedo (2010, p. 174).

Em nossa interpretação, há dois momentos importantes no gesto de Fernando de Azevedo, e neles, podem ser expostos as seguintes hipóteses: o

autor dá a entender em sua perspectiva, que os acontecimentos no Brasil, não se dão de forma isolada, considerando os fatores “físicos, demográficos, econômicos e urbanos no processo de evolução social e política” e, acrescentaríamos, históricos do país, correlacionados a um movimento maior, o das mudanças e transformações operadas no mundo. Para o pensador, sua ideia de evolução e de história da cultura brasileira, possui o sentido geral que está vinculado à modernidade e, sobretudo, ao movimento cultural do ocidente. O Brasil não estaria isolado do movimento da cultura ocidental, pelo contrário, pertenceria a ela, ou pelo menos, seria resultado do processo de desenvolvimento e progresso da cultura em linhas gerais do movimento do globo, sobretudo, no lado ocidental.

Tal fator nos leva à conclusão de que não haveria fato histórico isolado, pois está relacionado ao seu contexto. Se for verdade que, para o historiador “o fato não está isolado, faz parte de todo um contexto”, como está posto em Melo Júnior (2015), Fernando de Azevedo desenvolve em sua síntese, uma estratégia que “fixa o real sentido de nossa formação”, do “quadro das origens e da evolução das formas de estrutura social e política”, em que a sociedade brasileira assume certo caráter devido ao resultado do movimento de outras civilizações como a portuguesa, de matriz europeia e ocidental. Com isso, é sinalizado que: gerados a partir das demandas dos colonizadores, éramos afeiçoados a partir dos interesses da metrópole. A partir da necessidade comercial dos aventureiros navegadores ocorre ‘descoberta” e ocupação da faixa litorânea explorada pela Metrópole, por consequência, a disseminação da cultura do colonizador, de acordo com Azevedo (2010, p. 174). Azevedo carrega o texto para justificar a argumentação, desenvolver o exercício de síntese historizando o tempo em proposições estruturais.

> No vasto território descoberto e ocupado apenas em parte, na sua faixa litorânea, explorado pela Metrópole e para a Metrópole, povoado de uma grande maioria de indígenas e por uma rala minoria de brancos, os portugueses não tomaram pé, nos trinta anos seguintes ao descobrimento, senão para extração e comércio do pau de tinta, de que se reservaram o monopólio da exploração. Mas o próprio comércio do pau-brasil, que se encontrava em abundância nas vizinhanças do litoral e as incursões de piratas franceses que, aproveitando-se do abandono das novas terras descobertas, pilhavam os aldeamentos dos índios e disputavam aos portugueses a sua exploração e domínio (AZEVEDO, 2010, p. 174).

Forçada, a Metrópole teve que “voltar as suas vistas para o Brasil”, colocando-o no “caminho da colonização”. Considerado a imensidade do território brasileiro, “as distâncias que o separavam de Portugal”, o estágio “elementar de cultura dos habitantes primitivos – selvagens bravios”, errantes “pelas florestas americanas”; esses fatores constituíam “obstáculos quase insuperáveis ao estabelecimento de colônias”, portanto, a “colonização”, tinha de tomar “novas formas e seguir rumos novos”. Logo, seguindo a narrativa e raciocínio do intelectual, com a “expedição de Martim Afonso de Sousa, em 1530, e a doação de capitanias hereditárias”, marcam o período de “fixação do homem à terra”, de que, até então, os primeiros exploradores haviam “reduzido a sua atividade a traficar com o pau-brasil e a reconhecer as costas” litorâneas, de acordo com Azevedo (2010, p. 174).

A divisão das terras brasileiras em “quinze capitanias hereditárias”, doadas a homens “dignos pela excelência de linhagem ou pelo prestígio individual”, constituía uma marca, “em última análise”, de uma experiência social, política e histórica da Europa, que tinha suas origens em um passado remoto. O autor trabalhou com a ideia de que a divisão de terras pela coroa portuguesa espelhava, o que caracterizava o essencial do “feudalismo europeu”, a “distribuição e posse da terra, como um meio de fixar o homem, suscitar a sua defesa e o interesse” da colonização. Como não havia uma “estrutura social já constituída”, não poderia “dar-se como efetivamente não se deu no Brasil” esse sistema.

> Mas, se não existe um paralelismo entre a organização econômico-política brasileira e a economia da Europa Medieval, não há a contestar que a organização instituída pela doação das capitanias com o fim de prender o homem à terra e suscitá-lo à sua defesa, assegurando à Metrópole o domínio da colônia, obedecia a princípios (AZEVEDO, 2010, p. 175).

Princípios que tinha o propósito de moldar a terra e seus habitantes ao sistema social vigorante na Metrópole. Quando portugueses confiam as “terras incultas à energia de homens de boa vontade”, de nobre ‘genealogia’, estariam por um lado, protegendo-as “sem maiores gastos” para a Coroa, da “cobiça” de muitos “salteadores” externos, que rondavam os litorais brasileiros. De outro, assegurando a Portugal um sistema produtivo e modos de vida que atendiam, senão de tudo, em parte, às necessidades do colonizador. Mesmo com o

abandono das terras por parte de alguns “donatários”, o “malogro de outros, em seu empreendimento”, a “desinteligência dos senhores de capitanias, independentes entre si e as dificuldades em que se achavam todos, para defenderem os seus lotes contra” índios e estrangeiros, “fizeram desde logo sentir a necessidade de um governo central, com jurisdição sobre a totalidade do território ocupado e partilhado”, como está posto em Azevedo (2010, p. 175).

Em sua exposição, Fernando de Azevedo constrói uma visão que liga nossa formação, evolução social e política de forma íntima, com as ações desenvolvidas por Portugal e a Igreja ao longo do processo de colonização. “A luta que devia atravessar séculos, até os tempos modernos, entre as tendências particularistas e unitárias ou de centralização e descentralização, já se acusava por essa época nas duas medidas que se sucederam”. A doação de terras e do governo-geral que, corrigido alguns inconvenientes, “mediante a centralização do poder político”, colocou, no decorrer do tempo, um “espírito de dominação” que persistiria “durante largo tempo, na vida política do país” e encontraria nas “oligarquias regionais” assimilação na “administração de fazendas ou feitorias” no “governo das províncias e dos Estados”, conforme Azevedo (2010, p. 175-176).

O Brasil, no seu processo de formação, como qualquer colônia, foi gerado a partir das “necessidades dos colonizadores”, segundo a percepção intelectual de Fernando de Azevedo. Para ele, “éramos moldados a conveniência” da Metrópole, *não seríamos* os “inventores de sistemas produtivos ou modos de vida”. A representação histórica desenvolvida pelo autor, assegura a ideia de permanência, certas práticas que vão persistir ao longo do tempo e ter influência na formação do caráter nacional, como disse Melo Júnior (2015).

> Não é menos importante, para a inteligência de nossa evolução social e política, nos três primeiros séculos, o fato de que as instituições políticas, fundadas pela Metrópole, precederam a quaisquer formas de organização social na colônia em que, na primeira metade do século XVI, apenas se esboçava uma sociedade em formação. Antes que a lavoura de açúcar, nos meados do primeiro e no segundo século, fornecesse à sociedade colonial nascente os elementos constitutivos e os quadros de uma estrutura social sólida e estável, já estava montado todo o mecanismo público, baseado no sistema das capitanias, temperado e corrigido pelo governo central, que se

> destinava a promover a fixação do homem à terra e a sua defesa e colonização (AZEVEDO, 2010, p. 176).

Ainda conforme Azevedo (IDEM, IBIDEM), é diante desse quadro, que a evolução social e política brasileira é gerada pelos conceitos e princípios que "moviam os aventureiros navegadores". Porém, nessa sociedade ainda por se organizar, em "uma estrutura social sólida e estável", a composição que se tinha em mente, era de uma organização composta por essa época, de "portugueses reinóis e nascidos no Brasil, de índios, mestiços e negros", que não sentiam uma "imposição exterior". Nas relações sociais não suscitavam "outras necessidades que não as da própria defesa e segurança".

Verdade que ainda "não se havia formado a consciência de uma distinção entre uma nacionalidade nova e mesmo uma sociedade nova" e da "Metrópole distante"; a "pátria era uma só: Portugal". As instituições planejadas pela Metrópole e "transladadas para a colônia, servindo aos interesses rudimentares da sociedade local, em período embrionário, serviam realmente aos interesses" de Portugal: "uns e outros, então identificados" em uma cultura[46] de exploração e aventura (AZEVEDO, 2010, p. 176).

É preciso considerar que esse movimento não se deu de forma contínua e estável, mas com variáveis. Uma sociedade que nasceu em condições desfavoráveis, "disseminada em pequenos núcleos", esparsos devido à distância, "constituída inicialmente de duas raças, a branca e a vermelha, em estágios os mais diversos de cultura; premida entre litoral e o planalto", fazia com que a Metrópole não tivesse domínio sobre "a sua antiga estrutura social" no que refere ao processo de transplantação cultural, segundo Azevedo (2010, p. 185).

Um "fenômeno por assim dizer pré-social, um "estado de sociedade em suspenso, amorfo e flutuante, à procura de novas formas" reinou nesse contexto. "A sua extrema rarefação, a sua heterogeneidade na composição inicial", se complica ainda mais com a "importação de escravos africanos". Os choques "das três raças e culturas", forçosamente retardava a "organização social, e a levam a concentrar, no esforço instintivo de conservação e defesa

---

[46] Também ver nota de rodapé nº 03. In: AZEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: USP, 2010, p. 176. (Coleção: Os Fundadores da USP).

em suas forças elementares". Para Azevedo (IDEM, IBIDEM), desde a formação a cultura no sentido da formação intelectual do espírito, do conhecimento e das letras não fica em primeiro plano.

O conflito entre os portugueses que "já haviam atingido um alto grau de civilização e cujo capitalismo se achava na fase comercial de exploração de produtos agrícola" e o indígena, que permanecia em estágio "primitivo, o da colheita, da caça e da pesca, e não podia passar brutalmente ao estágio agrícola", foi inevitável. Existia uma enorme "distância social" que tornava impossível a assimilação dos índios à economia rural", aspecto que, na visão do autor, seria a "fonte geradora de conflitos de culturais" (AZEVEDO, 2010, p. 185).

> O caldeamento étnico, pelo cruzamento, em larga escala, de brancos e índios, devido à escassez de mulheres brancas, a sedução que sobreas índias exercia a raça dominadora, e a ação pacificadora dos jesuítas [...] contribuíram para atenuar até certo ponto os antagonismos das duas raças e promover a assimilação e adaptação de suas culturas. A cultura dos negros africanos que, ao contrário dos índios, já havia chegado ao estágio agrícola, e a menor distância entre a estrutura social de tribos africanas e a família patriarcal dos colonizadores portugueses, não só tornaram possível, [...] assimilação dos negros na economia brasileira, ainda que sob uma forma anormal e patológica – a da escravidão –, como também, com a miscigenação largamente praticada, por falta de mulheres brancas, corrigiam "a distância social que de outro modo se teria tornado enorme entre senhores e escravos" (AZEVEDO, 2010, p. 185-186).

Logo, desenvolvendo um entendimento social da história da cultura brasileira, Fernando de Azevedo descreveu a sociedade colonial apresentando alguns traços que reforçaram o caráter fidalgo e inativo dos senhores de engenho no seu sistema patriarcal. Seria a partir da "exploração da cana-de-açúcar" a base do "patriarcalismo português", que "apoiado no trabalho servil", daria impulso vigoroso à colonização servindo de modelo para a sociedade colonial.

De acordo com Azevedo (2010, p. 186), "numa sociedade notavelmente desnivelada, como a primitiva sociedade colonial" marcada pela "diferença demográfica" que acentuava as "desigualdades sociais e, mais tarde, as políticas", tem em sua "primeira classificação social": portugueses, índios e negros. Fundada "em razões de pigmento", a "distinção de raças seria o fator

novo e sinal material e visível de diferenciação. Senhores e escravos: brancos e negros".

> As raças, branca e africana, formavam a estratificação étnica, cujas camadas correspondiam exatamente, como se vê, na estratificação social, às duas classes que a monocultura latifundiária e escravocrata separava e superpunha, elevando a categoria de nobreza a dos senhores de engenho e degradando ao mais baixo nível as massas de escravos. "A cor significava nobreza [...]" (AZEVEDO, 2010, p. 186).

O autor argumenta que, de um lado, "a riqueza do solo", permitia "às gerações de senhores de engenho" suceder-se no mesmo engenho se fortalecendo, criando "raízes em casas de pedra cal". A prática frequente da endogamia, "casando-se as primas com primos e os tios com sobrinhas", contribuíam "poderosamente para dar à classe dominante, nessa sociedade solidamente hierarquizada, a armadura de uma aristocracia que, sem tradição histórica e sem nobreza de sangue, se graduava e avaliava seus títulos pela extensão dos latifúndios". O número de escravos, a inatividade, a ostentação do luxo, assim como a violência e exclusão dava tons ao caráter nacional. Todos esses fatores que somados a outros, mais tarde, fortaleceriam profundamente a sociedade em aspectos de distinção e diferenciação (IDEM, IBIDEM).

Para corroborar com essa explicação, no processo de distinção e diferenciação fundados na pigmentação e posse de terra, o autor apresenta que havia uma "lei que vedava", impedia que credores penhorassem as terras. No máximo que se poderia fazer em caso de dívida, era penhorar a safra; a "lei de família que dava ao primogênito a sucessão integral, impedindo a divisão do patrimônio, acrescida ao costume que tinham de não vender os seus escravos" incluídos no "domínio hereditário", a posse de um homem sobre o outro para fortalecer o tom autoritário, aristocrático e patrimonialista, em conformidade com Azevedo (2010, p. 186-187).

Em outra passagem, Fernando de Azevedo define que a sociedade brasileira tem sua consolidação em bases de uma "aristocracia de emergência, corrompida pela instituição do cativeiro, explorada pelo comércio, imobilizada, desmoralizada pela ignorância, pela sensualidade e pelo misticismo que lhe floresceram a inatividade", segundo Azevedo (2010, p. 187).

> O senhor de engenho que, só por sua situação econômica, já se considerava erguido à condição de fidalgo; soberano e pai, de uma autoridade quase sem restrição na família patriarcal; vendo no trabalho uma ocupação de escravos, é um pequeno rei, nas suas sesmarias ilimitadas, com o direito de vida e de morte, ainda que não estabelecido expressamente por lei, "sobre os que dele dependem, amanhando as terras ou servindo nos engenhos". A Igreja, se de um lado amaciava os rigores no exercício desse poder, contribuía, por outro lado, com a sua disciplina modelar, para manter em equilíbrio as relações entre senhores e escravos, enrobustecendo a autoridade daqueles e desenvolvendo nestes o espírito de obediência, de conformidade e de submissão (AZEVEDO, 2010, p. 187).

De certa forma é construído um organismo complexo "nessas propriedades imensas que se bastavam a si mesmas". Isoladas umas das outras, manifestava "à desintegração do todo em partes independentes" que, enfraquecendo o poder superior central e "preparando nos engenhos de açúcar, em que se concentram a autoridade dos senhores, formas imprevistas de individualismo" de personalidade irracional e imaginativa. Para Leite (1976, p. 295), um traço característico do brasileiro seria a "afetividade, a irracionalidade e o misticismo, que infiltraria por todo o caráter". Dominado por sentimentos que interfeririam em todos os juízos levando-o "a resolver as questões em termos de "amigos" ou "inimigos" e não através de apreciação objetiva".

Mas ainda sobre o aspecto da inatividade dos "senhores de engenho e, mais tarde, dos fazendeiros", aqui numa clara relação temporal, consistia em um "sinal de classe", ou melhor, da classe detentora de posses. Os donos do poder expressavam certa repulsa ao trabalho manual. A "repugnância do brasileiro pelo trabalho manual ou mecânico em que se ocupavam os escravos", simbolizava a condição social dos indivíduos". Os lugares na hierarquia social, segundo Azevedo (2010, p. 187).

Como intérprete das relações sociais, afirmava que na formação da sociedade brasileira, o mesmo regime de "produção e de trabalho que criou" a "aristocracia" no período de colonização, criou a "casa-grande", o "tipo de escravo e de senzala". Essa forma, ou sistema de comportamento, tinha por princípio o gosto "pelo sofá, pela cadeira de balanço, pela cozinha, pela mulher, pelo cavalo, pelo jogo", a rede, a vontade de mando e obediência cegos. De

ser servido como senhor absoluto dos seus domínios, em consonância com Azevedo (2010, p. 187).

Sendo em partes atitudes herdadas dos “peninsulares”, o comportamento de nobreza consistia em conseguir permanecer o maior tempo inerte “em uma cadeira” ou objetos descritos acima. Em reflexão sobre o regime feudal, Fernando de Azevedo argumentou que “havia traços psicológicos comuns no nobre e no camponês, e uma mentalidade dominante que coloria toda vida social”. Para ele, contudo, na “sociedade brasileira”, as diferenças de “raças e de culturas e as condições especiais, criadas pelo cativeiro”, ordenava senhores e escravos em extremos, “nada a princípio permitiam de comum entre os senhores de engenho” e os escravos criando um ambiente de distância, contradição e complexidade, exigido em uma interpretação, como a dela, apertadíssima, uma síntese, pois, captava o essencial, conforme Azevedo (2010, p. 187) [47].

Nesse contexto, na trilha do seu raciocínio, segundo Fernando de Azevedo, forma-se uma mentalidade/” psicologia de classe”, “sob o regime patriarcal”, que ajudada pela “casa-grande e a capela” foi disseminada por toda a sociedade. Ela se “impôs de tal maneira e tão fortemente na sociedade” que acabou por dar “o tom a toda a vida social”. A “monocultura”, o latifúndio e a escravidão, realizaram um “sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos”. Em uma relação de poder que pode ser definida em quem manda, não trabalha, quem obedece, trabalha e claro, nas condições da escravidão. Relação que só fora atenuada ou mesmo, “contrariada pelos efeitos da miscigenação”, a qual forneceu ao “mestiço, os primeiros elementos de reação contra os senhores de engenho”, em conformidade com Azevedo (2010, p. 188).

Colocando dois autores para conversar, percebemos que Fernando de Azevedo percebeu a hierarquização somente em um tempo, “hierarquização só pode ser observada na sociedade latifundiária e escravocrata”. Pensando na implantação de uma cultura que trouxesse a evolução e o progresso das forças culturais, ao entender que “com a urbanização, essa hierarquia social

[47] Nota de rodapé nº 05. In: AZEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: USP, 2010, p. 187. (Coleção: Os Fundadores da USP).

desaparece". Nesse raciocínio, com o desaparecimento da hierarquia latifundiária da sociedade escravocrata, nos ficaria apenas "a moral de senhores e escravos, patrões e empregados". Essa moral daria "conteúdo social ao personalismo e à política, "de que se acham afastados tanto o sentimento de interesse comum quanto o espírito de cooperação", como disse Leite (1976, p. 297).

É preciso ter em mente que Fernando de Azevedo não resolveu diversas contradições, sua descrição oscilou e sua base teórica apresentou extrema oposição. Contudo, concentrou-se em uma possível conciliação do contraditórios, buscando o consenso que poderia haver nas interpretações do Brasil, nas buscas da identidade nacional e da vontade de evolução. Quis definir o Brasil e apresentá-lo aos brasileiros, para daí colocar seu projeto de mudança da cultura em ação, mas ainda no processo de entender o que somos. Para ele, esse exercício seria o primeiro passo para pensar o que se poderia ser.

> Depois de dizer que o brasileiro não vê, no Estado, o interesse coletivo, mas sim as pessoas que dispõem do poder, Fernando de Azevedo assim resume as características psicológicas do brasileiro: altruísta, sentimental, generoso, capaz de paixões violentas, mas pouco duráveis, pouco amigo da ordem, pacífico, hospitaleiro, mas desconfiado, tolerante por temperamento e despreocupado, trabalhador resistente e individualista, mas sem continuidade (LEITE, 1976, p. 297).

Dessa forma, sabendo-se que Azevedo presenciou o processo de transformação da sociedade, a urbanização, a industrialização, e "a ascensão social", a hostilidade "crescente entre o campo e as cidades, entre agricultor e o mercador" e o desenvolvimento da classe urbana, "a burguesia", os quais acabaram por "solapar pela base, a solidez e o prestígio da aristocracia rural dos senhores das casas-grandes". Segundo Fernando de Azevedo (2010, p. 188), na formação brasileira, a Casa-grande e sua estrutura social, teria representado as características nacionais no "sentido da estabilidade patriarcal" e hierárquica. Uma "estrutura social" rígida que se formou e se manteve, durante quase três séculos", apoiada na "monocultura latifundiária e escravocrata" não passaria em branco na formação do caráter nacional, na cultura brasileira. Espalhada pelas imediações do litoral, essa "vasta empresa" dirigida por "senhores brancos e cultivada por um exército de negros", tivera

“função social e econômica” primordial nas “refregas com os aborígines” e mais tarde contra invasores externos e, sobretudo, na formação de psicologia de classe, uma mentalidade, um caráter nacional.

À medida que os engenhos se “multiplicavam, concentrando em torno das casas-grandes a população negra, e dando origem à aristocracia rural” baseada na monocultura e no trabalho escravo, “desenvolvia-se sob o influxo do reino do açúcar e à sombra do esplendor da vida rural” as cidades. Em um mesmo tempo, “duas sociedades que se defrontavam, ambas heterogêneas e complexas”. Uma “solidamente estruturada”, outra, “mergulhada na miséria urbana e que não tardariam a enfrentar-se”, em um conflito com suas “tendências e mentalidades opostas”. Mesmo ainda no século XVII, segundo Azevedo (2010, p. 189), quando a “civilização era puramente agrícola”, já se fazia presente “os sintomas da luta que se devia abrir no século seguinte”, entre nobreza rural, então “comprometida pelas dívidas” e a burguesia urbana composta de comerciantes portugueses.

Considerando os diversos fatores no processo de formação e evolução social e política da nação, em que as mudanças se deram de modo lento, embora dinâmico, haveria pelo menos, três realidades que deveriam ser consideradas. De um lado, a aristocracia rural, organizada em mansões, sobrados que reproduziam a hierarquia social da casa-grande, “cuja famulagem se acotovelava nos porões”, como no passado, quando o negro “se apinhava” nas senzalas. De outro, erguia-se uma população composta de “pequenos comerciantes, mascates e oficiais mecânicos que não eram nem senhores nem escravos”, constituídos preponderantemente em atividades mercantis e “pela mistura de raças e culturas” em “realidades dinâmicas que” se desenvolviam “no tempo como forças de nivelamento”. Essas duas realidades “tendiam a diferenciar-se até a oposição” em sociedades “rural e urbana”. Ainda nesse contexto das realidades nacionais, deve ser acrescida uma “mais profundamente diversa” das outras e que “se desenvolveu no interior do país – a dos pastores e criadores [de gado] do sertão”, como disse Azevedo (2010, p. 189-190).

Certamente, é no contexto do “século XVIII”, “graças” a um duplo movimento definido como a “dos rebanhos, tangidos pelos vaqueiros, à procura de campos e pastagem naturais” e dos bandeirantes “à caça do índio ou em

busca do ouro e de pedrarias” que se inicia o processo de integração nacional. O período em questão, “foi o século da conquista e da integração, na pátria que se formava, da imensidade do seu território. As exigências da mão de obra, a sede de ouro e as necessidades da criação pastoril iniciaram e levaram a termo, em dois séculos [XVII e XVIII], a obra política e demográfica de maior vulto, que se registra em nossa história e pela qual se expandiu, se desdobrou, se reconheceu e se marcou de núcleos de povoamento o território brasileiro”, como posto por Azevedo (2010, p. 190-191).

Em A *cultura brasileira*, percebe-se que o autor desenvolveu uma operação em que a grande síntese geral “sobre a evolução do homem e das sociedades” ansiava pelo essencial da cultura brasileira no movimento da cultural geral. Seguramente, Fernando de Azevedo apresentou uma síntese possível, entretanto, com base na historiografia e na tentativa de aplicá-la, era uma síntese que se efetivava naquele momento que, segundo Detoni (2013, p. 26), “desde que a história, de posse das suas tarefas convencionais, dispusesse-se a em um diálogo franco com as ciências sociais, especialmente a sociologia”. Nesses aspectos, a história como fornecedora de um sentido, tal qual um fio condutor, que fundamentaria Fernando de Azevedo com relação à localização do movimento das culturas e o lugar ocupado pela cultura brasileira no concerto delas.

Em minha percepção, o conhecimento histórico foi usado pelo autor como forma para se obter substância, dar foça a sua argumentação e raciocínio. Construindo um enredo temporal em que formação, processo e estágio atual ganham um sentido, a descrição, a explicação ganha força em um enredo de “ocidentalização” da cultura brasileira, como posto em Azevedo (2010, p. 275). A história nacional acabou por desenvolver uma síntese histórica sobre a cultura brasileira, que deve ser levada em conta, pois, mostra que “as forças históricas” possibilitaram a compreensão dos impulsos “que operam no interior” da “própria existência”.

Fernando de Azevedo negou-se fazer um trabalho de história, mas “esperando” superar “os dispositivos especulativos”, capacitando seus argumentos para “elevá-[los] da compilação à síntese científica”, de acordo com Detoni (2013, p. 26-27). Para o exercício da construção de uma síntese, exigiu-se que Fernando de Azevedo fosse a fundo na história. Não havia como

definir o Brasil, o brasileiro e a cultura brasileira sem recorrer ao conhecimento histórico, elemento capaz de dar sentido à realidade e ao processo de constituição dos sujeitos históricos ao longo do tempo. Em outras palavras, apreender o *essencial*, parecia ser o caminho mais seguro que permitiria a Fernando de Azevedo “separar o necessário do contingente em um processo no qual a imaginação” e a erudição captariam o “sentido de realidade, ou aquilo que se situaria entre as ideias e a realidade empírica”.

Percebe-se que o compartilhamento entre “sujeito cognoscente e a própria história é o que permit[iria]” a Fernando de Azevedo “ter confiança em um saber histórico [e sociológico respectivamente] objetivo”. Já que para o primeiro, que é influenciador imediato do segundo, “todo agente da história mundial já se movimenta na essência do homem”, a história pode ter uma função interpretativa. Afinal, as “forças históricas que o historiador busca compreender são as mesmas que operam no interior de sua própria existência”, de acordo com Cunha e Bentivlogio (2018, p. 46-47). Talvez, por acreditar na ideia de desenvolvimento e progresso e na “existência de um plano minimamente otimista para os desenvolvimentos da história”, enquanto conhecimento e possibilidade de saber objetivo. Ao que parece, não conseguiu se afastar das proposições valorativas, tomou a história como realidade empírica e não processual.

2.6 Em A cultura brasileira: os fatores gerais

Em *A Cultura brasileira*, Azevedo entende que os fenômenos histórico-sociais não dependem somente de um fator, mas de vários. São vários elementos que acabam por influenciar nos aspectos, no caráter nacional, na mentalidade, ou seja, na cultura brasileira. Para compreender a cultura brasileira, segundo Fernando de Azevedo, é preciso explicar e situá-la no seu quadro geográfico, social e histórico. Acompanhar as diferentes etapas de sua evolução nas suas orientações e tendências. Com isso, é possível mostrar quais instituições organizaram-se, quais pressupostos foram firmados para transmitir o arcabouço cultural e histórico de geração em geração ao longo do tempo. É com esse estudo que se percebe a continuidade no tempo, a

unidade, a difusão e o progresso da cultura brasileira. É um estudo da linha temporal que mapeia o que condiciona, o que conserva e garante a continuidade. Constituído como uma lição sobre a vida nacional, a tecitura do texto esquematiza e externa que antes da cultura, entram em cena, os fatores da cultura, país, raça, meio e outros. O autor não quer a causa, quer tecer a correlação constituinte dos fatores da cultura com a cultura. O que ajuda e o que atrapalha na forma de ser do caráter da natureza nacional, e acordo com Azevedo (2010, p. 33-35).

Para o Azevedo (2010, p. 36), é possível observar que nas diferentes formas por que passaram os agrupamentos humanos, “da antiguidade aos nossos dias, [d]as cidades gregas ou romanas, da Idade Média e da Renascença e modernas”, as formações urbanas, as cidades sempre exerceram importante papel no “desenvolvimento das artes, das letras e das ciências”, portanto “não é possível separar a cultura da vida urbana”. A meu ver, a correlação que Fernando de Azevedo entre a cultura brasileira com a cultura geral, fê-las “entrar em algum lugar”, nesse caso, na relação com a cultura europeia, com os portugueses, no movimento geral das civilizações do Ocidente. Levando-nos a compreender que a cultura nacional se constitui numa forma particular que pertence à universal, à ocidental.

A cultura, nas suas múltiplas manifestações, tomada como a expressão intelectual de um povo, não só reflete as ideias dominantes em cada uma das fases de sua evolução histórica”, como o contexto e a sociedade a qual participa. Por isso, ligar o país aos ibéricos, é encontrar o Brasil na sua fase histórica. Assim, justifica a grande descoberta e ação de Portugal, dos bandeirantes, dos paulistas, dos intelectuais e outros, no processo de construção. Mesmo respeitando os grandes feitos do autor, pode-se afirmar essa vontade de demarcar um lugar e justificar uma prática (educacional, cultural, urbanística, científica etc.), acabou por marcar o pensamento de Fernando de Azevedo.

Essa concepção de desenvolvimento histórico é certamente problemática porque o pensador não se atentou para a polifonia que constituiu a diversidade nacional. A constituição da síntese, na tentativa de revelar os personagens, eventos e acontecimentos importantes, acabou por elidir o próprio Brasil. Nesse sentido, se uma “obra de síntese tem, pela sua própria

natureza, o duplo objetivo de unificar os conhecimentos dispersos” e fornecer uma visão geral sobre os trabalhos de detalhe, os quais contêm o que há de singular em solo nacional, o autor não estará tão preocupado em interpretar a cultura brasileira; o que vem à tona é que as obras de detalhe sobre a história da brasileira servirão apenas para dar suporte ou confirmar capacidade de erudição. Pois, ao abandonar o que autor considera ‘secundário’, e fixar-se no essencial, quer entrever ou pelo menos defender, que existe “um determinado padrão necessário de evolução ou de desenvolvimento da história”, segundo Azevedo (2010, p. 39-40).

Entendendo que a ‘trama histórica’ deve ser pensada como possuidora de alguma direção ou justificadora para que as coisas sejam o que são ou mesmo para dizer como deveriam ser, a tessitura da obra se estrutura converge para a ideia das grandes coisas que afetam as restantes. Nesse ponto vem à luz a concepção da ciência do tempo. Para Fernando de Azevedo, ao se restringir a pontos particulares a “história tem por base a erudição que lhe fornece os mais preciosos materiais”. Porém, carrega “o inconveniente de não apresentar em feixe, um conjunto apreciável de conclusões e ideias gerais”. Ao se afogar em detalhes, os fatos fornecidos pela história, “não adquire o seu valor senão quando trabalhados pelo sociólogo ou pelo historiador social”, que, em sua percepção, aproximam os fatos uns dos outros e “mostra sua conexão com as causas que os determinaram”. Os trabalhos de detalhe valem unicamente por suas “relações com o geral ou sua contribuição para ele, em uma palavra, como preparação e auxílio à síntese”, conforme Azevedo (1958, p. 23).

O espírito analítico, que “é um aspecto ou elemento do espírito crítico e científico”, soube estabelecer a “escolha entre os detalhes úteis e inúteis para o geral”. Para Azevedo (1958), o que importa é tirar de cada trabalho de detalhe, a “observação justa e comparada” com outras, um resultado sintético. Não aceitando que possa existir uma ciência do particular ou de detalhe, entendendo que elas “não valem senão em proporção, não da ausência, mas da presença de ideias gerais”. Isto é, só tem valor e importância quando serve de interesse e suporte à síntese, enquanto resultado “de esforço”, que, com o propósito de discernir nos acontecimentos históricos os fatos gerais e dominantes, mostram em que medida certos fatores, como a formação

nacional, por exemplo, repercutem no desenvolvimento e evolução da vida social, política, cultural e outras, de acordo com Azevedo (IDEM p. 23-24).

A meu ver, na intenção de se fixar no “essencial e indicar as grandes linhas do desenvolvimento”, Fernando de Azevedo (2010, p. 40) usa as obras de detalhe, como fontes informativas, assim obtendo noções sobre acontecimentos e eventos, acompanhando a história do Brasil em relação a história geral e Universal, demonstrando erudição, legitimando suas opções historiográficas, atestando que conhece mais obras do que diz. Consciente de sua construção, estabelece consensos a fim de legitimar sua interpretação. Nesse sentido, ele esconde ou sacrifica a diversidade da história brasileira em nome da ‘conciliação’ entre os aspectos econômicos, políticos e culturais, para tecer relações existentes entre elas e a estrutura social. Assim, seu interesse sobre a cultura brasileira só tem importância se atrelada não só com a vida nacional, mas, com a evolução geral da humanidade.

A proposição da “unidade do Brasil, num processo de uniformização, no qual o sentimento nacional permitisse o ocultamento da divisão social e a direção” do povo pelas elites, pelas personalidades criadoras, ou mesmo pelos grandes homens, vai na direção de valorizar os grandes acontecimentos, ou pelo menos eleitos com tal. Assim, o conhecimento histórico é direcionado para as instituições, com os personagens, as condições gerais da época comparando-as entre si. Nesse sentido, com vistas a explicação, mas sobretudo, a descrição, é construída uma concepção temporal pautada na noção de continuidade, pois, essa percepção “traria à luz o passado de todos os brasileiros”. Na variedade de detalhes, há um ponto que une e fortalece o espírito nacional, a alma nacional e/ou caráter nacional: “unidade étnica, unidade administrativa e territorial e unidade cultural”, consoante Abud (2004, p. 34-36).

Nesse processo, os elementos mais carregados de sentido estão ligados aos fatos gerais. Aqueles que, no processo histórico de formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, sejam capazes de encetar as “reflexões gerais sobre o gênero humano e assuntos diversos, ou mesmo encaminhar uma crítica social em relação à sua própria época”, na sua vontade de servir e de contribuir, seja com as amplas reformas, seja no campo intelectual, conforme Barros (2012, p. 380). Em outras palavras, a meu ver, a

unidade nacional proposta é construída a partir dos heróis, daqueles que fundaram, dos que descobriram, enfim, os que construíram a nação.

Há grandes homens que desempenham grandes coisas, que é possível pensar que alguns indivíduos “comuns – Alexandre, César, Napoleão etc. – são aqueles “que o tempo exige”, aqueles cujas ambições e ações melhor correspondem às circunstâncias históricas”, de acordo com Bourdé (2018, p. 100). Ora, unidade geográfica construída por conquistadores portugueses ou bandeirantes, ora unidade étnica promovida pelo civilizador europeu, que ‘embranquece’ índias e negras, contribuindo para o processo de miscigenação do povo brasileiro. Unidade administrativa fundada em uma língua, uma religião e um “território com uma única administração portuguesa. Os condutores da história estão construindo uma perspectiva que confirma a proposição dos grandes homens que fazem a história, dos grandes heróis – da antiguidade – que serviram de exemplo e inspiração, das grandes nações que serviram de modelo, dos acontecimentos que marcaram e deram os rumos ou serviram de protótipo, em consonância com Azevedo (2010, p. 40).

Tomando como exemplo a proposta de um historiador goiano, o autor expressava “seu desejo não somente de informar seus leitores, mas também de formá-los e inseri-los no interior” de uma espécie de consideração refletida, estabelecendo um senso de orientação que não somente expressa o seu desejo de informar uma concepção de história ou mesmo um tipo de história, mas estabelece um marco interpretativo, um sentido de orientação que atua em dois sentidos. Um do que seria o passado, para o presente, outro, em um movimento inverso, do presente para o passado onde a intenção e sentido, transita através do presente vivido, de acordo com Arrais (2019, p. 52-55).

Em outras palavras, considerando essa reflexão, é um tipo de investida que sugere um sentido para si e para os outros. Uma proposta sobre o fluxo temporal que, em certa medida, tenta estabelecer uma interdependência entre a interpretação – a sua, particular e subjetiva – e o processo histórico nacional. Por fim, resulta numa visão de mundo que sustenta a necessidade das grandes personalidades, dos grandes homens, dos grandes reformadores, descobridores, bandeirantes etc. A sua filosofia da história não pode dizer o que o mundo essencialmente deve ser, porém, sugere uma consideração que reflete a história da humanidade em movimento, feita por atores – talvez

autores – que dão substância prática e espiritual à realidade. Há certos indivíduos que, ao tomarem posse de sua realidade, colocam o mundo em movimento, promovem a mudança, a transformação, a reforma, a interpretação e outros, que, não somente criam, mas, sobretudo, dão sentido às pessoas e às coisas do mundo[48].

Ao considerar que Fernando de Azevedo entende que é a partir dos trabalhos de detalhe que se pode traçar um estudo que apresente em linhas gerais, um panorama sobre a cultura brasileira, ele reforça a característica da síntese erudita. Afinal, sua obra é uma "tomada de consciência de nós mesmos" seriamente "pensada, construída e documentada", resultando num trabalho de erudição e pesquisa, em suas próprias palavras. Reduzida ao estudo da cultura, já que existem obras que apresentam "uma vista de conjunto de nossa evolução histórica e social". A "nossa evolução cultural", contudo, parte do mesmo ângulo de observação, ou seja, uma vista do conjunto, um panorama da nossa evolução histórica e social para dizer por que somos o que somos, Azevedo (2010, p. 42) levando a proposta a caminhar na direção da confirmação de suas convicções

A partir de um "horizonte histórico bastante largo", que lida com os grandes problemas e busca uma consciência profunda. Ocupando-se da complexidade e da interdependência dos fenômenos sociais, da "ligação estreita" dos fatos e dos fenômenos de cultura, quer estabelecer a ligação dos diversos períodos da história ocidental com a história nacional. Fernando de Azevedo apreende as linhas que orientam o país que, em sua visão, orienta numa direção única, a evolução da cultura brasileira. Interpreta os movimentos culturais, estéticos e científicos como lugares que dizem de onde viemos, onde estamos e para onde caminhamos faz de sua reflexão, um estudo que abrevia a posteridade, apresenta coisas que não podem se perder com o tempo, conforme Azevedo (2010, p. 43).

---

[48] Essa reflexão leva em consideração BOURDÉ, Guy. *As filosofias da história*. In: As escolas históricas. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2018. (Coleção História e Historiografia). ARRAIS, Cristiano Alencar. *Arnold Toynbee (1889-1975).* In: *A constituição da História como ciência:* de Ranke a Braudel. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013. RÜSEN, Jörn. Razão histórica: fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

O português limitou-se à exploração do litoral. A nova terra apresentava “grandes excessos e grandes deficiências”, com “excetuadas as manchas de terra, preta ou roxa, de excepcional fertilidade”, mas, estava longe de ser um lugar onde tudo que se planta dá, conforme os entusiasmos dos primeiros cronistas. O branco colonizador teve que enfrentar enchentes mortíferas e secas esterilizantes, viveiro de larvas, multidões de inseto e vermes nocivos ao homem. Do primeiro ciclo econômico, devido à alta produção de açúcar, a ação do colonizador é entendida como resistente e sagas, de acordo de Azevedo (2010, p. 88).

Obviamente, nas palavras de Fernando de Azevedo (2010, p. 91), o trabalhador foi “o negro escravo, que entrou com as mudas de cana doce e acrescentou” o “calor de seu sangue”. A terra “conservou indefinidamente a gordura e, ao impulso de sua força, as moendas funcionaram século e séculos sem cansar”. Para o autor, o “negro escravo. Sete anos, no esforço implacável e, depois, pior do que boi velho: carcaça animal, bagaceira de senzala [...] ele, o negro, foi e é para a cana-de-açúcar, o que ela, a cana-de-açúcar, foi para esse país: mercadoria. Em certo sentido o autor reconhece o sofrimento do escravo, mas como apontado, entende que o colonizador teve capacidade de organização e vontade de construir a mudança no que tange à construção e ao desenvolvimento econômico.

> Baseado no açúcar e no trabalho servil, entram, por igual, a cana verde, a terra branca do massapê, o escravo negro; a planta da Ásia, a terra América, o homem da África, utilizados e explorados pelo poder de organização e disciplina do colonizador europeu – o português, [...] é, certamente, graças à capacidade colonizadora dos portugueses e de seus descendentes brasileiros [...] à capacidade de trabalho e de submissão [...] escravos importado para os canaviais e os engenhos (AZEVEDO, 2010, p. 91).

Conforme a passagem, o autor informa-nos que, por maior que tenha sido o valor econômico atingido pela cultura do açúcar, esse não é o aspecto mais importante do regime patriarcal. Regime que, inegavelmente “exerceu as mais profundas influências na formação social e histórica do povo brasileiro”. Mais importante que o açúcar foi o engenho, primeira fortaleza contra o gentio, os primeiros núcleos de vida social e a primeira força de atração e fixação do imigrante europeu. Os fatores formadores e influenciadores da cultura brasileira passam pela formação patriarcal e a economia escravocrata. Casa-grande,

senzala, engenhos, canaviais transformam o meio geográfico e promovem a mudança da paisagem natural em uma paisagem cultural, segundo Azevedo (2010, p. 92).

Nas palavras do autor, as relações econômicas, sociais e culturais que se seguem em mais de três séculos, servem de determinante do caráter nacional. Nas senzalas, uma das dependências da casa-grande, se acotovelavam os numerosos escravos. Trabalhadores que, sob severa direção, cuidavam da casa, fiavam, teciam, tingiam algodão, plantavam, colhiam etc. A constituição da personalidade, do caráter, da mentalidade e cultura brasileira se deu por meio da casa-grande, da capela, da senzala, do senhor, do escravo e Igreja. As forças fundamentais de formação e influência da cultura nacional, tem no espírito dessa sociedade sua principal fonte, em consonância com Azevedo (2010, p. 92-93).

Na economia do açúcar há a formação da sociedade brasileira, com a mineração e a busca pela riqueza pelo ouro, iniciam-se os conflitos com a Metrópole, ao mesmo tempo, o espírito de liberdade e cultura ganha suas armas nas descobertas das minas. A marcha da civilização do sertão e os vários ciclos têm sua forma na expansão territorial, com as bandeiras, o gado, a formação de núcleos e outros, que integra sertão ao litoral. Para o autor, o desbravamento do sertão, a criação de gado e o comércio interno, foram um dos fatores da unidade nacional. Penetração e fixação de populações, como a formação da unidade nacional se dá pela criação, transporte e comércio do gado, segundo Azevedo (2010, p. 97-98).

Nesse sentido, ainda de acordo com Azevedo (2010, p. 98-99), “quando se pensa nos obstáculos de toda ordem que tinham de vencer os sertanejos, à frente de suas tropas e boiadas, e os bandeirantes, nas suas entradas pelo sertão, à caça do índio” ou mesmo a procura de terras auríferas, tem-se dois personagens importantes, que se destacariam pela fundação robusta de núcleo. A partir do interior, iniciava-se a estruturação da nação, a atividade sertanista e bandeirante fez comunicar costumes, interesses e sentimentos relacionados com as distancias geográficas. A atividade bandeirante pelos rios, “os grandes caminhos de penetração”, criou um formidável movimento que se ‘derramou” por todos os vales, serras e terras, ligando a população do litoral ao sertão, conforme Azevedo (2010, p. 98-99).

O autor versa sobre a “formação da unidade brasileira, fundada na comunidade de origens, de língua, de costumes e de religião”, da afirmação de uma aristocracia rural apoiada no latifúndio e na escravidão que não ficava estática. A comunicação entre sertão e litoral, a formação de núcleos urbanos e mesmo cidades, interligadas pelas comunicações fez com que houvesse uma mudança, “embora lentamente”, da mentalidade. A alteração do modo de produzir e lidar com a natureza superando por meio do trabalho humano de extração de ferro e petróleo, fornecerá, com a força das hidrelétricas as bases para a consolidação da indústria. A produção de aço, ferro, combustíveis e energia elétrica inaugura uma nova fase na economia nacional: a das grandes cidades e indústrias pesadas, em consonância com Azevedo (2010, p. 117-125).

O crescimento das cidades, povoados e vilas acelera-se em decorrência dos trilhos que possibilitam um maior contato entre os lugares. Embora haja um elemento essencial que permanece ao longo do tempo, com a desenvolvimento urbano, o surgimento da fábrica, da indústria e as novas relações comerciais e financeiras, bem como de exploração da natureza, modifica a paisagem cultural ao país. Pelo vigor e trabalho humanos, “erguem-se construções de edifícios – residências, pavilhões e hospitais”, usinas e outros. Com o advento das duas grandes guerras há uma necessidade de atender ao mercado interno, enfrentando o desafio da produção em ritmo acelerado e em grande quantidade, a resposta vem por meio da produção e circulação das mercadorias que aceleram o tempo por meio dos contados.

Devido ao desafio e à necessidade de respostas, a energia humana foi canalizada para o progresso e a exploração da natureza em que as forças criativas e imaginativas deveriam oferecer elementos propulsores para o progresso econômico e integração social. Para o autor, “não se trata apenas da luta para transformação da indústria de matéria, nas fábricas e nas usinas, mas de luta contra as distâncias ou como o espaço e contra o tempo, para o aumento progressivo de velocidade” na produção, na circularidade e na comercialização. Era preciso “reduzir as distâncias e aproximar cada vez mais os centros econômicos do país, facilitando, com a circulação das gentes e das mercadorias, da consciência nacional, da cultura e do pensamento humano”. Todas essas relações acontecem e se aceleram quando “já se iniciaram as

pesquisas no Brasil, e cujas aplicações à indústria abrirão, para o mundo, a terceira revolução industrial". O trânsito de pessoas, mercadorias, pensamentos e cultura aproximou os homens de cultura das novas práticas culturais e relações sociais, conforme Azevedo (2010, p. 128-133).

Para Fernando de Azevedo, toda a história brasileira, "da Colônia à República", é a história de "um povo agrícola, de uma sociedade de agricultores e pastores. É no campo que se forma a nossa raça e se elaboram as formas de nossa civilização". Entretanto, a evolução social é efetivada pelas relações culturais que se intensificam com o desenvolvimento dos centros urbanos. O autor entende que a partir das cidades, há maior concentração humana com esse fator, intensificam-se as energias, a cultura, a produção intelectual, o desenvolvimento econômico e o progresso.

Forças que eram estáticas ou estavam adormecidas são estimuladas, superexcitadas a darem respostas aos desafios temporais que os novos contextos históricos exigem. Logicamente que há a demarcação de um tempo de transição marcado pelas formações urbanas, sobretudo pelo despertar dos centros produtivos de cultura, pesquisa e ciência. De modo sutil entendemos que as cidades são as locomotivas do progresso, que certos homens, personagens e personalidades contribuem para as mudanças dos tempos, comportamentos e relações culturais.

Fernando de Azevedo transmite sua noção de evolução: partindo da consideração de que os "fatores físicos, demográficos, econômicos e urbanos", exercem grande importância no processo "de evolução social e política", o autor leva em conta esses fatores em detrimento de outros, concentra seu olhar em linhas gerais. Para ele, por mais determinante que os pequenos fatos possam ser, não se deve perder de vista, "esquecer as tendências gerais explicáveis elas mesmas por causas gerais". Os pequenos fatos picam a sua curiosidade, "mas não nossa curiosidade filosófica. Seu esforço filosófico é centrado nas grandes ideias mestras de ordem, razão, movimento civilizatório e outros. Em resumo: "caracteres gerais nas suas causas principais". Aquilo que promove a civilização e como estamos no "[...] movimento de nossa civilização", das grandes e/ou modernas civilizações.

CAPÍTULO 3 UM QUADRO ANALÍTICO: AS OBRAS DE FERNANDO DE AZEVEDO E A CIRCULARIDADE DAS IDEIAS

O objetivo desse capítulo é destacar, nas obras de Fernando de Azevedo, suas principais características, especialmente, no que concerne à filosofia da história. Entendendo que sua concepção de história sugere um ciclo de tempo marcado por elementos permanentes, meus argumentos apontam um tipo de história organizada como numa espécie de nuvem de ideias próprias, ou seja, aquelas em que o autor explica que haveria um sentido histórico que estaria para além de fatos e eventos. Logo, no primeiro momento, destaco as obras, posteriormente, retorno A cultura brasileira para ver o que existe das obras no texto de Azevedo.

3.1 A filosofia da história de Fernando de Azevedo

Ao longo da obra fonte, Fernando de Azevedo transitou entre o campo científico e literário por ter sido um escritor feliz e um intérprete que usou a ciência sólida, conforme suas palavras no prefácio da terceira edição d'*A cultura brasileira*, propondo um conhecimento aberto sobre o Brasil e a cultura brasileira, seja em razão dos conteúdos ou da perspectiva temporal que constrói, descreve e explica cenas do passado e a sua presença no presente. Sua concepção de história é um tipo de interpretação que carrega muito, a sua maneira própria e pessoal, o modo de ver o processo de formação e evolução do país. Nesse sentido, aqui é proposto um quadro analítico, uma interpretação sintética e seletiva que possibilite perceber alguns temas dos diversos livros, na obra *A cultura brasileira*. Em outras palavras, busca-se reconhecer a visão que o autor tem do mundo e dos homens para compreender o percurso historiográfico escolhido por ele para a obra A cultura brasileira.

Compreendendo que há elementos constitutivos no modo de historiar de Fernando de Azevedo, mapear sua abordagem histórica possibilita entender com maior clareza sua análise sobre a cultura brasileira, em última instância, as razões das explicações recomendadas pelo autor. Com essa proposta, não

se pretende fazer uma exegese interna dos livros ou uma leitura que abarque toda a produção do autor. A seleção parte das obras que tratam da visão de homem, da natureza humana, da possibilidade de unidade cultural e assuntos brasileiros. Ao entender que o autor ao mesmo tempo que avança em temas, assuntos e problemas, retoma-os. Em outras palavras, reconstrói sua interpretação fazendo ajustes, correções, edições e outros, mas mantendo a concepção dirigida ao todo.

O desafio do capítulo, portanto, é evidenciar a forma que Fernando de Azevedo explica a existência temporal dos homens, das civilizações e da sociedade em suas obras. Como sua atenção ao todo, promove uma concepção de totalidade nessa estratégia interpretativa, há uma certa circularidade de ideias que podem ser compreendidas como grandes unidades temporais que consideram as mudanças e transformações culturais, políticas, econômicas e outras, mas que, segundo o modo de pensar do autor, podem facilmente ser inteligíveis e reunidas em uma síntese que representa a dimensão totalizadora da história da humanidade. É importante estudar e conhecer a história particular, no entanto, localizá-la no movimento da civilização ocidental, segundo o pensador, seria uma forma de considerar o movimento interno da sociedade e entender se ele está em sintonia ou não com o curso de todas as civilizações.

Para Fernando de Azevedo, esse é um fator que ajuda a determinar a ascensão e queda dos homens, civilizações, impérios e sociedades. Entender como os homens enfrentaram os desafios e construíram respostas, seria o modo de capturar o movimento contínuo da história da humanidade. Como uma atividade que não cessa, a resposta humana aos problemas constitui o ritmo e o estágio de desenvolvimento frente às imposições geográficas, políticas, sociais, culturais e outras. Reflete a substituição de um modo de vida por outro, de uma classe, de uma civilização ou sociedade por outra. Aqui cabe mencionar o modo como o autor destaca certas personalidades no enfretamento, na resolução e modo de enfrentar os obstáculos. Garantindo vitalidade no processo de criação e resolução, acabam por conduzir o tempo e a história.

Nessa proposta, quero não apenas reforçar a ideia de retomada de Fernando de Azevedo de problemas e reflexões, mas destacar que sua

reconstrução da experiência passada, ao mesmo que tempo que retrata o modo de vida, os costumes e tradições de uma época, expressa o modo de ação e incorporação do tempo das novas experiências. Ilustra a filosofia da história de Fernando de Azevedo no seu ir e vim, o construir e reconstruir, o retomar da história da humanidade e da natureza humana em prol de unidade. Esse movimento significa que o autor busca concatenar a experiência histórica, os malogros e êxitos que determinam na marcha temporal dos fatos, com a possibilidade da descoberta de elementos que regem o curso dos acontecimentos e contribuem para as mudanças de estrutura.

A meu ver, quando destaco sua preocupação com a natureza humana, compreendo que sua inquietação principal era se perguntar e conseguir produzir uma síntese sobre coisas conhecidas. Interrogando sobre as espécies de acontecimentos, o momento e o lugar em que ocorreram, buscava um auxílio para suas convicções, percepções e argumentos. Mais do que a construção de uma série de acontecimentos que torna possível conhecê-los, interessa-se pela unidade histórica mais longa no tempo, a saber: a cultura. Fernando de Azevedo segue o movimento dos homens e das instituições refletindo sobre um possível estado de harmonia, a proximidade dos homens e da sociedade pela cultura que, para ele, é o elemento de ligação, a qual possibilita os homens viverem como membros de uma mesma comunhão. Os componentes de uma cultura, de uma sociedade são determinados pela sua rede de relações sociais e culturais. O que faz o ser brasileiro é a sua cultura. O que faz dele um ser cultural é o seu passado, sua história cristã e ocidental.

Ao ter por base as proposições de Karl Löwith (1997, p. 17-20) não há um sentido na história, a não ser que o autor que a escreve, queria atribuir a ela um sentido, pois, “não se procuraria o sentido da história se o mesmo estivesse presente”. É exatamente a “ausência de sentido nos acontecimentos propriamente ditos que motiva a sua procura”. A busca por um sentido, por uma força, uma direção, por uma permanência ou mesmo influência em Fernando de Azevedo, sugere a importância de questões mais elevadas em relação às especificidades dos detalhes. Logo, o sentido só é criado quando se tem um objetivo. Na filosofia da história de Fernando de Azevedo, a parte interessante é que, em sua perspectiva, há algo que serve de fio condutor.

Ao tomar como exemplo as proposições de José Nicolao Julião (2010, p. 237-241), identifico, em certa medida, uma proposição preliminar no autor mineiro, que assume a elucidação de que há uma força, uma ideia ou grandes ideais que são determinantes do processo histórico em seu todo. Promovendo direção e sentido à história, sua narrativa apresenta uma “visão de cima, no sentido de estar concentrada nos feitos dos grandes”, os quais possuem motivações individuais mais do que pelos movimentos coletivos, tendências e acontecimentos, conduzem um e todos, por conseguirem não somente aglutinar, mas representar os anseios dos homens no tempo.

Considerando a perspectiva de Fernando de Azevedo de que existem elementos que sirvam à percepção de um e todos, para o nosso caso, a expressão cultura brasileira, ao mesmo tempo que exprime uma história nacional, dá atenção à humanidade, às sociedades, às civilizações que, ao menos parcialmente, localiza a cultura nacional dentro da cultura ocidental, ou pelo menos do ocidente europeu. A história, enquanto categoria que explica o ser, ganha a função de ser a mediadora, formadora de uma humanidade que alarga e toma consciência de si. Por mais distintas que sejam as épocas históricas, em nosso autor, existe um fator de equivalência, a saber: autocompreensão, compreensão do mundo, noções da própria humanidade e autoconhecimento. Em outro modo, o que faz o homem ser homem é sua essência humana, histórica e cultural.

Sua filosofia da história não pode dizer como o mundo deve ser, “nem, a fortiori, produzir esse mundo”. Ela é uma consideração refletida, que traz a ideia de um fio condutor, uma força que governa e direciona o mundo. Como consequência, para entender o movimento das coisas e do mundo, trabalha fatos, atores históricos, artistas, intelectuais, personalidades criadoras, personagens que realmente fazem a história. No limite, em um “processo lento, obscuro, doloroso, pelo qual a humanidade passa do inconsciente ao consciente”, é possível entender que, “César criou o Império sem ter explicitamente desejado isso”. Contudo, esse seria o “papel dos “grandes homens”. Os “indivíduos fora do comum, Alexandre, César, Napoleão etc., são aqueles “que o tempo exige”, aqueles cujas ambições e ações melhor correspondem às circunstâncias”, às exigências históricas, como está posto em Bourdé (2018, p. 98-100).

Alguns conduzem a cultura, a educação, as reformas, as revoluções etc. Dessa forma, a concepção de história vem com uma imagem de que o mundo não é entregue ao acaso, é conduzido. Destaca-se essa imagem como possuidora de uma meta final, porque mesmo quando o homem age, não é a meta particular que deve estar em foco, mas um fim último, o que atinge e serve à humanidade, à história universal ou, no mínimo, influência sobre o rumo das coisas. É de posse da consciência do mundo que se pode agir sobre ele. Por isso, a meu ver, nas obras selecionadas, Fernando de Azevedo valoriza o construir e reconstruir, reflexão para a ação. Mobilizando toda a sua erudição, *A cultura brasileira* pode ser vista como um misto de descrição e explicação que trata da formação da sociedade, da história e da cultura brasileiras, mas também, de como os homens nacionais se comportaram na marcha do desenvolvimento. O autor defende que para compreender as partes deve primeiro dar atenção ao todo. A imagem do homem e da cultura “no sentido restrito”, sistematiza a história nacional em relação à história da humanidade.

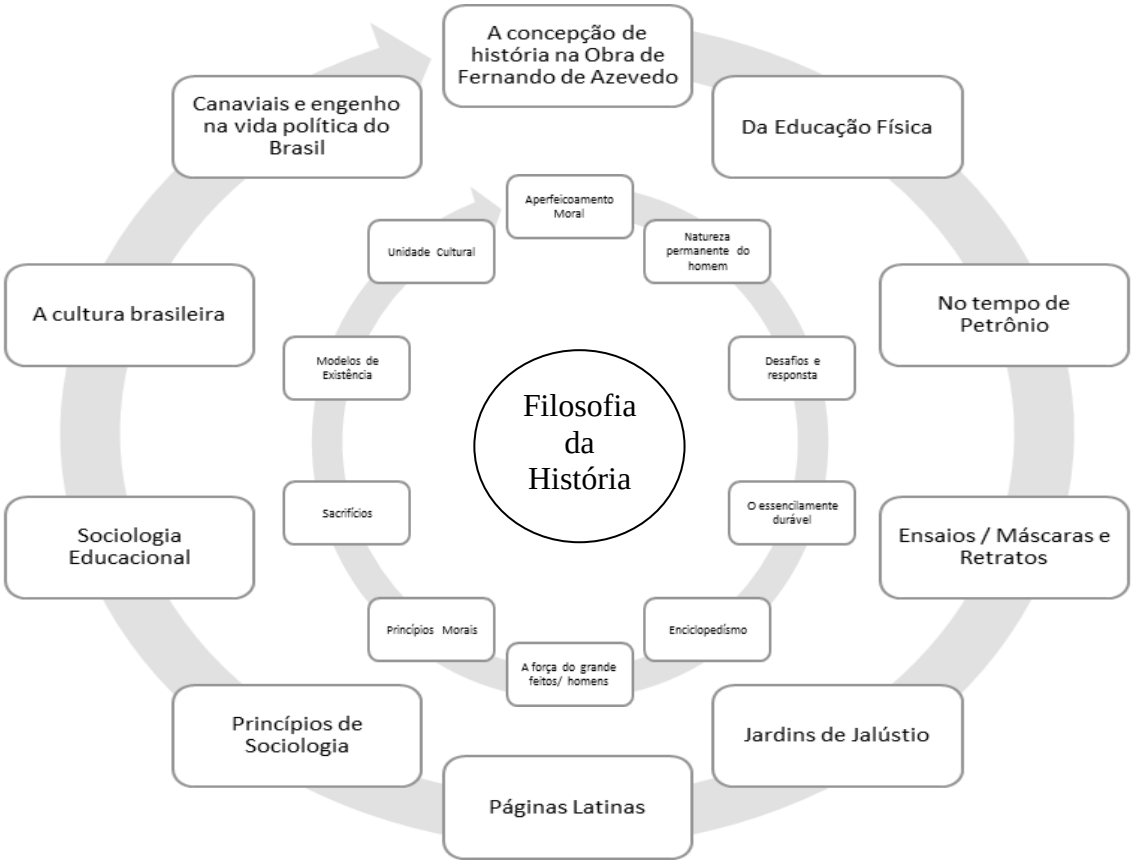
A filosofia da história é interessante devido a seus autores entenderem que a história possui um “fio condutor” como algo que influencia e define o modo de agir, possibilitando ao intérprete a construção de uma “história do gênero humano”, só que de histórias particulares. Em linhas gerais, trata-se de trazer os fenômenos históricos e humanos, sob uma espécie de regra, que sirva a um e a todos. Nesse sentido, as histórias particulares não têm tanta importância. Entender a natureza, a força, a ideia, a razão e outros, que conduzem os acontecimentos, eventos tornam-se elementos de primeira ordem. A atenção é maior com a história geral, ou mesmo universal, do que com as histórias nacionais estritamente, por exemplo. Com esse pensamento, é preciso se preocupar com a história universal, geral, afinal, é a natureza humana que está em análise, de acordo com Pimenta (2014, p. 18-19).

Como Fernando de Azevedo concentra-se em perceber os fatores condicionantes da formação e desenvolvimento da sociedade, seu olhar foca no geral e permanente. Ao apreciar fatos e fatores a partir da sua “própria escala de valores”, entende os aspectos que fizeram “de nós o que somos”. O autor traça um plano de estudos com a finalidade “acompanhar” a evolução e formação da vida nacional, assinalando “características, tendências e

impulsos". Mas, dentre os acontecimentos humanos, influenciados ou influenciadores dos fenômenos naturais e sociais, o pensador destaca a "unidade fundamental" do povo brasileiro, sua proximidade e distância com a cultura cristã, ocidental e científica. Logo, os fatores da formação, na sua leitura de cultura brasileira, terão influência direta no que somos, fazemos e viemos a nos tornar. Em outras palavras, para saber o que é a cultura brasileira, basta mergulhar na cisterna temporal, no fundo do passado nacional. Nesse estão as razões, ideias e forças de nós e do que somos, de acordo com Azevedo (2010, p. 17-21).

Com isso, o quadro analítico abaixo, evidencia o que há nas obras e que reaparecem no texto de Azevedo. Apresenta indícios, uma espécie de nuvem de ideias que justifica o pensamento e a filosofia da história de Fernando de Azevedo.

Figura 1 - Quadro analítico das obras de Fernando de Azevedo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

3.1.1 Da cultura física ao homem

Na obra *Da educação física* (1960 [1920])[49], o autor trabalha em uma concepção de cultura física, moral e intelectual voltada para um princípio, nesse caso, para o *aperfeiçoamento moral* e formação integral do ser. Defendendo um modo de educação racional, os elementos condutores da prática formativa deveriam ter por finalidade a relação entre teoria e prática. O trabalho com o corpo inteiro/a formação global do ser, objetivava a construção de um corpo saudável que contribuísse com o país e a sociedade. Com uma concepção que buscava bases na Biologia e na Psicologia, sua proposta contempla uma filosofia que coloca a cultura corporal e educacional, como instrumento fundamental para vencer o atraso do Brasil.

Como "vários atores sociais do começo do século XX", esse intelectual "entendia que o país vivia um rebaixamento moral e que era papel da intelectualidade colaborar para transformar este quadro". É possível destacar algumas propostas do autor, tal qual estabelecer "um equilíbrio entre corpo e espírito"; colaborar "para o progresso do país por meio da criação de uma população saudável – mental e fisicamente – e preparada para atuar no mercado de trabalho". Melhorar o corpo e a mente e formar uma nova mentalidade, estava no horizonte intelectual de Fernando de Azevedo. Sua preocupação em colaborar para a construção da nação sadia e forte ia de encontro com a formação da nacionalidade, era uma forma de "solucionar os problemas sociais diagnosticados por ele, e por outros autores no período", em consonância com Nascimento (2011, p. 179-182).

Trabalhando com a perspectiva da necessidade de método, ciência, técnica, ordem, eficiência e disciplina para a sociedade tornar-se moderna, o autor via na educação física, na educação de modo geral, ou basicamente, na cultura corporal o meio de superação do atraso; os males de origem. Nesse ponto, segundo Fernando de Azevedo, como o Brasil foi construído a partir da

[49] O título original é *A poesia do Corpo*, foi apresentado para concorrer ao cargo de professor de Educação Física ao Governo de Minas Gerais, como instrumento para a carreira pública. Fernando de Azevedo ficou em segundo lugar, após reedição, o texto ficou com o título: *Da educação física*: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser.

“plasticidade e elasticidade” das raças, “não tendo uma civilização homogênea e antiga”, para manter, ou exercer pressão sobre o indivíduo e a sociedade, ela é resultado “de uma fusão de raças”, de “tipos psíquico-morfológico”, que caracteriza um “novo homem”. Agora, para que esse homem se desenvolva de forma plena e integral, é preciso oferecer-lhe instrumentos, meios de desenvolvimento. Então, a proposta atinge a necessidade da cultura corporal como forma de construção do ser e da nação, conforme Azevedo (1960, p. 140-141).

Entendendo o ser nacional como uma “argila toda mole e flexível”, é ainda capaz de “dobrar-se e adaptar-se sobre a pressão física” e intelectual. Como seu “passado não lhe fornece suficiente apoio”, por meio da alimentação, do estímulo e exercício, seria possível desenvolver o espírito de cooperação e criatividade, em conformidade com Azevedo (1960, p. 140-142). O fim último da sua proposta é que a ginástica poderia ser moralizadora, exercer controle social no sentido de educar e preparar o homem para um país mais saudável e moderno. Seu texto significa uma forma de intervenção, o modo de como deveria ser para a evolução do homem, enquanto indivíduo, cidadão e trabalhador.

Ao entender a atividade física como um elemento para agir sobre o comportamento, o autor faz transparecer sua formação clássica. Pensando na possibilidade de ‘uma constante da natureza humana’, explica a necessidade de equilíbrio entre o corpo e a mente. Ao considerar que o Brasil do início do século XX tinha como preocupação a construção da nacionalidade, a ideia era trabalhar o homem e sua reestruturação social. A cultura corporal seria uma estratégia educativa e cultural que Fernando de Azevedo propunha, para colaborar com o desenvolvimento e evolução do homem e da nação. Para isso, condensou sua concepção clássica e literária direcionando-a na leitura, interpretação e proposição de como deveria ser a cultura física.

3.1.2 Na antiguidade latina

Ao tocar na formação clássica, entendo que suas atividades como professor de Latim e de Literatura, o influenciaram na crítica literária e na forma como dava sentido e significado as coisas e ao mundo. No ensaio *No tempo de Petrônio* (1962 [1923]), o autor admira a capacidade de ação, a simplicidade de costumes, “da frugalidade, que passava, entre eles [os romanos], pela expressão mais alta da perfeição humana”. Um povo que passou de agricultores, a conquistadores, formados na “disciplina e na paciência”. De caráter rijo e austero, tinha em seu inconsciente a inscrição do comando, da moral e do direito que lhe dava precisão, majestade, finura e elegância.

Para Fernando de Azevedo, os romanos “não julgavam que a vida lhes fora dada para gozarem ou para se divertirem, mas para utilizarem a serviço da pátria e da sociedade”. Ao descrever o mestre da literatura latina, Petrônio, o descreve como uma personalidade de natureza pródiga. De uma “imperturbabilidade estoica diante da desgraça”, que não aceitava o tédio, pois, impelido a transformar, tinha a inspiração criadora em seu modo de ser e sua vida alternou-se entre prazeres e encargos; virtudes e vícios; indolência e trabalho, mas, com “inato horror ao tédio”, possuía um espírito inquieto, uma “personalidade original e complexa”, que sintetizava a “energia e moral de um romano” em lições úteis aos homens e às civilizações, como disse Azevedo (1962, p. 18-19; 34-35).

Fernando de Azevedo explicou que Petrônio revelou em seu “desenho”, a sociedade antiga em figuração realista. Um retrato do que era aquela sociedade, mas também, e sobretudo, o que se poderia apresentar em todos os tempos. Sua psicologia sobre a alma humana e o caráter romano, versava sobre o lugar ocupado por alguém no desenvolver social e cultural. Ao “apanhar em fragrante” a sociedade, o escritor romano não só dava o testemunho de um tempo e espaço, como construía e dava sentido, significados às coisas e às ações dos homens. Com imagens plásticas e concretas, trazia à realidade as impressionantes cenas da vida romana, que nos entram pelos olhos e atingem o espírito, conforme disse Azevedo (1962, p. 40-42).

Para Fernando de Azevedo, como Petrônio “viveu e produziu uma época”, seus quadros “são verdadeiros estudos sociais”, uma expressão sincera e penetrante. A vida e o tumulto vivido pelas personagens são, para o sociólogo brasileiro, testemunhos que traduzem ou refletem o meio social. Em outras palavras, o educador admira a força testemunhal da obra, se encanta com a realidade cotidiana construída e retratada, porque são possuidoras das formas de pensar e comportar dos homens. Ao apontar os aspectos da natureza humana, ao leitor é permitido interpretar a aventura do homem no mundo social nas suas grandes linhas, no transcorrer temporal, em concordância com Azevedo (1962, p. 42-49).

Em linha gerais, um elemento que contribui para nosso estudo e crítica sobre a obra de Fernando de Azevedo é o seu trato para com o tempo. Para o autor, as ações da aristocracia romana ou dos imperadores, apesar dos tempos e espaços variados, refletiam “uma página viva desta velha agitação social”. Sofrimentos, guerras, conflitos, misérias e outros que afligiam o povo revelavam uma *natureza permanente do homem*. No que refere as nobres “homens de governo [que], em vez de zelarem pelos interesses do povo, concertam clandestinos acordos com os fornecedores” para se enriquecerem. Quanto aos subjugados, bravos como um leão em casa, fora, tímido, como uma raposa. O “povo não se rebela. O povo sofre”. Assim, não há “nada, sob o sol, que seja novo. Assim hoje, ontem [...]”, conformemente Azevedo (1962, p. 55-57).

Ao dar sequência à descrição, Fernando de Azevedo faz elogios pomposos a um outro romano, Tácito, para ele, o “maior pintor da antiguidade”. Como “historiador dobrado de pensador”, esforçou-se em “dar dos acontecimentos uma narração exata”. Sua análise psicológica dos sentimentos, produz impressões profundas sobre o “conhecimento integral do coração humano”. Com profundidade e sensibilidade, o escritor romano construiu quadros empolgantes dos problemas do momento, das demandas políticas, das personalidades criadoras, dos sucessos e fracassos das empreitadas romanas. Junto aos elogios, o crítico brasileiro diz que é observando as causas intrínsecas e extrínsecas e o princípio de cada coisa, que se consegue uma boa pintura de uma época. A análise dos sentimentos, do caráter e das qualidades gerais, revela a alma e as ideias humanas. Investigando,

discernindo e estabelecendo a ligação entre os fatos em uma sequência lógica de causas e efeitos, é possível desenvolver “visões históricas e luminosas observações de sabedoria política”, consoante Azevedo (1962, p. 94-96).

Dessa forma, para que haja uma possível mudança, de acordo com Fernando de Azevedo, é preciso superar alguns elementos como os romanos que mantinham culto a tradição, orgulho do passado, mas no quesito cultural, desenvolviam uma formação elementar, estreita e utilitária, “suficiente apenas às necessidades práticas da vida”. Em uma época de decepções políticas e reflexões amargas, um período de decadência em vários sentidos, os intérpretes não se atentaram para as questões que exigiram uma resposta mais consistente. Por mais que a conquista da Grécia e o contato com os artistas e sábios tenham despertado o gosto pela cultural, “as suas vistas ganharam em amplitude, mas não mudaram a direção”, como disse Azevedo (1962, p. 118).

Para Fernando de Azevedo, “não se compreende senão o que se conhece e só se compreende com o próprio passado ou com as próprias aquisições anteriores”. É o espírito assimilador e capaz de incorporar o novo ao antigo, que acompanha as demandas dos novos tempos. Como as condições romanas apartavam o cidadão dos conhecimentos e os homens livres não tinham nenhuma aspiração ao conhecimento técnico, “[...] especialidade de escravo”; a sociedade não consegue superar os desafios recomendados a ela, de acordo com Azevedo (1962, p. 119). Enfim, de modo sutil, o autor estabeleceu uma forma de comparação entre o antigo e o novo, mostrou que certos problemas, quando não resolvidos, tendem a se agravarem. Buscando captar a alma humana, construiu uma imagem em que identifica as origens e os fatores de proximidade do passado com o presente. Ao mostrar os liames, as ideias e as coisas romanas, o autor acaba por retratar aspectos ‘úteis’ para compreensão da vida social e do homem que, se bem direcionadas, na sua opinião, servem de ponto de inspiração e consciência dos homens e dos tempos.

3.1.3 Estudos literários

Aqui selecionei dois textos motivados pela retomada de Fernando de Azevedo de temas e proposições sobre si, os homens e a sociedade. O que o autor publicou em 1924, sob o título de "*Ensaios*" foi reeditado em 1929, sob o título "*Máscaras e Retratos*". Apesar de revisar e ampliar o conteúdo, os aspectos essenciais são mantidos, a saber: "estudos de crítica literária e história literária". De 1924 a 1926, trabalhou para o Jornal *O Estado de São Paulo,* nesse "Jornal, fazia crítica literária". Peregrinando "pelas literaturas clássicas e modernas" exercia os estudos de sua maior predileção. Essa atividade foi reduzida, quando, segundo ele, teve que "sacrificar o homem de letras, e eu – Azevedo – me dispus naturalmente a sacrificá-lo de certo modo, para servir à ciência e, especialmente à sociologia", que foi particularmente útil ao "técnico, ao reformador e ao político da educação" e pensador da cultura, como está posto em Azevedo (1929, p. 11-12).

> Não creio terem perdido alguma coisa as letras de meu país nem terem lucrado muito as ciências sociais e a educação no Brasil. O que sobretudo importa, porém, numa vida humana, são os sacrifícios que ela se impôs, no interesse público ou para servir a um ideal, e as vaidades ou pretensões a que renunciou, no pressuposto de ser mais útil em campos, onde quase tudo estava por fazer e os *desafios* eram agressivos demais para deixarmos de lhes dar *respostas* (AZEVEDO, 1929, p. 13).

Na imagem que Fernando de Azevedo constrói de si para o leitor, reside sua estratégia de demonstrar sacrifício para melhorar a vida humana, servir ao interesse e ideal maior diante dos *desafios,* a intenção dele é ser útil em campos que pedem *respostas*. A *educação física* era negligenciada desde o tempo de *Petrônio* em que se instaurou uma crise moral e cultural, por isso, tanto Azevedo quanto os autores e personagens descritos e explicados nas suas obras, se veem inspirados a colaborarem para transformar esse quadro. Em outras palavras, na intepretação de diversos poetas e escritores brasileiros, "seus sacríficos", contribuições e dedicação para com as letras, cultura e história do país era uma forma de alavancar o curso da história da educação física.

Os indivíduos que captam os processos de criação são personalidades criadoras que inspiram, a partir de sua própria imagem, a criação, a

interpretação, a contribuição e vontade de ação. Não só entendendo, mas fazendo a história, possuem a capacidade de não se renderem às vaidades. Afastam-se do mundo, com suas ideias e formulações permitindo o amadurecimento e a ação sobre o mundo. Com essa perspectiva, os retratos de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Júlio de Mesquita Filho, para mencionar alguns, captam, em sondagens psicológicas, o momento histórico-cultural de criação das obras, e sobretudo, a contribuição dessas personalidades para a cultura brasileira. Se um escritor romano permite ver Roma, há pensadores brasileiros que mostram o Brasil. Logo, a interpretação dos intelectuais nacionais, em suas palavras, são “retratos fiéis de livros e autores” em que é acentuada a sensibilidade e a intuição do gênero humano. Atingir o que tenha de mais profundo, já que “nada do que é humano, é estranho” a Fernando de Azevedo, fazia-se como meta para retratar os autores e, principalmente, suas contribuições para o Brasil (AZEVEDO, 1929, p. 14-17).

Ao estudar os autores, Azevedo (1929, p. 19-22), desenvolve sua percepção do sistema cultural brasileiro, ao afirmar que as experiências do período colonial, de forma direta ou indireta, tocam o homem nacional. Apesar do desenvolvimento e das mudanças “através de séculos, ainda [se] conserva a marca que lhe imprimiram suas origens coloniais”. A cultura brasileira sendo marcada por esse período, conserva resquícios, prolongamento que até “mais tarde, no Império e na República”, serão sentidos. Percebendo a educação e a cultura como fatores contribuidores para o condicionamento social, entendendo o processo cultural como evidência dos problemas “mais profundos do caráter” nacional e, nele próprio, os meios para propor mecanismos, formas de construir uma “nova escala de valor”.

Em sua perspectiva, as manifestações da literatura nacional criam e instauram a tradição de estudos históricos. As experiências vividas ao longo do tempo no Brasil “começaram, quase no seu amanhecer” pelos estudos “etnográficos e históricos, com as quais se faz a primeira” tomada de consciência da realidade do país. Atividade “de espírito, a história, como narrativa e descrição, [...] facilmente” assumia a forma literária “[...] etnográfica e histórica”, que refletia a realidade viva e concreta, a cultura real, não raramente desposada dos excessos e ornamentos, fora adquirida na “espontaneidade e [n]a frescura das obras curtidas na observação e na

experiência". Em sentido esquemático, os textos, segundo Fernando de Azevedo transmitem um sentimento épico, uma mistura de fatos e imaginação. O branco europeu é destacado como colonizador, desbravador, administrador e outros; negros e índios, como aqueles que devem ser amaciados, catequisados, escravizados e educados para contribuir para a nação, segundo Azevedo (1929, p. 22-23).

Na constatação e denúncia explicadas por Fernando de Azevedo, são apontadas sua percepção de história, uma narração e descrição de tons literários que, se ajustando a um estilo discursivo, possui tom apologético. Sua função social é a de possibilitar o conhecimento das riquezas da terra e informar sobre o sentido da realidade vivida e experimentada pelos homens. Uma atividade que auxilia nas considerações sobre as escalas de valores e atividades desenvolvidas pelos indivíduos, em seus comportamentos, posições e outros. Enfim, toda "fermentação espiritual e cultural que se processa, dentro de determinadas ambiências histórico-sociais", captar o essencial, permite não apenas superar certas intepretações, como propor e executar outras mais concretas, em consonância com Azevedo (1929, p. 24-30).

Segundo Azevedo (1929 [1924], p. 56), como que possuindo um "telescópio da alma [– nas palavras do autor –], procura e vê mais longe e mais ao largo". Se preocupando com uma perspectiva geral, dá atenção as "misérias de caráter permanente ou esporádico, [que] avultam assim aos olhos". Entendê-las serve de "fonte de emoção sadia", para que posam "acompanhar a avidez de sensações complicadas", o espírito contemporâneo em novas formas, novos caminhos. Ainda consoante Azevedo, a paisagem histórica, através dos autores, possibilita uma compreensão de si e uma consciência de destino. Seria no estudo ativo do passado que lateja a força radical, nas sínteses vibrantes e nas poderosas generalizações em que fazem o espírito humano falar, que se encontram a fonte dinâmica e viva que explica as forças sociais. Fixar o "homem ao seu meio e dar ao país, como a compreensão de si mesmo, a consciência exata de seus destinos" exige sacrifício, mas também uma resposta aos desafios que são postos em tempos e espaços variados.

Para Azevedo (1929 [1924], p. 65-66), se houver um critério filosófico para ligar os fatos e determinar-lhes as causas e consequências, os problemas do desenvolvimento histórico podem ser solucionados por uma síntese e

pensamento bem arquitetado. Desenvolver uma narrativa eloquente e grandiosa como em painéis decorativos, sem que haja a dissociação das letras e a história, tornando-a uma fonte inesgotável de inspiração. Na intepretação filosófica dos fatos, para o "caráter sedutor das grandes perspectivas abertas para o passado", é preciso imprimir o senso artístico, o qual acrescenta o encanto e o brilho as experiências passadas. Os detalhes, segundo Fernando de Azevedo, valem unicamente na relação com o geral. A contribuição que cada autor dá, só tem importância quando auxilia uma síntese que carrega o sentido e as ideias gerais.

Com isso, na crítica e síntese que faz de diversos autores aponta que a solução dos problemas nacionais, a superação dos males de origem está na disseminação da cultura geral. Por esses fatos, lutou e defendeu que a cultura é o alimento da alma, o meio e a forma de despertar a inteligência, o espírito criativo e inventivo. No texto em questão, entende-se que existem alguns poucos homens "em condições de tirar dos antigos e modernos, com rara elegância mental, lições inesperadas", que serão tão fértil quanto úteis. Tomando os exemplos do passado, refletindo sobre os fatos e feitos, compreende tranquilamente que as paixões humanas não mudam. Nesse sentido, alguns homens se sacrificam para "povoar, educar e unir" e, então, prestarem serviço ao país e à cultura, além disso, movidos pelos seus ideais, conduzem a história desenvolvendo as forças da expansão e mudança, conforme aponta Azevedo (1929 [1924]), p. 150-151; 204-234). Construindo o retrato dos autores, pinta sua própria imagem ou ideal de homem público que deve servir para um bem maior, nesse caso, o aperfeiçoamento do homem que compõe a cultura brasileira, a sociedade como um todo.

3.1.4 Os livros, a vida e a filosofia da história de Fernando de Azevedo

O livro *Jardins de Salústio* (1924) é uma coletânea de estudos críticos e literários, escrito "no fio de impressões de leituras", o autor define-o como "uma obra de vistas inquietas de conjunto", não uma "vagarosa crítica de minucias", sem desconsiderá-las, se propõe, "pois, em vez de tecer meros comentários aos fatos", tomá-los "como matéria de reflexão". Caminhando entre duas

margens, “os livros e a vida”, descreve e explica a ascensão e queda romana, destacando que Salústio, enquanto político desiludido, se fez grande historiador e artista. Graças a seu talento, fora possível ter contato com a “era Cesar”, “de fato, um desses raros homens, feitos para arrastar os homens, e que aparecem como forças da natureza, no seu cortejo contraditório de deslumbramentos e prestígio, de dores e ruinas”, conforme consta em Azevedo (1924, p. 05-08).

Para Fernando de Azevedo, o escritor romano, opondo fatos uns aos outros, com sua habilidade de encadeá-los, faz ressaltar, “na marcha da história, a importância de figuras notáveis” como César, Catão, Catilina e outros. Salústio, enquanto escritor que prega a moral e as virtudes antigas, praticou a corrupção, como “[...] político, recolhendo-se à vida privada, se fez historiador, para reviver alguns dos acontecimentos que tomou parte”, conhecia e tinha intimidade, deu aos contemporâneos um espetáculo pouco pitoresco e desconcertante, de um homem de maus costumes que, com a pena na mão, se tornou censor implacável dos comportamentos dos outros. Aqui, destaco a atenção que o professor de latim dá ao historiador romano, quando esse “fez reviver o passado”, sendo sincero, “escreve o mais longo capítulo da história do homem, – talvez o mais interessante”. Sendo sua própria medida, na solidão, Salústio compeliu seu espírito para as ideias e transformou-as em meios da curiosidade e discernimento intelectual, de acordo com Azevedo (1924, p. 08-14).

Para Fernando de Azevedo, “quem se isola, afasta-se. O observador que se retira do meio, que vai pintar, recua, de fato, no tempo, para colocar à distância justa os acontecimentos e os homens, dos quais os mais notáveis vão tomando naturalmente, a seus olhos perspicazes”. De forma elogiosa, o autor considera que esse procedimento, o testemunho, a reflexão e a retidão são os elementos para “arredar-se” de toda “massa uniforme do que é secundário e passageiro [...] na visão filosófica da história”. Concentrar-se no “que é essencial” significa trabalhar com o que “é a porção durável”, ao se dirigir as outras gerações, deve-se apresentar à posteridade as verdades duráveis, que estão no ser da natureza humana, como disse Azevedo (1924, p. 15-16).

A vida “apressadamente vivida é uma fonte inesgotável de emoções intensas”, o “escritor que quer traduzir em suas obras estas sensações agudas

e sutis, tem de ganhar poder evocativo e penetração psicológica", o que se ganha em intensidade, se perde em extensão. Em Fernando de Azevedo, para conseguir construir uma bela imagem das civilizações antigas, é preciso atingir sua sensibilidade e complexidade. Com o compromisso entre a arte e a verdade, a busca da "unidade realista", faz-se com recursos sintéticos e sintáticos, harmonizando figuras, lugares e contextos em imagens colhidas do mundo real, é possível uma imagem "dos caracteres e da vida", que levantam "as espumas das emoções", ações, inspirações e desejo de mudança, segundo Azevedo (1924, p. 55).

A beleza está bem perto de nós, segundo Azevedo (1924, p. 63-65), é "inútil procurá-la longe, porque, para quem sabe ver, está em tudo, nas cousas mais simples, que nos cerca, na natureza, que nunca envelhece, que constantemente se renova". Contemplando uma existência real e imediata, não nega que é preciso ter intensidade sensitiva para conseguir amar a morte e a vida. A morte viva que está no passado, com os povos e a vida que está nos amigos e na realidade. Consciência, sinceridade e sabedoria se conseguem com intuição e senso histórico. Nas palavras de Fernando de Azevedo (IDEM, IBIDEM), o espírito que nunca se envelhece, renova-se quando conseguimos encontrar em nós mesmos o que se procura. Imagens do passado e ideias, constantemente associadas à realidade, o presente, corresponde a imagens novas que despertam novas ideias. Estas, às vezes, transformam-se em novas imagens de acordo com Azevedo (AZEVEDO, 1924, p. 63-65).

Por esse retrato, Fernando de Azevedo nos diz que é preciso defender do esquecimento, as obras humanas que reforçam o caráter e que servem de inspiração para grande e importantes feitos. Em sua visão, a antiguidade foi por excelência o tempo da beleza, da suavidade olímpica e do triunfo da estilística. A atualidade, pela violência da imaginação exasperada e pelo domínio do individualismo insubmisso, é um tempo de preocupação e inquietação psicológica, um tempo profundamente emotivo "da arte nervosa, igualmente humana", que possui vigor, mas carece de transparência. A falta de espírito, de meditação reduziu a faculdade criadora de ideias e sentido de precisão. O espírito moderno "parece incapaz de apanhar a realidade tão bem como o antigo". Assim, não se atinge diretamente os fatos e a vida com visão clara, aguda e serena sem atingir o sentido da realidade. Com diminuta capacidade

de observação, são esgotados na vida moderna os meios de atingir a verdade dos fatos, a transitoriedade das coisas e os aspectos predominantes da vida humana, conforme Azevedo (1924, p. 71-79).

Para Fernando de Azevedo, por mais remoto que o passado possa ser, ele “está bem mais perto de nós do que o futuro mais próximo”. Sentir o passado e vivê-lo, é “para quem a história são as emoções a propósito dos fatos”. Como num constante quadro de ressurreição, as reminiscências históricas possuem uma arquitetura que “acompanha sempre de perto a evolução do pensamento humano”. Ao se aproximar de uma concepção cíclica de história, manifesta-se numa concepção não completamente elaborada. Sinaliza uma projeção moralista em que a história serve de lição e de exemplo, em consonância com Azevedo (1924, p. 116-120). O sentir, o viver, o reviver no autor, a meu ver, significa trazer a vida e o passado em uma evocação mental que não é outra coisa senão uma vista sinóptica. Um quadro sintético, horizontal do passado.

Ao lembrar que Fernando de Azevedo teve entre suas leituras prediletas o inglês Arnold Toynbee, recorro a uma passagem desse último para corroborar com a asserção elencada. O historiador britânico dizia que quando se estuda a história de gerações, civilizações ou sociedade, que já não estão mais vivas, temos de ressuscitá-las mentalmente mediante um ato de imaginação. Nesse sentido, segundo ele, “só podemos imaginar o que eram em vida por analogia com o nosso conhecimento do que é vivo”, “por mais afundada no passado que esteja a idade que o historiador está estudando terá a mesma necessidade de trazê-lo à vida”. Trazer o passado para mais perto, soprando nele a vida e não entendendo-o como morto. Nesse exercício, há um ponto problemático, “faltado o instrumento mais eficiente”, as sociedades extintas há muito tempo no passado, são evocadas de forma mental, imaginativa, procurando ter, ou mesmo construir uma vista sinóptica, imaginária, de acordo com Toynbee ([1970], p. 99).

Não é o que é, sim o que o autor entende ser. Logo, a ênfase na antiguidade romana, nos aspectos morais, serve-lhe de princípios e premissa. Afinal, não se daria realce aos aspectos da antiguidade, à sociedade latina, aos autores e personalidades criadoras, se não os tomasse como algo que está mais próximo e que ajuda a arquitetar o pensamento humano. Para ele, o

acordo entre o psicológico e o social contempla as diferentes civilizações nas mais diversas épocas e localizações. A herança clássica permite não somente conhecer o passado como o presente. As transformações e mudanças materiais alteraram o comportamento do homem, mas, no que refere a sua natureza, a permanência se renova na persistência de certas tendências egoístas, vaidosas e corruptíveis, pois só alguns conseguiram resistir e se colocarem a serviço de todos, ao mesmo tempo que toma o exemplo, serve de exemplo, em conformidade com Azevedo (1924, p. 116-120).

Os quadros de ressureição histórica, embora carregados de variedade e múltiplas formas, inspiram um padrão. A natureza humana, conquanto colorida pela diversidade das épocas e modos de vida, civilização e sociedade, quando estudada em sondagens psicológicas, fornece fontes úteis de informações para entender o desenvolver dos povos, mas sobretudo, do homem. Por mais que o relógio, a indústria, a produção tenham inspirado novas chamas e movimento à vida borbulhante da sociedade contemporânea, criando e promovendo novas paisagens sociais, é preciso procurar na regularidade, nas correlações, as energias que atuam nos sentidos e significados humanos. Conscientes da força que atua para permanência ou mudança do espírito, o escritor pode captar os momentos amargos e doces, os silenciosos e profundos, os regulares e irregulares, mas, principalmente, aqueles que tocam em medidas contínuas, em conformidade com Azevedo (1924, p. 220-222).

3.1.5 Em páginas latinas

Na obra *Páginas Latinas* (1927), o autor preocupou-se em sintetizar os assuntos, temas e autores que deram substância à cultura latina, seguiu defendendo que seu texto superou outras obras que lidaram com esse tema e afirmou que “ora, o nosso livro, saturado desse espírito desprendido de velhas fórmulas, mais transigente do que reacionário, propõe-se, com todos os defeitos” a ser nas mãos de estudiosos, “verdadeiro plano de estudos e fonte abundante de informações preciosas”. Com aspecto de documento e não simplesmente notícia ou informação, a obra pretende ser um conjunto de “ideias sobre o assunto”, que alimenta a “experiência alheia” com vista a

ensinamentos úteis e didáticos. A exposição sobre autores e épocas com atenção essencial aos “grandes mestres” que, na sua visão, são exemplos de todos os escritores, “ainda os menos conhecidos”, estruturam o texto, não apenas em um simples livro, mas “como se vê, obra de cultura” e para a cultura, de acordo com Azevedo (1927, p. 6).

Logo, o texto é uma proposta que abarca as “totalidades autônomas”. Apoiado em apanhados críticos que “possam dar das épocas, dos autores e de suas obras um seguro conhecimento”. Trata-se de uma “visão integral” da história, da evolução das obras de cultura que, “à medida que as forem” percorridas, despertam e apresentam o fio condutor das grandes obras latinas.

> Está aqui, pois, esta literatura antes condensada do que mutilada. Aliás os livros, que mais agradam, não são os mais completos, senão os mais sugestivos; não os que tudo explicam, mas os que deixam alguma cousa à imaginação; não os que nos saciam, mas os que, fomentando-nos o interesse pela matéria, nos encaminham a outros livros, em busca de mundos apenas entreabertos a curiosidade despertada (AZEVEDO, 1927, p. 07).

O texto caminha entre o estudo rigoroso e *enciclopédico*. Como o criador apresenta, sua criação é uma obra de razão exigente, embora deleitada a um tempo e à imaginação vadia, de caráter uniforme, está em acordo com a crítica filológica, mas pode ser definida como antologia. Segundo Fernando de Azevedo, sem preocupar com a forma, o autor quer captar a atmosfera temporal, criar um ambiente semelhante ao contexto pela “exposição das realidades romanas”, quer atingir a substância da matéria e despertar sentidos a intenção é que as ideias correspondam à realidade descrita. O autor quer criar um ambiente que demonstre, que inculque a realidade original ao leitor, nesse caso, o “espírito latino”, a “realidade original, pitoresca e saborosa”. Somente uma visão penetrante pode descobrir, penetrar no profundo vencendo a superfície dos textos e desvelando o mundo, que eles descrevem ou possuem. É neles há os fatos gerais dominantes, os de primeira ordem que satisfazem o interesse dramático e a curiosidade filosófica útil e necessária para compreensão da trama histórica e social, consoante Azevedo (AZEVEDO, 1927, p. 08-09).

Destacando o caráter “prático e utilitário”, o romano entende-o como de pouca imaginação, “um povo rude e robusto de camponeses agrestes e

supersticiosos, obstinados e pacientes, graves e ríspidos, práticos e metódicos, positivos e formalistas, disciplinados até a crueldade e econômicos até a avareza", como está posto em Azevedo (1927, p. 31). A preocupação em captar o caráter, a personalidade do povo, tornou-se uma constante para fundamentar sua visão sobre a trama histórica e social. Lidando com a literatura, a poesia e a história, enquanto características, conhecimentos reveladores do modo de pensar e agir do povo e do homem, compreendeu que a história, "como já se observou", foi o gênero dos mais fecundos e dos mais nacionais entre os romanos.

Desde os primeiros historiógrafos, "sua evolução se fez sem quebra de continuidade, até o fim da literatura romana". As "letras históricas" apresentavam biografias e grandes nomes, memórias dos grandes homens, que em sua perspectiva, não haveria "nada mais agradável, na história, do que a polida brevidade destas memórias militares, que [...] têm, na sua formosa nudez de ornatos, a bela severidade de linhas das estatuas antigas", os estilos ágeis e concisos. Com um cabedal de informações, fatos e feitos, no caso das façanhas militares dos romanos, segundo o autor, serviram de lição para Henrique IV, Napoleão I e II e outros que assumiram papel de criação e condução dos acontecimentos, conforme Azevedo (1927, p. 310-311).

A "história que se pode considerar com a eloquência, um dos grandes gêneros" locais, foi durante "largo tempo, árida resenha de fatos em ordem cronológica"; sempre escrita em grego e em "proveito de certos personagens e de certas causas". Só posteriormente houve o gosto ou a busca dos documentos com vistas a uma "narrativa exata dos fatos". Para o autor, a história atinge seu esplendor no período clássico com Júlio Cesar, "em estilo rápido e incisivo, tanto quanto elegante e fluente". Salústio, "em estilo original e energético", intercalava fatos e reflexões morais. Tito Lívio possuía uma obra acentuadamente apologética de linguagem imaginosa e fervescente, de influência de toda oratória, em que se "canalizou toda a riqueza de documentos e fatos recolhidos pela investigação diuturna dos historiadores que o precederam", para a construção de uma análise integral da época do homem da civilização latina, segundo Azevedo (1927, p. 64-65).

Para Fernando de Azevedo, é Tácito que imprimiria à história, sem ter imitadores, uma nova orientação. Seja pela "energia viril de seu espírito"

sintético, “pela força descritiva de seus quadros” magistrais ou por “sua inspiração” filosófica, que “ia até à indagação das causas e consequências dos grandes acontecimentos políticos”, a força que motiva o declínio e ascensão dos homens, dos impérios, para o latinista brasileiro, na época de tranquilidade do império romano, há o florescimento das letras e da cultura. Com a decadência, Petrônio, Tácito, Sêneca e outros são vistos como “filhos de uma época de compressão e violência que os obrigou a se debruçar sobre o mundo interior”, para descobrir as causas, as razões das crises e as possíveis resistências, em conformidade com Azevedo (1927, p. 361).

Como “espectadores da própria consciência”, a grandeza desses homens, segundo o autor, residiria na “maior aptidão para a análise psicológica e no seu conhecimento mais profundo das paixões humanas”. Roma que conquistou o mundo, agora é absorvida por ele. A perda da identidade agravou sua queda, “dissolvia o espírito nacional de outras eras”. A literatura “não mais exprimia a alma da pátria”, o culto era a forma pela forma, da futilidade do diletantismo, da imitação e da originalidade forçada. Junto a isso, uma educação voltada para a oratória, com justas brilhantes mais inúteis, de mero aparato, sem contato com a realidade. A moda do falar bem arrastava os melhores, em que só a vaidade e os interesses particulares entravam em competência, de acordo com Azevedo (1927, p. 361).

Acompanhando as suposições de Tácito, um historiador a quem Fernando de Azevedo esboçou grandes elogios, admirando-o não só pelo estilo, mas sobretudo, pela capacidade de analisar a alma humana. A robusta concisão que consiste em condensar o máximo de pensamento no mínimo de palavras, permite um quadro, um retrato fiel da realidade. Tácito, enquanto o maior pintor da antiguidade, abreviou tudo, porque via tudo. Para o autor, sendo um “dos mais eminentes historiadores de todos os tempos”, deixou um conjunto de ideias que, quando consultadas, alimenta a experiência com ensinamentos essenciais e instrutivos sobre a vida, a sociedade, o homem e as coisas da vida social, conforme Azevedo (1927, p. 418).

3.1.6 O estudo da evolução social

Na obra *Princípios de Sociologia* (1936), o autor explica como deve ser a investigação sociológica, defende que os estudos dos fatos sociais são importantíssimos para entender e desvendar a vida social na sua organização, funcionamento e evolução social. O livro serve de guia/orientação à introdução dos estudos sociológicos apontando a categoria do real, ou seja, o que deve ser investigado para estabelecer "tipos gerais das sociedades humanas". Descrever e explicar o substrato material da sociedade, as formas que elas tomam no conjunto de "coisas que servem de base à vida coletiva", seria a tarefa investigativa do pensador social, como está dito em Azevedo (1936, p. 94).

Para se observar de perto os fatos, segundo o autor, deve-se abraçar o maior número possível da realidade, assim, pesquisando, observando e controlando o estudo, se terá uma visão mais objetiva dela. O "estudo e a comparação das realidades sociais, sobretudo, daquelas" que podem ser observadas, reconhecidas diretamente com o auxílio de documentação histórica, possibilita estabelecer pontos precisos. A "observação e a comparação de realidades sociais, presentes ou passadas, facilmente acessíveis, reduzido o estudo documentário (se se trata do passado) à essência dos fatos significativos, pela pesquisa dos documentos e pela crítica histórica" são elementos que constituem o ponto de partida dos estudos sociológicos. Em outras palavras, é preciso fazer a pesquisa, observar a realidade física, investigar as fontes do presente ou do passado para se ter uma reflexão objetiva sobre a realidade. Com trabalho duro, esforço, atenção e disciplina rigorosa, se obtém o espírito científico nas palavras de Fernando de Azevedo (1936, p. 26-27).

Logo, as "excursões e inquéritos em fábricas, oficinas, habitações operaria, escolas" e outros, portanto "devem ser utilizados como um "instrumento de confirmação e de penetração" da e para a pesquisa. A organização de um "museu social ou centro de documentação, com material especializado de observação como objetos, mapas, gráficos, dados estatísticos, gravuras e tudo o que tenha valor" documental ou de construção de dados, servem de elementos para o estudo, investigação e construção da

percepção científica. Ao considerar que “as condições de vida social [e] as formas de uma sociedade constituem os quadros sociais”, o estudioso deve entender o desenrolar do movimento, da ação e das ideias que constituem as aspirações, crenças, desejos e vontades sociais no tempo ou ao longo do tempo, como informa Azevedo (1936, p. 28-81).

Para o autor, em “todo fenômeno social, forma e conteúdo constituem realidade unitária” limitando-se ao estudo da forma, isto é, as forças e relações mediante as quais os homens se tornam sociedade, o sociólogo abstrai separando as coisas da mesma natureza. Considera como forma “o modo de agrupamento” humano que forma a sociedade. Com isso, o autor busca a “condição estática da associação” que permite o acesso ao essencial. Ao deixar de lado tantas outras relações, pretende-se “descobrir e fixar as relações constantes entre as formas da sociedade e suas matérias ou seus conteúdos”, aquilo que mais toca, move ou atinge os homens em sociedade, dentre outras coisas a cultura e a formação cultural, conforme Azevedo (1936, p. 82-83).

Estudada e classificadas as formas sociais, observa-se a consequência ou efeitos que esses produzem sobre a atividade humana. Assim, poderá constatar as formas que apresentam as sociedades ou a maneira “com que os indivíduos são associados ou ainda”, se as “sociedades são grandes ou pequenas, anárquicas ou organizadas, dispersas ou centralizadas, comunistas ou individualistas, variarão os hábitos, os sentimentos e as ideias dos homens que elas mantem reunidas”. Descobrir as ideias, as forças que geram e que movem a sociedade em determinada direção é não só descobrir as causas das coisas, como ter consciência delas para saber agir. Determinar ou definir “as leis gerais que regem a sua evolução, revela sua adaptação, transformação, assimilação ou mesmo possibilidade de desenvolvimento, em conformidade com Azevedo (1936, p. 83-93).

Para Fernando de Azevedo, a Sociologia “tem por objeto, pois o estudo dos fatos, da natureza, dos fatores e das leis de evolução e das suas formas normais e mórbidas, a fim de descobrir as forças que geram e movem a sociedade, e determinar ou definir” a unidade geral que rege a evolução, estabilização ou padecimento. O autor considera que a “antiga filosofia da história” em sua forma positiva, que consiste “no estudo comparado da gênese e do desenvolver de cada sociedade ou de cada instituição”, permite tomar ou

perceber as “variações” sociais através do tempo. Inspirado na ciência social de Émile Durkheim, entende que “a vida social não é senão o desenvolvimento de uma sinergia de elementos, de uma harmonia preestabelecida”. Logo, a percepção do que as estruturas sociais oferecem para os homens ou as instituições fazem ou têm de fazer em seu único fim, é a apreensão do “que se realiza através e por meio das formas sociais, isto é, das estruturas”. Descobrir as forças que geram as mudanças, que movem a sociedade é determinar ou definir as leis, as forças que regem o tempo, de acordo com Azevedo (1936, p. 93-98).

A meu ver, a proposta de estudo do autor aproxima-se de uma tentativa de mapear ‘um pretenso’ padrão. Busca algo que afetaria todas as sociedades. Questões de como a sociedade, para o nosso estudo: a sociedade brasileira, caminhou, como caminha e de que forma caminhará, tornam-se essenciais para Fernando de Azevedo. Ao trabalhar em *A cultura brasileira*, as três partes: *Os fatores da cultura*, *A cultura* e *A transmissão da cultura*, em seus quinze capítulos, externam aquilo que marca seu “nascimento”, “apogeu” e “declínio”. Especificamente no refere-se à cultura brasileira como tema principal, o autor ocupa-se com os dois primeiros ciclos. Algo “comparável ao desenvolvimento dos seres humanos individuais, no que concerne às suas etapas de “infância”, “maturidade” e “velhice”, em consonância com Barros (2012, p. 374-376).

Dessa forma, Fernando de Azevedo estrutura seu livro na hipótese de que as dificuldades existentes despertaram nos homens a atividade criadora. Ao refletir sobre *A cultura brasileira*, a atividade criadora manifesta-se somente em situações de dificuldades existentes, onde os homens são levados a um esforço sem precedentes. Seja nos desafios do ambiente físico, no desenvolvimento cultural ou na penetração do espírito científico, a “fórmula em que ele dá vida a essas ideias é o desafio-e-resposta”. As proposições de William H. Dray (1977, p. 121-122), servem-nos de base para pensar que, negando que as civilizações surjam, em ambientes favoráveis, um dos primeiros desafios que é proposto pelo ambiente físico: drenagem, construções, conquista, colonização e outros estão na base do desafio e resposta.

Quando William H. Dray (1977) ocupa-se em entender Arnaldo Toynbee, nos fornece pistas para compreender Fernando de Azevedo. Para o sociólogo

brasileiro, existem desafios que merecem respostas, do contrário, a sociedade pode incorrer no fracasso. É nesse ponto que entra os grupos e as personalidades criadoras, pequena minoria, frente a uma grande e imensa maioria de não criadores. Uma sociedade criadora é feita de indivíduos que se retiram e reaparecem. Preparados para o papel criador por uma experiência arquetípica, conduzem os acontecimentos, fazem a história. Superado o desafio material do meio físico é preciso superar o espiritual. Uma sociedade, uma civilização desenvolve-se quando existe uma "gradual passagem de enfrentar desafios materiais para o enfrentar os desafios de caráter mais espiritual", segundo Dray (1977, p. 122-123).

Com base nessa perspectiva, Fernando de Azevedo afirma ser de grande proveito o estudo das formas de nascimento, desenvolvimento e evolução como um modo de investigação e hipótese, que se torna "um esforço verdadeiramente fecundo nas reconstituições das formas", primitivas, pré-históricas e modernas, de acordo com Azevedo (2010, p. 98-99). Sendo possível compreender que todo processo de ascensão e queda das civilizações e das sociedades, não passam de um monótono girar de uma roda e o homem, enquanto humanidade, cumpre uma fase e entra num processo de "mutação social" para os novos desafios que exigiram novas respostas, embora em essencial, o aspecto permanente de sua natureza não se altera. Logo, para o caso de Fernando de Azevedo, as formas culturais "surgem como resposta a um desafio da adversidade, crescem por meio de uma série de respostas a um desafio repetido e desintegram-se, dividindo-se" quando a minoria criadora não consegue obter ou oferecer respostas aos novos desafios, de acordo com Dray (1977, 127-130).

Compreender que as forças místicas, religiosas ou científicas influenciam na forma de pensamento, comportamento ou transmissão, permite captar o elemento que dirige as transformações da sociedade quando já não é mais preciso ocupar-se dos desafios do meio físico. Ver "nas transformações do instrumental ou nas técnicas de produção, o fato ou elemento" que orienta as alterações sociais, significando compreender o processo de evolução e a distinção entre o uso de ideias novas e novas ideias, no desenvolvimento histórico, conforme Azevedo (1936, p. 98-100). Nesse esquema de desafio e respostas, ao tomar a cultura, a ciência ou a educação como manifestação

universal, há a aceitação de uma unidade de sentido, não que ele tenha, mas que o autor dá, para confirmar seu objetivo. A proposta de “unidade contínua da história universal, por um processo de unificação de um Ocidente”, cristão e europeu, Löwith (1997, p. 26-31).

Diante da diversidade, a expressão da cultura brasileira tem o sentido de unidade interna e externa com a história universal. A filosofia da história não se mostra sofisticada, mas confirma a unidade cultural da história humana. Distinguir entre “os elementos do desenvolvimento histórico da humanidade, aqueles que são submetidos à lei do crescimento ou do desaparecimento sucessivos” é lidar, segundo Fernando de Azevedo, com o modo como o universal age “sobre o particular e do permanente sobre o efêmero”. Logo, para dominar mais de perto o fenômeno da evolução social, importa considerar o fator “da essencial heterogeneidade dos seres (qualidades inatas) e da heterogeneidade social, determinada pelas situações adquiridas. Os homens não são iguais”, cada sociedade possui sua própria organização social particular, gradações de classes e fases históricas. No entanto, o ponto em comum é que elas podem ser produzidas, *entendo representadas*, “estaticamente no espaço [n]a evolução que se realizou dinamicamente no tempo”. O autor explica que as sociedades são móveis, o desafio do intelectual é captar esse movimento em ‘uma representação’ que embora estática/sintética, represente a marcha e a passagem de uma fase a outra, em consonância com Azevedo (1936, p. 100-101).

Os homens distribuídos em camadas, classes, organizações e instituições, por mais variadas que sejam no tempo, são produtos de organização econômica, política, cultural, educacional e outras. Para o autor, é um fato “tão constante” que, embora haja trocas ou barreiras, os homens e as sociedades não são separados ou fechadas em si. Ao longo do tempo ou espaço não cessam de experimentar ou repugnar novos elementos num movimento contínuo das relações sociais. O fato é que a “evolução social não” é simples, dado que seja “[...] sempre” a mistura “de progressões sobre um ponto equilibrado por regressões sobre outro”. Sua marcha explica a “mútua dependência dos fatores mais importantes que reagem uns sobre os outros”, determinando as “incessantes ações e reações, no tempo e no espaço”, das formações ou desaparecimentos sociais, conforme Azevedo (1936, p. 102).

Para Fernando de Azevedo, a “lei dos *corsi* e *ricorsi*, de Vico, que consiste numa concepção de ciclos não idênticos, mas semelhantes, e em retornos (*ricorsi*) periódicos da civilização sobre si mesma; [e] a lei do progresso” de Hegel, que “supõem um desenvolvimento dialético da Ideia, por uma série de teses, antítese e sínteses”, são exemplos de fases. Por uma série de situações, de oposições e conciliações, “e, portanto, por um encadeamento de fases regulares e necessárias, no seu progresso total”, se constitui uma lei de sucessão de períodos orgânicos e críticos, que são verdadeiramente fecundos para a descoberta da harmonia social. A descoberta “das harmonias sociais análogas à harmonia vital, das regularidades de coexistência ou sucessão [as constantes] contra as quais não poderiam finalmente prevalecer acidentes históricos”, constituem as motivações da investigação social (AZEVEDO, 1936, p. 102-103).

Nessas proposições, a filosofia da história de Fernando de Azevedo tem em consideração o aspecto histórico/cíclico. Ao considerar que a ideia principal de Vico “não é nem o progresso no sentido de uma realização, nem o ciclo cósmico de um desenvolvimento e decadência meramente naturais, mas uma progressão histórico-cíclica do *corso* ao *ricorso* em que o próprio ciclo tem um significado” que, para o historiador italiano, é providencial, em conformidade de Löwith (1997, p. 137). Em Fernando de Azevedo esse significado objetiva a emancipação da consciência histórica social, porém, é um tipo de consciência limitada à experiência histórica no autor em questão, não produz uma concepção de história que supra as carências temporais, ao contrário, impedem que se atinja as dimensões indefinidas do existir humano e histórico.

Compreende-se que, em Fernando de Azevedo, não existe progresso unilinear “movido por um só fator dominante”, uma vez que a evolução social se dá por “mutações e variações progressivas”, as quais completam-se por diversas mutações, como por exemplo, as revoluções, as guerras e outros. No entanto, o que importa, para explicar os destinos das nações, é “seguir de uma parte as transformações de sua vida material, a sucessão de suas maneiras de produzir, vender e consumir e, de outra parte, as transformações de sua vida intelectual, a série das descobertas”. São essas que verdadeiramente resultaram na “organização lógica” do progresso, o desenvolvimento cultural e verdadeiramente espiritual, como está posto em Azevedo (1936, p. 106-110).

O movimento de ascensão e queda dos homens, das elites, das civilizações e da sociedade, para Fernando de Azevedo, configura-se como uma percepção realista. Cada sociedade tem de ser considerada em sua realidade específica e concreta. Trabalhando com a perspectiva de que “os fatos sociais se encontram na natureza, não dos indivíduos, mas das sociedades”, entende a entidade social exercendo força sobre o indivíduo. Para o sociólogo, as noções mais fundamentais “de causalidade, de espaço, de tempo etc., sendo profundamente sociais, não podem ser explicadas nem pela psicologia individual, nem pelas tendências de uma natureza humana, sempre e por toda a parte igual a si mesma”, mas pelo movimento as formas institucionais e sua influência sobre os indivíduos (AZEVEDO, 1936, p. 429).

Para o autor, a noção de tempo não se explica “senão pelas referências de ordem social” tal qual a divisão dos dias, semanas, meses, anos e outros, correspondem a periodicidades dos ritos, festas e cerimônias públicas que exprimem o ritmo da atividade coletiva, “ao mesmo tempo que tem a função de lhe assegurar regularidade” da concepção de que os fatos, as ideias de tempo, de espaço, “de gênero, de causas, de personalidade, são construídas como elementos socias”, não se deve “concluir que elas são desposadas de todo valor objetivo”, de atuação/intervenção na realidade construída e a ser constituída, como disse Azevedo (1936, p. 429).

Por possuir um fundamento, uma natureza, o autor presume que certos fatores como o da cultura, em nosso caso, a brasileira, carregam a essência do ser nacional. Sendo um fator objetivo, é estudando-o e entendendo-o que se consegue perceber as manifestações, os elementos sociais que influem nas direções. Em outras palavras, o sentido e direção da vida nacional são dados pela origem, desenvolvimento e evolução da cultura brasileira. Encontrando inércia nas instituições educacionais e culturais, seu livro se coloca como uma forma de estudo da cultura nacional, testemunho das ações do educador, e ponto de referência para se conhecer o passado cultural do Brasil. Trazendo atores, periodicidades, ações, permanências e mudanças, constrói uma representação capaz de captar tendências da natureza humana e os fatores que colaboram para a formação do ser de caráter nacional.

3.1.7 Sociologia educacional e os fenômenos sociais

Na obra *Sociologia Educacional* (1964), Fernando de Azevedo estabelece a proximidade e distância entre Sociologia e Sociologia Educacional. A proposta central é demonstrar que a "sociologia ocupa um lugar de mediação entre a interpretação do processo de mudança social – consolidação do capitalismo no Brasil, de um lado, [de outro] o papel da educação" como forma de efetivação das consolidações. Construindo um discurso "científico-sociológico sobre a função social da educação no processo de constituição" e formação das novas elites intelectuais, em consonância com Silva (2016, p. 8-13), o argumento era de que a cultura brasileira teria de passar por uma mudança social para acompanhar a industrialização e urbanização.

Nesse sentido, para Fernando de Azevedo (1962, p. 2), uma Sociologia da Educação poderia esclarecer sobre o fenômeno educacional e suas implicações na vida social. Em uma abordagem comparativa dos sistemas educativos e fases das organizações sociais, mostraria os resultados, "os estados determinados" e a harmonia entre ambos. Não apenas nesse campo, tal análise revelaria o "ideal que a sociedade" almejava. Em outras palavras, em acordo com o tipo de educação, haveria os tipos institucionais. Nesses ambientes eram instituídos os indivíduos, isto é, "[...] fazia do homem" o ser "físico, intelectual e moral", de modo a estabelecer "as relações íntimas entre as mudanças de estrutura social" e as demandas da sociedade. Uma vez que tal fator não fosse almejado ou alcançado, a educação e a cultura sofreriam as causas do atraso não auxiliando o homem no seu desenvolvimento ou na busca do progresso.

Seguindo esse raciocínio, a obra é um discurso que serve de instrumento para as lutas e defesa de um ideal. Revesti-lo de análises, constatações e intepretações de caráter científico, confirmava o autor no cenário intelectual brasileiro. À vista disto, "um discurso que fosse capaz de apreender a dinâmica social do processo histórico de constituição da sociedade brasileira, explicando as origens de suas mazelas, as causas de seu descompasso em relação à marcha de progresso da sociedade industrial", explicaria os limites de "suas instituições frente aos anseios da ordem social".

Constituindo-se como elemento indispensável para a elaboração de um discurso que parece neutro, imparcial diante dos fatos e fatores, poderia “ser considerado universalmente válido, acima dos interesses” de classe, idealismo político-econômico ou ideológico cultural, em consonância com Silva (2016, p. 12).

Fernando de Azevedo propõe-se a definir o movimento da sociedade, a partir do seu estudo que define as sociedades como “leis necessárias”, já que elas “[...] como o resto do mundo, são submetidas a leis que derivam necessariamente de sua natureza e a exprimem”. Assim sendo, é possível compreender que existem “relações necessárias”, embora maleáveis e plástica, que “os homens podem, por assim dizer, modelar a sua vontade [...]” e distinguir nas realidades seus aspectos básicos, os quais se configuram enquanto elementos, segundo relações necessárias, que permitem verificar princípios e “relações regulares às quais obedecem às consciências coletivas”. Para o autor, a partir da racionalidade e universalidade, ao se debruçar sobre a realidade estudada, é possível “nela toma[r] conhecimento do essencial”, abandonando o acessório e captando o elementar o que fazem os homens serem o que são, conforme aponta Azevedo (1964, p. 12-13).

Fernando de Azevedo compreende que a realidade social é múltipla e complexa, que é preciso divisão e distinção entre as diversas categorias de fatos. Não se preocupando com a diferença ou mesmo em ligar os fatos às condições de tempo e lugar preciso, “fatos concretos e variáveis, irreversíveis no tempo”, quer perceber a realidade social “desprendida dos fatores e circunstâncias que a produzem e condicionam”. Ao tratar dos fatos sociais não dá atenção às particularidades de um povo ou sociedade. Em um tempo determinado, busca-se descobrir, descrever e explicar relações gerais, leis verificáveis em variados tempos, espaços e sociedades (AZEVEDO, 1964, p. 16-17).

É afirmativo que o autor não está preocupado com a história enquanto área de conhecimento. O que chama a atenção é sua forma de conduzir a definição dos domínios científicos. Na concepção de Azevedo (1964), a ciência é um processo que nunca se forma de um todo, as transformações e novos instrumentos lhe dão um caráter provisório, ao passo que “uma hora de síntese supõe anos de análise” convergida em síntese e condicionada pela

possibilidade de explicar um fenômeno complexo com o auxílio de regularidades e “[...] de leis conhecidas [...] relativas a fenômenos mais simples”. Logo, a história entende-as como elemento que auxilia na percepção das mudanças e permanências, mas não na construção de uma chave interpretativa capaz de explicar no conjunto dos acontecimentos históricos, os fatos gerais e dominantes. Tal ação cabe ao pensador social que, recorrendo as trabalho de detalhe mostra/explica os fatos gerais e de primeira ordem, como dito por Azevedo (IDEM, p. 20).

Dada a interdependência dos fenômenos sociais, na visão de Fernando de Azevedo (IDEM, p. 21), as investigações em qualquer dos setores sociológicos, não podem ficar sem repercussão, em maior ou menor escala, sobre o objeto de estudo. Para ele, “há uma unidade profunda entre as diversas ordens de fatos”, consequentemente, o estudioso pode construir uma chave explicativa “das diversas formações sociais”. Longe da percepção de que a soma das partes forma um todo, quer perceber os fatores preponderantes que influenciam a estruturação e evolução da sociedade. Ao escolher a educação e a cultura no sentido restrito, quer estabelecer as relações entre os fatos e entender a forças e as ideias intrínsecas que dão sentido as coisas. Alcançar os significados ligados a fatos importantes, abrem perspectivas para as ideias gerais, ou seja, perspectivas de explicação para os eventos que marcam os tempos, os acontecimentos que resultam em glória ou padecimento, em conformidade com Azevedo (1958, p. 24).

Embora a ocupação principal do autor seja a demarcar a sociologia educacional, há pistas de como mobiliza seu pensamento na leitura dos fatos passados. Para Fernando de Azevedo (1964), “o presente sempre [é] tão difícil de observar”, quanto as “obsessões e tendências do passado”, que nutriram as ideias, os domínios filosóficos, literários ou mesmo científicos. Estudar em “conjunto, e não separadamente, as instituições sociais”, as ideias e as especulações filosóficas, requer a proximidade da história social e da história do espírito humano. Para entender esse último, é sempre útil e fecundo, recompô-lo ao seu clima histórico, sem perder de vista a “história geral do espírito humano”. Instituições e ideias são elementos portadores de tendências e regularidades que manifestam a vida de uma época, em seus sentidos e vontades, como está posto em Azevedo (1964, p. 26-31).

Para o pensador em questão, esse exercício é importante por evidenciar “as grandes personalidades políticas”, educacionais, científicas e culturais que, segundo Azevedo (1964), são os portadores da mudança. Os “reformadores, como aliás os pensadores e os artistas, são foco que concentram em dado momento”, os raios que emanam da vontade de coletividade. Ao “fundir noções gerais em um quadro coerente, e, enfim, fazer aparecer as grandes correntes de causalidade ou de interrelações que ligam os diferentes fatos estudados”, a intepretação ganha racionalidade e universalidade, servindo de base para o geral e o intelectual, como disse Azevedo (1964, p. 32).

Toda educação e cultura, quando reduzidas a sua essência, de modo plástico e complexo, enquanto fenômeno social, “se repete identicamente no tempo e no espaço”. Elas são “solidárias com a evolução histórica e social que a enquadram e a condicionam”, isto é, cada época e sociedade modelam o indivíduo a sua imagem, marcando mais ou menos sua consciência, assegurando coesão e continuidade, de acordo com Azevedo (1964, p. 33). Reforçando o sentido de conservação mais do que transformação, é possível identificar um pensamento voltado para a reforma mais do que a mudança. Ao estabilizar, procurar a unidade e explicar a continuidade, embora plástica e complexa, o autor quer encontrar um sistema de valores incorporado no indivíduo, no grupo e na sociedade.

Assim, Fernando de Azevedo entende que “todo processo histórico comporta, pois, seu padrão, seu tipo caracterizado pelas relações de valores”, de cultura e de práticas. Para entender a evolução social, não basta ter “em vista que ela é sempre determinada por causas biológicas e sociais” e que nem sempre se “realiza de modo uniforme e contínuo”. Para que haja compreensão, é preciso “desprender os complexos de causas que podem acelerá-la ou retardá-la, e estabelecer a sucessão necessária do provável” que podem desdobrar-se em desenvolvimento ou transformações. A sociedade evolui, transforma-se pela acumulação de meios e invenções e ideias, aos quais “[...] se pode dar o nome de cultura”, explicitando a evolução social, em conformidade com Azevedo (1964, p. 159-170).

A proposta central do livro revela o pensamento de Fernando de Azevedo com relação ao tratamento dado à Sociologia e à Sociologia Educacional. Por conseguinte, o autor dá base teóricas aos seus argumentos e

torna-os instrumentos fundamentais para justificar a necessidade de reforma e mudança de mentalidade, tendo em consideração o conhecimento sobre a cultura brasileira e seu lugar no mundo. Como discutido em outro momento da tese, sua preocupação era conduzir a formação de uma elite, atender às demandas políticas e intelectuais. Para ele, é preciso acrescentar que sua reconstrução, por vias intelectuais da sociedade, carregava princípios morais que se destacavam a partir de pensamentos e práticas condizentes com a nova sociedade que se estruturava, com as novas ideias em marcha no tempo e com o tempo, ou seja, a sociedade urbana, industrial e capitalista.

Se o Brasil não superasse os males de origem, a cultura monocultura, o predomínio das relações tradicionais, o regime patriarcal, a nobreza pautada na aristocracia rural, a estrutura escravista, estaria fadado a não acompanhar o movimento das grandes civilizações. A evolução da sociedade contemporânea estava, em sua percepção, atrelada à formação urbana, industrial, cultura e científica. Trabalhar com os fatores que se acham idênticos em todas as sociedades humanas, torna-se uma estratégia e justificativa da reflexão e da ação. Ao invés de negar ou não lidar com o passado, seria preciso aceitar e superar a educação e a formação de uma nova elite que valorizasse a cultura transformando-se numa possível via, de acordo com Azevedo (1964).

3.1.8 Ao retomar canaviais e engenhos no Brasil

Em *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil* (1958), o autor desenvolve uma composição dos aspectos políticos da civilização do açúcar. Tomando o processo social, em sua totalidade, interpreta o papel desempenhado por senhores de engenho e usineiros. Entendendo o período “arcaico” em relação ao “contemporâneo”, investiga e quer desvendar a formação e evolução histórico-social do Brasil. Abusando de sua capacidade individual de compreensão, entenda-se sua erudição, por isso deixa transparecer sua personalidade, o modo como lê esse processo temporal. Com a estratégia de convidar o leitor a distinguir o essencial e o acessório quanto aos grandes traços da sociedade brasileira, em vista disto, ocupa-se do “meio físico, demográfico e econômico”. Das condições “que determinaram o

aparecimento e a persistência" do sistema agrário em sua composição, densidade e influência, nos deslocamentos das populações rurais. Seu estudo sobre a paisagem, a população e a economia rural se oferecem como um quadro das marchas das sociedades rurais e das "raízes de nossas tendências", de acordo com Azevedo (1958, p. 15-16).

Na concepção do autor, a formação do povo brasileiro teve por base "a estrutura da família patriarcal, tão rigorosamente hierarquizada" que, depois "nas grandes famílias burguesas dos centros urbanos" serão modeladas segundo aquele tipo, ou seja, valorização do poder, da autoridade, do privilégio e outros. Marcando o caráter autóctone, as organizações e instituições nacionais edificam-se sobre a base da dominação, fortalecidas pelo "[...] espírito de autoridade" de grupos religiosos e políticos, que erguem suas construções sociais sobre a massa de escravos. Ao passo que firma sua ação no poder e nos recursos econômicos, anulam a atividade de grupos intermediários. Destarte, trabalham por sua defesa e conservação dos grupos de poder, os quais fixam-se com base no favoritismo doméstico, na ação oligárquica e no poder pessoal. Segundo Fernando de Azevedo (1958), a despeito de toda essa estrutura, o povo forma núcleos de resistência, conquista a unidade através da diversidade de paisagens, raça e cultura, embora os traços elementares, básicos persistam ao longo do tempo, em consonância com Azevedo (IDEM, p. 17-19).

Para o autor, o tipo social que mais predomina, considerada suas variações e níveis, é a do senhor de engenho. Entorno dele agrupam perspectivas que se irradiam sobre a política nacional, nesse sentido, estrutura patriarcal e a mentalidade de ordem e disciplina "constituíram, pois, durante três séculos, os pontos de apoio em que assentam as bases" da formação nacional. Por uma disciplina de ferro, de extermínio, de penoso trabalho que constrangia os escravos, vedava-se os direitos à existência dos indivíduos. O desenho de Fernando de Azevedo expõe as raízes autoritárias e dominadoras que estão concretizados na cultura nacional e no seu processo de formação, conforme Azevedo (1958, p. 20-21).

Azevedo, ao trabalhar a relação e oposição entre o sertão e o litoral, descreve os brasis em suas particularidades e variação. Entretanto, o que mais chama atenção do autor é o homem do sertão e do litoral. Demarcando a

formação, o desenvolvimento, a evolução e a queda dos variados tipos sociais e sociedades, apresenta os fatores do progresso e do fracasso que leva a substituição de um tipo social por outro. Insiste que as “relações entre o proprietário e o trabalhador” apoia-se no espírito de dominação, “numa obediência sem apelo e na autoridade soberana do senhor de engenho”. O escravo, como objeto de rude e insaciável exploração, é manejado e reduzido a uma máquina de trabalho e estrita disciplina. Mercadoria que tinha que gerar lucro e poder ao seu ‘dono’, em conformidade com Azevedo (1958, p. 53-55).

O poder “despótico que exercia o senhor de engenho sobre os escravos negros, tangidos como rebanho humano e degradados à categoria de máquinas, alimentados apenas para atenderem às necessidades de produção”, só se atenuava ao grupo doméstico. Embora o espírito de disciplina e dominação ainda fosse o fundamento das relações, não se observava outra coisa senão a aptidão ao “trabalho, à resistência, à docilidade e à submissão servil”. A “força, a autoridade tirânica, tantas vezes desumanas” de um lado e de outro os “deveres, a disciplina, a carga de trabalho e a subordinação”, estão, segundo Fernando de Azevedo (1958, p. 67), no aspecto básico da cultura nacional.

A Igreja, estando em tudo, com paciência “dirige seus planos [...], com calma apanha a ocasião que se apresenta por si mesma, sem nunca deixar escapar”, incutindo nas crianças o respeito pela autoridade paterna, docilidade e submissão professava a estrutura social que engradava e servia aos ‘donos do poder’. Essa concepção ultrapassa os séculos, implica em tudo que é brutal e degradante, atenta contra a dignidade do ser humano, de acordo com Azevedo (1958, p. 70-73), tal relação é superada em parte no século XIX, com a abolição. Para o autor, um sistema de corrução, viciado e corroído pelas influências dessa “longa exploração do homem pelo homem, tendo sido uma necessidade, se tornou afinal uma maldição”. A violência desse fermento autoritário e desumano mostra sua persistência e força nos modos e hábitos de vida.

Mesmo com a extinção da escravidão, perpetua a concepção de inferioridade do negro. A abolição do regime não foi capaz de modificar a moral, a mentalidade, os costumes. O hábito de considerar seres dotados ou não de nobreza, sobrevive às transformações profundas por que passou a

sociedade brasileira. Abusos e preconceitos não desaparecem. Por maior que tivesse sido o contato íntimo entre negros e brancos, “o regime de estratificação, não somente econômica e social, mas racial”, se estabeleceu e até mesmo a vida pública foi atingida. Por muito tempo, ela não deixou de ser uma extensão da vida doméstica, a “vida pública denuncia, de fato, uma transição do patriarcalismo rural, ao paternalismo autoritário ou por outras palavras, a transformação em ação política do patriarcalismo, nos seus traços mais característicos”, em concordância com Azevedo (1958, p. 74-75).

Na proposição de Fernando de Azevedo, há certos elementos do passado que, como um resíduo que não quer passar, revive e aparece em outras vestes impedindo o desenvolvimento e o progresso. Em suas palavras, são estruturas que implicam em um “sistema de funções e de funcionamentos, devem ser sempre consideradas estruturas em movimento, que não estiveram por toda parte, não têm as mesmas origens, não apresentam rigorosamente o mesmo sentido e ritmo no processo” de evolução da sociedade brasileira, mas tem influência. O caráter escravocrata, o patriarcalismo, a autoridade e a vontade de dominação, firmada na divisão, em estamentos ou estratos sociais, são elementos que, embora de maior concentração no sertão, pode ser percebido no litoral, na zona urbana, por processo de irradiação na vida social, se consideradas em conjunto, como se pode lê em Azevedo (1958, p. 86-87).

Ao longo do tempo e com novas forças entrando em cena, os senhores de engenho passam de “autoritários rudes, nos seus engenhos”, a aristocratas, depois transformam-se em políticos “maneirosos, flexíveis e plásticos”, no período monárquico, encontram no poder político uma nova forma de conservar seu poderio. A conquista do “[...] poder político, já não era a massa informe de seus escravos, mas dos grandes eleitores, magnatas como eles”. Senhores de engenho e fazendeiros do sul, “poderosos e desconfiados”, se disseminavam “pelos canaviais e pelos engenhos, pelas cidades e pelas fazendas de criação” em um novo processo de dominação, um comando astuto, variável, flexível, mas com um único propósito: conquista ou manutenção do poder, riqueza e prestígio, de acordo com Azevedo (1958, p. 98-99)

De modo geral, Fernando de Azevedo retomou assuntos discutidos no livro *A cultura brasileira* e em *Canaviais e Engenho*, retratou um “certo tipo-ideal” concreto de senhor de engenho, que era entendido como uma expressão

genérica e designava uma variedade tipos. Trabalhando sob a perspectiva de unidade fundamental de caracteres, o autor usa-os para encontrar, ou perceber “traços comuns, na diversidade extrema de seus temperamentos e do grau de plasticidade” um tipo que seja capaz de retratar a realidade histórica. Nesse caso, a base de formação da família patriarcal e das condições sociais, institucionais e mesmo históricas da sociedade brasileira. Para Azevedo (1958), “nunca decorreu nem se poderá imaginar um período uniforme ou de banalidade universal”, porém, a civilização do açúcar, apesar de estar dentro de sua época, ‘inspira’ certos modelos de existência. Logo, captar os traços dominantes do indivíduo e do período é, em sua concepção, apresentar ao leitor “a figura [estudada,] sob aspectos mais reais e humanos. Ao colocar “todos os seus traços numa mesma luz”, banindo as sombras, compreende-se a forte personalidade desses homens e de seus papeis na formação e construção da sociedade brasileira, seus pontos positivos e negativos, de acordo com Azevedo (1958, p. 102-103).

3.2 Componentes da formação da cultura brasileira

Fernando de Azevedo, ao descrever os elementos que causaram de certos efeitos, desenvolveu um tipo de explicação que acentuou certas características. Ao refletir sobre as proposições de Arrais (2021, p. 85), penso que o sociólogo brasileiro entendia que algumas práticas do passado, seriam as possibilitadoras de entendimento ou justificação de um dos aspectos dorsais do caráter nacional ou mesmo das relações sociais em solo brasileiro. Em outras palavras, ele explicou o que determina o problema, acentuou os fatores que produziram/produzem certas ações. Dessa forma, ao explorar os componentes da cultura brasileira, o autor estabeleceu a indissociabilidade entre passado e presente. Sua intenção explicativa era estabelecer uma lógica, uma base argumentativa que possibilitasse apreender a experiência temporal passada, ao mesmo tempo que compreendia o presente.

Como a obra de Fernando de Azevedo, desde o início tratou da falta de união entorno de um propósito, justifica-se que as tendências particularistas e unitárias ou de centralidade ou descentralização, são elementos que

atravessaram os séculos até os tempos modernos. Desde as capitanias os senhores se achavam independentes entre si. Em suas propriedades construíam um sistema de autossustentação, com foco no poder pessoal. Donos dos seus domínios, tornaram-se reflexo e encarnação do espírito de dominação e mantiveram o domínio sobre “os da casa”, “os da propriedade” e tudo que tivesse ao seu alcance, “um pequeno rei em suas terras com direito de vida e morte. Sua preocupação era consigo e com os seus, tal fator, com o transcorrer temporal e as mudanças sociais e históricas, estenderam-se a outros horizontes atuando na política e na economia, em conformidade com Azevedo (2010, p. 175-187).

O espírito de dominação foi, segundo Azevedo (2010), a experiência colonial que fundou as raízes do privilégio, do mando, do autoritarismo. O primitivo regime pautado nos senhores de engenhos, nas oligarquias particulares e regionais o que, para Fernando de Azevedo, tiveram relações direta nos “fatores sociais”. Os espíritos de dominação persistiram “durante longo tempo na vida política do país. Os donos do poder administram as instituições públicas, o estado e outros, como se administrassem – entendo: como estivessem nos domínios de suas fazendas, casas e outros”. Os três primeiros séculos influíram decididamente na nossa evolução social e política. Montada numa “estrutura social, sólida e estável”, foram definidos lugares específicos para brancos, índios e negros. Tal estrutura, só seria amenizada com o cruzamento das raças, mas as distinções permaneceriam, conforme Azevedo (2010, p. 176-184).

Como o autor entende que uma sociedade não pode chegar a uma fase, sem ter passado antes por outra, diz que os portugueses já “havia atingido um alto grau de civilização, e cujo capitalismo se achava na fase comercial, de exploração de produtos agrícolas, [já] o índio, que permanecia no estágio mais primitivo, o da colheita, da caça e da pesca” ofereciam resistência em ser mão de obra. Eles não podiam, segundo Fernando de Azevedo, “passar brutalmente ao estágio agrícola, havia enorme distância social”. Para o autor da obra em questão, não só tornava impossível a “assimilação dos índios à economia rural, como persistia uma fonte geradora de conflitos de culturas”. Essa passagem marca sua visão sobre os índios e a sua ‘compra da versão’ portuguesa e europeia de superioridade do civilizado. Um superior e outro inferior, em certo

ponto, justifica ações e feitos, já que precisam conduzir os inferiores à luz, em consonância com Azevedo (2010, p. 185).

Somente com o caldeamento étnico, pelo cruzamento íntimo e forçado seria possível a amenização das diferenças e conflitos. Em minha visão, o problema do conflito e do confronto entre o branco e o índio, é relativizado, ou o autor não percebeu o problema, ou ainda, na busca da unidade, não quis dar foco a essas questões. O que fica é a afirmação de que é devido à "sedução que sobre as índias exercia a raça dominadora" e a "ação pacificadora dos jesuítas", que transformou o "instinto áspero dos selvagens" em um "instrumento auxiliar de colonização". Atenua-se os antagonismos e promove a assimilação e adaptação de suas culturas como se fosse algo natural e até necessário, como está posto em Azevedo (2010, p. 185-186).

Ao falar do negro, o autor destaca que esse já em estágio agrícola, é assimilado mais rapidamente, embora sobre "forma anormal e patológica –a da escravidão – como também a miscigenação", largamente praticada por falta de mulheres brancas. Graças a esse fator, segundo Fernando de Azevedo, é corrigido a distância social que havia entre senhores e escravos. Nesse contexto, a atuação da Igreja, com modelamento disciplinar, equilibrou as "relações entre senhores e escravos, enrobustecendo a autoridade daqueles e desenvolvendo nestes (naquele = o senhor de escravos e nestes = escravo) o espírito de obediência de conformidade e submissão", como está em Azevedo (2010, p. 187).

Para Fernando de Azevedo, a miscigenação seria o fator que amenizaria o antagonismo entre senhores de engenho e escravos, o cruzamento contribuiu para a "democratização social e forneceu, com os mestiços, os primeiros elementos de reação contra os senhores de engenho". Para o autor, a queda dos senhores de engenho deu-se com a ascensão social dos mais aptos elementos negroides; a hostilidade crescente entre o campo e as cidades, entre o agricultor e o mercador, e, afinal, o desenvolvimento da burguesia urbana, que acaba por solapar pela base a solidez e o prestígio da aristocracia rural dos senhores das casas-grandes que representavam, na formação brasileira, "a tendência mais caracteristicamente portuguesa [...] e a estabilidade patriarcal, segundo Azevedo (2010, p. 188).

Dessa forma, no processo de desenvolvimento do Brasil, duas sociedades defrontavam-se, ambas heterogêneas e complexas; “uma solidamente estruturada, [...] próspera e rica, outra, mergulhada na miséria urbana e que não tardariam a enfrentar-se e a entrar, em conflito, com as suas tendências e mentalidade opostas”. A burguesia mercantilista, urbana foi a força de ruína dos senhores de engenho. “A estrutura social, nas cidades”, a população livre, os comerciantes, as misturas de raças e culturas dinamizam a realidade, desenvolvem-se “no tempo, como forças de nivelamento” ou, no mínimo, de resistência e busca de uma nova mentalidade bem como novas relações sociais, conforme Azevedo (2010, p. 189).

Para o autor, no início da formação da sociedade brasileira, não havia a ideia de humanidade em geral, como “demonstraram os sentimentos [portugueses, europeus] para com o africano e o índio, nem a do indivíduo, como o revelam as distinções de classe, o regime da escravidão e a pressão que a sociedade exerce sobre o indivíduo”. Para Fernando de Azevedo, como o Planalto não tinha casa-grande ou senzala, as distinções e pressões eram menores. Ele cria na situação em que o Sudeste, sobretudo São Paulo, seria o lugar que, desde a sua formação tinha como foco a mudança, um tipo de vida que se diferenciava de outros lugares. O que diferencia o Sudeste e o Nordeste é que o último se representou como lugar de escravidão, já o primeiro, como ambiente em que surgiram os trabalhadores, a democracia, o liberalismo, a igualdade e a modernidade, em conformidade com Azevedo (2010, p. 191-192). Em outras palavras, o sertão era o lugar da manutenção das tradições patriarcas, enquanto o litoral, iniciador da urbanização, lugar da fluidez, da mudança e resistência ao tradicional.

Porém, o autor trabalhou com a perspectiva da fusão, da amenização dos conflitos, dos antagonismos. As diferenças atenuavam-se “com a fusão de povos e raças, por efeito desses fluxos e refluxos das populações”. Entendeu-se que o movimento, as trocas, os deslocamentos formaram fatores que mudaram os modos de vida das pessoas. Bandeirantes, vendedores, tropeiros e outros, foram se espalhando e “ao longo de seus caminhos as ideias e as novidades adquiridas nas cidades” também. No declínio da mineração no século XVIII, já estavam vivos o sentimento de unidade nacional e a ideia de emancipação, segundo Azevedo (2010, p. 195).

O autor não se preocupou com o conflitivo e muitas vezes trágico encontro entre as raças e/ou povos. Com o extermínio de milhares de índios, com a sua manutenção em aldeamentos e a catequização, bem como o cativeiro deles e dos africanos que, sendo considerados coisas, tinham sua humanidade negada, sendo encarados como máquinas de trabalho e para o trabalho. Em nome da unidade, relativização os conflitos, a valoração e o sentido de sua interpretação não superam os estereótipos sobre negros, mestiços e índios. Apesar de positivar a miscigenação, Fernando de Azevedo não deixa de confirmar a superioridade do branco português e europeu em relação à inferioridade indígena e negra, conforme Vainfas (1999, p. 01-05).

Apesar de tratar dos fatores condicionantes do desenvolvimento social do Brasil, a saber: a “monocultura, o latifúndio e a escravidão”, fatores que “condicionam de modo decisivo” a formação e evolução brasileira, uma vez que, segundo Fernando de Azevedo, o país consegue ‘caminhar’ e superar seus males de origem. Para o autor, depois do choque das raças e/ou culturas, veio o choque entre a sociedade agrária e a urbana. Superado esses desafios, com o desenvolvimento da cidade, da indústria e do comércio, da educação e da ciência, a pátria entrou em processo de evolução. A partir das proposições do sociólogo, entendo que personalidades excepcionais, “os grandes homens”, de cada época, que foram “os arquitetos da ordem social e política”, como por exemplo, José Bonifácio, conseguiram contribuir, ou mesmo dirigir as mudanças, nesse exemplo o autor referiu-se à Independência. Já em outra passagem, destacou a personalidade de D. Pedro II que, possuidor de um “temperamento liberal e seu espírito de moderação”, conseguiu manter a unidade territorial e espiritual, conforme Azevedo (2010, p. 197-200).

Com isso, para sintetizar o Brasil e descrever a sua evolução, o autor diz que a nação foi fundada no antagonismo como dito acima, que a distância demarcou o desequilíbrio, não somente entre sertão e litoral, ou seja, o urbano e rural, mas, marcou a organização social e política. Antagonismo marcado por uma “elite cultural educada à europeia” de um lado, de outro a “massa de escravaria e das populações livres, mas rudes e incultas”. Para o Fernando de Azevedo, nesse estado social e político o que caracteriza a nação é a “inexistência de uma sociedade esclarecida e politicamente organizada”. O Brasil, ainda na República, em meados da década de 1930, não passava de

uma frágil casa de refinamento, dispersa sobre corpos geográficos enormes. Um refinamento elementar e caótico, onde as pequenas aristocracias cultivadas se apoiavam no trabalho e nos corpos primitivos, amorfos e mal talhados do povo caçado, indígena, ou escravizado, o negro. A base dessa sociedade, “senhores e escravos”, só se desintegrou com a abolição, com as cidades e o desenvolvimento urbano, conforme Azevedo (2010, p. 201).

Sem superar a marca elitista, a formação, o desenvolvimento e a evolução brasileira em Fernando de Azevedo não problematiza as marcas excludentes, as imagens depreciativas sobre o outro. Por querer dar conta da origem, bem como da evolução e, ao mesmo tempo situar o lugar da cultura brasileira na cultura ocidental, seu projeto de natureza global e/ou horizontal, acaba por colocar a história brasileira como desdobramento, nos trópicos, de uma cultura branca e europeia, em consonância com Guimarães (1988, p. 05-11). Esse fator é de extrema importância porque revela uma determinada identidade da cultura brasileira, a maneira como o autor pensa e define a história nacional. Embora Fernando de Azevedo tenha descrevido sobre a evolução histórica do país, ele evidenciou “um passado que não passou”, pois ainda permanece, de acordo com Azevedo (2010, p. 173-176). O seu “retrato” é uma imagem construída de forma horizontal, que traz traços cíclicos e estáticos. É esse desenho como gosta de se referir, que lhe permite afirmar o que não passou como uma marca das relações sociais.

3.2.1 O (d)efeito da escravidão

O autor oscila entre o pessimismo, o otimismo e a esperança, posto que entendia a escravidão como base da sociedade tradicional, por isso via nela a possibilidade de mudança. Para ele, “foi a escravidão que, tornando abjeto [estado de baixeza moral] o trabalho da terra, obrigou a encaminhar-se para empregos do Estado os filhos dos homens livres que não podiam ser senhores e não queriam igualar-se aos escravos”. O trabalho rural ou mecânico era talvez ainda seja visto como ocupação de “negros, os mestiços e brancos julgar-se-iam desonrados nele”. A escravidão como mal e suporte da velha sociedade promoveu ações e reações. Foram os liberais que “dominados por

uma concepção romântica de política", não viam na abolição "aspectos morais e humanos", porém uma "uma etapa na marcha das ideias liberais até a vitória do princípio democrático", em concordância com Azevedo (2010, p. 202-203).

A abolição arruinou a grande propriedade que senhores e fazendeiros tinham montado com o trabalho servil sua cultura. No entanto, o fim do regime da escravidão não alterou a estrutura social e econômica. A monocultura ainda resistia e conservava certas prática e costumes, embora o regime republicano instaurado servisse para a vitória da classe média, essa que se insurge "contra a escravidão, a monarquia e a aristocracia", sem o devido preparo, não conseguiu romper com as amarras do passado, de acordo com Azevedo (2010, p. 204-205). Há avanços, mas o sentido de permanência, de continuidade embora com reconhecidos "pequenos avanços" não foram capazes de mudar a natureza dos homens nacionais.

O autor laborou com a ideia de que a classe latifundiária, mesmo depois de sua queda, voltasse ao poder. Em um novo despotismo emplacou a monocultura e criou alianças entorno de fazendeiros, criadores e possuidores de terra, para isso, utilizou-se do poder político para pôr a seu serviço o poder econômico. Para Fernando de Azevedo (2010), quem possuía o poder e consequentemente a 'máquina' política tinha a força sobre o povo e a opinião. Em outras palavras, de uma forma bastante incisiva, quem tivesse poder político e econômico, tinha domínio sobre a grande maioria indiferente e amorfa que não estava acostumada a participar das grandes decisões e acontecimentos da história nacional.

Esse cenário foi alterado a "partir de 1920, [é nesse que se tem] o maior surto industrial que registra a história econômica do país". Tal acontecimento mudou a fisionomia das regiões Sul e Sudeste. O "progresso dos novos meios de transporte e os fenômenos de concentração urbana não só agiram diretamente sobre os hábitos de vida", como na mentalidade, moralidade dos grupos. Uma vida mais intensa nos centros urbanos serviram de assimilação da população, ao mesmo tempo, concedeu uma nova fisionomia ao povo e à cultura brasileira. Com a indústria e suas novas técnicas de produção experimentou-se novas formas de criar, renovar e produzir, tal fator teve impacto direto na cultura, na civilização, na sociedade. O senhor da terra legou lugar ao senhor da indústria, conforme Azevedo (2010, p. 210). Com a troca da

monocultura pela policultura, deslocou-se o poder econômico do campo para a indústria e a cidade. Com isso, o poder político foi disputado pelas famílias conservadoras e liberais.

> Revolução de 1930 varre os antigos quadros políticos, procurando, fora deles, novas forças em que se apoiar; e nos antagonismos de interesses econômicos, nos choques das novas correntes políticas e do antigo regime que se esforçam por sobreviver às instituições extintas, nos conflitos entre a autoridade civil e a força militar, põe-se à prova rude a resistência das ideias democráticas que não tardam a render-se aos assaltos das tendências autoritárias (AZEVEDO, 2010, p. 212).

Para o autor, as agitações políticas entre 1931 e 1937, de desconfiança às formas antigas e hesitação a respeito das novas formas, não constituiu “nem para o progresso nem, o regresso total”, mas uma fase de incubação para novos impulsos econômicos que acabaram por ser instrumentos “mais capazes de assegurar uma verdadeira unidade nacional, pelo entrelaçamento dos interesses econômicos”. Mas, o movimento democrático não acompanhou a grande indústria, dado que se rendeu ao poder político da ala conservadora, embora revestida em outras roupagens. Para Fernando de Azevedo, o crescimento econômico abriu possibilidades de mudanças na estrutura social, novos elementos ascenderam as camadas burguesas, as grandes famílias antigas que detinham o poder e a terra foram aos poucos perdendo-os e enfraquecendo, embora não deixassem de estar atuantes (AZEVEDO, 2010, p. 221-225).

Em outras palavras, há a permanência do hábito patriarcal, autoritário, excludente e dominador nas instituições, na sociedade, na política, na cultura e em outras instâncias da sociedade. Contudo, quando outros atores entram em cena, sobretudo, devido ao fator econômico, a sociedade brasileira se transforma, mas nem por isso, deixa de ser um caldeirão de conflitos. A ideia é que, o poder muda de classe, de senhor e de região, mas a essência continua. O passado tem peso sobre os agentes de modo a moldar o caráter e a personalidade.

Autoridade e autoritarismo que desencadeiam ações como o fechamento das instituições, suspensão das atividades partidárias e parlamentares, ou qualquer outra forma que ceife a vida política dos donos do poder, são uma

constante. Para o autor, a ações que impedem o sistema de livre concorrência para a conquista do poder, são primarismos “característicos de povos não desenvolvidos”. Aqui, as questões mais importantes do país e do povo não são encaradas sobre o prisma do interesse nacional, mas de grupos ou indivíduos, que lutam pela sua manutenção e perpetuação. Essas atitudes mais que residiram, persistiram em hábitos inveterados da dominação patriarcal, porquanto esse comportamento marca de forma profunda as transformações além da evolução social e política na história nacional. Os estados mais agudos, as crises mais graves e complexas por que já passou o país, evidencia as práticas de autoridades exercidas por homens que colocam seu interesse particular acima dos coletivos, de acordo com Azevedo (2010, p. 224).

Para Fernando de Azevedo, apesar das transformações de estrutura e poder, da ascensão de novas classes à cena econômica e política, a democracia no Brasil não alcançou sua forma plena de elaboração sociocultural. Sua formação história não ofereceu instrumentos e ferramentas para atingir “uma etapa adiantada de estruturação e maturação política”. Isso não significa que o regime tenha naufragado com a ditadura, que costuma propor ser uma revolução popular, no entanto, na verdade, é apenas uma vertigem. Um movimento ilusório que ilude, um capricho que esconde o desejo irresistível de desprestigiar as instituições, ignorar a necessidade nacional e popular. O povo a princípio é tonteado, depois, manipulado, controlado, repreendido e mesmo torturado.

Segundo o intelectual, a despeito de todos os problemas, no seu presente, o Brasil encaminhava-se para a solução de um problema histórico, que colocava equilíbrio social pela consolidação das novas estruturas de classe, indivíduos, culturas e riquezas.

> Encaminha-se o Brasil para a solução do problema de seu equilíbrio social, pela consolidação de uma nova classe média, por uma distribuição mais equitativa das riquezas e mais larga difusão da propriedade, como da educação e da cultura, e, a despeito de aparências contrárias, se acentua a marcha da unidade social e para a integração, lenta, mas progressiva, de todo povo na vida econômica, cultural e política da nação (AZEVEDO, 2010, p. 227).

Por mais que a proposição se mostre otimista, o autor sabia da crise política, das intervenções militares abertas ou pressentidas, das conspirações e

intenções de uma política mal digerida ou planos malogrados e desejos de implantação de um regime ditatorial. Para Fernando de Azevedo, a evolução social e política, a partir das décadas de 1930 e 1940, parecia que terminava numa encruzilhada. Dois caminhos se mostravam, “um para a ditadura militar, e outro, para a solução democrática dos problemas, respeitadas as liberdades públicas”. Ao que parece a opinião pública inclina-se ora para uma, ora para outra. Nem por isso, segundo o autor, é perdido de vista a vontade do Brasil ser ele mesmo, operar “como nação soberana e independente no concerto das nações, dispondo a cooperar de igual para igual com todas, mas sem submeter-se a qualquer delas”, segundo Azevedo (2010, p. 228).

No processo de evolução social e política o país mostrou-se promissor com grande potencial em riquezas a serem exploradas, como uma grande nação. Por outro lado, evidenciou-se dificuldades, “entre as maiores, para a solução de problemas fundamentais”, na ordem política, cultural, educacional, de distribuição de renda entre outros. Os desníveis, as grandes diferenças econômicas e culturais de uma região a outra mostram a oscilação entre a riqueza e a pobreza num mesmo país. Uma massa enorme de analfabetos que deveria ser combatida, afastada ou reduzida para “[...] não prejudicar ou retardar o processo de desenvolvimento do país”. A ação educadora e cultural foi fundamental, na visão do autor, para que essa realidade não constituísse “uma ameaça, na evolução social, econômica e política, à própria unidade nacional. Unidade mantida, apesar de tudo, em mais de quatro séculos”, em consonância com Azevedo (2010, p. 228).

Ao mesmo tempo que o autor descreveu e explicou os fatores que promoveram as transformações e permanências, mudando os tempos e os homens, a terra e a natureza humana pareciam não se alterar. Sua interpretação foi importante e necessária, condizente com sua história geral e com a visão de conjunto. Tal qual uma filosofia da história, as últimas passagens explicitam não o que é, mas o que se quer ver e dar a ver. Em outras palavras, as características ou variáveis que permitem a comparação, definição e interpretação do pensador, tem sua linha de demarcação no próprio autor.

Fernando de Azevedo estabeleceu como marco temporal o período que compreendeu a colônia portuguesa, o Império do Brasil e a República

Brasileira. Entendendo o período de formação brasileira como fator de forte influência no caráter/personalidade nacional, ele será o pincel constituidor das cores da cultura brasileira. De outro modo, os elementos da formação nacional, tem influência direta nos períodos posteriores devido a sua marca. A força da dominação patriarcal, da relação senhor e escravo, de quem mandava e obedecia, de quem trabalhava e quem vivia o ócio, de uma classe, de um grupo que não quer sair do poder. A afirmação é condizente com o que ele vem afirmando ao longo do texto. A conexão entre as ideias e as disposições descritas ao mesmo tempo que revela, descreve, estabelece uma chegada, como posto em Pimenta (2014, p. 21-22).

Criando como que um conjunto de leis, de práticas, de comportamentos reproduzidos ou permanentes, o que transparece é a constância dos fatos, o véu por trás das circunstâncias. O que o autor entende de peso, os males de origem que é a escravidão e o poder oligárquico que influem no caráter nacional. É um passado que deve ser visto e combatido, como apresentado acima, esse tipo de passado ameaça a própria unidade nacional.

3.2.2 O papel da cidade, do povo e do Brasil

Fernando de Azevedo instituiu a centralidade das cidades no processo de formação da cultura brasileira, geralmente na orla marítima, tal fator contribuiu para “explicar não só o sentido de nossa cultura, voltada para o Atlântico, como as origens e as flutuações dos centros culturais”. O mar dá o ritmo das aglomerações e do progresso, bem como a divisão entre litoral e sertão. Um representando o exótico, a natureza e outro o progresso, o desenvolvimento, aplicação e reunião da inteligência humana. Mas em se tratando de povo, o autor faz uma longa discussão para descrevê-lo, entendendo que houve muita demora na construção e expansão de centros urbanos, os “lugarejos mal construídos e abandonados a si mesmo”, cresciam sem nenhum plano ou organização. Não passavam de aglomerações constituídas “de funcionários, mercadores e oficiais mecânicos”. Dizendo muito sobre o país, misturavam-se com “portugueses reinóis e nascidos no Brasil (mazombos), mestiços, índios, africanos” e outros, associados como se fossem

um acampamento, “num verdadeiro tumulto de raças e grupos”. O que “se podia chamar de povo não era” senão, um “aglomerado de mestiços independentes, juntos com mecânicos e mascates de origem europeia”, em consonância com Azevedo (2010, p. 147).

Por muito tempo a “miséria” das primitivas cidades, “heterogêneas e por isto mesmo pitorescas, irrequietas e turbulentas, contrastavam com o esplendor da sociedade rural, cuja riqueza transbordava nas casas que os senhores de engenho possuíam na cidade, nos esbanjamentos de festas e banquetes”. Para o autor, a solidez dessa estrutura social “em que se superpunham rigidamente hierarquizadas as três classes: a dos senhores, a dos homens livres, rendeiros de domínio, e a dos escravos que são os operários rurais”, assegurava o predomínio esmagador dos latifúndios tanto na vida social e econômica, como na própria formação urbana e do povo. É somente com a exploração do outro que essa estrutura se abala. É perto do século XVIII que a cidade começa a se emancipar e não mais depender do latifúndio, do engenho, conforme Azevedo (2010, p. 149).

Para o autor, nesse momento há um novo eixo de gravitação social e política da cultura. A “liberdade, desde o princípio, a condição dos habitantes das cidades, imposta pelo próprio gênero de vida que levavam, não podiam deixar de desenvolver-se numa sociedade heterogênea”. Sua constituição carregava a diversidade, pois, a reunião de “forasteiros, judeus, comerciantes e mascates, brancos e mestiços que, não sendo nem senhores nem escravos, viviam em constante efervescência e levantam-se como uma muralha contra todos os privilégios””. A cidade proporcionou o surgimento de uma “nova mentalidade, inquieta e democrática”, a qual serviria como base para a “oposição à mentalidade conservadora e arrogante da aristocracia rural”. É no choque de “antagonismos políticos e confusamente os de raça”, que constituíram a dramatização da sociedade brasileira, o interesse rural e urbano e a própria constituição de povo, em consonância com Azevedo (2010, p. 149).

Considerando que somente no século XIX, aos poucos as cidades vão assumindo o protagonismo, é “só mais tarde”, no século XX, que vieram a formar centros urbanos de valor e importância para a formação da cultura brasileira. Em contraste com o “sentido rural, católico e português” foi nas cidades que se formaram “um vigoroso espírito nativista, a fase brilhante da

civilização", então, a preocupação com a instrução, o interesse pelas coisas do espírito". Nela a "vida social adquiriu intensidade e relevo, com o desenvolvimento do comércio, expandiu-se no luxo, desabrochou na flor da cultura e das artes e no fastígio do sonho e do poder, e, depois de repontou agressiva nas revoltas temerárias", como está em Azevedo (2010, p. 150-154).

Nas cidades, embuça-se as conjurações de independência, de transformação, de produção de cultura e outros que, de modo dissimulado, transforma a vida, a paisagem, a mentalidade e a cultura brasileira. Em movimentos de fluxos e refluxos, formava-se o povo, a mentalidade e a cultura. Valores e diversos fatores sociais resultantes da "[...] formação de duas mentalidades que tem o poder de se diferenciarem", acabaram por se opor, constituindo um "dos aspectos mais interessantes de nossa formação social e histórica", vão servir de base para qualificar e definir a região, os indivíduos, os privilégios, o modo de vida e a cultura. O sertão ganhou a função moral de ser "o musculo central do país", um "conservador de nossos traços étnicos" e culturais mais profundos e a cidade, por sua vez, de "centros sensitivos e motores" do desenvolvimento e do progresso. As cidades recebiam impulsos e impressões da "cultura universal", agindo como reflexo de equilíbrio e resistência, um lugar onde as jovens gerações constituídas de indivíduos diversos podiam com muito talento se enriquecer, vistas como um lugar de diplomacia, política, profissões liberais, comércio e indústria, como disse Azevedo, (2010, p. 159-162).

Para Fernando de Azevedo, é na cidade que se tem "o germe de uma vida, diferente da vida rural", por via de deslocamentos, dos sistemas de produção e comunicação. Com a malha ferroviária, o impulso industrial, comercial e cultural, a cidade oferece as condições favoráveis ao desenvolvimento, à mudança e ao progresso. Para ele, de modo muito enfático, "nenhuma cidade acompanha mais de perto os progressos de São Paulo do que Santos que, tributária da região eminentemente cafeeira e industrial do país, se torna o mais importante centro brasileiro de exportação". De olho no Atlântico, no Litoral, o autor menciona o Planalto, ou seja, São Paulo e apresenta-nos o que seria o modelo de aglomerado urbano, de acordo com Azevedo (2010, p. 163).

Para o autor, certamente é na cidade que as populações se condensam, ao atingirem maior concentração e intensidade, promovem e têm a experiência da vida urbana. É nas cidades, “capitais políticas, cujo papel e desenvolvimento se explicam, em grande parte, pelas vias de comunicação que comanda, como portos marítimos ou fluviais, ou como centros de sistemas ferroviários” que há o impulso, o crescimento econômico e o cultural. Duas cidades ganham distinção nessas características de grandes centros: O Rio de Janeiro e São Paulo, sem desconsiderar “Belo Horizonte, Curitiba, Cuiabá e Goiânia” e outras, com suas formas originais, “beleza geométrica de suas linhas, retas ou curvas”, grandes ruas, praças, alamedas e luminosos estendais de parques e jardins, somente duas apresentam caracteres novos e distintos. São cidades tipicamente urbanas, de muitos milhões de habitantes, cosmopolitas e industriais. Capitais de importância ímpar para país e a vida nacional, consoante Azevedo (2010, p. 164-165).

Como nenhum país é artificie, único em sua própria cultura, é da circulação de povos, mercadoria, modos de vida e cultura que ela encontra sua seiva. Esta “circulação de seiva e de correntes de vida e de renovação se faz pelas grandes cidades”, é essencial as trocas, sejam econômicas, políticas ou culturais. Com a intensificação da concentração urbana, as cidades capitais rompem com as tradições. Nelas a “tradição tem menos império sobre os espíritos, e é nelas que as ideias, modas, costumes, necessidades novas se elaboram para se espalharem em seguida pelo resto do país”. Daí é nesse momento que se chamam os extraordinários construtores e criadores. A “arte da construção e reconstrução racional das cidades”, atendem às necessidades de adaptação das sociedades que crescem e transformam-se. É nesse movimento peculiar que as ações e os progressos da humanidade em sua evolução social e intelectual são requeridos, de acordo com Azevedo (2010, p. 167).

Entender e propor as transformações a partir da “civilização científica, técnica, racionalista e industrial”, era o desfio que exigia ações dos que possuíam respostas. Por sorte, esses elementos já “começam a desenvolver no Brasil”, no início do século XX. Com “seus processos e problemas essenciais, comuns às cidades modernas”, típico de “nosso mundo industrializado e urbano” que em ritmos e intensidades “variáveis, conforme

regiões do país", promoviam uma metamorfose. As "mudanças de estrutura", laçavam "problemas inquietantes" em sentido horizontal e vertical, que não ofereciam outra saída senão superar o passado e acompanhar os movimentos das novas ideias e pensamento voltado para o progresso. São Paulo, como uma "das aglomerações mais cosmopolitas do Brasil, se não da América Latina", acompanha o ímpeto das transformações industriais, demográficas e estruturais do campo do saber e da cultura, consoante Azevedo (2010, p. 167-168).

Com as mudanças houve a "desintegração da antiga ordem social e a fusão de elementos culturais numa configuração nova". A alteração física e moral, conforme a metáfora do autor, mostram "em todo o seu vigor, a intensidade com que se processaram os fenômenos", as "mudanças de atitude, de mentalidade e de controle social e, portanto, de sistema nas relações humanas". Somos alertados sobre "a rapidez do processo de mudança e da desintegração da velha cultura, que não desaparece em São Paulo, como se poderia supor, nem a influência de alguns setores da cultura antiga nem a vitalidade de certas tradições". Entretanto, é a vida urbana, industrial e científica que intensifica "o choque entre valores novos e os valores tradicionais". Nenhum choque é maior e mais significativo do que na construção das "instituições e nos estilos de pensamento e de vida". Em seu entendimento, a nova paisagem urbana simboliza viva relação entre a tradição e a mudança, como se pode ler em Azevedo (2010, p. 169).

Nesse contexto, as "Novas capitais de Estado – a de Minas e a de Goiás", fruto de planejamento, são resultados da força e da decisão de acompanhar o movimento das culturas desenvolvidas. No entanto, nenhuma delas é comparável à nova capital do Brasil, uma "aspiração de mais de 150 anos – pois já era sonho da Inconfidência Mineira – que atravessou o Império e, longe de desfalecer, continuou, acesa e vida", concretizando-se, tornando-se realidade na República. A nova capital, segundo o autor, "marca de fato, a transição" de um modo de vida "para outra e a retomada, que já tardava, da marcha da civilização [nacional] para o Ocidente, com uma força sem igual em suas consequências". Por essa retomada da missão de expansão, ocupação e disseminação das ideias de desenvolvimento e progresso, o "Brasil, em cuja face, voltada para o Atlântico", em que batiam as "luzes do Ocidente europeu",

voltou-se de modo corajoso para o seu interior, geográfico e espiritual, de acordo com Azevedo (2010, p. 169-170).

Com essa ‘missão’, os civilizadores procuraram a “integração da cultura brasileira nas regiões mais esquecidas do país”, como “centro de atração e de convergência na marcha para o Oeste. Nenhum dos governos que sucederam” a fundação de Brasília, “se animou a voltar atrás”. Para Fernando de Azevedo, o processo de urbanização, industrialização seguida da ação racional e científica tem papel importante, “[...] de primeira ordem, quase diria singular (é preciso insistir), no processo de desenvolvimento do Brasil. Como sentinelas avançadas, as grandes capitais e os grandes feitos “na difícil conquista do Oeste” tenderam a humanizar “à medida que a cultura e civilização penetraram todas as camadas sociais”. A ampliação e o aperfeiçoamento dos “meios de transportes por terra (rodovias e ferrovias)” causaram um grande impacto sobre os extremos, o mundo rural e urbano, culto e inculto, em concordância com Azevedo (2010, p. 171).

No caminho descrito por Fernando de Azevedo, constatou-se que mesmo com as conquistas e transformações, não daria para desconsiderar a força da formação da cultura brasileira no processo de construção e definição do povo e das populações. Por maiores que sejam os impactos mecânicos, industriais e científicos, ainda persistem as influências do passado que estabilizam a natureza humana. As variadas paisagens urbanas, os variados tipos históricos e os “diversos estágios de nossa evolução econômica e social”, acrescentaria cultural, ainda sofreriam com a “antiga ordem social herdada do passado”. Coexistem o mundo tradicional e o mundo novo que, somente de modo lento e, em alguns casos, despertariam para a vida moderna. Isolamento, “relativa homogeneidade”, longo “o período de estagnação”, representaram a constelação estrutural que caracterizou a formação brasileira pautada na divisão racial e ausência de cultura humanizadora, em consonância com Azevedo (2010, p. 171).

Nessas proposições, para o autor, seria devido às ideias, às formas e as forças da formação da cultura brasileira que, embora ausente em sua estrutura física e material por estarem no passado, fizeram-se presentes pelo espírito formativo, a mentalidade confusa, desorganizada e pouco racional, pois são elementos que comprometem a modernização, o progresso. Para Fernando de

Azevedo, no nascimento, desenvolvimento ou na formação da sociedade brasileira, o que prevalece como fator dificultador são as extremas distâncias, os perigos, os choques entres as culturas e um tipo de dominação e controle pautado não no planejamento e organização, mas no esforço e ação instintiva de defesa e conservação. É a partir do impulso quase espontâneo do sentimento, da força impulsiva que se constituiu o caráter nacional e a cultura brasileira. Para o intelectual, esses fatores terão influência direta na organização econômica, institucional e mesmo de constituição familiar, a formação humana, consoante Azevedo (2010, p. 185).

Logo, os aspectos representativos da realidade brasileira, seja do ponto de vista social, econômico e cultural, ou histórico e institucionais, a partir do estudo realizado pelo autor, estariam disponíveis aos estudiosos do Brasil e das coisas brasileiras. É uma ideia que está explícita no texto de Fernando de Azevedo a que ele deu muita atenção. Estudar a cultura brasileira “à luz da História e dos conhecimentos científicos mais modernos” era apresentar historicamente os “ingentes problemas sociais e de formação histórica”. A representação do tempo traduz os diversos níveis de cultura do país. Com isso, conceituar cultura, não é senão, a busca por compreender a posição da cultura brasileira, “a alma” da pátria, o caráter nacional, o tipo de brasileiro, o ser nacional de corpo e alma em “face dos outros povos do Ocidente”. O autor quer perceber o nível de cultura e desenvolvimento relacionando o Eu frente ao Outro. Em outras palavras, o esforço é entender o lugar de nossa cultura face à produção cultural das outras civilizações.

Um esforço louvável e necessário para quem se propõe ser intérprete da cultura brasileira. É nesse sentido que destaco que sua concepção de história se aproxima de uma filosofia da história. A propositiva leva em consideração o esforço de Fernando de Azevedo na busca por uma unidade interna – a cultura brasileira – que define o brasileiro e a unidade externa, a ligação da cultura brasileira com a cultura ocidental. É como se houvesse uma força detentora de uniformidade, em outras palavras, os acontecimentos históricos, enquanto resultados das forças das ideias e da unidade, unem o ser nacional ao ser mundial para produzir uma regularidade ou constância.

Logo, nessa concepção o desenvolvimento histórico seria explicado por leis, por elementos generalizantes de um fundo comum. As proposições,

quando recorrem a uma ideia, uma memória, uma tradição, um sentido, ou mesmo a uma unidade, toma a princípio uma perspectiva garantidora da própria força que dá rumo a um curso uniforme. Em outras palavras, em sua interpretação, fica a ideia de uma história, em certo grau e uma certa direção conduzida. Com isso, suas forças só podem seguir outro grau igualmente determinado, outra direção determinada, seja por personalidades seja pelo próprio ritmo de acontecimentos advindos das historicidades de maior força. Nesta descrição, entendo que o autor deixou entrever que haveria acontecimentos que poderiam acelerar ou retardar, mas não impediriam que certo curso prevalecesse, conforme Humboldt (1997, p. XIII).

Difícil entender que haja o cumprimento de um princípio, de uma ideia, de uma força ou mesmo de uma unidade, entretanto, fica pistas do pensamento do autor na obra em questão. De certa forma a síntese cumpre o que seria a descrição e explicação de uma generalização que de certa forma experimenta, pela descrição e representação feita, o que a anterior preparou imediatamente. Aqui, pode-se dizer que as generalizações não se ajustam exatamente à realidade em que os acontecimentos não são consequências das forças, porque, tanto as séries, como as leis, as ideias e outros, em história, não se referem às forças que movem as civilizações, povos, sociedades e indivíduos. Os acontecimentos em suas particularidades, não são exatos, e só o são, na hipótese generalizante do propositor que, de modo sutil, aceita que há mudanças e transformações, isto é, que há algo ou alguém que as promove enquanto cumpridor do seu destino. Há um certo equívoco em aceitar que a natureza humana permaneça a mesma, embora a mudança seja uma constante do ser humano. De outra forma, o conhecimento histórico não comporta o intento de formular leis históricas, de acordo com Humboldt (1997, p. XIV).

Não se pode falar de um curso da história que vem se cumprindo, a não ser em uma concepção pautada pela filosofia da história. A ideia de uma diretriz, de razão, de progresso, de uma evolução contínua associada a uma permanência, não serve a outra coisa senão a obtenção de um fim. No caso do estudo sobre a cultura brasileira, personifica-se um tempo e um espaço e, é claro alguns personagens. Nesse contexto, não se nega a importância da extensão do ensino a um maior número de pessoas, o combate ao ensino

tradicional, às reformas em prol do progresso e democratização da cultura, o que se discute é a concepção de uma ideia diretriz, da razão das personalidades criadoras agirem e estabelecerem as mudanças e as transformações. “Essa ideia norteadora/diretriz é a consideração da humanidade como um todo”, conforme Humboldt (1997, p. XVII).

Ao entender que a unificação ou generalização não é possível, há em mente que, se prevalecida essa perspectiva, as particularidades, as singularidades perdem-se. Fica a noção de que o povo, os indivíduos, as pessoas são massas amorfas que apenas aceitam que são conduzidas. Quando propõe-se a aliança de todos os membros individuais da humanidade em todos as épocas e nações, deixa-se de expor socialmente a multiplicidade infinita das características humanas. Com certeza Fernando de Azevedo estava certo em suas ideias de educação pública, gratuita, laica e de acesso a todos. Parece que peca, na obra em questão, ao defender a continuidade como força e ideia que influencia a contiguidade de práticas e concepções, ao traçar um perfil da cultura brasileira pautada na unidade. É preciso concordar que há um traço comum, não se pode perder de vista as individualidades dos seres. Mesmo que a educação, em todos os níveis, a cultura desinteressada, a industrialização, a urbanização e outros, sejam pontos em comum da humanidade que se quer ver desenvolvida, ela não é garantia de um progresso inevitável, que segue a razão de ser do mundo. Com isso, não é intenção diminuir o autor e negativar a sua imagem, contudo problematizá-lo em sua obra para entendê-lo melhor.

Elizabeth Cancelli (2009) fala-nos que muitas explicações sobre o Brasil no início do século XX, em vez de tratar dos aspectos da realidade, ocupam-se daquilo que resulta da ação dos sujeitos. Que a “historiografia teria construído uma história não do que foi, mas do que ‘teve de ser’”. Como numa espécie de anomalia historiográfica, os autores apoiavam-se na “parte do que falta (o que não é), não do que engendra (do que é); daquilo de que está sendo privado (do que não tem)”. Estabelecendo fatores condicionantes, procuravam a comprovação do que deve vir a ser. Abandonando a noção de diferença, do diverso, do distinto, para o princípio de individuação, acabavam consagrando a noção de desigual, em conformidade com Cancelli (2009, p. 53-54).

Consequentemente, a discussão sobre o desenvolvimento brasileiro, apesar de “utilizar o número (estatística), o espaço (lugar) e o tempo (antes e depois)”, consoante Cancelli (2009, p. 54), estabelecia uma individuação, não de maneira intrínseca, ao contrário, extrínseca, sem levar em conta a diferença, as particularidades, projeta uma disposição em que as partes de um todo tem relação a um ponto. Nesse raciocínio, como já discutido, a expressão cultura brasileira acaba por ser a parte de um todo. Da história universal percebida a partir da unificação de um continente, no caso, o europeu, de uma cultura, a ocidental. Em certo sentido, a formação e evolução brasileira estão situadas na experiência humana ocidental[50].

3.2.3 A formação brasileira e a experiência humana

Ao lidar com o conceito de cultura, no sentido restrito, Fernando de Azevedo (2010, p. 23-37) considerou o europeu como civilizado e polido. O autor abordou a cultura brasileira ligando-a “constantemente à sua fonte fundamental – à civilização ibérica e de um modo geral, à civilização ocidental”. Os caracteres particulares são importantes, mas os gerais são destacados. O Brasil aparece na história universal ou geral, trazendo à tona as questões sobre o lugar ocupado pelo país na história universal e na história humana. A meta é encontrar a unidade interna e externa. Com isso, a linearidade preenche a multiplicidade, já o tempo contínuo e direcionado oculta as diferenças.

---

[50] A “busca da simetria em relação a alguma coisa que se estabelece como padrão, que se torna possível a construção das categorias de tardio, retardado, atrasado (porque não cheguei ainda lá); de despreparado e imaturo (porque não sou o outro) e de ideias fora do lugar)”, preenche o sentido que explica os fatores condicionantes ou condicionadores que impedem o progresso. Por outro lado, justifica a ação dos criadores, dos reformadores, dos interventores e condutores da história, devido esses terem a chave, os elementos necessários para superar o atraso, o desespero e outros, colocando as ideias no lugar. Essa reflexão tem por base CANCELLI, Elizabeth. *Perspectivas historiográficas brasileiras e suas rupturas com os “males do passado*”. In: *História*: questões & debates. Nº 50. Curitiba, PR: UFPR, 2009. DRAY, William H. *Filosofia da História*. 2ª ed. Trad. Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. JULIÃO, José Nicolao Julião. *Ensaio de introdução à filosofia da história.* In: Revista Veritas. Vol. 55. Nº 3. Porto Alegre – RS: 2010. Disponível em: https://doi.org/10.15448/1984-6746.2010.3.6371. Acesso em: 19 de outubro de 2021. ARRAIS, Cristiano Alencar. *Arnold Toynbee* (1889-1975). In: *A constituição da História como ciência*: de Ranke a Braudel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

A meu ver, essa concepção pode ser aproximada a um tipo de filosofia da história. Tal proposição tem por base que “as filosofias da história se pautavam num discurso que manifestava sua preocupação com a questão do direcionamento a ser seguido e atingido pela humanidade (entenda-se europeia) em um futuro possível”, como posto em Roiz (2007, p. 251-254). Ao considerar a necessidade de progresso espiritual, educacional e cultural, na perspectiva Fernando de Azevedo, suas descrições, possuem um tipo de explicação que possibilita relacionar o progresso espiritual/intelectual, com o material. Numa interpretação que embasa, ou melhor, defende a possibilidade de transformação somente com a mudança de mentalidade, sendo esta a justificativa de suas ações, lutas, reformas e outros. Há uma perspectiva de um progresso contínuo “dentro do qual a história teria sentido linear” para usar uma frase do historiador citado.

Fernando de Azevedo supera o determinismo geográfico, mas entende que a pressão social e cultural, são os fatores de direcionamento do comportamento e da própria produção de cultura, do caráter e da personalidade. Para ele, nem a geografia nem a raça determinam o comportamento, mas, os fatores históricos que estão na base da formação de uma sociedade. Considerando esse aspecto e a origem comum do país, a cultura ocidental, entende-se que o Brasil só é o que é devido aos fatores históricos. O país seria resultado de uma infinita variedade de grupos humanos num grande quadro geográfico, segundo Azevedo (2010, p. 50-60).

Contudo, um fator une a diversidade, os grupos humanos no seu contato acabam por absorver e apreender uma cultura que, proveniente do ocidente e da Europa nos une em cultura. Devido aos grandes distanciamentos, houve atraso no desenvolvimento, mas, o mar acabou por criar uma unidade histórica que unificou todos do ponto de vista cultural, segundo a matriz cultural do ocidente europeu, sendo assim é possível afirmar, como disse Azevedo (2010), que os rios foram responsáveis pela aproximação entre litoral e interior. Graças ao esforço do colonizador português constituiu-se o núcleo fundamental do povo brasileiro, desse modo a chegada dos portugueses marcou as origens, as quais foram vistas como um “formidável trabalho do colonizador”. O português com seu gênio criador teve capacidade de consolidar as conquistas, de acordo com Azevedo (2010, p. 69-71).

Entre negros, índios e europeus, Portugal está no topo da pirâmide. Em virtude da plasticidade portuguesa, o Brasil teria uma nova raça resultante do cruzamento das três raças constituindo o núcleo fundamental das populações do Brasil. Do cruzamento entre índias e portugueses, resultou o extraordinário povo agrícola, o bandeirante, o caboclo. A “escassez de mulheres brancas contribuía pra atiçar as relações” entre brancos e índios, cujos descendentes, os mamelucos sintetizam a força expansiva do nomadismo aventureiro e bandeirante. Quando não é o *Português*, o *Bandeirante* é a figura importante no processo de aventura, desbravamento, conquista, construção e solidificações das conquistas, além da demarcação do território. Para o autor, eles são os homens que trabalham a natureza bruta e levam a civilização às terras distantes, consoante Azevedo (2010, p. 72-73). No que se refere ao negro, mais uma vez o português é superior. O autor nos fala que, com a volumosa onda de africanos que chegaram ao país, esse povo teria influência no núcleo fundamental da nação. Contudo, Fernando de Azevedo os via com uma cultura superior em relação aos indígenas.

> Abolição do tráfico de escravos: a superioridade da cultura negra em relação à dos índios, a intimidade do contato que o regime de escravidão não tardou a estabelecer entre as duas raças, e a utilização dos negros para serviços domésticos, abriria largo campo a essa nova mestiçagem (AZEVEDO, 2010, p. 73).

Seria com os frutos de “amores de senhor e escrava com que se regalou o patriarcalismo colonial” que se forma parte do povo brasileiro, portanto, como se vê, as origens brasileiras estão claramente determinadas pela mistura das três raças ou na assimilação progressiva”. Se a geografia e o tipo racial demarcavam a distância, a mistura fez a aproximação, posto que a miscigenação entre negros, índios e colonizadores brancos criou um tipo racial diverso. O cruzamento “pela raça branca europeia, numa larga transfusão de sangue” corrigiu as distâncias, inclusive a social. Na visão do autor, a miscigenação, que largamente se praticou no Brasil, corrigiu e não conservou a enorme distância entre casa-grande e senzala.

Entretanto, o autor não perde de vista alguns problemas raciais e sociais, ao afirmar que, sem dúvida, na “estratificação étnica e social, os africanos, os negros brasileiros e em geral, os próprios mestiços de origem

africana, continuaram” a ser colocados nas camadas sociais inferiores, ainda que negros e índios apresentassem cultura superior à dos brancos. Os “preconceitos raciais, nunca chegaram a estabelecer conflitos e oposições, sempre existiram também entre nós, para ‘classificar’ e ‘desclassificar’” determinando certos lugares e direito, conformemente Azevedo (2010, p. 74).

Para o autor, devido à resistência indígena, o cruzamento com o branco foi menor, em relação ao negro. A “mestiçagem do branco e do índio não foi em grande escala, a não ser no primeiro século”. É devido à guerra, ao extermínio, à retirada do silvícola brasileiro para lugares distantes, “acossados do litoral para o interior e para as florestas” reduziu-se o contato. Como do continente africano houve um grande “contingente negro [que] seguiu por 300 anos uma linha” crescente, ou, em outras palavras, devido ao tráfico ininterrupto de escravos, houve um favorecimento da relação íntima entre brancos e negras, como disse Azevedo (2010, p. 76), “diversa procedência africana, que se cruzavam entre si e com os brancos, multiplicando-se os mestiços resultantes desse tipo de cruzamento”.

Mas, ainda acreditando no predomínio do branco na pirâmide, o autor diz que entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, “entraram cerca de 3.200.000 estrangeiros de imigração branca”, ainda de acordo com Azevedo (2010), nesse momento, “verifica-se terem sido antes um notável desenvolvimento genético, com predomínio crescente do branco, dos elementos que entraram na composição do povo brasileiro”, para Fernando de Azevedo (2010, p. 77-78), esse e outros fatores constituem o povo brasileiro, assim como as “migrações internas que, dispersando e misturando os grupos entre si, contribuíram para acelerar o progresso de formação de nossa sociedade, híbrida de índio e, mais tarde, de negro na sua composição”.

A caça ao índio, a procura de riqueza mineral e a ocupação de espaços acabou por definir o Brasil, tendo as “suas origens na tendência colonial do português”, na sede por espaço, as fronteiras iniciais se expandiram. As “bandeiras e as entradas em que se expandiu o nomadismo dos bandeirantes, na sua maioria mestiços de brancos e índios, constituíram, por esta forma, um dos sistemas mais vigorosos” de uma nova sociedade em formação. Segundo Fernando de Azevedo, do século XVI ao século XIX o Brasil constituiu o seu

núcleo fundamental, o qual definiria a sociedade e a cultura, bem como as relações sociais, em consonância com Azevedo (2010, p. 77-78).

Para o autor, a partir do núcleo primitivo, branco e indígena, com superioridade do primeiro, formaram-se as condições essenciais para a assimilação do imigrante tanto externo e quanto interno. O mundo dos brasileiros é constituído quando se fundem os vários elementos relativos ao cruzamento interracial facilitado, em parte, pelos “deslocamentos das populações e pela ausência de preconceitos” em que se “caldearam as raças brancas, africanas e ameríndia” formando o povo brasileiro, resultado de “vários elementos étnicos, indígenas e forasteiros, assimilados pelo branco”, formaram uma nova sociedade, de acordo com Azevedo (2010, p. 79).

Para o autor, “nos faltou a integridade racial dos tipos formadores, nos sobraram as mestiçagens dissolventes (branco e negro), os outros elementos físicos e sociais, como os fatores mesológicos, a vitalidade do primitivo núcleo ibérico” e a rápida fusão das raças. Também a “comunidade de língua, de costumes e de tradições [que] constituíram” um tipo nacional que criou o Brasil. O país e o povo se formariam assentando sua força na plasticidade e assimilação dos tipos humanos, tanto o clima ou o meio físico quanto a raça, “entendida como o conjunto de fatores hereditários”, exerceram, segundo Azevedo (2010, p. 80-82), “influência na formação do temperamento e do caráter nacional”, embora não sejam determinantes absolutos.

Veja que o autor, toca em um dos assuntos que “mais mobilizaram a opinião de cientistas e intelectuais nas primeiras décadas do século XX, motivando a produção de uma série de ensaios de caráter científico e literário”. No entanto, sem esboçar um enfrentamento claro da questão, veleja entre o cultural e físico para defender suas justificações, ou seja, a unidade interna. Nesse cenário, sem mencionar que os cruzamentos raciais foram “condenados por médicos, antropólogos, eugenistas e viajantes estrangeiros, sendo vistos como os grandes responsáveis pela degenerescência das populações não europeias”, parece alinha-se às “explicações que valorizavam a formação mestiça brasileira como elemento distintivo da identidade e da cultura nacional”, consoante Souza (2016, p. 598).

Em outras palavras, não é possível perceber ideias que tenham como pano de fundo estratégias anticoloniais. Reação clara às “teorias científicas que

estigmatizavam ou inferiorizavam as populações mestiças", conforme Souza (IDEM, p. 598-600). Como em argumentos já apresentados, por mais que Fernando de Azevedo faça a sugestão de certa positividade da miscigenação, valorizando a identidade nova, mestiça e harmoniosa que sintetiza o povo brasileiro, sua percepção não refuta a contribuição do branco, do europeu e da cultura ocidental. O tempero da herança colonial faz-se presente nos fenômenos culturais e sociais. É certo que Fernando de Azevedo concorda com à suposta "ausência de preconceito racial entre os portugueses ou, mais nitidamente, a característica da miscibilidade, vocação lusitana que, ao lado da mobilidade e da adaptabilidade, faria dos portugueses colonizadores excelentes", em conformidade com Vainfas (1999, p. 04-06).

Ao valorizar a fusão das três raças, a interpenetração da cultura portuguesa europeia entre as culturas indígenas e africanas na formação do Brasil e do seu povo positiva a miscigenação herdada do período colonial. Para Fernando de Azevedo, é superando a seleção que o "ambiente físico e social" exerce que os sujeitos acabam por "formar o horizonte cultural" que define a nação enquanto povo. Fernando de Azevedo declarou que o formidável movimento de expansão, a ação heroica da conquista que amansou os povos hostis e as terras com suas feras e perigos. O espírito das entradas e bandeiras imprimiu ao brasileiro o sentido de ser amansador, conquistador de novo espaços, um herói da fixação e do povoamento. O brasileiro é "um tipo nacional único" que imprimiu "caracteres próprios vigorosamente marcados pelo núcleo primitivo, de acordo com Azevedo (2010, p. 82-83).

3.2.4 A cultura brasileira e a história

Seguindo as proposições, a formação da identidade nacional passou de modo paradoxal em uma relação interna e externa, nacional/mundial, pelo menos em parte, considerando que o continente africano não aparece, é o europeu que está em foco, na maneira que Fernando de Azevedo mobiliza suas ideias. Como já apresentado, ao estudar a cultura brasileira ligando-a a sua fonte fundamental, que são os ibéricos e, de modo geral, ao ocidente, o Brasil é introduzido na história universal.

> Assim, ligando a história da cultura brasileira, de um lado, a das ideias que sobre ela influíram e, em geral, à evolução das grandes corrente religiosas, políticas e filosóficas do Ocidente, e, de outro, às condições específicas de nossa formação social, como o país, a raça, e as formas de estrutura social, econômica e política, poder-se-á compreender melhor as evoluções paralelas que operaram na Europa e no país, sem grande separação comum, as formas especiais que a cultura tomou entre nós, a facilidade com que se propagaram certas correntes de ideias, como as resistência opostas pela sociedade a outras manifestações e movimentos da cultura ocidental (AZEVEDO, 2010, p. 37).

Na concepção de história de Fernando de Azevedo, ligar a cultura brasileira e o Brasil à história universal é encontrar o lugar da história nacional na experiência humana. Com esse movimento, em que o interno se liga de alguma forma ao externo, é proposto um tipo de conhecimento que preenche um passado dramático. O país ocupou a si mesmo de forma geográfica, política, econômica, histórica e outras, mas sobretudo, de forma cultural, conhecendo-se. O retrato de corpo inteiro é para se conhecer melhor, lidar com os problemas e potencializar as qualidades. Nesse sentido, a formação da identidade nacional ganhou, em minha percepção, um modo paradoxal de ser percebida.

O conceito de história do Brasil arrazoada por Fernando de Azevedo está ligada ou anexada à história das civilizações europeias, em que o autor vislumbra o grande movimento das civilizações, das grandes ideias, das grandes coisas, acontecimentos, descobertas etc. Esse tipo de percepção da formação nacional, “sempre paradoxal, no caso brasileiro, uma vez que deveríamos sentir-nos brasileiros, mas antes de tudo pertencentes ao mundo ocidental”, conforme Bittencourt (2004, p. 17-19). É um tipo de explicação em que, ao estudar a sociedade e o passado nacional, entendemos o tempo presente e percebemos como certos agentes históricos e sociais foram capazes de transformar a realidade, contudo, nesse caso, há um foco em figuras que promoveram a ‘descoberta’, a ‘expansão’ e a ‘fundação’. Agentes criadores, desbravadores que promovem o surgimento, o crescimento, enfim, o desenvolvimento social e temporal.

Insisto nesse ponto sobre a filosofia da história de Fernando de Azevedo, em virtude de ele reconhecer que, apesar de seu ponto forte ser a educação, a necessidade de perceber o lugar do Brasil, da história nacional na

história ocidental era algo imprescindível, por conseguinte, sua obra, *A cultura brasileira* resulta de um "esforço por uma tomada de consciência nacional". Contribuir para os estudos brasileiros, sempre esteve na preocupação do autor, e agora, com sua obra e as circunstâncias favoráveis, pôde dar sua contribuição ao tema. Na preocupação em saber o que somos, sua filosofia da história que, em geral, pode ser entendida como aquilo que está para um e para todos expressa que o importante é entender o aspecto geral, consoante Azevedo (2010, p. 21-22), enfim, serve a todos e não somente a casos particulares.

O gênio de cada povo é marcado, segundo Fernando de Azevedo, pelos elementos que atravessam os séculos, definido pelo meio físico, pelo contato racial, pelo progresso de sua evolução social, o qual se manifesta na sua história, nas instituições, na língua e na literatura, enfim, nas construções, nas obras de arte, pensamento e modo de transmissão da cultura, da educação. Percebê-las no movimento universal permite não somente uma maior consciência do ser em si, em aspectos nacionais, regionais, históricos e sociais, contudo o seu lugar na experiência universal, na evolução humana.

Nesse sentido, a expressão *cultura brasileira* traz de um lado, os fatores que condicionam e de outro revisa o trabalho que as instituições realizaram para modelar o homem. O autor persegue o que condiciona e modela o caráter nacional. Trabalha com a perspectiva de que o universo, que forma as teias de significação, está pré-estabelecido ou, no mínimo, possível de ser reunido e definidos como o conjunto causador de certas tendências. Considerando que o parâmetro de apreciação dos fatos são o próprio autor, ao assumir que "uma vez por outra se tenha insinuado na apreciação dos fatos a minha própria escala de valores", na sua franqueza, Fernando de Azevedo demarcou sua filosofia da história dizendo que "não é somente quando um autor faz falar o seu país", como se fosse uma pessoa que "bem sabe ser ele quem fala, ele próprio com suas lembranças, sua experiência" no e sobre o país, consoante Azevedo (2010, p. 21-22).

No maior esforço de objetividade, "não raramente acontece de cedermos, aqui e ali, sob a pressão de nossas lembranças e de nossa própria formação intelectual, os sentimentos e às apreciações subjetivas", no lugar observações positivas, de acordo com Azevedo (2010, p. 21-22). Em minha

percepção, ao considerar que as ilustrações, acréscimos e mudanças, não comprometem a unidade orgânica do livro, segundo o próprio autor, são apenas atualizações, não compromete a ideia geral e essencial, ou seja, a cultura brasileira em sua origem, desenvolvimento e evolução.

> 1) o esforço pessoal e coletivo em prol da libertação do espírito. 2) o desinteresse, isto é, por maiores que sejam as relações entre o útil e o belo, entre o útil e verdadeiro, ela [a cultura, a cultura brasileira] não visa diretamente fins utilitários; 3) o sentido de tradição humana que procura, consciente ou inconscientemente, com um ideal supremo (AZEVEDO, 2010, p. 28).

Essa passagem traz à luz as questões do autor quando ele se refere a vez ou outra aparecer “os sentimentos e as apreciações subjetivas”. A meu ver, são os laços de amizade, os compromissos políticos, a dívida moral com sua formação clássica, sua experiência enquanto representante da Educação Nova, sua passagem e contribuição com o Jornal O Estado de São Paulo (“O ESP”) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que estão, de modo quase invisível, em jogo. Por mais que as palavras possam ganhar tonalidades diferentes, a presença do autor na obra como escritor e personagem, bem como os grupos em que ele esteve vinculado ilumina algumas das proposições de Fernando de Azevedo.

Logo, ao ter “insinuado na apreciação dos fatos a minha própria escala de valores” ou “não raramente acontece de cedermos, aqui e ali, sob a pressão de nossas lembranças e de nossa própria formação intelectual, os sentimentos e às apreciações subjetivas”, são efeitos que podem ser entendidos como os laços morais de uma percepção e ação particular, como os grupos coexistentes no interior da sociedade em que viveu. Por essa via, a expressão *cultura brasileira*, na verdade, liga Fernando de Azevedo aos lugares quase invisíveis em que o autor reconhece estar presente em seu pensamento e escrita.

Tomando como exemplo a explicação de Ângela Alonso (2002), compreendo que a expressão *cultura brasileira* representa os registros de grandes feitos. Com a expressão em questão, o autor quer, na verdade, explicar não o Brasil, mas as pessoas que atuaram para a sua estruturação, ele faz um tipo de “abordagem que ilumina um fenômeno antes invisível”, ou seja, a ação de grupos de intelectuais, de instituições, ou mesmo de um intelectual

em uma ação política. É um tipo de ação que ocorria ou ainda ocorre com a atividade jornalística, intelectual, “pedagógica intensa” ou cultural. Considerando esse exemplo, é possível ampliar a lista e acrescentar que a produção de uma obra, também pode ser parte desse tipo de ação de inteligência, união e demarcação da presença das personalidades no tempo e com o tempo, consoante Alonso (2002, p. 29). Fernando de Azevedo entende a cultura brasileira a partir da ação conservadora e criadora de valores.

> Longe de se confundir com a vida material, a técnica e a econômica, é “um esforço de inteligência e de vontade para dominá-las e dirigi-las” e elevar-se aos deuses, isto é, “até os valores impessoais e eternos que se encontram acima dos homens e podem vir a uni-los um dia” (AZEVEDO, 2010, p. 29).

Para Fernando de Azevedo, se uma sociedade quer garantir sua existência, tem que superar as exigências materiais e satisfazer as espirituais. Para isso, ela precisa de uma elite que se renove constantemente, “de indivíduos sábios, pensadores e artistas que constituem uma certa formação social, acima das classes e fora delas”. Aqueles que criam uma atmosfera espiritual em que a sociedade pode respirar e os laços que, de modo espiritual, os unem. A função intelectual é uma função de produção, circulação e organização no domínio espiritual com a função de criar valores e bens materiais e do espírito que sirvam pátria, servindo de asilo a todos, numa inteligência que tem de ser acessível a um maior número de pessoas, em conformidade com Azevedo (2010, p. 32).

Nas palavras do autor, são os criadores que empreendem a organização da sociedade. Partindo de pontos de vistas espirituais, entenda-se culturais, para que todos atinjam a alta expressão e a organização da vida moral, a “cultura, pois, nesse sentido restrito, e em todas as suas manifestações, filosóficas e científicas, artísticas e literárias, sendo um esforço de criação, de crítica e de aperfeiçoamento, como de difusão e de realização de ideais e valores espirituais”, não constitui outra coisa senão a “função mais nobre e mais fecunda” de construção e organização da sociedade, como disse Azevedo (2010, p. 32), limitando-se ao estudo clássico no sentido de cultura que, segundo Fernando de Azevedo, o estudo desse elemento por si só, já é uma luz viva que se projeta sobre a natureza humana.

Para o autor, a “cultura poderá ser autêntica e original, rica e substanciosa, mas se não tiver mergulhada “na plenitude de sua força, para todos os tempos e para todos os povos” não se faz como uma cultura verdadeiramente elevada, ele está falando da tradição humana (razão, inteligência, educação), como uma concepção universalista, que segundo sua concepção, não se opõe à nacionalista, no entanto, serve de ponto de apoio e reflexão. Recorrendo ao romantismo alemão, a cultura é o estado contrário a barbárie, liberdade de espírito, finura de maneiras. Herder, Kant, Schiller entendem a cultura enquanto um bem comum a todos os povos. Segundo Humboldt, ter cultura é se elevar as considerações de utilidade social e empreender estudos desinteressados nas ciências e nas artes, não significa superioridade de um povo sobre o outro, mas o que tem em comum. A cultura, para Fichte, é um estado, uma cultura tipo, cultura modelo, quando referência as outras culturas[51].

Por fim, sua filosofia da história firmou-se em Humboldt e Burkhardt, para compreender que cultura é algo que, de algum modo, é a flor da história, que, enquanto forma e força, confere brilho aos costumes e às instituições em uma época definida, mas, pode servir de modelo a outros tempos por sua grandeza humana. Como um desabrochar da inteligência que, possuidora de virtude torna o homem mais humano, é capaz de fazer o ser compreender e amar os outros. Sob o ponto de vista de Fernando de Azevedo se coloca, a cultura é definida como estado moral, intelectual e artístico em que os homens souberam se elevar acima do egoísmo e da vaidade.

Superando as simples considerações de utilidade social do saber, da arte e da ciência, seria preciso ver sua contribuição para algo universal. Algo que seja comum a todos os homens e as culturas, sejam das culturas particulares ou do grupo. Sendo comum a um número maior da sociedade, seja de um passado distante ou mais ou menos próximo, ela tem de ser útil na percepção dos fenômenos internos e externos da sociedade, mas sobretudo, que tenha proximidade com o universal. Com isso, Fernando de Azevedo

[51] Nota de Rodapé Nº 10. AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira.* 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p. 30 (Os Fundadores da USP).

recorre a cultura como educação, arte, ciência que, embora específica, tem valor e presença universal, de acordo com Azevedo (2010, p. 31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho privilegiou-se os elementos externos e internos de *A cultura brasileira*, em decorrência disto, enfretamento do "Arquivo Fernando de Azevedo" trouxe-nos grandes desafios. Carregado de armadilhas, constitui-se como um lugar de enunciação de si. Porém, ao trabalhar com a perspectiva de que haveria possibilidade de fugir dos temas expostos, o exame dos documentos objetivou promover rupturas históricas e interpretativas. O esforço resultou em demonstrar que o arquivo carregou a constituição, a construção de um homem em sua subjetividade, conforme Foucault (2017, p. 158-160), possibilitando-nos fazer com que a vontade manifestada ou não fosse evidenciada, por exemplo, a forma como o autor/doador via-se como queria ser visto. Nesse momento, foi possível perceber o modo problemático como a historiografia sobre Fernando de Azevedo construiu uma imagem frágil sobre o autor, consideramos que essa imagem fora baseada no arquivo.

Ao afrontar-se o arquivo de Fernando de Azevedo, é manifestada a vontade do autor de cuidado com a sua imagem. A representação que faz de si e aquela que oferece aos leitores e investigadores, dando pistas de vaidade e zelo. Se consideradas as cartas, as resenhas de recepção da obra e os prefácios, a proposição confirma-se. Na opinião do sociólogo, seu livro teve um "destino feliz que, satisfazendo a um autor exigente" não deixou de contentá-lo, de acordo com Azevedo (2010, p. 15). A tarefa de construção de uma introdução ao Censo de 1940, foi "confiada pelo "Sr. Carneiro Felipe", ao professor Fernando de Azevedo, que apresentou uma síntese a bem dizer monumental", carregada de sua erudição, conhecimento clássico e sensibilidade humana[52].

Ao deparar-se com os elementos internos d' *A cultura brasileira*, percebe-se que o modo de acesso à história de Fernando de Azevedo foi devedor de uma filosofia da história. Misturando um conjunto de influências, descreveu e explicou a cultura brasileira e o passado nacional sugerindo que

[52] LUX – JORNAL. *A cultura brasileira*. Publicado na secção: *A Noite.* Rio de Janeiro. Rio-São Paulo, 10 de novembro de 1943. *(Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros-IEB, Universidade de São Paulo).*

reviveu, quase de modo empático, os sentidos das ações dos agentes históricos. Entre fatos, fatores, eventos e acontecimentos, o autor atentou-se para a natureza humana demarcando permanências, ciclos, noções que fossem úteis para a autoconsciência, para compreensão não só do homem, mas o ser humano. Nesse ponto, ele destacou os fatores motivadores da atividade criadora, manifestou sua concepção de que em situações difíceis, homens, civilizações e sociedades foram levados a um grande esforço para responder às questões, como ele o fez e sua vida aos desafios impostos.

Assim, conforme o apresentado e como nos ensinou Wilhelm Von Humboldt (2001, p. 82), a descoberta do necessário e a eliminação do incerto, trouxe ao historiador, o fundamento da verdade/objetividade e tirou-lhe a contradição dos opostos devido à sua máxima aproximação com o objeto. Nesses aspectos, a procura por esclarecimentos e a melhor visão sobre a realidade, tornaram-se o combustível do profissional da história, tanto na investigação quanto na produção do conhecimento.

Sendo assim, o contato com o conhecimento em história é fator fundamental para a interpretação dos vestígios do passado contido nas fontes. A produção do conhecimento em história fez-se em acordo com a documentação disponível, pois, “a história se faz com documentos”, como disse Marrou (1978, p. 56), o diálogo entre os documentos, a teoria e a historiografia que o historiador conseguiu desenvolver propiciou a interpretação e apresentação de suas perspectivas. À vista disto, lidar com o passado é entender as relações do presente que, afinal, exigiu interpretações capazes de orientar os indivíduos que, como seres temporais, tem carências e interesses nos fatores elementares da sua existência.

Diante disso, nossa pesquisa lidou com aspectos históricos em um objeto cuja concepção de história foi desenvolvida em perspectivas associadas ao mundo social à qual fazia parte. Dando a experiência passada a “[...] condição de conceito mestre, político e social” adequadamente para abranger “tanto passado quanto futuro” os quais estiveram regulando “toda experiência já realizada e ainda a ser realizada”, em consonância com Koselleck (2013, p. 37), então carrega em si aspectos das possíveis mudanças. Com isso, uma produção cultural que representou o passado de mais de 400 anos de história em uma obra síntese, comportou elementos da cultura nacional e da identidade

que, em uma expressão, significava para Fernando de Azevedo a cultura brasileira.

Frente a esses aspectos, compreender a lógica das significações, os sentidos históricos atribuídos por Fernando de Azevedo na sua interpretação da cultura brasileira, foi perseguir o uso da história, bem como tipo de história que o autor produziu para categorizar, explicar o país e as suas coisas. Acreditando na fórmula que diz que "compreensão mediante pesquisa" (DROYSEN, 1997, p. 22 *apud* ASSIS, 2010, p. 9), buscou-se entender uma realidade social, cultural e histórica, por meio de uma obra em que as representações construídas por um intelectual, em um certo tempo e espaço, ainda podem ensinar-nos ou revelar-nos algo.

Compreendo que a tarefa do historiador traduz-se em lidar com fenômenos humanos, recusar o determinismo das leis exatas e reconhecer a singularidade de cada particularidade, uma vez que reconstruir e decifrar o passado não é tarefa simples. Contudo é uma ação vital dos homens no tempo para lidar e conhecer o próprio tempo. Nesse sentido, a ação de certos homens em determinados tempos, traduziram como viram o tempo e a si mesmos.

Compreender o mundo é se perceber nele, a tarefa da interpretação/compreensão que coloca-se para o historiador. Como o carro chefe do fazer histórico, o conhecimento produzido nesse campo tem uma função existencial. Nesse sentido, por mais que a história ganhasse determinados conteúdos, assim que os critérios de subjetividade avançassem no modo de identificar e interpretar o presente, não se perderia os elementos de objetividade. Afinal, os conteúdos ganham existência quando os conceitos de tempo e espaço são identificados na relação do que existiu e do que existe no presente.

Com tais aspectos em mente, entendo que fora possível um diálogo com as definições de Jörn Rüsen, mas não somente esse autor descreveu e explicou fatos contidos em *A cultura brasileira* de Fernando de Azevedo. Ao se concentrar nos critérios orientadores que estão contidos na obra, na medida em que a orientação do sujeito é alimentada quando ele dá significado a sua existência, as "carências de orientação no tempo são dirigidas ao pensamento sobre o passado, [para] então" serem requeridas "como critérios de sentido.

São estes aspectos que regulam o trato reflexivo dos homens com o seu mundo e consigo mesmos", conforme Rüsen (2001, p. 31).

De acordo com Rüsen (2001), "o agir humano é sempre determinado por significados e é intencional", logo, o agir e o sofrer, são intenções formadas a partir das representações que os homens fazem sobre a natureza e o mundo social. Já para Assis (2010, p. 15), "os homens sempre estão diante de carências existenciais de orientação cultural", com isso, "o pensamento histórico surge precisamente em resposta a essas carências". A partir disso, compreendendo que a história e a cultura são uma manifestação universal na existência humana, ambas devem ser repensadas no âmbito da reescrita da história concedendo sentido a novas questões e a novas práticas.

Percebendo que Fernando de Azevedo construiu uma discussão que apresentou uma teia de significação e tornou relevante o sentido histórico dado às práticas humanas, além de analisá-lo, defini-lo e conceituá-lo, assim sendo, percebe-se a complexidade que envolve vários focos epistemológicos, tornando-se uma ação necessária, conforme nos lembra Roger Chartier (1995, p. 179-192). Enfim, a tarefa da história é perceber e debater os vários enunciados dentro da construção conceitual, tornando-se elemento essencial para encontrar as significações que damos ao nosso mundo e às coisas. Sabendo que as instituições, as artes, as literaturas e as ciências proclamam visões de mundo, as representações temporais construídas por Fernando de Azevedo, recuperam os modelos culturais e suas transformações como condições de entendimento do acontecido, com vistas à possibilidade de explicação. Especificamente, em seu caso, a intervenção na realidade com um discurso de representação construída pelo próprio autor, em que o olhar é modelado, direcionado para ver não o que é, mas o que o autor entender ser necessário para superar os males do passado.

Em vista disto, temporalizar a possibilidade de modificação como evolução, consolidaria uma forma de relacionamento discursivo em que as posições e perspectivas divergentes tomariam o essencial como elemento de condições necessárias para a permanente autoconfiança dos indivíduos interessados em ações e interpretações temporais que dessem fundamento à

identidade[53]. Mostrar o Brasil aos brasileiros tornava-se uma missão para o autor, porque revelar o caráter nacional seria o primeiro passo para se pensar nas possibilidades de ajustes, superação ou formulação de consciência. Em outras palavras, saber o que somos e de onde viemos seria o primeiro passo para entender onde estamos no processo de desenvolvimento da cultura, para daí pensar o que queremos alcançar, ou pelo menos, o que é possível de ser visto.

Com este pensamento, a representação do passado desenvolvida por Fernando de Azevedo em sua obra síntese construiu sentidos de orientação devido ao interesse nas perspectivas orientadoras que o passado pode possuir no seu processo temporal. As bases das ações e representações do nosso mundo são formadas em expressões linguísticas carregadas de direcionamento temporal, sendo capazes de fornecer elementos para repensar a realidade e produzir novas práticas e sentidos, novas representações da realidade temporal e perspectivas do que permanece e do que pode sofrer mudança a depender dos desafios e das possíveis respostas.

Sabendo que as realidades são sempre produzidas por sujeitos em condições sociais e históricas determinadas, entender os indivíduos produtores da realidade, como sugere E. H. Carr (1981), é exercício de interpretação e tarefa do historiador. Nesses aspectos, ao tomar a obra *A cultura brasileira* como uma forma de representação das relações do passado, o trabalho sobrepuja a justificação cognitiva acerca dos fatos do passado-presente que possibilitaram perceber as historicidades das obras, das filosofias, da cultura, da sociedade, das formas de pensar, dos produtores culturais, dos intelectuais, artistas e outros.

Assim, tentando valorizar aquilo que norteia o trabalho do historiador, o texto visou uma produção que ampliasse as discussões objetivas sobre a História. Em função da proximidade entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado (objeto), a objetividade é uma categoria distinta na História[54]. Ser

---

[53] O entendimento é apresentado a partir da leitura de RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica*: fundamentos da ciência histórica. Trad: Estevão de Rezende Martins. Brasília: UNB, 2001, p. 35. RÜSEN, Jörn. *História Viva*: teoria da história, formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007, p. 62. BARCA, Izabel; MARTINS, Estevão de Rezende; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba-PR: UFPR, 2010, p. 63.

[54] SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

objetivo é reconhecer que a objetividade nas Ciências Humanas, tal qual fora pensado no método newtoniano, fosse impossível. Entretanto, ao proclamarmos a categoria de objetividade, apresentamo-la dentro de uma reflexibilidade que não se paute pela perspectiva arbitrária[55], mas considera a perspectiva de diálogo e a possibilidade de um outro olhar sobre as produções culturais.

Assim, ao pensar na produção que se preocupa com a temática da história e da cultura brasileira, nos defrontamos com o problema da representação histórica, do uso do conhecimento histórico, um tipo de história produzida não por um historiador, mas, por um personagem que traduzia a experiência passada em uma forma de representação do passado no presente, capaz de produzir respostas por si mesmos como orientação do agir no tempo e no espaço. *A cultura brasileira* como um esforço de reconstrução da experiência cultural passada, além de ser uma obra que pensa a cultura como um exercício de quem tem gosto pelas coisas do espírito[56], forneceu expressões carregadas de direcionamento temporal e intencional, nesse caso, o próprio autor vence o tempo com a história. Para Fernando de Azevedo, uma obra de tamanha envergadura, expressava a sua coragem e o compromisso intelectual para com o país e a nação, acrescentaria consigo mesmo ou pelo menos com seus feitos vitoriosos.

Assim, as representações histórico-culturais, as “representações sociais, ou imaginárias coletivas, que se colocam como nossa categoria de análise, são frequentemente expressadas ou mesmo “materializadas” através de signos: sinais, emblemas, alegorias e símbolos”. A “linguagem, como instância constituinte da “realidade”, desenvolve um discurso carregado de “representações”, em que se faz “presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto”, de acordo com Falcon (2000, p. 88-91) ou de um tema. Na perspectiva de Fernando de Azevedo, uma ideia que está ausente, mas que deve ser presente, é a ideia de cultura brasileira, a qual expressa o caráter, o espírito nacional e por onde

[55] RÜSEN, Jörn. *Narratividade e objetividade nas ciências históricas*. Textos de História. v. 4, n. 1. p. 75-102. 1996. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5794/4801. Acesso em: 03/11/2016.
[56] AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4ª ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/UNB, 1963.

devem ser trabalhados os processos de percepção, de sentido e direcionamento que ligado ao ser brasileiro pertence a todos, o ser ocidental na história universal sugerida pelo autor. Para Ginzburg (2001), a palavra representação no campo das ciências humanas, tem uma longa trajetória. O autor versa que há ambiguidades na definição do termo.

> Por um lado, a "representação" faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro lado, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. Mas a contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo, ela acaba remetendo, por contraste, à realidade ausente que pretende representar (GINZBURG, 2001, p. 85).

É evidente o "jogo de espelhos". A ausência e presença conjugam o cenário da realidade representada. O que nos chamou a atenção nessa ambiguidade é a evocação imitativa entre o real presente e o real ausente, em que ambos podem ser representados, seja na ausência ou na presença. Se a presença pode ser representada e a ausência pode se fazer presente pela representação, há algo em comum nos duplos, isto é, a semelhança que é a realidade a ser representada. Centrando nossos esforços em entender como a representação histórica serve de ponto de referência para produção das práticas culturais distintas, pode-se entender que uma obra carrega um sentido de ausência e presença, pela sua capacidade de representação das condições históricas representadas, pois ela fala de um tempo que se foi (ausente), para entender um tempo que é (presente). Embora possa falar de um tempo presente, que, querido como ausente, se faz presente, seja por 'uma mão invisível' ou mesmo a estruturação sistemática, seja em forma de arquivo, livro ou discurso sobre uma realidade específica.

Logo, a obra de Fernando de Azevedo carrega um sentido de passado que, embora ausente, faz-se presente por meio de uma narrativa que evoca os fenômenos culturais como constituintes da cultura brasileira em sua formação e constituição, enquanto identidade nacional. Com as definições, percebe-se a representação do ausente presente por via de uma obra, ou seja, o tempo que passou, alimenta a carência de orientação temporal do sujeito histórico. Com isso, o conceito de representação auxilia na definição do universo histórico-cultural devido a envolver a atmosfera psicológica em que, ao mesmo tempo

em que o indivíduo é ausente das expressões linguísticas direcionadas, as obras, percebe-se fazendo parte da história comunicada pelo autor, pois, as formas estabelecidas eram estranhas ou alheias ofereciam ideias passíveis de identificação e conscientização histórica, em decorrência de ter presença e suprir as carências orientativas.

Ao considerar o historiador francês François Hartog (1999), que tomou a obra de Heródoto "*Histórias*", o autor lembra-nos que a história produzida no mundo grego tinha por objetivo causar efeitos no imaginário do público ouvinte das narrativas. Dentre alguns elementos, destacamos a preocupação por parte de Heródoto em contrapor sua perspectiva com a perspectiva mitológica, o narrador quis mostrar os feitos gregos e bárbaros para que não se perdessem no tempo, mas deixou a sua marca enfatizando a cultura e o mundo helênico.

Na leitura das proposições do autor francês, percebemos que o conceito de representação desenvolvido pelo 'poeta e trovador' na sua busca do fazer crer através do 'ouvi, senti e vi', remete-nos para uma narrativa que apresenta as partes e depois o conjunto. Nesse sentido, o historiador grego tem um projeto de conjunto em defesa de um processo de maturidade que não ocorre em outro lugar a não ser em Atenas. Seguindo esse pensamento, fica evidente um projeto de história ancorado a um poder. Então, geografia, cultura, representação e poder conjugam-se em uma narrativa de caráter épico que elege os heróis humanos em contraposição aos não humanos, em conformidade com Koselleck (2013, p. 41-42).

Para Hartog (1999), tornou-se natural olhar para esse contexto e não encontrar a profissão de historiador, mas um texto, nesse caso, "*Histórias*", que reflete as lutas que animavam a sociedade daquele período. Dentre os recursos metodológicos lançados pelo autor para analisar "*Histórias*" e entender o contexto grego, alguns índices afloraram-se no sentido de demonstrar a representação que Heródoto criou e instalou na memória grega. O caráter de investigação evocado por ele legitimou sua abordagem e exposição de forma a ter consenso entre o que ele fala/narra e aquilo que o público também quer ouvir. Substituir a narrativa homérica por uma narrativa 'histórica', instalou os interesses reais da cultura na questão de aceitabilidade e efeito de um discurso carregado do real.

A obra, *A cultura brasileira*, apresentou aspectos historicizantes em que foram construídas formas de representação que legitimaram a abordagem e exposição na perspectiva de Fernando de Azevedo. Decifrar o passado, o passado-presente em percepções temporais, significa organizar a representação em uma linguagem inteligível, a partir dos aspectos gerais para os específicos, mas também, estabelecer uma presença, mesmo mostrando-se ausente. Com isso, entendo que, se uma obra abarca alguns séculos em uma proposição representada pela expressão cultura brasileira, ela tenta decifrar as significações temporais em uma história que, reunindo histórias possibilita a aproximação dos ausentes e presentes.

Nisso, a obra síntese da cultura brasileira do autor mineiro, cria um conjunto universal que reúne as histórias individuas em uma categorização da cultura brasileira, a qual revela a realidade objetiva e direcionada, afinal, é o escritor do tema que seleciona e direciona a proposições. A reflexão e a projeção em perspectivas históricas sociais com fins práticos têm um sentido direto em que a organização e sistematização da representação objetiva concede acesso ao leitor, à sua realidade social, histórica, mas também política, segundo Koselleck (1992, p. 134-146). De modo direto, mostra o Brasil aos brasileiros e às outras nações, desde a sua formação, desenvolvimento, estado atual, tornando-se uma possibilidade de presença na história ocidental de algo que estava ausente, nessa história.

Fernando de Azevedo afirma que sua obra é sua contribuição à inteligência do Brasil e de outros países. Ora, o livro não representa apenas o vivenciado, mas, um sentido de realização da ação humana. Por via de “uma linguagem político social”, as comparações, analogias, reflexões, descrições e explicações apresentam processos de equivalência e superação que tem efeito simbólico nos destinatários. Conhecimento e erudição sobre o assunto têm um efeito de conformação e projeção, “é o efeito que produz o Logos” na consciência do destinatário, por via de um testemunho fruto de uma investigação “dos fatos do passado”, Koselleck (2013, p. 40-41). Assim sendo, temos as intenções e representações com os fins do narrador sobre o público, em que Fernando de Azevedo usa um recurso metafórico grego projetado na seguinte mensagem: ‘vejam através do que eu lhes proponho’; evidenciando um discurso que carrega o efeito de temporalização dos feitos humanos

tornando presente um ausente, ou seja, a história do passado que, embora ausente, faz-se presente no cotidiano daquele que ouve ou lê a história da obra. A partir disso, são criadas as expectativas de futuro, a projeção de futuro, a superação dos males de formação.

O historiador alemão Reinhart Koselleck, ao demonstrar a ambiguidade do conceito de história, explicou que o uso do conceito esteve associado ao universo prático das sociedades no tempo e espaço histórico variado. A contemporização do não contemporâneo vincula-se à experiência e à expectativa, a partir dos significados que cada tempo histórico tem em sentidos diversos. Se a representação comporta realidades carregadas de múltiplos sentidos, o conceito de história, tomado como representação, “sugere imediatamente associações [...] um mínimo de sentido comum”. Indica uma experiência, uma realidade em que são articulados texto e intencionalidades, em consonância com Koselleck (2013, p. 40-41).

Como o conceito não se furta à seleção, ajusta-se os elementos compatíveis que designam significados temporais cujas situações históricas podem ser inteligíveis, descrevendo e narrando dado movimento cultural e temporal. Dito de outra forma, a história como conceito, representação de um tempo torna-se uma unidade abstrata que se prolonga do passado em direção ao futuro, conforme Koselleck (1992, p. 134-146). *A cultura brasileira* em um sentido de sucessão temporal, transmite a ideia de uma interpretação capaz de acomodar-se e dar sentido à realidade empírica, comporta uma novidade representativa das expectativas do autor na busca de interpretar a cultura brasileira, o espírito de nacionalidade e o caráter nacional. A verdade é transmitida e legitimada, não evidenciada, a partir de direcionamentos temporais possuidores de qualidades histórico-sociológicas orientativas, provocando efeitos na consciência e no modo de pensar do leitor. Nesses termos, a obra carrega um sentido interpretativo que demonstra a vantagem de conhecer para saber fazer, ou de quem conhece, logo, sabe fazer.

Ao olhar a obra de perto, depois de expor os vários sentidos de cultura, o autor aponta a sua preferência pessoal, alinha-se às proposições de Humboldt, que entende a cultura como um estado moral, intelectual e artístico, em que os homens souberam se elevar das simples considerações de utilidade social da cultura, para um estado de espírito. Essa afirmação e o alinhamento

ganha justificativa nas proposições de Fernando de Azevedo, pois considera que a sociedade se reduziria, se se alinhasse, “a um sistema de funções que tendem a satisfazer as necessidades materiais e políticas”, considerando a primeira como o ambiente econômico e a segunda o grupo e o indivíduo[57].

Para Fernando de Azevedo, esses dois aspectos não são suficientes para preservar a vida da sociedade. Para a realização de tal feito, é preciso o estudo desinteressado das ciências e das artes. Sendo que a primeira seria o princípio garantidor do progresso e evolução dos processos de descobertas aplicados à vida. Já o segundo, o conhecimento dos “elementos imprevisíveis, espontâneos, da liberdade e da criatividade humana”, que, interdependentes, permitem a percepção e as “objetivações culturais das intenções humanas”[58], em outras palavras, as visões de mundo, que, ao mesmo tempo transmitem e possuem uma ideia de cultura capaz não só de revelar o caráter da cultura nacional, como potencializar desenvolvimentos e progressos no transcorrer temporal da sociedade.

Nesse caminho, Fernando de Azevedo crê que a história apresenta uma sequência temporal que une um tempo ao outro, um ser ao outro. O passado é próximo ao presente e esse do futuro. A transformações, as mudanças ou mesmo a permanências são estados que podem melhor serem vistos quando as interpretações consistem em captar a direção da intenção, de acordo com Rüsen (2007, p. 144). No “formato de uma ciência social compreensiva”, a história entra enquanto conhecimento fornecedor do sentido histórico do mundo. Serve na acepção de um fundamento compreensivo, investigativo e orientativo para entender a ação dos indivíduos históricos no tempo, consoante Martins (2017, p. 160-163). Nos processos de ausência que permanecem e parecem ausentes, como no caso da representação da história e da cultura, vejo que Fernando de Azevedo lida com um problema histórico das

---

[57] Ver AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1944. (Versão Online do IBGE disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=255807&view=detalhes. Acesso em: janeiro de 2015). AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4ª ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/UNB, 1963. AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira.* 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP). Prefácio e Introdução nas respectivas edições.

[58] MARTINS, Estevão C. de Rezende. *Teoria e Filosofia da História*. Contribuições para o Ensino de História. Curitiba – PR: W& A Editores, 2017, p. 160-161. RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Brasília: UBN, 2007, p. 137.

associações, da interligação dos fatores, das correlações do viver e existir que dão sentido ao mundo ou que objetiva dar sentido. Um indivíduo com ausência de história e cultura não teria existência no mundo, uma vez que, para Fernando de Azevedo, a cultura não é outro elemento senão a ligação, o estabelecimento das relações e correlações de causa e fatores que provocam e orientam.

> A missão de interligar fatos do passado em sua sequência temporal de maneira que se pudesse ver neles o "esforço de uma ideia, de existir na realidade" [...] esse construto (teórico, como diríamos hoje em dia) de uma força impulsionadora ideal que movimenta a mudança temporal (RÜSEN, 2007, p. 144).

Determinar as condições culturais, exige uma explicação histórico social da mudança experimentada pelo indivíduo. Tal fator, carece de "um argumento demonstrativo" que, em "forma narrativa", apresente aspectos de plausibilidade e forneça compreensão da "ação humana no tempo". Explicar racionalmente a experiência da sociedade na sua ruptura com a tradição políticas, sociais, econômicas e cultural, requer uma articulação plausível e verossímil que convença que os processos de evolução são experiências da realidade, conforme Martins (2017, p. 163-164).

> É preciso, para compreendê-la e explicá-la [se refere as mudanças e transformações da cultura brasileira], situar a cultura nacional no seu quadro geográfico, social e histórico; acompanhá-la nas diferentes etapas de sua evolução, nas suas orientações e tendências, para mostrar, em seguida, quais as instituições que se organizaram, prepostas ao fim de transmiti-la, já sistematizada, de geração em geração para assegurar a sua continuidade no tempo, a sua unidade, a sua difusão e os seus progressos (AZEVEDO, 1944, p. 08).

Assim, as explicações que fundamentam o direcionamento temporal, apresentam o conceito e categorias interligados social e historicamente no tempo. Os fatores descritivos sugerem o processo a partir de um tipo de direção que, ao "interligar fatos do passado em sua sequência temporal", demonstra as forças impulsionadoras que movimentam a mudança e a transformação, as quais fornecem, por via da explicação lógica, a possibilidade de ver e compreender o sentido social do mundo histórico. Se olharmos a historiografia de uma forma ampla, a Ciência Histórica consiste, a exemplo das outras Ciências Humanas, em um discurso sobre a experiência humana que tomamos como objeto as práticas, os discursos e as produções culturais.

Com essa proposição, a produção azevediana carrega as formas de representação do mundo e da vida, que traduzem a vontade de consciência histórica e sentido de decisão e ação, ambas inscritas no âmbito subjetivo. A filosofia da história de Fernando de Azevedo, não avançou além de uma visão de história de que algo, alguém ou uma ideia conduzisse de fato os processos históricos. Ao proclamarmos um “determinado tipo de conhecimento histórico, obtido mediante procedimentos de pesquisa regulados metodicamente, e que, ao apresentá-la revestida de sólida validade, situa a “objetividade acima do campo da opinião arbitrária” ou mesmo valorativa, de acordo com Rüsen (1996, p. 75). Na aventura de aproximarmos objeto e pesquisa, é explicito o interesse de entendimento temporal em intenções, em que a ideia orientadora sobre a experiência do passado é temporalizada como sentido de formação e orientação existencial de um discurso que construiu uma representação para si e sobre si.

A cultura brasileira seguramente se aproxima de uma filosofia da história. Ao se preocupar em descobrir as ideias que influem no curso dos acontecimentos, definir um padrão, ou mesmo um significado, o trabalho caminhou para além da esfera do conhecimento histórico. Ao mergulhar nas profundezas do Arquivo Fernando de Azevedo é evidenciado sua concepção de história. Em outras palavras, o autor não teoriza o passado. Ao alinhar as expectativas de leitura de vida de Azevedo com sua filosofia da história é eminente uma compreensão que espera que a história tenha um significado, um sentido. Logo, em tese, ela proporcionaria pontos de vistas que, carregados significados, fornecem pistar, explicações para classificar as coisas. A história de Fernando de Azevedo esgota-se nele mesmo. Em seu texto, a sua filosofia da história proclama: está é a minha concepção acerca da história; nela vejo este sentido, e não aquele (DRAY, 1977, p. 09-10; BARROS, 2012, p. 370).

REFERÊNCIAS

ABDALA, Rachel Duarte; VIDAL, Diana Gonçalves e SILVA, José Cláudio Sooma (org). *Fernando de Azevedo em releituras:* sobre lutas travadas, investigações realizadas e documentos guardados. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2020.

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial, 1500-1800*. 7ª ed. Belo Horizonte / São Paulo: USP, 1988.

ABUD, Kátia. *Currículos de História e políticas públicas:* os programas de História do Brasil na escola secundária. In: O saber histórico na sala de aula. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Repensando o Ensino).

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Fernando de Azevedo – Biografia*. Disponível em: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D181/biografia. Acesso em: 01/05/2016.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *História.* In: *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa.* Vol. III. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Fernando de Azevedo.* In: *Pequena bibliografia crítica do pensamento social brasileiro*. Brasília: Paralelo 15 / São Paulo: Marco Zero, 2000.

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento:* a geração 1870 na crise do Brasil – Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. *A experiência do tempo*: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

ARENDT, Hannah. *O Conceito de História*: Antigo e Moderno. In: *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Debates; 64/dirigida por J. Guinsburg).

ARRAIS, Cristiano Alencar. *Arnold Toynbee* (1889-1975). In: *A constituição da História como ciência:* de Ranke a Braudel. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013, p. 255 a 283.

ARRAIS, Cristiano. Alencar.; BOAVENTURA, Deusa. Maria. *Modelo narrativo e composição da paisagem em Voyage à l`interieur du Brésil. Sæculum* – Revista de História, [S. l.], v. 24, n. 41, p. 111–123, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2019v24n41.45194. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/45194. Acesso em: 14/ 10/ 2021.

ARRAIS, Cristiano Alencar. BENTIVOGLIO, Júlio (Org). *As revistas de história e as dinâmicas do campo historiográfico.* Serra-ES: Editora Milfontes, 2017.

ARRAIS, Cristiano Alencar. *Cidades-capitais do Brasil republicano*: representação e mobilização do tempo nas construções de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.

ARRAIS, Cristiano Alencar. *Projeções Urbanas*: Um Estudo sobre as Formas de Representação e Mobilização do Tempo na Construção de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília. Belo Horizonte – MG: UFMG, 2008 (Tese de Doutorado em História). Disponível em: http://livros01.livrosgratis.com.br/cp054663.pdf. Acesso em 07/02/2018.

ARRAIS, Cristiano Alencar. SANDES, Noé Freire (Org). *A história escrita:* percursos da historiografia goiana. Goiânia – GO: UFG, 2018.

ARRAIS, Cristiano Pereira Alencar e BENTIVOGLIO, Júlio (org.). *As revistas de história e as dinâmicas do campo historiográfico*. Serra-ES: Editora Milfontes, 2017.

ARRAIS, Cristiano Alencar. *Causalidade e intencionalidade:* uma contribuição ao debate sobre dimensão explicativa da historiografia. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 73–102, 2021. DOI: 10.15848/hh.v14i36.1632. Disponível em: https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1632. Acesso em: 25 outubro de 2021.

ASSIS, Arthur Oliveira Alfaix. *O que fazem os historiadores, quando fazem história?* A teoria da história de Jörn Rüsen e Do Império à República, de Sergio Buarque de Holanda. Brasília: UNB, 2004 (Dissertação de Mestrado em História).

ASSIS, Arthur. *A teoria da história de Jörn Rüsen*: uma introdução. Goiânia-GO: UFG, 2010.

AUGÉ, Claude et AUGÉ, Paul. Histoire. In: *Nouveau Petit Larousse Illustré Dictionnaire Encyclopédique.* Paris: Librairie Larousse, 1940, p. 495.

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.* III Volume. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, p. 2608-2610.

AVELAR, Alexandre de Sá; BENTIVOGLIO, Júlio. *Afirmação da História como ciência no século XX*: de Arlette Farge a Robert Mandrou. Petrópolis – RJ: Vozes, 2016.

AZEVEDO, Domingos de. *História.* In: *Grande Dicionário Português* – francês. S / cidade: Livraria Bertrand, 1975, p. 743.

AZEVEDO, Fernando de (org). *As Ciências no Brasil*. V. 1. S/ cidade: Edições Melhoramentos, S/ data.

AZEVEDO, Fernando de (org). *As Ciências no Brasil*. V. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

AZEVEDO, Fernando de. *"Máscaras e Retratos*: Estudos Literários sobre Escritores e Poetas do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1929.

AZEVEDO, Fernando de. *A Cidade e o Campo na Civilização Industrial e outros estudos.* São Paulo: Edições Melhoramento, 1962.

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP).

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1944. Versão Online do IBGE disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=255807&view=detalhes. Acesso em: janeiro de 2015.

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira*: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4ª ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/UNB, 1963.

AZEVEDO, Fernando de. *Canaviais e engenho na vida política do Brasil:* ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do açúcar. 2ªed. São Paulo: Edições Melhoramento, 1958 [1948]. (Obras Completas Vol. XI).

AZEVEDO, Fernando de. *Da cultura brasileira:* fundamentos, evolução, direções e perspectivas. In: *Revista de História*. Vol. 29, Nº60. São Paulo: USP, 1964. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123250. Acesso em: 18/12/2018.

AZEVEDO, Fernando de. *Da educação física*: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3ª. Ed. Revista. São Paulo: Melhoramentos, 1960 [1920].

AZEVEDO, Fernando de. *Ensaios*: crítica literária para “O Estado de S. Paulo” 1924 – 1925. São Paulo: Melhoramentos, 1929 [1924].

AZEVEDO, Fernando de. *Figuras do meu convívio:* retratos de família e de mestres e educadores. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

AZEVEDO, Fernando de. *Jardins de Salústio*: a margem da vida e dos livros. São Paulo: Livraria do Globo / Irmãos Marrano, 1924.

AZEVEDO, Fernando de. *No tempo de Petrônio*: ensaios sobre Antiguidade Latina. 3ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962 [1923].

AZEVEDO, Fernando de. *O Nacionalismo e o Universalismo na Cultura.* In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* – 60 anos, v. 86, n. 212, p. 109 - 123, jan/abr, 2005. Disponível em:

http://rbepold.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/852/827. “Conferência pronunciada no Ministério das Relações Exteriores, quando da instalação do Instituto Rio Branco. Publicada originalmente na RBEP v. 7, n. 21, p. 421-441, mar./abr. 1946”.

AZEVEDO, Fernando de. *Princípios de Sociologia:* pequena introdução ao estudo de sociologia geral. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1936.

AZEVEDO, Fernando de. *Sociologia Educacional:* introdução ao estudo de fenômenos educacionais e de suas relações com outros fenômenos sociais. 6ª Ed. Volume X. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

AZEVEDO, Fernando de; AZZI, Francisco. *Páginas Latinas*: pequena história da literatura romana pelos textos. São Paulo: Melhoramentos, 1927.

BARCA, Izabel. MARTINS, Estevão de Rezende. SCHMIDT, Maria Auxiliadora. (Org). *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba – PR: UFPR, 2010.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani; CERRI, Luis Fernando. *A teoria da história de Jörn Rüsen entre a modernidade e a pós-modernidade:* uma contribuição a didática da história. In: Revista Educação e Realidade. v. 37. nº 3, 2012, p. 991 a 1008.

BARROS, José D’Assunção. *“Teorias da História” e “Filosofias da História”:* Considerações sobre os contrastes entre os dois espaços de reflexão sobre o fazer histórico. In: Revista Anos 90. Nº 36, V. 19. Porto Alegre – RS: UFRGS, 2012, p. 367 a 400.

BARROS, José D’Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História*: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

BARROSO, Gustavo (org.). *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa.* 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, [1943], p. 650.
BENTIVOGLIO, Júlio e BRITO, Thiago Vieira de (org.). *Distopia, Literatura & História*. Serra – ES: Editora Milfontes, 2018.

BENTIVOGLIO, Júlio e LOPES, Marcos Antônio (org.). *A constituição da História como ciência*: de Ranke a Braudel. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

BENTIVOGLIO, Júlio. *Caio Prado Junior, the 1930s Generation and the Brazilian Historical Imagination:* Exercising Metahistory. In: *Storia dell Storiografia*. Nº 65, 2014.

BENTIVOGLIO, Júlio. *Uma reverência à Meta-história e a Hayden White:* o passado como sátira irônica e liberal em Sérgio Buarque de Holanda. In: *Revista Artcultura*. v.20, nº 37, 2018, p. 51 a 65.

BENTO, Luiz Carlos. *Cultura histórica e questão nacional na Primeira República*: o sentido da formação entre o ensaio e os escritos educacionais de

Manoel Bomfim (1897-1930). Goiânia-GO: Universidade Federal de Goiás, 2016. (Tese de Doutorado em História).

BITTENCOURT, Circe. *Capitalismo e Cidadania nas atuais propostas curriculares de História.* In: *O saber histórico na sala de aula*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Repensando o Ensino).

BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Repensando o Ensino).

BLOCH, Marc. Apologia da história, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: editorial Presença, 1972.

BONTEMPI Jr, Bruno; TOLEDO, Maria Rita de A. "*Historiografia da Educação Brasileira:* no rastro das fontes secundárias". In: *Perspectiva. Florianópolis*: Núcleo de Publicações da UFSC, 1994.

BOURD, G. e MARTIN, H. *As Escolas Históricas*. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

BOURDÉ, Guy. *As filosofias da história.* In: *As escolas históricas*. 1ª ed. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2018. (Coleção História e Historiografia).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRANDÃO, Zaia. *A intelligentsia educacional* – um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/ EDUSF, 1999.

BRASIL. *Censo Demográfico*. In: *Recenseamento Geral do Brasil:* 01 de setembro de 1940. Rio de Janeiro: *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*: 1950. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p13_t2_mg.pdf. Acesso em: dezembro de 2018.

BRESCIANI, Maria Stella. *Projetos políticos nas interpretações do Brasil da primeira metade do século XX. Revista de História*. 2010, p. 187 a 215.

BRITO, Silvia Helena Andrade de; Maria Angélica, CARDOSO. *Fernando de Azevedo (1894-1974):* uma mesma obra e suas várias leituras. In: *Revista HISTEDBR On-line*. V. 14, Nº 60. Campinas – SP: s/editora, 2014, p. 134. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640552/8111. Acesso: 22/12/2018.

BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Unesp, 2002.

BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. *Repensando os Trópicos*: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. Trad. Fernanda Veríssimo. São Paulo: UNESP, 2009.

CANCELLI, Elizabeth. *Perspectivas historiográficas brasileiras e suas rupturas com os "males do passado".* In: *História:* questões & debates. Nº 50. Curitiba – PR: UFPR, 2009. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/15671. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. *A arquitetura da teoria:* o complemento da trilogia de Jörn Rüsen. In: *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*. v. 5, n. 1, 2008.

CAMBI, Franco. História da Pedagogia. São Paulo: UNESP, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite & outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2014/03/antonio-candido-a-educacao-pela-noite.pdf. Acesso em: 19/11/2018.

CANDIDO, Antônio. *Fernando de Azevedo (1894 – 1974).* In: *Revista da História*. USP, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Wilson/Downloads/132685-Texto%20do%20artigo-253673-1-10-20170518.pdf. Acesso em: março de 2019.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. *A Universidade da Comunhão Paulista.* São Paulo: Autores Associados / Cortez, 1982.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A configuração da Historiografia Educacional Brasileira.* In: *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CARVALHO. Raphael Guilherme de. *Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda.* Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 70, p. 306-340, ago. 2018.

CASSIRER, E. *A Filosofia do iluminismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHARTIER, Roger. *"Cultura Popular":* revisando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179 – 192. 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: Entre Práticas E Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COLLINGWOOD, Robin George. *A ideia de História*. Trad. Alberto Freire. Lisboa: Editora Presença, 1944.

COURNOT, A. *Considérations súr Ia marche des idées· et des événements dans' les templl modernes.* TOME PREMIER. PARIS: 1872.Disponivel em: https://ia802908.us.archive.org/12/items/considrationss01cour/considrationss01cour.pdf. Acesso em marco de 2019.

CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues da. *Reinhart Koselleck:* histórias no plural. In: *História da historiografia*. Nº 16. Ouro Preto – MG: 2014, p. 294 – 300. Disponível em: file:///C:/Users/Wilson/Downloads/754-3366-1-PB.pdf. Acesso em: março de 2019.

CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues e BENTIVOGLIO, Júlio César. *A religião da História*: as raízes teológicas da moderna ciência histórica alemã em Humboldt, Ranke e Droysen. Editora Milfontes, 2018.

CUNHA, Marcelo Durão Rodrigues e BENTIVOGLIO, Júlio César. *Capítulo I - Wilhelm von Humboldt e as verdades da religião na história.* In: *A religião da História*: as raízes teológicas da moderna ciência histórica alemã em Humboldt, Ranke e Droysen. Editora Milfontes, 2018.

CURTY, C.; MALTA, M.; BORJA, B. *Intérpretes do Brasil:* influências na origem do pensamento econômico brasileiro. História Econômica & História de Empresas, v. 24, n. 2, p. 463-489, 21 jun. 2021. Disponível em: https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/751. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

DaMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Jaime Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. IX a 171.

DETONI, Piero. *A síntese como desafio historiográfico na Primeira República*. Pequenos estudos de caso. Mariana – MG: Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. (Dissertação de Mestrado em História).

DIEHL, Astor Antônio. *Do método histórico*. Passo Fundo – RS: Ediupf, 1997.

DIEHL, Astor Antônio. *Teoria Historiográfica:* diálogo entre tradição e inovação. In: *Revista Varia História*. V. 22, nº 36, 2006, p. 368 a 394.

DIMAS, Antônio. *Os primeiros leitores de A Cultura Brasileira*. In: Revista Instituto Estudos Brasileiros. São Paulo, 1994.

DRAY, William H. *Filosofia da História.* 2ª ed. Trad. Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de teoria da história*. Petrópolis –RJ: vozes, 2009.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Trad. Stephania Matousek. 5ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Trad. Ana Falção Bastos e Luís Leitão. 13ª. Lisboa: Editora Presença, [1980].

EDUSP-*Editora da Universidade de São Paulo*. *A Cultura Brasileira de Fernando de Azevedo* (Coleção Os Fundadores da USP). Disponível em: https://www.edusp.com.br/detlivro.asp?id=411915. Acesso em: 24/12/2018.

EVANGELISTA, Olinda; LIMA, Silvia. *Fernando de Azevedo*: sociólogo e educador. Florianópolis: UFSC, 2008.

FALCON, Francisco J. Calazans. *História e Representação. In*: *Revista de História das Ideias*, Vol. 21, s/d, 2000, p. 87 a 125.

FALCON, Francisco. *História das Ideias.* In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo.* Trad. Fátima Murad. São Paulo: USP, 2017.

FERNANDO DE AZEVEDO. In: *Revista Histedbr*. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_fernando_azevedo.htm. Acesso em: 01/06/2016.

FERREIRA, Lenira W. *Fernando de Azevedo e os Momentos Constitutivos da História da Educação*. Campinas, 1994. (Tese de Doutorado em Educação).

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 8ª ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar. *O centenário de Sergio Buarque de Holanda diz respeito à história da educação brasileira.* Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0444.pdf. Acesso em: 18/03/2019.

FREYRE, Gilberto*. Casa-Grande & Senzala.* 41ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Global, 2015.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos.* 11ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. *Livros para conhecer o Brasil*. disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/363-Livros_para_Conhecer_o_Brasil_-_1_edicao.pdf. Acesso em: 19/02/2019.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Org. Pierre Fruchon. Trad. Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 09 a 71.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método:* traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3ªed. Trad. Flávio Paulo Meurer e Ênio Paulo Giachini. Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

GATTI, Bernadete A. *Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo.* In: *Cadernos de Pesquisa*. V. 01, nº 113, 2001, p. 65-81. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a04n113.pdf. Acesso em: 05/02/2018.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GINZBURG, Carlos. *Representação:* a palavra, a ideia, a coisa. In: *Olhos de madeira*: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores.* Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GOMES, Wilson de Sousa. *Historiografia e Cultura Histórica no pensamento de Fernando de Azevedo.* In: *Fato & Versão – Revista de História: Historiografia e Escrita da História*. Vol. 08. Nº 15. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2016. Disponível em: http://seer.ufms.br/index.php/fatver/issue/view/151. Acesso em: 20/11/2016.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

GRIECO, Agrippino. *Fernando de Azevedo e sua obra.* In: AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Prefácio.* In: ARAUJO, Valdei Lopes de. *A experiência do tempo*: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3º ed. São Paulo: USP, 2017.

HARTOG, François. *As Histórias como representação.* In: *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte – MG: UFMG, 1999.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013 (Coleção história e historiografia).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *História Revista:* revista do Departamento de História e do *Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrárias*. V. 7, nº ½. Universidade Federal de Goiás. Goiânia – GO: Editora do Mestrado em História, 2002.

HOBSBAWN, Eric. *Sobre história.* Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras.* 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Fernando de Azevedo e sua obra.* In: AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso:* os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense / Publifolha, 2000.

HUMBOLDT, Wilhelm Von. *Escritos de filosofia de la história.* Trad. Jorge Navarro Pérez. Madrid – Espanha: Editorial Tecnos, 1997. (Clássicos del Pensamiento).

HUMBOLDT, Wilhelm Von. *Sobre a tarefa do historiador (1821).* Tradução Pedro Spinola Pereira Caldas. IN: *História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. Org. Estevão de Rezende Martins. São Paulo: contexto, 2010.

IRMEN, Friedrich. *Geschicht*. Langenscheidts Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen sprache. Berlin / München: Langenscheidt, 1968, p. 837 – 839.

JULIÃO, José Nicolao Julião. *Ensaio de introdução à filosofia da história.* In: *Revista Veritas*. Vol. 55. Nº 3. Porto Alegre-RS: 2010. Disponível em:

https://doi.org/10.15448/1984-6746.2010.3.6371. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

KOSELLECK [et al.] Reinhart. *O conceito de História*. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção História da Historiografia, 10).

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*: estudos sobre história. Trad. Markus Hediger. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC/Rio, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. história / História. 2º ed. Trad. Antonio Gómez Ramos. Madri: Minima Trotta, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma História dos Conceitos*: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.
LÖWITH, Karl. O sentido da história. Lisboa: Edições 70, 1997. (Coleção Perfil – História das Ideias e do Pensamento).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em fevereiro de 2017.

LAPOULIDE, J. *História. Diccionario Gráfico de Arte y Oficios Artisticos*. S/cidade: Montesó Editor, 1945.

PEREIRA, João Baptista Borges. *A Cultura Brasileira de Fernando de Azevedo.* Orelhas do Livro. In: AZEVEDO, Fernando de. A Cultura Brasileira. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Os Fundadores da USP).

LE GOFF, Jacques. *A História Nova.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 5ª ed. Campinas - SP: Unicamp, 2003.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro*: história de uma ideologia. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1976.

LIMA, Hermes. *Fernando de Azevedo e sua obra.* In: AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

LODUCCA, Celso. *Caio Prado Júnior e Celso Furtado por Alexandre Saes*. In: *Quem somo nós?* Série Principais Pensadores do Brasil. Que país é esse? Vídeo Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5ySC0zwit3o. Acesso em: 21/05/2019.

LODUCCA, Celso. Florestan Fernandes e Gilberto Freyre. In: *Quem somo nós?* [Série Principais Pensadores do Brasil] Que país é esse? Vídeo Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4SxMmP-aT0M&list=PLihF96PZz4RyBwNrRRndGFeXl-OCW2qsr&index=6&t=0s. Acesso em: 19/05/2019.

LODUCCA, Celso. *Sérgio Buarque de Holanda por Paulo Niccoli Ramirez.* In: Quem somos nós? [Série Principais Pensadores do Brasil] Que país é esse? Vídeo Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=agCWE-FNbn4&list=PLihF96PZz4RyBwNrRRndGFeXl-OCW2qsr&index=2. Acesso em: 24/05/2019.

LOPES, Marcos Antônio (Org). *Ideias de história:* tradição e inovação de Maquiavel a Herder. Londrina – PR: EDUEL, 2007.

LOPES, Marcos Antônio (Org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

MABILLON, Jean. *Breves reflexões sobre algumas regras da História*. Trad. Fernando Nicolazzi. s/local, s/data, p. [01 a 29]. Disponível em: https://www.academia.edu/38003832/Jean_Mabillon._Breves_reflex%C3%B5es_sobre_algumas_regras_da_hist%C3%B3ria._Tradu%C3%A7%C3%A3o_apresenta%C3%A7%C3%A3o_e_notas_de_Fernando_Nicolazzi. Acesso em: 20/12/2018.

MANIFESTO REPUBLICANO DE 1870. [Impresso, porém:] Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4360902/mod_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf. Acesso em: janeiro de 2017.

MARROU, Henri-Irenné. *Sobre o conhecimento histórico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. *Teoria e Filosofia da História.* Contribuições para o Ensino de História. Curitiba-PR: W& A Editores, 2017.

MARTINS, Estevão de Rezende. *Historicismo:* tese, legado, fragilidade. In: *História Revista*: Revista do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História das Sociedades Agrarias. v. 7, nº ½. Goiânia – GO: UFG, 2002. (Dossiê: Teoria da História).

MARTINS, Estevão de Rezende. *Tempo:* experiência, reflexão e medida. In: *Heterocronias*: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos. Goiânia – GO: Edições Ricochete, 2018.

MARTINS, Wilson*. Fernando de Azevedo e sua obra.* In: AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 2ª ed. Vol. VI (1915-1933). São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. VII (1933 – 1960). São Paulo: Editora Cultrix: Editora: USP, 1977-78.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Como se deve escrever a História do Brasil.* In: *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Nº 24, 1845.

MELO JÚNIOR, Maurício. *Brasil das Letras*: Euclides da Cunha. In: Instituto Legislativo Brasileira – ILB. Vídeo Publicado em 21/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1oXE4OqQUk8&index=9&list=PLugtxNDlqgi8hafunetaYANIkdKzDCcZE. Acesso em: 25/12/2018.

MELO JÚNIOR, Maurício. *Brasil das Letras*: Evaldo Cabral de Mello. In: Instituto Legislativo Brasileira – ILB. Vídeo Publicado em 27/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A1x09wC338E&index=12&list=PLugtxNDlqgi8hafunetaYANIkdKzDCcZE. Acesso em: 25/12/2018.

MELO JÚNIOR, Maurício. *Brasil das Letras*: Fernando de Azevedo. In: Instituto Legislativo Brasileira – ILB. Vídeo Publicado em 27/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N4jCpLHZpR4. Acesso em: 11/12/2018.

MELO JÚNIOR, Maurício. *Brasil das Letras*: Gilberto Freyre 2. In: Instituto Legislativo Brasileira – ILB. Vídeo Publicado em 27/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A1x09wC338E&index=12&list=PLugtxNDlqgi8hafunetaYANIkdKzDCcZE. Acesso em: 25/12/2018.

MELO JÚNIOR, Maurício. *Brasil das Letras*: Gilberto Freyre. In: Instituto Legislativo Brasileira – ILB. Vídeo Publicado em 27/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A1x09wC338E&index=12&list=PLugtxNDlqgi8hafunetaYANIkdKzDCcZE. Acesso em: 25/12/2018.

MELO JÚNIOR, Maurício. *Brasil das Letras*: Manuel Bonfim. In: Instituto Legislativo Brasileira – ILB. Vídeo Publicado em 21/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZKwokXWHT24. Acesso em: 25/12/2018.

MELO JÚNIOR, Maurício. *Brasil das Letras*: Sérgio Buarque de Holanda. In: Instituto Legislativo Brasileira – ILB. Vídeo Publicado em 27/10/2015. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=A1x09wC338E&index=12&list=PLugtxNDlqgi8hafunetaYANIkdKzDCcZE. Acesso em: 25/12/2018.

MENDES, Durmeval Trigueiro. *Prefácio*. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

MONACHA, Carlos. *Brasil Arcaico, escola nova:* ciência, técnica & utopia nos anos de 1920-1930. São Paulo: UNESP, 2009.

MORAIS, Antônio Carlos Robert. *O Sertão:* um “outro” geográfico. In: Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica. Nº 4-5. Vol.

01. 2003. Terra Brasilis (Nova Série). Disponível em: https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341. Acesso em: 14/10/2021.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira*: pontos de partida para uma revisão histórica (1933-1974). 3. ed. São Paulo: Ática, 1977.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EDUSP, 1974.

NASCIMENTO, Alessandra Santos. *Fernando de Azevedo: dilemas na institucionalização da sociologia no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2012. (Tese de Doutorado em Sociologia).

NASCIMENTO, Alessandra Santos*. Intelectuais Ibgeanos:* ecletismo no projeto de nação e modernização brasileira. In: *Revista Espaço Plural*. Ano IX. Nº 18. 2008. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1637. Acesso em: 01/12/2019.

NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história*: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande& senzala e a representação do passado. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Oliveira, Lúcia Lippi. *A conquista do espaço:* sertão e fronteira no pensamento brasileiro. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]. 1998, v. 5, n. suppl p. 195-215. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000400011>. Acessado em outubro de 2021.

OPHIR, Adi. *Das ordens no arquivo.* In: *Saber dos Arquivos*. Goiânia – GO: Edições Ricochete, 2011.

PASSOS, Aruanã Antônio dos. *Pensamento em combate*: Tobias Barreto na aurora da República (1869-1889). Goiânia-GO: Universidade Federal de Goiás, 2016. (Tese de Doutorado em História).

PASSOS, Aruanã Antônio dos. *Filosofia de composição e decomposição:* saberes modernos e sua crítica em Tobias Barreto. In: Historiografia Crítica: ensaios, analítica e hermenêutica da História. Vitória-ES: Editora Milfontes, 2020.

PENNA, Maria Luiza *et al*. *Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 2010.

PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

PEREIRA, João Baptista Borges. *Orelha do Livro*. In: AZEVEDO, Fernando. In: *A Cultura Brasileira*. 7 º ed. São Paulo: USP, 2010 (Coleção: Os Fundadores da USP).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Brasil Contemporâneo*. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

PESSOA, J. G. Frota. *Fernando de Azevedo e sua obra.* In: AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

PILETTE, Nelson. *Perfis de Mestres:* Fernando de Azevedo. In: *Revista Estudos Avançados*. vol.8 nº.22, São Paulo, 1994.

PIMENTA, Pedro Paulo. *Nota sobre as origens da filosofia da história.* In: Cadernos de Filosofia Alemã. v. 19. nº 2. p. 13 a 25, 2014.

REALE, Miguel. *Fernando de Azevedo, um sociólogo na encruzilhada.* In: *Figuras a inteligência brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1984.

REGO, José Lins do. *Contracapa do livro.* In: AZEVEDO, Fernando. In: *A Cultura Brasileira*. 7ª ed. São Paulo: USP, 2010 (Coleção: Os Fundadores da USP).

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2*: de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda? Rio de Janeiro: FGV, 2006.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*: de Varnhagem a FHC. 9ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

REVISTA HISTEDBR (Online). *Fernando de Azevedo.* In: Revista Educação. Vol. 01. Nº 37. Ano 2006. Coleção "Navegando pela História da Educação Brasileira". Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_fernando_azevedo.htm. Acesso em: 01/06/2016.

REZENDE, Maria José de. *As dificuldades de construção de projetos civilizacionais capazes de combater as desigualdades e as exclusões no Brasil:* as reflexões de Fernando de Azevedo, Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado e Raymundo Faoro. In: Nómadas. Revista Crítica de Ciencias Sociales y Juridicas/ Núm. Especial: América Latina (2011). Disponível em: https://search.proquest.com/openview/ad3da1812169d45054e19460f8a78c73/1?pq-origsite=gscholar&cbl=54844. Acesso em: 12/12/2018.

ROCHA, Hugo Mateus Gonçalves. *Ensaio, ciência e história em "Os Parceiros do Rio Bonito":* uma leitura historiográfica da obra de Antônio Candido. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2017. (Dissertação de Mestrado em História).

ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. *Historiografia e significação histórica em Fernando de Azevedo.* In: *Revista Brasileira de Educação*. V. 13, N. 38, 2008.

ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. *Matriz da modernidade republicana*: cultura política e pensamento educacional no Brasil. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Sociologia da Educação*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

RODRIGUES, Leonardo de Mello. *Deleuze e a História do pensamento:* do possível ao pensamento do virtual. Goiânia-GO: UFG, 2009 (Dissertação de Mestrado em História).

ROIZ, Diogo da Silva. *A dialética entre o "intelectual-letrado" e o "letrado-intelectual*": projetos, tensões e debates na escrita da história de Alfredo Ellis Jr. e Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959). Curitiba – PR: UFPR, 2013 (Tese de Doutorado em História).

ROIZ, Diogo da Silva. *Dos "discursos fundadores" à criação de uma "memória coletiva":* formas de como se escrever a(s) história(s) da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de História da Educação*, n° 19, 2009, p. 137-185.

ROIZ, Diogo da Silva. *Entre memórias e histórias da Universidade de São Paulo:* histórias em construção. In: *Revista HISTEDBR On-line*, nº.21, p. 52 – 64, 2006.

ROIZ, Diogo da Silva*. História e filosofia da história.* In: *Revista de Ciências Humanas*. v. 41. nº 1 e 2. Florianópolis – SC: EDUFSC, 2007, p. 251 a 254.

ROIZ, Diogo da Silva. *O curso de geografia e história da FFCL/USP e a constituição de um campo disciplinar em São Paulo* (*1934-1968*). São Paulo: Alameda, 2020.

RUIZ, IRENE MARIA ESTHER. Toynbee, presença marcante. In: Revista de História – Fatos e Notas. Vol. 35. Nº 72. São Paulo: USP, 1967. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1967.126804. Acesso em outubro de 2021.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*: (1930/1973). 35ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica*: fundamentos e paradigmas. Trad. Peter Horst Rautmann, Caio da Costa Pereira, Daniel Martineschen e Sibele Paulino. Curitiba-PR: W. A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. *Como dar sentido ao passado:* questões relevantes da meta-história. In: *Revista História da Historiografia*. Nº 2, 2009, p. 163 a 209.

RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido*: orientações entre o ontem e o amanhã. Trad. Nélio Schneider. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

RÜSEN, Jörn. *História Viva*: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007.

RÜSEN, Jörn. *Narratividade e objetividade nas ciências históricas.* In: *Textos de História*. v. 4, n. 1. p. 75-102. 1996. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5794/4801. Acesso em: 03/11/2016.

RÜSEN, Jörn. *Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história.* In: *História, verdade e tempo*. Chapecó – SC: Argos, 2011. (Grandes Temas; 14).

RÜSEN, Jörn. *Que es la cultura histórica?* Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. FÜßMANN, Klaus, GRÜTTER, Heinrich Th; RÜSEN, Jörn (eds.). Historiche Faszination, GeschichtsKultur Heute. Keulen, Weimar and Wenen: Böhlau, 1994, p. 1 - 31. Disponível em <www.culturahistorica.es>. Acesso em 03 de abril de 2020.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*: fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Brasília: UBN, 2007.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da história*: uma teoria da história como ciência. Trad. Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba – PR: UFPR, 2015.

SALOMON, Marlon (org). *Heterocronias*: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos. Goiânia – GO: Edições Ricochete, 2018.

SALOMON, Marlon (org). *História, verdade e tempo*. Chapecó – SC: Argos, 2011. (Grandes Temas; 14).

SALOMON, Marlon (org). *Saber dos Arquivos*. Goiânia – GO: Edições Ricochete, 2011.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica*: Marx, Durkheim e Weber. 7 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2015.

SILVA, André Luiz da Motta. *A Sociologia Educacional de Fernando de Azevedo:* Formação de Professores e Intelectuais. Campo Grande – MS: UFMS, 2016.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual*: entre questionamentos e perspectivas: Campinas-SP: Papirus, 2002. (Coleção Texto do Tempo).

SILVA, José Cláudio Sooma. *Produção de e sobre Fernando de Azevedo.* In: *Fernando de Azevedo em releituras*: sobre lutas travadas, investigações realizadas e documentos guardados. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2020.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *Weber, o engajado*. Revista de Teoria da História. V. 16, nº 2. Goiânia-GO: Universidade Federal de Goiás, 2016.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *Fernando de Azevedo e sua obra.* In: AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Fernando de Azevedo e sua obra.* In: AZEVEDO, Fernando de. *História da Minha Vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

SOUZA, Antônio Candido de Mello. *Entrevista condida a Mônica Teixeira com o título:* "Na Íntegra - Antônio Cândido de Mello Souza - A importância de Fernando de Azevedo para educação Brasileira". In: *Entrevista com Antônio Cândido de Mello Souza, crítico literário, professor da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP*. Programa complementar ao curso de Pedagogia Univesp / Unesp. Gravado em São Paulo no ano de 2008, publicado em 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wbFkMJM9sOs. Acesso em: 01/10/2016.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira*: ou como o país de deixa manipular pela elite. Rio de Janeiro: LeYa, 2015.

SOUZA, José Vieira de*. A relação projeto nacional e educação em Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes.* In: Revista Brasileira de Educação - 25ª Reunião Anual da ANPED / Grupo de Trabalho Sociologia da Educação. Caxambu – MG: ANPED, 2002. Disponível em: http://25reuniao.anped.org.br/tp251.htm#gt14. Acesso em: 14 / 02 / 2019.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Ciência e miscigenação racial no início do século XX:* debates e controvérsias de Edgard Roquette-Pinto com a antropologia física norte-americana. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]. v. 23, n. 3. 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-59702016005000014. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

SUHR, Inge Renate Fröse. *Teorias do Conhecimento pedagógico*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Fernando de Azevedo e A Cultura Brasileira*: Ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura. São Paulo: PUC/SP, 1995, (Dissertação de Mestrado em Educação).

TOYNBEE. Arnold. *Experiências: ensaio autobiográfico de um dos maiores historiadores do século XX.* Rio de Janeiro: Vozes, [1970].

VALLE, Ulisses do. *José de Souza Martins e Jessé Souza:* duas orientações da consciência histórica brasileira. In: Historiografia Crítica: ensaios, analítica e hermenêutica da História. Vitória-ES: Editora Milfontes, 2020.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. Revista Tempo [online]. vol. 01. Nº 01. 1999. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg8-1.pdf. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

VIDAL, Diana G. *Grandes educadores*: Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. In: Secretaria de Educação de Pesquisa – TV SEPE. São Paulo: TV SEPE, 2006. (Série: Grandes Educadores). Publicação Online em 16/08/2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Up6x4qO0qdI. Acesso em: 10/12/2018.

VIDAL, Diana Gonçalves. *As várias versões da Reforma Educacional do Rio de Janeiro entre 1927 e 1930.* In: *Fernando de Azevedo em releituras*: sobre lutas travadas, investigações realizadas e documentos guardados. 1ª ed. Jundiaí – SP: Paco Editorial, 2020.

VIESTEL, Roberto Marin. *Fernando de Azevedo:* "história de minha vida" / apontamentos do processo civilizador de Norbert Elias. In: X Encontro Regional Sudeste de História Oral. Educação das Sensibilidades: violência, desafios contemporâneos. Campinas – SP: Unicamp, 2013.

VILLAS BÔAS, Glaucia. *A recepção da sociologia alemã no Brasil.* Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2006.

WEHLING, Arno. *A invenção da história*: estudos sobre o historicismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, (Capítulo I e IX), 2001.

XAVIER, Libânea Nacif. *Retrato de corpo inteiro do Brasil:* a cultura brasileira por Fernando de Azevedo. In: *Revista da Faculdade de Educação*. vol.24. nº 1, p. 70 - 86 São Paulo: Scielo, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100005. Acesso em: 20/09/2018.

CARTAS E ENTREVISTAS

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Anísio Spínola Teixeira.* São Paulo, 27 de novembro de 1970. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 169 a 172 (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Anísio Spínola Teixeira.* São Paulo, 28 de dezembro de 1970. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação

e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 172 a 173 (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 05 de agosto de 1934. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 111 a 112 (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 03 de agosto de 1937. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 117. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 02 de março de 1938. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 118 e 119. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 04 de setembro de 1943. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 134 e 135. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 10 de novembro de 1938. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 124. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 11 de março de 1931. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 105. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 11 de novembro de 1933. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 109. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 15 de janeiro de 1945. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 135 e 136. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 10 de novembro de 1938. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 124. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho*. São Paulo, 22 de novembro de 1943. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação

e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 135. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Francisco Venâncio Filho.* São Paulo, 30 de julho de 1940. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 127 e 128. (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Paschoal Leme.* São Paulo, de 10 de março de 1945. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 162 e 163 (1. Correspondência Transcrita).

AZEVEDO, Fernando. *Carta a Paul Arbousse Bastide.* São Paulo, de 12 de fevereiro de 1970. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 168 e 169 (1. Correspondência Transcrita).

CANDIDO, Antônio. [Fernando de Azevedo]. Transcrição de Entrevista. São Paulo-SP, 05 de maio de 1981. In: PENNA, Maria Luiza *et al. Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

FERNANDES, Florestan. [Fernando de Azevedo]. Transcrição de Entrevista. São Paulo-SP, 05 de maio de 1981. In: PENNA, Maria Luiza *et al.* Fernando de Azevedo. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

FREITAS, M. A. Teixeira de. *Carta a Fernando de Azevedo.* Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1938. (Anexo a Carta de março de 1938 FA-CP-Cx12,10). Identificação do Documento: Acervo Fernando de Azevedo, Código de Referência e FA-CP-Cx12,10 (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

FREITAS, M. A. Teixeira de. *Carta a Fernando de Azevedo.* Rio de Janeiro, 05 de março de 1938. Identificação do Documento: Acervo Fernando de Azevedo, Código de Referência: FA-CP-Cx12,10. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

FREITAS, M. A. Teixeira de. *Carta a Fernando de Azevedo.* Rio de Janeiro, 20 de março de 1938. Identificação do Documento: Acervo Fernando de Azevedo, Código de Referência: FA-CA-Cx6,82. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

HOUAISS, Antônio. [Fernando de Azevedo]. Transcrição de Entrevista. Rio de Janeiro – RJ, 26 de junho de 1981, p. 113. In: PENNA, Maria Luiza et al. *Fernando de Azevedo*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

PESSOA, Frota. *Carta a Lourenço Filho.* Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1930. In: PENNA, Maria Luiza. *Fernando de Azevedo*: Educação e transformação. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 176 a 177 (1. Correspondência Transcrita).

JORNAIS / PERIÓDICOS

[Livros de Fernando de Azevedo]. In: *Jornal do Brasil* (RJ) - 1960 a 1969. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pesq=obra%20a%20cultura%20brasileira. Acesso em: 26/09/2018.

A CULTURA BRASILEIRA. *Diário de Notícias (RJ)* - 1940 a 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=obra%20a%20cultura%20brasileira . Acesso em: 26/09/2018.

A CULTURA BRASILEIRA. In: *Diário de Notícias (RJ)* - 1950 a 1959. Disponível: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_03&pesq=obra%20a%20cultura%20brasileira. Acesso em: 26/09/2018.

A CULTURA BRASILEIRA. In: O Observador Econômico e Financeiro (RJ) - 1936 a 1962. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=123021&pesq=obra%20a%20cultura%20brasileira. Acesso em 26/09/2018.

A CULTURA BRASILEIRA. In: Jornal do Brasil (RJ) - 1940 a 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_06&pesq=Fernando%20de%20Azevedo. Acesso em: 27/09/2018.

A CULTURA BRASILEIRA. In: Jornal do Brasil (RJ) - 1970 a 1979. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=Fernando%20de%20Azevedo. Acesso em: 26/09/2018.

A CULTURA BRASILEIRA. In: Jornal do Brasil (RJ) - 1970 a 1979. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=Fernando%20de%20Azevedo. Acesso em: 26/09/2018. 27/05/1972.

A CULTURA BRASILEIRA. In: *Jornal do Comércio*. Seção: Livros Novos. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

A CULTURA BRASILEIRA. In: Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

AZEVEDO, Fernando de. *Entrevista:* “O Recenseamento Geral de 1940”. In: *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

AZEVEDO, Fernando de. *Entrevista:* “O Recenseamento Geral de 1940”. In: Diário da Noite. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1943. (Na ocasião, o Autor entrega a versão impressa da Obra ao Presidente de República Getúlio Vargas). (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

AZEVEDO, Fernando. *Escola Nova promoveu as atividades cientificas.* In: Jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo, 14 de fevereiro de 1973. (Entrevista de Fernando de Azevedo acerca do Curso: Cultura Brasileira década de 30). (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

AZEVEDO, Fernando. *Porque escrevi o livro ‘A cultura Brasileira’*. Capítulo II, Parte Quinta, da obra inédita Vigílias sob a lâmpada, pertencente à Obra Completa (vol. XX). Cópia, dat. 2p. junho 1973s/c. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros-IEB, Universidade de São Paulo).

AZEVEDO, Fernando. *O significado das Ciências Sociais no mundo moderno.* In: *Programa do Curso* – Aulas do Curso de Pedagogia. Atividade Profissional. IEB – USP, Cx 05. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

AZEVEDO, Fernando. *Por que escrevi A Cultura Brasileira. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, junho. 1973* (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

BASTIDE, Roger. *A Cultura Brasileira.* In: *Jornal Diário de São Paulo*. Sexta-feira 01/10/1943 (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

BRUNO, Ernani Silva. *As reivindicações da cultura brasileira.* In: Instituído de Estudos Brasileiros / Universidade de São Paulo. Artigo de Periódico. Materiais extraídos de Periódicos identificado ESB (48) 1-127. Localidade São Paulo, SP, BRA. Data [entre 1930 e 1950]. Documento consultado em julho de 2019. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

BRUNO, Ernani Silva. *Aspecto da Cultura Brasileira.* In: Instituído de Estudos Brasileiros / Universidade de São Paulo. Artigo de Periódico. Materiais extraídos de Periódicos identificado ESB (26) 1-10. Documento consultado em julho de 2019. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

BRUNO, Ernani. Documento sem título iniciando a parágrafo com: “Para Falar dos aspectos históricos da cultura brasileira”. [Rascunho Datilografado da Palestra] identificado como: ESB (24) 4-43. Caixa 19, 02 páginas datilografadas. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

CANDIDO, Antônio. *Cultura Brasileira I.* Seção: Notas de Crítica Literária. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 12 de dezembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

CANDIDO, Antônio*. Cultura Brasileira II.* Seção: Notas de Crítica Literária. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 01 de janeiro de 1944. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

CARNEIRO, Edson. *A Cultura Brasileira.* In: Jornal Diretrizes. Rio de Janeiro, 04 de novembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

COUTINHO, Afrânio. *Um livro básico.* In: Correio Paulista. São Paulo, 24 de dezembro de 1958. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

DANTAS, Pedro. *A cultura nacional diante do espelho.* In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, julho de 1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/62764. Acesso em: Acesso em: setembro de 2018.

Diário de Notícias (RJ) - 1940 a 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=obra%20a%20cultura%20brasileira . Acesso em: 26/09/2018. Sem título, o texto em síntese: Academia Brasileira de Letras confere o “prêmio Machado de Assis a notável obra “Cultura Brasileira”, síntese admirável da formação espiritual do Brasil e de suas iniciativas educacionais” ao professor Fernando de Azevedo, diante “às legítimas manifestações do pensamento brasileiro”.

FERNANDO DE AZEVEDO. In: *Jornal do Brasil (RJ)* - 1940 a 1949. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_06&pesq=Fernando%20de%20Azevedo. Acesso em: 27/09/2018.

FERNANDO DE AZEVEDO. In: *Jornal do Brasil (RJ)* - 1970 a 1979 (27/05/1972). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=Fernando%20de%20Azevedo. Acesso em: 26/09/2018.

FERNANDO DE AZEVEDO. In: Jornal do Brasil (RJ) - 1970 a 1979. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=Fernando%20de%20Azevedo. Acesso em: 26/09/2018.

FILHO, Francisco Venâncio. *Atualidade de Euclides da Cunha.* In: Revista Brasileira (RJ) - 1861 a 1979. Publicada pela Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: abril de 1944. Ano IV. Nº 9 http://memoria.bn.br/DocReader/139955/19298. Ou http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=139955&pesq=A%20atualidade%20de%20Euclides%20da%20Cunha. Acesso em: 27/09/2018.

FILHO, Francisco Venâncio. *Educação.* In: Cultura Política (RJ) 1941 a 1945. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=163538&pesq=fernando+de+azevedo . acesso em: 01/10/2018.

FILHO, Virgílio Corrêa. *Divagações.* Seção Crônicas. In Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 08 de julho de 1945. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros-IEB, Universidade de São Paulo).

FREYRE, Gilberto. *Roger Bastide no Recife.* In: Diário de Pernambuco. Pernambuco, 24 de fevereiro de 1944. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros-IEB, Universidade de São Paulo).

GAMA, Maurício Loureiro. *A revolta dos jovens:* amanhecer de nova civilização. In: Exposição Em Defesa da Educação Pública: Fernando de Azevedo no IEB (1927-1968). Universidade de São Paulo. São Paulo – SP: USP, 2019. (Reportagem apresentada na Exposição, não foi possível identificar local e data, somente o autor).

GOMES, Roberto Fontes. *A Cultura Brasileira. Seção Livros*. São Paulo, 08 de janeiro de 1972. Resenha do Livro. *Como não foi possível identificar o documento, apresenta-se*: (Identificação do Documento: Acervo Fernando de Azevedo, Código de Referência: FA-MEP-SFA-Cx 6, 061). (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

GONÇALVES, Vergniaud. *Um gentil-homem de letras [Fernando de Azevedo].* In: Jornal Diário de Santos / Tribuna de Santos. Santos – SP, [1962]. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

Jornal A Gazeta. *Fernando de Azevedo:* o “Prêmio “Machado de Assis”, pelo conjunto de suas obras”, da Academia Brasileira de Letras. São Paulo, 13 de julho de 1945. Título da Manchete: Bilhetes do Rio. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

Jornal do Comércio. *A cultura brasileira*. Seção: Livros Novos. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

L. M. *A cultura brasileira*. Seção Sociedade, p. 08. São Paulo: 03 de junho de 1960. Resenha do Livro. Identificação do Documento: Acervo Fernando de Azevedo, Código de Referência: FA-MEP-SFA-Cx 5, 076. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

LEMME, Paschoal. *Fernando de Azevedo*. Sessão Especial. In: Jornal do Brasil. 24 de outubro de 1976. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/149659. Acesso em: 27/09/2018.

LIMA, Herman. *Análise espectral de caricatura.* In: Revista Brasileira (RJ) – 1861 a 1979. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/139955/22046. Acesso em: 27/09/2018.

LIMA, Hermes. *Leituras de 1943.* In: Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1944. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

LOPES, Waldemar. *O café e a cultura brasileira.* In: Revista do Departamento Nacional do Café. Ano XI, Nº 123. S/local, setembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

LUX – JORNAL. *A Cultura Brasileira de Fernando de Azevedo.* Publicado na Seção: Vanguarda. Rio de Janeiro – RJ, 16 de novembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

LUX – JORNAL. *A cultura brasileira. Publicado na secção:* A Noite: Rio de Janeiro. Rio – São Paulo, 10 de novembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

MARTINS, Wilson. *A cultura brasileira.* Artigo Publicado na Seção: "Últimos Livros". In: *Jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo, 18 de outubro de 1958. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

MOTA, Carlos Guilherme. *Fernando de Azevedo e a cultura brasileira.* Seção: Ciências Humanas. In: *Suplemento Cultural*. São Paulo, 31 de julho de 1977. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

MOUTINHO, Nogueira. *Duas obras de um mestre paulista.* In: Folha de São Paulo. Seção Livros. São Paulo, 22 de março de 1972. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

PESSOA, José Getúlio Frota. *Fernando de Azevedo:* A Cultura Brasileira. Seção: Educação e Ensino. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

PINHEIRO, Laerte. *Fernando de Azevedo um humanista na academia.* In: Jornal Manchete. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1968. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

PIRES, Herculano. *Panorama da Cultura Brasileira.* In: Diário da Noite. São Paulo, 14 de maio de 1960. Seção Sabatina Literária. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

RAMOS, Maria Luiza. *A Cultura Brasileira.* Artigo de recorte de Jornal. Sem local / Sem data. Documento sob guardo do Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo. (Referência do Documento: FA-MEP-SFA; Cx 06, 112, 1 folhas). São Paulo, julho de 2019. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

REGO, José Lins do. *A cultura brasileira*. In: O Globo. Seção: Crônica. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1944. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. Título: A Cultura Brasileira. Seção Livros Revistas e Autores. S/local. 01 de outubro de 1943, p. 33 – 34. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

RIO, J. Pires do. *Realidade Brasileira.* In: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1943. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

ROSÁRIO, José Ubiratan. *Agrarismo, Catolicismo, Industrialismo e Trabalhismo na cultura brasileira (II).* In: Diário do Pará. 20 de março de 1989. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/644781/43342. Acesso em 01/10/2018.

SERRANO, Jonathas. *A Cultura e a Perfectibilidade Humana.* In: Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1943. (Conferência). (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Transmissão da Cultura.* In: Correio Paulistano. São Paulo, 18 de junho de 1946. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

SODRÉ, Nelson Werneck. *Uma obra de mestre.* In: Revista Leitura. Nº 15. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1944. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

VIANA, Hélio. *Fernando de Azevedo*: A Cultura Brasileira. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. vol. 188. Rio de Janeiro. Junho / setembro de 1945. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

WASHINGTON, Luís. *Educação e Cultura. In*: *Folha da Manhã*. São Paulo, 09 de fevereiro de 1945. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).

WILLEMS, Emílio. *A Cultura Brasileira*. In: Folha da Manhã. São Paulo, 07 de dezembro de 1943, p. 06 e 09. (Arquivo Fernando de Azevedo. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, Universidade de São Paulo).